

INVERNO SEM FIM

ROMANCE

CARLOS MENESES-OLIVEIRA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Inverno Sem Fim
(O Colecionador de Pessoas)

Carlos Meneses-Oliveira
1ª Edição Novembro 2015

Língua:

Português

Edição:

Brasil

Copy rights:

Escrito e Reg. 2014

Design da capa por *Damonza.com*

Modelo da Base de Inverno de *Herminio Nieves @ 2013*

1ª Parte

Fuga

Capítulo 1

Incidente no Beco

Nevara nesse fim de tarde escura como só acontece talvez de quatro em quatro décadas em Lisboa. Estava frio, muito frio, mas a baixa temperatura não o incomodava. Andava sempre de camiseta preta ou cinza escura, mesmo após a chegada do inverno e até o banho ele tomava gelado todo o ano. Se a civilização entrasse em colapso como o seu pai anunciava, ele sobreviveria ou pelo menos sobreviveria ao frio. Mas não só se tinha posto o inverno e uma prematura noite naquele dia, como a atmosfera úmida era tão densa que ameaçava deixar de ser um gás a qualquer instante. O seu coração batia contra as costelas e os seus pulmões sorviam todo o ar como se o oxigênio fosse desaparecer. Ofegante como uma presa ou ofegante como um predador? A pergunta voltava, como a rima intrusa de uma música que não parte.

Lucas Zuriaga não era um rapaz como os outros. Com vinte anos parecia não ter mais de dezesseis. Era de estatura média, mas parecia mais alto, musculoso e limpo. O cabelo era castanho muito escuro, levemente ondulado e as sobrancelhas pouco densas sobre a pele branca, testemunho da ascendência celta. Para lá do buço quase não se via barba e tinha um sorriso de criança. Evitava sorrir por causa disso.

Batera o recorde nacional de velocidade aos quinze anos, altura em que tinha descoberto a natação e abandonado a corrida, para desgosto dos seus pais e do seu treinador que o profetizava como campeão do mundo. A corrida pareceu-lhe uma coisa em que a simplicidade exagerava. Eram interessantes as corridas de animais. De galgos, de cavalos, de pombos. Não as de pessoas. Aos dezessete eram seus os melhores tempos no país em vários estilos de natação. O único problema é que aquilo era uma coisa técnica, sim, mas repetitiva e, pior, o competidor não podia interferir na sua prestação. Um atleta não era verdadeiramente posto à prova por outro. Era ouro sem glória. Nessa altura

decidiu que a sua vocação eram as artes marciais e colocou o cinturão branco, voltando a começar do zero. Progrediu depressa pois era rápido, muito rápido. Balístico. Tinha a antevisão dos movimentos do adversário que, aos seus olhos, eram penosamente lentos. Nunca mais correu e nunca mais nadou.

Olhou uma última vez para o gigante caído na escada como um trapo. Terminada a batalha, Lucas saía desse mundo onírico de paixão guerreira, em que mais depressa se acredita em míticos animais ostentando fogo do que em qualquer réstia de humano arrependimento pela excessiva força. O frio que transformava em vapor a sua respiração, cercava-o agora mais de perto e o vulcão que despertara no seu peito, abrandava. Percorreu as fachadas que davam para o pequeno pátio lisboeta e todas as janelas tinham anoitecido. Só o banheiro público que reluzia de novo no lugar errado, uma peça de mobília avant garde numa favela do Rio, o inquietava como se o mirasse qual testemunha intrometida. “*Que fazia ali aquele trailer sem rodas num beco onde não passa ninguém?*”

Lucas não gostava de perder. Não sabia o que fazer com o fracasso, onde o arrumar dentro de si. Morria com a derrota e era por instinto de sobrevivência que procurava a vitória a qualquer preço. Sim, devia ser isso. Não buscava dinheiro, medalhas ou louvores, mas apenas não perder. Havia, é certo, um sonho pintado ao fundo, uma aspiração futura, mas não era isso que o instigava o fervor. E naquele dia, eliminado por pontos dentro do ringue, derrubado por um adversário que era o seu peso em dobro, foi no calor que Lucas Zuriaga se precipitou para a tragédia que o perseguia, nos poucos casos em que o vencedor não era ele: No fim do torneio transformou o que fora uma luta com regras marciais, justas ou não, numa luta de rua. Aí valia tudo e aí vencia sempre. Ouviu nessa altura ruído vindo do ginásio e saiu dali. Enquanto deixava para trás o pequeno caos, lembrou-se das palavras escarlates escritas pelo seu falecido pai nas margens do livro que imortalizara Grendel e elas soltaram-se do papel como se fosse possível, como se estivessem vivas; primeiro rodopiando quais borboletas insensatas entre as imagens de perseguição e captura que retinha das sortidas de caça ao javali, mas depois dirigiram-se no seu encalce como um enxame de vespas, como uma debandada noturna de touros à desfilada em campos de milho alto. “*Guerra*”, repetiu em silêncio, tentando enxaguar de si a maldição.

“Ao contrário do que julgam os simples, mais do que a arte, o fogo, a agricultura ou a fala, é a guerra que nos distingue dos animais, é a guerra que funda a humanidade”, escrevera o seu pai biológico.

Se de início os seus pés foram firmes e exatos na calçada escorregadia, à medida que o fim da ruela escura era anunciado pela luz, desordenavam-se, precipitando-se, não para a salvação da rua grande, movimentada e certa, mas para a salvação de um dia branco como neve a estrear de novo. Mas a áspera película gelada derreteria negra em todo o lado e o ar cortante não travava os fios de suor que lhe ardiam nos olhos, testemunhando, como a mudança nos seus passos, a dor que vinha, impostora, anoirar a felicidade da vitória.

“Porquê?” quase soletrava, como se perguntasse alguma coisa, como se não tivesse dependido de si o que nunca dependeu de mais ninguém. *“Outra vitória destas e estou perdido”*, iludia-se o pequeno Pirro. *“Lembra que é só um jogo. Um simples jogo, percebe? Desta vez correm contigo e desta vez é justo.”*

Os mil sois da rua grande projetavam-se na foz do beco que ali desaguava a fina e gélida água turva, como holofotes num palco, preparando-se para lhe devolver a sua sombra e para o expurgar da assombração. *“Mas que o indivíduo mereceu, mereceu. Justo qual justo. Estava a pedir, o cornó”*. Em cissiparidade a sua alma retrocedia como um pêndulo, com tal fúria que a maré jugular lhe devorava o rosto juvenil, entardecendo-lhe a inocência.

“O elefântão engasgado de alegria, direito ao touro enraivecido”, recordou. *“Que mérito tem quem é grande? Que valor tem o que não se alcança no suor do treino das horas atrás das horas?”* Primeiro tinha-o travado, desferindo-lhe cem murros, inquebrantável, quase o tombando aos seus pés; ajoelhado pela velocidade, pela destreza, pela sua fibra próxima do furor epilético, mas depois, instruído pelo mestre, o gigante voltou com outro intento: o do abraço da anaconda.

Lucas perdeu por pontos, no tapete, sem que os juizes lhe dessem uma segunda chance. Nunca dão. Mas o melhor trapezista com rede, não é o mesmo homem que o melhor sem essa guarda.

- Ha, ha, ha, riu quase em voz alta. A cara de espanto do cretino, quando me viu entrar no vestiário, depois do combate, e percebeu que continuava no arame e já não havia nem árbitro, nem rede que amparasse a sua queda.

Ainda que o mestre pudesse censurá-lo que outro caminho lhe sobrava? “É só um jogo? Custam-me as regras? Porque veio, então, ele de peito feito? Não é um jogo”. Ali julgava-se quem era o mais duro, o mais resiliente, o mais forte. E ele foi o mais forte, se não no ringue octogonal, armadilhado por mil normas e vigiado por mil juizes, pelo menos o foi na calçada polida e úmida do beco que encostava as suas margens na traseira do ginásio.

Maldito filme. O mesmo argumento no mesmo cenário. “No fim do primeiro assalto estão quebrados, mas são salvos pelo gongo. A seguir é aquela cena pegajosa do agarrar, do wrestling. Detesto esse baile, mas estou condenado a aprendê-lo”. Só tinha uma alternativa: nunca deixar que o agarrassem, como fizera na ruela contra o gorila. “A verdade, é que dou a intenção de me apanharem como certa e quando se aproximam reduzo-os a granizo com golpes, sem recuar do meu posto de combate”. Via-se a si mesmo, no ringue, como a derradeira comporta de aço contra a qual se desfaria em espuma o tsunami que viesse. “Nunca estive para fugir, esvoaçando de um lado para o outro como uma galinha”. Talvez pudesse ceder aí.

Quando saiu do beco deu de caras com o Tomás. Levou um momento para reconhecê-lo, porque a luz do primeiro candeeiro ofuscou-o. Estava torto e apontava direitinho à viela. Ou se vinha a olhar para baixo ou o forte néon intermitente dava-nos de frente nos olhos. Tomás Sequeira, o seu amigo, era um rapaz simples.

- Então, Lucas? Não pude aparecer, como foi?

- Tenho de aprender wrestling. É o meu ponto fraco, respondeu-lhe o novo Aquiles, continuando a marcha, que agora seguia ao longo do passeio de calçada branca portuguesa que tanto valorizava as lojas ainda abertas, cruzando transeuntes agasalhados, muitos deles transportando sacos coloridos com presentes de Natal. Tomás aderiu ao seu passo.

- Não me diga que levou na cara? Não acredito. Não era aquele autista do Silva, de Almada?

- Não, não era. Para que saiba, saiu-me o gigante do Quiroga.

- Porra, esse indivíduo não existe. É um animal – confirma o Tomás. Mas está bem?

- A duzentos por cento. Dei-lhe vinte ou trinta aporrinhações contra nada. Zero. Nem me tocou. Mas depois do intervalo o mestre mandou-o me agarrar. Ele apanhou-me por trás. Tenho de aprender a lutar agarrado, é o meu ponto fraco, repetiu. Não há cena mais triste, mas tem de ser, senão não vou a lado nenhum.

Ainda sentia as mãos mornas e pegajosas do Quiroga a agarrá-lo, com aqueles dedos indefinidos como se não tivessem unhas; sentia o bafo úmido da respiração do *troll* no seu pescoço, a vibração gutural do seu grito informe que ofendia a masculinidade marcial de um *kiai*, enquanto caíam os dois no tapete. Ambos, o abalo do ronco do gigante e a lâmina do *kiai* do karateca, seriam assustadores, mas um era animal e só o outro humano. “*Ora os animais não caçam homens, ou não será?*” Persistia o calor suado do Quiroga, o seu enlace de sucuri e aquele peso. E o sorriso de dentes sangrados, mas sorrindo, retornando do conselho que o mestre lhe segredou, “*Agarra-o*”, num murmúrio sussurado sem altura que chegasse para que o Lucas o ouvisse, mas desenhado com largueza que bastasse para que qualquer um o lesse nos seus lábios. “*Agarra-o*”. E, depois, o sorriso com que, já apitada a derrota, ele se deixou estar sem respeito, fazendo-se de peso morto sobre si, a fingir-se de pisa papéis, esperando que o juiz o mandasse sair de cima do Lucas. Como se fosse ele, o cinturão negro, quem precisava da ajuda de um árbitro. “*Que asco. Porque é que não sorrira então no vestiário? Porque não o agarrara no beco, na hora da verdade?*”

- Mas como é que o mestre deu para você o Quiroga? O tipo não é do teu peso, perguntou o Tomás.

- Não sei. Deve ter sido para me castigar por causa da história do mês passado.

- Ha, ha! Passa e eles não perdoam – conclui o Tomás.

- Eles, não. O mestre. Não está do meu lado.

- Mentira. Se ele não padecesse de você já era, depois do barraco que deu no último campeonato. Deram a prata para você, mas mesmo assim salta para o ringue e manda ver no vencedor que tinha eliminado você por penalização,

caracas. E também porque é que repetiu a palhaçada do pente, meu? Não devia ter atirado. Grande número que deu. Mas que passou, passou. Foi expulso, mas o que é que esperava?

- Expulso não. Suspenso por um ano. Daqui a um ano vou direto ao título.

- Expulso ou suspenso, correram ...

- Suspenso, Tomás. Fui suspenso, atalhou o Zuriaga.

- Já antes do verão tinha feito aquela cena com o Salazar, Lucas, o que você quer que o mestre faça? Que lhe adote?

- Ei, de onde veio essa? - enfurece-se o Lucas.

- Calma, meu. Você está muito estressado. Foi só por dizer, desculpou-se Tomás, recordando-se que Lucas era adotado. - O mestre sofre por você, continuou. Vai lhe treinar durante um ano sem poder entrar em nada e ainda por cima não paga.

- Não pago como, Tomás? Vou pagar até ao último centavo. Pode ter a certeza. E vou dar lucro ao ginásio, juro a você.

- Sim, mas por enquanto o mestre está dando uma hipótese. Se fosse eu, acha que não tinha de pagar certinho todos os meses?

- Ninguém paga certinho todos os meses. Pagar é uma coisa, pagar certinho é para quem pode. O que interessa é que o dinheiro entre.

- Mas o seu não entra nunca, Lucas. Há quantos meses não paga um tostão?

- O mestre é que me propôs seis meses sem pagar, ok? Atraio muitos meninos para o clube e, assim que puder, pago.

- Você vai dar lucro, Lucas, muito lucro. É uma sorte o ginásio ter você, meu. Conta comigo como seu agente quando for campeão – avança o Tomás, convicto.

- Pode crer – diz o Lucas. Vamos para os Estados Unidos.

- Para os *States* ou para São Paulo.

- Não, nem pense. Os brasileiros vão todos para os Estados Unidos porque é que eu havia de ir para o Brasil?

- Nós meu, nós.

- Sim nós, confirmou. Para os Estados Unidos, sonhou.

Lucas ainda vivia na casa dos seus pais e apesar de andar a passos mais lentos, estavam chegando à humilde moradia. O Tomás despediu-se com uma espécie de meio abraço e afastou-se, balançando o andar gingado. Os seus

escassos amigos seriam pouco instruídos, mas não pouco generosos. Os colegas do ensino fundamental tinham ido para a Universidade e ele perdera o contato com a maioria quando decidira parar um ano, antes de prosseguir os estudos. Esse ano tinha se transformado em três e o seu sonho nas artes marciais ainda não dera frutos.

A pequena casa era térrea, pintada de branco e com um telhado vermelho de generosas beiradas. Na frente, um alpendre permitia que quem tocasse na porta se abrigasse, fosse do sol fosse da chuva, já que ambos eram excessivos em Lisboa. Na janela iluminada viam-se visitas na sala. “Estranho”, pensou Lucas. “Na hora do jantar?”

Quando entrou, lá estava o mestre. O seu irmão ainda apareceu, esgueirando-se, na porta da sala, trazendo um dinossauro novo para lhe mostrar como se fosse raro, mas a mãe o mandou ir fazer os trabalhos de casa para o quarto. O mestre era um homem dos seus quarenta e poucos anos mas parecia mais velho. Tinha a pele curtida pelo sol e era seco. As mãos estavam calejadas e não era das luvas de combate. Era branco ou praticamente branco. Dizia-se que era cabo-verdiano, mas ninguém sabia ao certo. Como chamava pretos aos pretos e brancos aos brancos, ninguém lhe perguntava o que é que ele era afinal de contas. Era o que quisesse, se calhar. Tinha olhos negros, fixos que nunca pestanejavam. Fortes. Estava ainda com o traje de treino cinza lobo, vestido debaixo do casacão de pele. Tinha vindo direto e não se levantou quando o Lucas entrou.

- Olá Pai, olá Mãe.

- Filho... respondeu-lhe a mãe como quem faz uma pergunta em vão.

- Boa noite mestre.

O mestre não lhe respondeu, mas agarrou-lhe o olhar. Havia uma cadeira livre em torno da pequena mesa redonda e o Lucas sentou-se. Tentou sentar-se, mas ainda não tinha tocado a cadeira quando o mestre se levantou. O boné de couro na mão esquerda, sacudiu-o contra a direita, antes de o ajeitar na cabeça.

Lucas explicou-se, precocemente e juvenil - sei que é apenas um jogo, mestre. Sei que não é a sério...

- Não é um jogo, Lucas, interrompeu o mestre. É um esporte de combate. E é a sério. Você, rapaz, parece ser sério, mas não tem uma gota de esportivismo no teu sangue e sem esportivismo não há esporte. Apertou a mão do seu pai e

acenuou levemente a cabeça para a sua mãe. Não olhou para ele. Saiu.

* * *

Lucas Zuriaga não jantou e retirou-se para os seus apertados aposentos, derrotado pela decisão do mestre. “*Que faço, agora?*” perguntava-se. “*Estou na rua*”. Ao chegar ao quarto, deu com a janela escancarada e um assaltante negro vestido com um blusão de tecido grosseiro e um gorro na cabeça, entrava no quarto, seguido de um alemão sem sobrancelhas, de suéter cinza e capuz enfiado. Lucas rodopiou no ar e deu um ponta pé na primeira volta o ladrão que saltava as portadas e na segunda o seu pé saiu janela fora e atingiu o albino. O primeiro ladrão caiu estatelado de costas, em silêncio, e o outro teve reflexos para quase não cair, levantando-se rápido, sem um gemido. Sem paciência para ir atrás deles, Lucas encostou a janela.

Os criminosos não foram logo embora. Ficaram imóveis um momento na rua, a não mais de seis metros do quarto, olharam ao redor vendo que se acendiam luzes em casas vizinhas, trocaram umas palavras calmamente, fizeram uma breve chamada telefônica com um celular volumoso de tipo antigo, enquanto sacudiam o pó enlameado de neve e só depois se afastaram, a passo normal, muito direitos.

“*Que desfeita*”, pensou o Lucas que ficou a observá-los. “*Que descaramento. Em vez de fugirem, ficam falando como se andassem nas compras. O bairro está ficando irreconhecível. Devia ter ido atrás deles e dado uma pisa de verdade*”, cogitou.

Trancou a janela.

Capítulo 2

Sombras na Velha Acácia

O seu quarto era pequeno, com um pé-direito alto. Era frio e alguns repasses de água descolavam a tinta bege aqui e ali. Ouvia-se o sibilo do vento nas frestas da janela que o jovem recusava vedar. Gostava de ouvir os elementos lá fora e fechava a porta para o frio não contaminar o resto da casa. Não tinha tapete e o chão era em parquet. Num canto havia um saco de boxe e, como estava perto da parede, esta tinha múltiplos sinais de ter sido duramente castigada. No saco estava desenhado com uma caligrafia elegante, o número três - Lucas já destruíra dois com o vigor do treino. O rapaz dormia num beliche metálico preto e por baixo do beliche tinha a escrivaninha, com uma cadeira de rodinhas e uma estante cheia de livros. A maior parte eram sobre guerra e armas de todos os tipos. Transbordavam da estante e caíam no chão formando pilhas, sobre a Segunda Guerra Mundial, a Guerra dos Cem Anos, a marcha de Alexandre em direção à Pérsia, a retomada do Nordeste das mãos dos Holandeses, grandes generais ou grandes conquistadores. Havia livros de técnicas de combate e autodefesa, de armas de fogo e armas brancas e, menos, sobre a queda dos grandes impérios, autocontrole e atlas de anatomia humana. Tinha ainda algumas obras de poesia que guardava porque eram a única herança dos seus pais biológicos. Uma velha tradução inglesa do Beowulf anotada pelo seu pai e a Mensagem de Fernando Pessoa, de que lera umas páginas, e ainda outros onde praticamente não tocara, como os Lusíadas de Camões, Sonetos de Shakespeare e o primeiro volume de Fausto de Goethe. Fora em Beowulf com a sua vitória sobre Grendel, que encontrara a anotação que nunca mais esquecerá sobre a guerra. “Guerra. A sua descoberta acontece cedo em nós, mas é raro guardarmos lembrança disso. É claro que crianças expostas precocemente ao seu sufoco mais grosseiro, nunca abandonam essa memória. Mas aí é mais uma visita indesejada dos espectros que povoam a noite, do que guerra propriamente

dita. Aí é da mesma natureza que o crime, uma agressão incompreendida na tenra idade, suscitando só medo e trauma.

A verdadeira guerra não é isso. Não é o confronto dos filhos de Deus com os seres da escuridão. A guerra é uma coisa dos homens. De tal forma é um assunto dos homens que parece difícil aceitar que esteja ausente do paraíso. É uma coisa que vem de dentro, é um jogo a sério que usa a glória como chamariz, apesar de ser mortal que chegue para que não haja possibilidade de retorno ao ponto de partida. Pode voltar-se em corpo, mas volta-se outro.

Emerge do centro geométrico da nossa alma onde se tocam as placas tectônicas do inconsciente masculino: a que subjaz à imaginação e à inteligência, a que possibilita a destreza física e incorpora o conhecimento sensorial da natureza, a que anima a coragem e a vontade de vencer e a que clama por justiça e busca a honra. O brandir das armas é apenas vento, um turbilhão que se agita na esfera do visível, após a concussão interna desses quatro continentes muito abaixo da superfície, permitindo o delírio antiempático que veste no outro a roupagem do horror quando está em perigo a nossa família, o nosso sonho ou a nossa cidade. E a nossa cidade está quase sempre em perigo.

Ao contrário do que julgamos os simples, mais do que a arte, o fogo, a agricultura ou a fala, é a guerra que nos distingue dos animais, é a guerra que funda a humanidade”.

A letra vermelho-lacre de tinta permanente descia larga e firme as margens laterais de várias páginas do livro antigo, e era a única herança em que sentia a voz do seu falecido pai. “Olho, apaixonado, o rosto pacífico e seguro de Lara que adormece e sei que somos diferentes” escrevia, deixando Lucas desejar que fosse como a mãe. Mas, ao contrário do que o seu progenitor insinuara, Lucas sabia bem quando tinha descoberto a guerra: Fora quando lera essas palavras, nos distantes onze anos de idade, mesmo sem as compreender inteiramente, e as temeu como uma premonição mal vinda, escondendo até o livro durante anos, sabendo que esse estado era uma coisa física, de gênero, que precedia de anos a conflagração.

Guardava uma memória visual imprecisa dos seus pais biológicos. Lembrava-se vagamente do seu pai, muito alto, pegando-o nos braços e a erguendo-o no céu, dizendo “*voa avião, voa*”. Recordava-se de se agarrar nas pernas da mãe, num chão com um tapete fofo e colorido e dela o pentear. Sabia

que eles eram professores numa escola secundária e que tinham muitos livros. Quando tentava recordar-se dos seus rostos apareciam-lhe os dos seus pais adotivos. A sua casa ardera de alto a baixo, após o rompimento de uma botijão de gás. Não tinha sobrado uma única fotografia. Só ele sobrevivera.

O seu pai adotivo, um amante da caça ao javali e firme defensor de que vivemos na antevéspera do apocalipse, era um dos bombeiros que o salvaram. Dizia que se apaixonara por ele, mal tinha estado com aquele bebê. A mãe confirmava que ele fora uma estrela caída do céu. Ambos travaram uma batalha de anos para conseguirem ficar com ele. O Estado, contara-lhe o pai, com a sua conversa mole, onipresente, e a sua polícia para a fazer cumprir, onipotente, rondara a casa térrea durante anos, porque eles não tinham cumprido qualquer detalhe da lei, contrário ao afeto que sentiam pelo filho que Deus lhes oferecera. Lucas que não temia nem os homens nem os seres da escuridão, que até os procurava para pôr à prova a sua própria temperança, nunca esqueceu a sensação de perigo das visitas da Besta de Pele Suave que se camuflava atrás do primeiro arbusto ou se escondia, disforme, na mais mísera das sarjetas, rondando as janelas da pequena casa branca, sussurrando-lhe ao ouvido, durante anos, que tinha uma prenda para ele: o orfanato. O orfanato que o aterrorizava à noite e para o qual endurecia o coração, durante o dia. Mas a sua mãe tinha sido uma gata de unhas de fora, não deixando que ninguém levasse o seu menino, ameaçando com sangue, pavor e choro até ao fim dos tempos a Delicada e Letal Besta que a observava curiosa, enquanto fazia as suas contas, continuava o pai numa história repetida vezes sem fim, mas de que o rapaz não se cansava. “*O Duque*”, “*O Engomado*”, outros dos nomes que o seu pai usava para designar o Estado, “*faz contas*”. “*Quando o encontrar nunca se esqueça disso, rapaz: Ele parece que segue caminhos traçados num mapa, mas não, nada disso, O Engomado faz é as suas contas*” avisava-o enigmático o seu pai adotivo.

Não tinha primos ou tios e tinha sido criado como filho único durante anos, até que há pouco mais de oito a mãe, a quem os médicos garantiram não poder ter filhos, engravidou do seu irmão Luís. Durante a adolescência imaginara todos os dias como teria sido a sua vida se a antiga não tivesse ardido. Culpabilizava-se por esses pensamentos pois adorava a sua família, mas se vivesse duas vidas como seria bom ter podido experimentar crescer com os pais biológicos, os seus pais com livros. Teria ido à praia no Algarve, em vez da Caparica? Teria tido

férias fora de casa, como a sua ex-namorada Joana? Teria visitado o estrangeiro que tanto desejava conhecer? Que esperavam dele os seus pais de sangue? Estariam desiludidos? Como podia conseguir que se orgulhassem de si, se já não estavam aqui? Tinha dois pais e duas mães. Uns conhecia e amava. Agradecia-lhes tudo. Não podia ter os pais mortos, porque é que se torturava, então, a escolher entre eles? Porque não aceitava em paz, a sorte imensa de ter sido arrebatado pelo pai do fogo e pela mãe do orfanato? E onde encaixava o seu querido Luís que o imitava nos pequenos gestos, se a correnteza da vida o tivesse mantido com a família de sangue? Como poderia existir vizinho do pequeno Luís, sem saber que ele teria sido seu irmão nesta outra vida?

Sentou-se na cadeira, cruzou os braços na escrivaninha e caiu sobre eles, pousando a testa e olhando o chão. “*Expulso duma vida por um incêndio e expulso doutra, do Karaté, do MMA, por uma fúria*”.

No início, o seu mestre achara que ele era um diamante por lapidar, condenado ao sucesso mais cedo que tarde. A Multiple Marcial Arts, conhecida por MMA, era um esporte de combate em que cada atleta podia dedicar-se à disciplina em que fosse perito, se bem que os combatentes devessem dominar um mínimo de cada tipo de arte. Lucas não queria investir nas disciplinas que implicavam a imobilização do oponente, como o *Wrestling*, o Jiu-Jitsu ou o Judô, pois “*só o knock-out era uma vitória por inteiro*”. Mas era tão bom nas disciplinas de impacto, que recorriam aos punhos e aos pontapés, que podia ter sucesso só com isso. Quando o mestre o conheceu, já ele tinha sido expulso do Karaté por falta de disciplina e entrara no boxe pensando que aí não havia regras de salão. Era estranho esse argumento porque Lucas era cheio de regras de salão. Pelo menos do salão em que ele se parecia imaginar.

Preferia o Karaté pelo sentido estético da cultura marcial, mas não cumpria as regras. Tinha a obsessão da perfeição do quimono e alinhava-o ostensivamente no meio dos torneios, o que era uma desconsideração com o adversário. Treinara secretamente em casa a expressão casual e os gestos de ajeitamento rápido do fato, no meio do combate. Chegara a usar um pente para recuperar o aspecto guerreiro-clean, no desenvolvimento de um assalto, quando o cabelo se desalinhava. Expulsão direta, sem hesitação do árbitro.

O seu antigo mestre de Karaté recordara-lhe o óbvio: - Não estão lhe filmando, isto não é um documentário sobre samurais convertidos ao tapete, nem

a antologia do novo Bruce-Lee. Isto é só Karatê rapaz, dissera-lhe uma vez, cego por usar a palavra só, quando para si o Karatê era o topo, a nata da nata. Mas depois aparecia-lhe aquele menino com um faixa negra ainda por secar e que sabia tudo sem nunca ter aceite que lhe ensinassem nada, comportando-se como se ele próprio fosse o núcleo e o mestre, com o seu negro de quinto dan e o seu ecletismo de provas dadas, fosse da altura do chão. Não que Lucas tivesse alguma vez deixado cair uma palavra depreciativa. Era a forma como fazia o que fazia.

Aderiu depois ao boxe, pois aí se tratava de derrubar bonecos. Foi um sucesso expresso, até o dia em que apostou que entrava em todas as discotecas de Lisboa e andou, até alta madrugada, entrando em muitas com um sobretudo Hugo Boss e um bigode à Charlot, sem dizer nada aos seguranças, ou melhor, dizendo com um sotaque alemão improvisado, *“aguenta aí jovem que estou aflito e só quero aliviar o intestino”*, e acabava derrubando bonecos, como ele dizia, por Lisboa inteira. Escapou das rotativas da polícia e foi para o Porto, onde apareceu falando um mau inglês, com uma grande águia vermelha no peito, mandando embora os dominós, como desta vez batizara os seguranças. Só que um dos ex-boxeadores mais influentes do país, reconheceu-o a sangue frio e fez queixa dele à federação como brincalhão, matando a sua carreira antes dela ver a luz do dia.

A sangue frio porque, depois de percorrer o Porto à procura do lisboano que colocou a noite a ferro e fogo e que havia escapado por uma unha negra, o ex-boxeador tinha estacionado na Ribeira, na companhia do superdragão que mandava na segurança das discotecas da Invicta, quando o reconhecimento ocorreu. Estava no conversível de luxo, fumando um cigarro e convencendo o seu comparsa que telefonar para todas as discotecas, mandando dar dois tiros no lampião era má ideia, quando Lucas deu com eles por mero acaso. Podia ter fugido pois já fizera quatro discotecas, mas a imagem conjunta do carro caro e dum escadote de obras abandonado, foi inescapável. Parecia um óleo em tela: a rústica escada, o carrão com os dois crápulas e o deus Marte. Tudo emoldurado pelas construções da Ribeira, com o Douro ao fundo. Já tinha acontecido antes de acontecer. Descalçou-se e atou os cordões dos sapatos ao cinto. Abriu a escada de madeira velha e pousou-a no chão, em silêncio, para lhe apanhar o jeito e depois subiu-a, confirmando que não rangia. Em seguida, avançou até à traseira

do carro com a escada já aberta, pousou no piche e subiu até ao pedestal do topo. Olhou em volta. Dois ou três desinformados já bêbados, mas insistindo, olhavam e apontavam para ele, rindo ali a uns setenta metros. Lá em cima, com os sapatos balançando como revólveres, um de cada lado, fez o que estava escrito nas estrelas.

Era bom que aguentasse o frio porque o Douro, mesmo no Verão, era gelado. Ainda o superdragão repetia que, caralho, o morcão morria essa noite e o ex-boxeador insistia que não valiam a pena chatices com a polícia, que o mouro se caçava nessa ou noutra madrugada, quando começaram a chover da escada móvel as urêmicas e quentes pancadas da chuva ácida. Olhando para trás, a visão de um mouro na Ribeira, em pose de visconde, de braguilha aberta, lá no alto, mijando-lhes garbosamente em cima, era muito difícil de engolir para os galegos. Como o tipo renegou a promessa de não nadar nunca mais, atirando-se ao Douro, ou porque era maluco ou porque de maluco não tinha nada, varreram à laia de compensação, aos pontapés, os observadores que, de cerveja na mão, não tendo percebido o elevado estatuto dos dois mictórios, riam espasmodicamente e lutando na disputa.

Já na MMA, fazendo menos estragos de um jovem adulto, surgiu aquele problema do diamante bruto em nunca recuar um só passo a partir do segundo round, de não ouvir o sinal do intervalo, de nunca aceitar a derrota que quando ocorria era por penalização e sempre rara, agigantando-a com a confusão que despejava no evento. Nunca aceitava o fim de um combate até à vitória e só conhecia uma forma de vitória.

- Não seja um irredutível, Lucas. Nunca vi campeões irredutíveis porque se perdem todos no caminho – dissera-lhe o mestre.

Na verdade o mestre já vira lutadores orgulhosos, casmurros, com dificuldade em aceitar uma derrota, até o destino lhe ter entregue Lucas Zuriaga. Tinha ido ao dicionário para encontrar aquilo que via no ringue. Às vezes ficava absorto, a examinar de que esporte o jovem era campeão. Devia haver outra modalidade ou outra estratégia nesta modalidade, em que a imprevisibilidade temerária e a velocidade explosiva lhe adquirisse o ás de trunfo que aquele gladiador fora de tempo, valia acima dos demais. A perturbação agravava-se no segundo assalto. Lutava com desconhecidos como se ajustasse contas. Lia-se nos seus olhos, dilatados como um gato, na cal da pele como a de um fantasma, no

rosto transtornado como se fora portador da notícia de uma tragédia, quando, segundos antes, combatia masculinamente mas com normalidade e há escassos minutos era até simpático e respeitoso. Quem o visse fora do ginásio não suspeitaria.

“*Só ganha, Lucas, só ganha. E consegue que fique apenas a memória de quando perde*”. Tinha-lhe falado, mas não chegara até ele. O mestre acreditara muito tempo que, deixasse-se o selvagem burilar e ficaria nos anais daquele esporte. Mas agora desistira dele.

“*Que faço*”, perguntava-se Lucas? “*Estou na rua, repetia. Ninguém me vai aceitar em lado nenhum*”. Havia no Brasil e no Leste um estilo de luta de rua que era uma espécie de vale tudo. Só que, como era estrangeiro, faziam-lhe a cama em três tempos. Aquilo eram só máfias e quando ele valesse alguma coisa, veria que o dinheiro das apostas cairia mais graúdo se ele perdesse inesperadamente. Perder lhe seria proposto de uma forma muito convincente, tinha a certeza. Para além da luta, o que podia fazer? Uma hipótese seria ele fundar o seu próprio ginásio. “*Boa ideia*”, pensou. “*É isso mesmo*”. Levantou-se e começou a circular para a frente e para trás no quarto, como um leão enjaulado. O armazém do cais velho estava abandonado e ele arranjava-o em duas penadas, contra seis meses de uso. Depois logo se via. Era só arranjar um nome que vendesse bem.

* * *

Bateram na porta do quarto. Era a sua mãe. Lívida, anêmica na soleira da porta. Atrás apareceu o pai que entrou, afastando a mãe.

- A polícia está aqui para levar você à judiciária. Que se passa Lucas? Que aconteceu no ginásio?

Lucas engoliu em seco. - Nada de especial. Dei uma pisa num gigante teimoso.

- Pisa como? perguntou o pai que se encontrava a centímetros dele. Pisa como?

- Uns tabefes pai, que foi?

- O que foi é que a polícia quer te levar. Como é que ficou o rapaz que você bateu?

- Sei lá pai, ficou no chão.
- Respirava? Mexia-se?
- Claro pai, que acha?
- Decide rápido rapaz, porque se é para sair pela janela, sai já.

Lucas olhou pela janela e, do ângulo em que estava, viu o que o seu pai não via. Um segundo carro tinha subido a rua lateral e estava, sem faróis, debaixo da velha acácia. Uma saída pela janela era cair nos braços do inimigo que se escondia. Mais valia o inimigo que dava a cara. O pai ainda tentou ir com ele, mas não era possível. Ele era maior e vacinado.

Entrou no carro descaracterizado e sentou-se no banco de trás, ladeado por dois polícias à civil. Após meia hora de condução em silêncio pararam junto a um edifício cinzento com vários andares.

- Anda, disseram-lhe.

Passou por um pequeno átrio que mais parecia uma entrada secundária e talvez fosse. Subiram pelas escadas dois pisos e na terceira porta à direita, quase no fundo de um corredor taciturno, junto a uma ala de calabouços, entrou num pequeno gabinete onde um homem careca, de óculos de tartaruga, escrevia num teclado encardido de computador.

- Sente-se, ordenaram-lhe.

Os dois polícias ficaram de pé, à porta, enquanto o terceiro escrevia. Na escritaninha uma pequena placa dizia Inspetor Chefe. A única janela tinha grades por dentro e vidro translúcido por fora.

“Se virasse os dois que estão à porta não era o velho que vinha atrás de mim”, pensou. Na entrada não se lembrava de ter visto segurança. Podia ser uma armadilha, mas porquê?

- Nome? inquiriu o inspetor.
- Quiroga, respondeu, instintivamente Lucas.

O velho rodou a cadeira e olhou para ele fixamente por cima dos óculos.

- Ah, desculpe. Lucas Zuriaga.

O inspetor manteve-se imóvel, atravessando-o. - Parece que este é brinçalhão, disse finalmente, sem expressão na voz. Os polícias da porta riram.

- Data de nascimento. Endereço. Profissão.

Respondeu direitinho. Trouxeram um corante e colheram suas impressões

digitais dos dez dedos. - Onde posso limpar as mãos? perguntou.

O velho inclinou-se para ele, tirou os óculos e propôs: - Esquece as mãos e explica lá porque é que um ótimo rapaz como você fez aquele disparate.

- O Quiroga? Isto tem a ver com o Quiroga? perguntou, sem saber o que fazer com os dedos molhados de azul.

O velho se deteve e depois disse com um tom informal, quase caloroso: - Fala rapaz. É a tua oportunidade de ter uma saída disto.

- O tipo é um gigante, não é do meu peso. O mestre mandou ele combater comigo para me dar uma lição. Só que ele é nojentoso e apalpou-me na luta agarrados. Eu não gosto de perder e não gosto de abusos, por isso fui ver com ele ao vestiário e enfiei-lhe dois murros sem luvas.

- E depois miúdo, como é que aconteceu o resto?

- Saí pela porta de trás e esperei no beco, onde ele tinha a moto. Quando veio trazia um taco e eu dei mais uns murros e ele caiu.

- Sim. E depois?

- Fui embora.

- E antes de ir embora?

- O quê? perguntou o Lucas.

- Antes de fugir, rapaz – repetiu o inspetor.

- Sim, mas o quê? insistiu o Lucas.

- O quê o quê? trovejou entre uma chuva de saliva, sem aviso, o inspetor, ao mesmo tempo que se levantava para ele. – Está de brincadeira? Fala, berrou.

Lucas ficou em silêncio, com as suas mãos azuis pendentes por secar.

- Mostrem para ele, disse o inspetor, enquanto voltava ao teclado.

Os dois policiais que estavam junto à porta aproximaram-se e mandaram-no pôr as mãos atrás das costas. Algemaram-no. Foi na volta para o carro que reparou que na entrada estavam agora dois guardas armados que olharam para ele de soslaio. Uns dez minutos depois, o carro voltou a parar junto de outro edifício, muito mais antigo. Ao chegarem, dirigiram-se ao elevador que desceu ao menos dois. Saíram. Estava mais frio naquele prédio que na rua, em alguns tetos gotejava água e ainda por cima cheirava a remédio. Passou por vários longos corredores sombrios e vazios em que os passos do pequeno grupo ecoava amplificando a solidão, até chegar a um compartimento com uma porta metálica, como se fosse um elevador industrial. Tinha uma luz vermelha acesa

que dizia *exame em curso*. Entraram.

Fez um esforço para não vomitar. O Quiroga estava completamente nu, deitado de barriga para cima numa marquise metálica, com os olhos entreabertos e um fio de sangue escuro escorria-lhe pelo ouvido esquerdo. Estava morto.

Capítulo 3

O Exame

O compartimento tinha várias marquises metálicas vazias, o que tornava o corpo de Quiroga alvo de todas as atenções mesmo que ninguém olhasse para ele, mas todo mundo olhava. O chão estava revestido por um pavimento de zinco gradeado com raros vestígios de sangue antigo mal limpo. Ao lado do cadáver um outro velho, também careca, quase sorria e olhava para Lucas. Por momentos pensou que era o mesmo que o interrogara na polícia, mas não, este era diferente. Era mais magro, mais alto, de rosto mais espalmado, tinha dentes demasiado brancos, escondia um sorriso que não prestava, o pouco cabelo era arruivado e não era velho.

- Só se ele tinha alguma doença e não sabia – conseguiu articular Lucas.

- Uma doença? pensou o careca ruivo. - Hum. Vamos lá ver se encontramos alguma doença. Avança, disse.

Apareceu um sujeito estrábico, com o cabelo empastado, um ligeiro arrastar da perna esquerda e uma bata curta de açougueiro. Pegou numa serra circular e começou a abrir o peito do Quiroga de cima para baixo. O corpo vibrava com a serra, escorria pouco sangue é certo, mas um líquido estranho, e umas gotículas de gordura bordejavam na lâmina. Nas mãos viam-se os dedos azuis do corante das impressões digitais.

Lucas recuou, voltou-se para trás e tentou correr. Passou pela porta, com as mãos algemadas atrás das costas, já em desequilíbrio, mas não foi longe. Alguém lhe deu uma rasteira e ele caiu. O chão do corredor era de pequenos tijolos em creme claro e parecia não ser lavado há dez anos. Estava escorregadio e Lucas, com a visão de que estivesse corrompido com aquele líquido oleoso que saía de Quiroga, tentou levantar-se. Os policiais agarraram-no pelo casaco e pelo cinto e levaram-no de volta ao cadáver que estava agora desfeito. Tinham-no aberto de alto a baixo e, numa bacia verde, estavam três pedaços de carne enormes. O velho que não era velho, tinha posto umas lunetas e pegou, com luvas de látex, num deles e diagnosticou “o coração está bem”. Pegou noutro e disse “os pulmões parecem saudáveis” e, depois, no terceiro e confirmou “*o fígado*

não tem nada de especial, à primeira vista”.

Lucas arfava, suado. A sua têmpera latejava. Ia morrer ali.

- Se não foi dessas coisas, de que terá morrido o namorado deste menino? questionou em tom de curiosidade fingida um dos polícias.

O careca fez um sinal ao aleijado e este rodou o tronco e a cabeça do que restava da carcaça de Quiroga.

- Terá sido disto? O médico, com um ponteiro metálico telescópico que parecia uma antena antiga de automóvel, apontava um pequeno orifício na nuca do cadáver – a porta de entrada de um tiro na cabeça.

- Então a soneca foi boa?

Saltou da cama dura. Dormira encharcado em suor. Que pesadelo. Mas onde estava? Um homem sentou-se à sua frente. Era o inspetor que o interrogara na véspera, desta vez sozinho. O relógio na parede marcava três horas e quinze minutos. Pela janela via-se que era noite. Ele tirou suas algemas.

- Lucas, porque matou o seu amigo? Só quero perceber porquê.

- Não o matei.

- Mas ele pareceu bastante morto, não pareceu garoto? Onde você guardou a pistola?

- Não sei.

- Ora, ora, quer que eu acredite que você esqueceu onde a colocou?

- Não tenho nenhuma pistola. Não o matei. Dei-lhe uns sopapos.

- Sabe Lucas, eu até compreendo o que se passou. Deu-lhe uns murros. Ele, em vez de perceber a mensagem, veio atrás de você com um taco. O inspetor chefe abriu ligeiramente os braços e exclamou *“foi legítima defesa do teu lado”*.

- O tipo era péssimo, pelo que me dizem, continuou. Não se perdeu grande coisa. Se não fosse você, mais tarde seria outro qualquer. Vou dizer uma coisa: é raro na minha profissão, mas eu simpatizo com você. Me lembra o meu neto. Quero ajudar. Você fez uma tolice, mas a coisa ainda tem jeito. Mas é preciso que você me ajude para que eu lhe possa ajudar. Onde está a pistola?

- Já disse. Não há pistola. Não fui eu.

- Tenho pena da sua mãe. Está se arrastando pelo chão. As despesas com advogados vão deixar seus pais na miséria. - Filho, porque matou aquele

trapaceiro? Diz só que foi legítima defesa e vai tudo ao cerco.

- Não fui eu. O tom de Lucas mudou como se aquela prisão fosse uma espécie de ringue, apesar de ainda não perceber o que seria nesse tablado uma vitória.

O inspetor levantou-se e saiu sem dizer uma palavra mais. Passou a noite em claro. Quase não pregou o olho. Depois que o inspetor saiu, puseram nele as algemas outra vez e os seus pulsos doíam. Alguém levava o relógio da parede. Estava constipado e, depois de duas vezes, não vieram mais libertá-lo para se assoar e ele tinha deixado de chamar. Pigarreava para aclarar a garganta. O nariz obstruído pingava na pequena almofada e ele respirava pela boca seca. Acordou sem ter dormido. Sabia que eram sete em ponto da manhã que não havia ainda despontado, pois acordava infalivelmente a essa hora, há muitos anos. Passado algum tempo apareceram dois policiais que ele não conhecia e que vinham de farda. Fazia lembrar-lhe a farda de campo dos bombeiros, aquela roupa escura e sem vincos ou forma, como um pijama velho, um quimono tingido, dois números acima e mal passada. Tiraram-lhe as algemas.

- Lava o nariz e penteia os cabelos, disseram-lhe.

Tinha uma toalha envelhecida junto a um lavatório e um pequeno pente de plástico de aspeto usado.

- Não tenho escova de dentes, disse Lucas.

- Quer ir até tua casa rapidinho para ir buscar uma? perguntou um dos guardas. - Se deixarmos você ir, promete voltar de carro? quis saber o carcereiro, enquanto o outro ria sem som, mas com um hálito insuportável.

Viu a porta da cela entreaberta. Os primeiros policiais, vestidos a paisana, trataram-no duramente, mas ele sentia que tinham algum respeito. Respeito quando subiram sorrateiros de luzes apagadas sob a Acácia, segredando-lhe *“sabemos quem é homem, foge, pula pela janela, tenta desaparecer na cidade”* ou quando entraram com ele na polícia por uma porta sem vigilância, desafiando-o, *“vá tenta passar por cima de nós, tem uma chance de escapar”* e mesmo até respeito, pela pose, só na aparência relaxada, com que se encostaram na porta do inspetor que o interrogava, mas onde Lucas detectou o estado de alerta, a prontidão. Estes, os fardados, não. Estavam em casa. Ele era um preso entre muitos. Como se nunca tivera tido vida lá fora. Ou não sabiam da sua vida anterior àquele estábulo ou cuidavam para que fosse sepultada para sempre.

Quando chegavam ao trabalho, de manhã, iam guardar presos. Lucas era propriedade deles.

Duas pancadas secas e caíram sem estrondo. Amordaçados, um debaixo da sua cama e o outro despido no colchão. Vestiu a farda do guarda e avançou pelo corredor, boné enterrado da cabeça e a pala para tapar seus olhos, depois de trancar a cela. O guarda que estava no fim do corredor disse:

- Viu o baile que demos ontem?

Ele continuou a avançar sem falar, olhando para baixo, fingindo ver as horas no relógio de pulso de que se apropriara há segundos. O guarda riu e continuou:

- Foi o árbitro desta vez também, ó leão?

O guarda estranhou os sapatos do colega. “*João? É você?*” Não era o João e era demasiado tarde para não ser. Era o Lucas Zuriaga, um impacto direto e a inconsciência antes do policial tocar o desgastado assoalho. Desta vez a queda apresentava-se espalhafatosa, porque acabara, sem manso aviso, a estação da quietude. Dois outros procuraram sacar as armas dos coldres. Como se fossem estátuas de cera em câmara lenta, os rostos desfigurados pelo medo. Caíram com os dois pontapés que fecharam a sequência. Usou as pistolas para destruir a tiro os cadeados da janela de grades, por onde se atirou, com a sua ajuda, o sexto guarda que entretanto acorrera.

Lá em baixo policiais movimentavam-se, iniciando-se o cerco que esperava seu afastamento; mas ele nunca ocorreu porque, simultaneamente, desfilava em paralelo uma solução alternativa: ele corria atrás de um grito ferino que gelou o sangue dos guardiões daquele covil e, com a escrivaninha metálica que o antecedia no ar, libertou da parede o janelão gradeado do fundo do corredor. Atirou a ele, sim, mas antes dele tinha atirado a própria janela, arrancada do concreto. Caiu ileso na rua detrás, iniciando a fuga, longe do cerco.

E depois? Para onde iria? Os seus pais, como ficavam? Os seus planos para o futuro, como sobreviveriam àquela confissão ruidosa de um crime que não cometera? Talvez isso não fosse uma vitória. Era cedo.

- Acorda ranhoso, disse um dos bombeiros que faziam parte da polícia e o tiravam sem consideração da sua cela. “*Tá zangado?*”

- Preciso de ir ao banheiro, respondeu compassadamente Lucas.

O policial empurrou uma bacia com a bota. – Vai, mas vai rápido.

- Perdi a vontade.

- Ai perdeu? Mas é melhor que ela volte porque o penico está para durar. Aqui não há mamãe para ajudar. Vamos mais é mexer esses pés enquanto os tem. Algemaram-no outra vez, levaram-no até ao carro gasto e descaracterizado da delegacia. Era a terceira viagem que fazia e a segunda em que não sabia para onde o levavam.

- Prepara que você tem umas coisas a explicar ao juiz, disse um agente.

De repente ocorreu-lhe o óbvio: o mestre! O mestre se encontrou com ele para o admoestar por causa do tumulto com o Quiroga. O mestre sabia que ele o tinha deixado com umas nódoas negras, mas vivo.

- O mestre sabe que eu não matei o Quiroga. Falem com ele que confirma tudo.

- Falaremos, bebê durão. Falaremos assim que aparecer. Ele desapareceu. A propósito, conhece alguém que tivesse alguma coisa contra o mestre? Alguém interessado em que ele fosse desta para melhor?

- Mas afinal quem me viu matar o Quiroga?

- Por enquanto ninguém, mas ainda é cedo. Por enquanto sabemos que você é um tipo violento, apesar dessa carinha sonsa. Sabemos que atacou o atleta com cara de desagrado no vestiário. Sabemos que seu mestre foi direto para sua casa, para correr junto do ginásio e sabemos que você demorou a aparecer. Depois disso, o mestre nunca chegou à casa dele.

O juiz Ponces Branco era um homem totalmente diferente dos policiais. Parecia um rico. Quis saber se o suspeito tinha advogado e disseram que ele não solicitara a assistência de um advogado. Perguntou à polícia que escoriação fresca era aquela no rosto do suspeito e esta respondeu que ele tinha escorregado e caído no necrotério, quando houve o reconhecimento do cadáver.

A procuradoria foi arrasadora. O juiz ouviu a versão da autoridade sobre o assassinato da vítima por Lucas com atenção e a sua própria versão com enfado. Perguntou-lhe só porque é que tinha tantos livros sobre armas em casa e se teria alguma ideia sobre o paradeiro do mestre. Fez um comentário sobre trazerem acusados sem advogado. Disse também que não queria mais quedas na cara dos

suspeitos. Ameaçou mandar o detido para o hospital para se registrar a escoriação. Pediu que arregaçasse as mangas e, depois, surgiu nele uma fugaz expressão de desagrado quando viu as marcas das algemas na pele. Por fim, concordou que ele era um elemento de notória perigosidade e que havia o risco de fuga e de destruição de provas. Ficaria em prisão preventiva até o caso ser revisto, mal o mestre aparecesse ou tivesse sido nomeado um advogado. Dada a sua idade, não devia ser misturado com presos com cadastro de crime violento. A polícia ainda comentou que isso excluía virtualmente todas as prisões, mas o juiz repetiu apenas que não queria mais quedas e deu a sessão por terminada.

Tinha acabado de ser reconduzido ao calabouço da polícia judiciária quando o chamaram. Tinha visitas. Era a sua mãe. O pai não entrara porque só podia ter uma visita de cinco minutos. A mãe abraçou-o como se ele fosse uma criança pequena e contou em segredo que acreditava nele. Nada de abraços, informou o guarda; era uma questão de segurança. Ficou um minuto olhando para ele de mãos agarradas e os olhos marejados de lágrimas. Disse que o pai e ela estavam do lado de fora tratando de tudo. Os três eram uma equipe, com ele dentro de uma prisão mas eles lá fora lutando por ele. Nunca devia reagir a sangue frio, fosse a que provocação fosse e as provocações iriam aparecer. Devia resistir ao enclausuramento, como em casa resistia ao frio. Parecia o pai falando.

Mas disse também que tinha de sobreviver intimamente e de sair daquele mundo como entrara. Como fazem os cisnes que entram na água e não se molham. Aqui a voz que se ouvia era a dela, e tão diferente era a sua esperançosa fé católica da visão conflitual do mundo do seu pai... Seria só porque a ela, a vida lhe pedia a oferta de uma revigorante refeição, enquanto a ele o obrigava ao corajoso combate a incêndios que ninguém sabia quem ateara, mas em que era fácil identificar quem com eles lucrava? ?????

A mãe recordou pequenas coisas da sua infância. Ouviu, por fim, que iria receber a visita de um advogado de confiança, muito bom. Devia fazer como o advogado mandasse. Esgotaram-se os cinco minutos e o guarda não quis mais abraços. Ainda bem que a Joana tinha acabado com ele. “*Que pensaria ela e os seus novos amigos universitários*”, que estavam com certeza a par das notícias da acusação que pendia sobre ele? ?????

Poucas horas depois surgiu mais uma visita. Era o advogado. Lucas não

gostou dele. Era idoso e não se percebia se acreditava na sua versão ou não. Teve de repeti-la várias vezes, enumerando detalhes. Como tinha uma memória fotográfica, era fácil recordar tudo na ponta da língua, mas o advogado não se agradou muito com a precisão. “*É muito perfeita a narrativa, quase sobre-humana*”, disse, como se o elogiasse, mas a expressão deixava escapar que gostava mais de menos perfeição.

Deixou um cartão com um número de telefone e avisou que nunca dissesse nada sem a presença dele. Repetiu o conselho dado em tom de instrução. Acontecesse o que acontecesse devia declarar apenas “*só falo na presença do meu advogado*”. A polícia não tinha poder de negociação verdadeiro, dizia o jurisperdente. “*É uma ilusão tudo o que te oferecerem. Um tiro na nuca como legítima defesa, por exemplo, que oferta é essa?*” O silêncio era a melhor palavra. Por último, devia evitar confusões com outros presos e ser tão cordial quanto possível com os funcionários. A sua ficha prisional era para estar limpa.

Uma das coisas que o irritaram foi o advogado insistir que ele era muito menor que Quiroga e o outro tinha um pau; ambos estavam treinados para lutar, como é que ele o derrubara? David tinha derrubado Golias, é certo, consentia o advogado paternalmente. “*Mas nesse caso raro, David estava armado com um estilingue e alvejou Golias à distância.*” Que raio de palavra para descrever o uso de um estilingue. Alvejar.

Capítulo 4

A Testemunha

Nessa noite dormiu um pouco melhor e até comeu com apetite. Na verdade não era difícil a adaptação à rotina espartana daquele sítio. De manhã, disseram que se arrumasse pois era um dia especial. Entregaram roupas que sua mãe tinha deixado. As suas calças jeans preferidas, uma camisa Gant, um relógio, e uns sapatos de vela novos. Artigos de higiene pessoal, incluindo o perfume, gel para o cabelo e uma escova de dentes nova. Nos últimos tempos a mãe mudava frequentemente sua escova de dentes. Havia de perguntar o porquê. Apesar de quase não ter barba, decidiu se barbear para poder usar a loção pós-barba. O odor da loção e do perfume iam bem juntos. Tenho o olfato de um cão farejador e a visão noturna de uma coruja, costumava pensar. Perfeito. Vieram buscá-lo e deram o cinto. Inspirou fundo. Não sabia com quem se ia encontrar mas sentia-se pronto para tudo.

Levaram-no por corredores que não conhecia. Virou à esquerda primeiro e tornou à direita depois, subiu por escadas para descer de elevador. Após várias voltas, acabou no gabinete do velho inspetor careca que ficava mesmo ali ao lado e que de diferente tinha apenas uma pequena e empoeirada árvore de Natal de plástico a iluminar a escrivaninha.

- Há novidades, informou o inspetor. O seu mestre apareceu.

Respirou de alívio. As coisas começavam a normalizar-se no meio daquela alucinação.

- Ele está aqui? perguntou o Lucas.

- Aqui? Não. Então não sabe que hoje não é dia de visitas?

- Mas o que é que ele tinha declarado?

- Por enquanto ainda nada, esclareceu o inspetor. De fato, só diz seja o que for na presença de um advogado.

- Mas ele é acusado de alguma coisa? Porque é que não fala?

- Bom ... ele está se fazendo de mudo, mas pedimos a um colaborador

nosso que o faça falar. Você conhece bem esse nosso amigo, disse o inspetor.

- Vai interrogá-lo?

- Não. Vai autopsiá-lo. Como ao Quiroga. Só falta você, mas não se preocupe – não vai custar um tostão aos seus pais.

A sua cabeça esvaziou e só conseguiu repetir “*só falo na presença do meu advogado*”.

- Do seu não. No da mamãe. Enquanto o dinheiro durar. Faz parte do castigo. Sugamos a tua família com uma conversa meia boca. Quando acabar o pé-de-meia, nós arranjamos um advogado dos nossos para você, sussurrou-lhe ao ouvido o inspetor.

Já na cela, imaginou sendo autopsiado vivo pelo médico ruivo e de só conseguir mexer os olhos. Visualizou aos três, ele, o Quiroga e o mestre, lado a lado, nus, abertos como frangos, em marquises metálicas; os outros dois com ar violeta e cheiro putrefacto, mas ele muito apumado, penteadinho e bem cheiroso. Não teve medo. Sentiu-se derrotado, um zero à esquerda, barbeado, perfumado e penteado com gel. Um palhaço a preço de banana.

O calendário arrastava-se dolorosamente. Piores as horas noturnas que as diurnas, mas todas más. Dias depois foi levado novamente, só que desta vez o carro da polícia estava assinalado com uma rotativa na capota. Para além dos investigadores da PJ, sentaram-se nos bancos da frente dois agentes do Grupo de Operações Especiais da PSP. “*Dois policiais da judiciária e dois do GOE. O meu caso está fora de controle*”, pensou o jovem. Refez o seu trajeto no dia do crime. O ginásio tinha um ar abandonado, com uma grande Árvore de Natal artificial apagada a um canto, sem qualquer traço de decoração ou cor. Só estavam presentes dois funcionários, com cara de velório como se o próprio clube tivesse sido abatido. Até o pequeno banheiro público novo colocado recentemente no beco tinha sido retirado. O ginásio extinguiu-se ou como dano colateral dos dois assassinatos ou porque tudo o que ele tocasse secava.

Estava um dia frio mas ensolarado, com um céu azul que brincava de primavera em pleno inverno. Do outro lado da janela do carro, lojas coloridas, decoradas com os motivos da época festiva inspiravam as pessoas que circulavam, indo às suas vidas, sozinhas ou em grupos animados. Não o viam, passeando na ignorância de que a sua liberdade era aparente, uma oferta de quem tinha poder para isso. Estavam soltas, não livres. Eram cegas, no

contentamento que aparentavam, mas não inteiramente felizes. Ele, algemado e dentro do carro, sabia bem o que era estar preso. Era estar tão ao dispor como quem andava à solta, mas sob austeridade e mais à mão. Ou não saberia nada, estando apenas tão contaminado com o pensamento conspirativo do seu pai e tão desapontado com a experiência depressiva da prisão, que já não conseguia ver o valor intangível da liberdade, quando ela lhe era apresentada sem conta nem medida, do outro lado da janela de um carro da polícia? Seria esta a sua vida? Estaria velho quando saísse da penitenciária? Alguma vez sairia? Não o tinha alertado a mãe para ser como um pássaro aquático e sair incólume da prisão, continuando a ser quem era quando o libertassem? Sem transportar para sempre uma prisão dentro de si? Tinha de conseguir ser esse cisne, intocável na sua alma por mais maculado que estivesse o lago. Por momentos, conseguiu o milagre de voltar a ser quem fora e, então, as suas lutas anteriores perderam sentido, parecendo-lhe migalhas desprezíveis face ao prazer imenso que é ser livre.

O carro da polícia parou no primeiro semáforo, logo depois de sair do beco. Reparou num táxi antigo que estacionava à porta da viela e, incrível, o condutor era o gatuno quase albino que o tentara assaltar na sua casa. Ao seu lado estava o preto de gorro. Lucas olhou para eles. Conduzindo um táxi? Os ladrões saíram do táxi e, quando o viram, dirigiram-se ao carro da polícia apressando o passo. O semáforo ficou verde e a polícia arrancou. Eles começaram a correr e o Lucas estava já de cabeça voltada para retaguarda: “*Os ladrões agora correm atrás da polícia?*”, pensou. Os polícias notaram o movimento e perguntaram “*que está acontecendo?*”, enquanto se torciam para trás. Viram os dois militares musculosos que travavam o trote no meio da estrada.

- Inverte a marcha, gritou um agente e o GOE virou o carro com um rodopio que mal teve espaço. Os bandidos entraram no táxi e aceleraram como possesores, a uma grande velocidade, apontados ao carro da judiciária. A polícia teve de se desviar para evitar um choque frontal, fazendo novo rodopio para perseguir o táxi. O outro GOE já tinha nesse momento uma pistola-metralhadora Uzi, mas estava tão em punho como em vão. O velho carro de praça acelerou como se fosse mentira, como um Porsche ou um Ferrari e desapareceu no trânsito. A polícia nunca teve uma chance.

- Viram aquilo? disseram os polícias uns para os outros. Avisaram a central e dirigiram-se para a Judiciária. Lá, Lucas foi chamado pelo Inspetor Chefe que

desta vez estava acompanhado pelo delegado do procurador que vira no Tribunal e que, em elegância, não ficava atrás do juiz Ponces Branco.

- Quem eram aqueles dois indivíduos? Quando você tinha os visto? Por que não nos falou na tentativa de assalto no teu quarto? E o táxi? O inspetor tinha um ar grave, diferente do todo-poderoso, subtilmente blasé, dos outros encontros. O magistrado manteve-se em silêncio. As coisas assumiam um contorno inesperado.

Lucas não sabia que o problema tinha sido detectado na véspera. Daí o GOE estar a reforçar a segurança da PJ. A revisão dos filmes de vigilância das lojas que davam para o beco revelou que tinha entrado um carrão preto com matrícula diplomática falsa e de lá nunca tinha saído. A polícia tinha revisto os filmes incontáveis vezes: o carro era enorme, a matrícula consular era de um país que não tinha embaixada em Lisboa e nunca tinha saído do beco. Tinha evaporado.

O tratamento na prisão tornou-se mais afável. As funcionárias simpatizavam com ele e os guardas não o distinguiram dos outros presos. Alguns tentaram aproximar-se mas ele manteve-se fechado.

Passados sete dias foi novamente apresentado ao Juiz. O advogado apareceu na véspera para lhe dizer três coisas. Que a hora da morte do seu mestre tinha sido estimada como tendo ocorrido antes dele ser detido e que, portanto, ele era um suspeito. Que a polícia tinha o filme da câmara de vigilância de uma loja da rua principal que dava para o beco e a sua revisão não mostrava a saída de ninguém além de Lucas. Fisicamente, era uma prova contra ele. Que a pessoa que tinha chamado o 190 tinha sido localizada e o inocentava, mas constava que o seu testemunho era exótico e isso diminuía o seu valor.

Quando a sessão se iniciou foi chamada presencialmente, a título excepcional, uma mulher de 39 anos que asseverou que se encontrava num quarto andar e vira claramente toda a cena, sem nunca acender a luz da janela. Era uma ama profissional, de serviço nessa noite num apartamento do prédio. Os rapazes tinham lutado e o grande tinha caído. O pequeno tinha cuspidos na cara do outro e saído direito à rua principal. Uma porta defronte da entrada do ginásio abriu-se e tinha aparecido um sujeito bem posto, de cabelo branco com uma pequena mala. Ajoelhará-se perto do rapaz grande que estava no chão, abriu a

mala e tirara uma coisa qualquer, mas o rapaz levantou-se de repente e correu para a porta do ginásio. O homem elevou o braço esquerdo e o grande caiu de bruços. Ela achava que fora um tiro apesar de não ter ouvido nada. Depois o homem aproximou-se do lutador inanimado, virou-o e fez-lhe uma coisa qualquer na cara, fechou a mala e entrou pela porta por onde tinha saído.

O testemunho tinha um problema factual muito concreto: no beco não havia nenhuma porta que dava acesso ao ginásio. Tinha duas coisas a seu favor. Na gravação do 190 ela dizia que dois homens lutaram, um tinha ficado caído no beco e que depois um terceiro indivíduo parecia ter dado um tiro no homem caído e fugido por uma porta em frente ao ginásio. O Lucas no seu depoimento inicial já referira um minúsculo banheiro público num trailer novo no beco.

O juiz interrogou-a mas ela insistia, muito sólida, no que vira. Confrontada com a inexistência da porta, afirmou que agora podia não haver porta nenhuma, mas naquela noite havia. Questionada sobre se podia ser a porta de um WC móvel, a ela pareceu-lhe que não. Lembrava-se de uma porta.

Sobre o suposto banheiro público, a polícia recusou sua existência definitivamente. As autoridades municipais negavam a colocação desse equipamento, não havia nem água nem esgoto no local, ninguém mais o tinha visto e os filmes na posse da autoridade não revelavam a entrada no beco de nenhuma estrutura semelhante. Pior, nessa mesma noite, havia múltiplos registos fotográficos do local do crime e não estava lá nenhum WC nem nenhuma porta. Contudo, não tendo em conta esse detalhe, a polícia parecia menos convicta que Lucas fosse o assassino. Ainda apresentaram essa tese, mas de forma desgostosa, por dever de ofício, sem paixão. O magistrado do ministério público usou um tom monótono para afirmar que não via razões para mudar a posição da investigação. A acusação vinha de braços caídos.

O seu advogado defendeu-o eloquentemente. Pegou os fatos e construiu a mais favorável das versões que eram verossímeis. O idoso engravatado surpreendia Lucas com um instrumento de guerra que ele desconhecia: as palavras. Pronunciadas calmamente, inteiras. Chegado a um ponto, o próximo era claro como água. Conquistado um patamar, o anterior era evidente aos olhos de qualquer um. Pelo caminho enfiava grãos de areia na versão da polícia. Grãos pequenos, mas que emperravam as rodas dentadas da máquina judicial. Quem chegasse naquele momento e o ouvisse, espantava-se que alguém tivesse tido a

ideia de ir buscar o rapaz e deixasse o verdadeiro assassino solto na rua. O advogado frisou isso: há um assassino livre nas ruas de Lisboa e a autoridade judicial desfaz recursos em vão com o meu constituínte. Lucas acabou por convencer-se da sua própria inocência, até ter despertado para o fato de que sabia muito bem que não tinha morto ninguém. Só não tinha a certeza que ia para casa livre nesse dia porque o juiz mantinha uma face impávida, imune à rede tecida pelo advogado.

Ponces Branco interrompeu a sessão.

- Quanto mais tempo durar a interrupção melhor, explicou o advogado. Está lendo. Quanto mais ler melhor, disse o advogado.

Três horas depois retomou-a para pronunciar que Lucas ficava em prisão domiciliar com pulseira eletrônica e polícia à porta. Não estaria livre, mas a alegria que sentiu era tão grande que para ele aquilo era planar ao vento, como as gaivotas do Tejo, e sentir a maresia numa manhã cedo de pescaria. Respirou o dia por inteiro, num só trago - livre sim, sem os guardas, os penicos, os horários, o anonimato dissolvido na sopa de presos que enchia o painel dos calabouços. Foi no carro do advogado até casa. O irmão correu para ele saltando-lhe para os braços, com o pequeno Tiranossaurus Rex numa mão, gritando “*mano, mano, fugiu, boa*”, a mãe acolheu-o, intensamente, repetindo “*eu sabia Lucas, eu sabia*”. O pai, com os olhos turvos de água, deu-lhe um abraço forte e breve. Pôs-lhe as mãos em torno do rosto e disse “*temos de perceber isto, rapaz. Você e eu*”.

Tinham montado o presépio e tinham feito com esmero. Para compensar a ausência da árvore de Natal, que o seu pai não deixava entrar em casa, “*nem isso nem Coca-Cola*”, o presépio na casa de Lucas tinha mais de cem figuras. Casinhas com luz própria, pontes, riachos que corriam de verdade, fazendo rodar moinhos de água. Lucas ficou olhando para a aldeia aramaica embevecido com as cores, menos brilhantes mas mais diversas que a dos pinheiros natalícios.

Anoiteceu e na sala a mesa foi posta com a sua comida preferida, carne de porco à alentejana com picles caseiros e sericaia[1] de sobremesa. Tinha chegado no céu. Conversou animadamente com os pais, como há anos não fazia. Sentiu-se protegido ali, como quando era rapazinho. Depois do jantar pegou numa xícara de café quente de saco, com um cubo de açúcar mascavo e, enquanto bebericava, subiu na janela para ver as luzes da rua. Lá fora a visão de um carro da polícia foram cinco dedos gelados chapados na cara. Continuava

preso.

* * *

Despediu-se dos pais, calando as palpitações e o coração apertado. Deitou-se. O seu espírito pensava e repensava os acontecimentos das últimas semanas. Como escapar àquela tenaz de aço que o arrastava para um buraco sem fundo? Porque lhe acontecera aquilo? Subitamente percebeu. Deixou de sentir culpa pelos socos que tinha dado em Quiroga. Isso não tinha nada a ver com o resto. Não, não se tratava de um castigo divino por ter agido sem uma gota de esportivismo contra o gigante. Aquilo era outra estória. Não era a expiação de uma falta, era uma maquinação contra ele.

Veio uma repulsa – estava pensando como o pai, imaginando armadilhas e tramas executadas por forças ocultas. Quem perderia um segundo com ele? Era apenas azar. Estava no lugar errado à hora errada e a máquina judicial que tem de encontrar culpados, tinha-o encontrado a ele e não o ia deixar. Era como a mordida de um buldogue: mesmo que a justiça quisesse largá-lo, depois de o ter ferrado não podia. A sua culpa era a outra face da pacificação do sistema. Tinham caçado um mau para explicar o mal. Podiam passar para outro dossiê e guardar o seu na prateleira dos sucessos. Só ele e talvez aquela mulher é que tinham visto o pequeno banheiro que nas fotos da polícia não aparecia, mas por cuja porta saíra o assassino. “*O juiz bem que se deve ter retorcido para engolir aquele testemunho. Mas, de fato, para onde sumira o banheiro?*” pensou. “*A esta hora a polícia deve estar questionando todas as casas vizinhas para perceber se alguém podia ter tirado aquilo dali. Talvez encontrem alguma pista que prove que pescaram o peixe errado e me deixem em paz*”. Com esse pensamento adormeceu.

Mas os pesadelos não o deixavam. Mil e uma ideias aterrorizadoras enchiam a sua mente. Sentiu uma náusea profunda e uma dor nos ombros, como se Quiroga tivesse ressuscitado com mais dois palmos de largura e agora o apertasse num abraço de quebra-ossos. À esquerda, então, a garra era férrea. Nem respirar podia. Sem tempo para se levantar, vomitou na cama. “*Oh, não*”. Limpou a cara no lençol e sentou-se. “*Que frio*”. Saltou da cama em silêncio para não acordar a mãe ou o Luís. Via as coisas desfocadas, turvas. Esfregou os

olhos mas não melhorou. A janela estava aberta. “*Outra vez? Que é isto agora? Que gelo*”. Acendeu a luz do candeeiro e deu um pulo para trás: em cima da sua cadeira estava um envelope e sobre o envelope uma pistola com silenciador. A arma do crime.

Capítulo 5

A Tramoia

Abriu o envelope. Fotografias do corpo morto da mulher que testemunhara a favor dele. Um pequeno orifício na testa, igual ao que vira na nuca do cadáver desfeito do gigante, explicava o mal por que fora acometida: um tiro na testa. Mais fotografias da mulher na rua e da mulher morta. No fim, uma foto de papel mais espesso acendeu e passou um filme em que era visível o assassinato da sua testemunha por um desconhecido. Lucas respirava rapidamente, tinha câibras nas mãos e uma dor de cabeça instalara por cima dos olhos. Sentia febre. Voltou a vomitar, tão silenciosamente quanto possível. Havia um cheiro de gás no ar e a visão estava levemente turva. Estava perdido.

- Está perdido Lucas, concordou a arma, com uma voz metálica.

Estava a ver coisas? Tinham-no drogado? De repente as fotografias entraram em combustão espontânea. Ardiam como folhas de jornal. Lucas abafou rapidamente o fogo com a colcha. A pistola riu, rouca, do atrapalhamento do rapaz. Lucas esfregou os olhos doloridos. Aquilo não estava acontecendo. A pistola não disse nada, mas elevou as sobrancelhas e rodou os olhos para cima e para a esquerda, como quem diz *“puedes no creer en brujas, pero que las hay, las hay”* .

Ficara sem testemunha. Tinha de fugir. Mas para onde? *“Para onde?”* Não havia para onde ir. *“As policias e os países estão feitos uns com os outros”*. A Interpol não o largaria mais, não haveria refúgio onde não procurasse, nem memória que se perdesse passassem anos ou passassem décadas. Talvez pudesse esconder-se numa ilha do Pacífico ou numa aldeia da Amazônia. *“Não, não”*. Reconheceriam de imediato o estranho e navegariam na internet para saberem quem era usando o software de reconhecimento facial que a Interpol disponibilizava no seu site. *“Uma alternativa melhor será ir para uma grande cidade”*, pensou. Podia passar despercebido numa grande metrópole da América Latina, na Cidade do México, em Buenos Aires ou em São Paulo. De repente foi

atingido por um raio: “*A Mãe, o Pai, o Luís*”. Se escapasse de Lisboa com sucesso nunca mais os veria. Caiu de joelhos. Os seus projetos e as pessoas que amava iam desaparecer. Ia dar à luz, cortar o seu próprio cordão umbilical para tentar ser livre. Curvou-se até a cabeça tocar o chão. “*É isto a Guerra? É esse o preço da vitória, se conseguir a vitória de uma fuga?*” Iria queimar tudo, incinerar o coração e a alma para ser livre, numa lei do eterno retorno em que as labaredas que mataram os seus pais na antiga vida voltavam pela sua mão, para ser ele o incendiário do incêndio de si próprio. Mordeu a mucosa lateral da boca até sangrar. Se pudesse ser como essa outra mãe, Lara, que dormia. Que o penteava num fofo tapete colorido. Mas não era. “*Que alternativa tenho? Não tenho.*”. Aquela madrugada não era ainda a hora de dar a outra face. Levantou-se. Ia abandonar tudo. Ia embora, mas havia a pulseira eletrônica do tornozelo. Sentou-se na cadeira. “*A pulseira eletrônica*”. Tinha de haver uma solução. Percorreu o quarto com o olhar: num canto, em cima do parapeito da janela, uma caixa de cartão fechada. Abriu-a. Um instrumento em anel, um instrumento de corte e instruções. Foi fácil. Sincronizou-a com o aparelho, cortou-a e inseriu-a dentro do anel, enquanto uma luz na base da antena piscava. Olhou para o seu tornozelo livre da pulseira. Tinham posto aquilo na janela para ele sair para a rua, era óbvio. Quem teria sido?

- Foi o Quiroga, disse a pistola. É vingativo.

O pai tinha razão. Era uma armadilha. Mas porquê? Ele era insignificante. Uma mosca na grande ordem das coisas. Pegou num papel e escreveu duas linhas. “*Mãe, sabe que estou inocente. Adoro você. Pai, teve sempre razão, nada é o que parece. Tomem conta do Luís. Eu sobrevivo. Um beijo*”. Caíram gotas de suor da sua testa sobre o papel. Tentou secá-las, mas elas borraram a tinta. Pegou uma segunda folha e escreveu “*Luís tenho de partir para longe. Comporta-se bem e estuda muito. Amo você. Trata bem do Dinossauro. Um destes Natais volto para você*”. Apagou a luz. Fechou a porta do seu quarto à chave, passou as duas cartas por debaixo da porta e bloqueou-a com a cadeira inclinada, a que retirara as rodinhas.

Pensou levar a pistola, mas teve medo que ela desatasse a falar alto e atraísse as atenções da polícia. Tentou aclarar a mente: “*Não, a pistola não está falando*”. Ainda assim era melhor não a levar. “*Ela não tem cuidado e a sua voz é*

ouvida facilmente” cogitou. Vestiu o blusão sobre o pijama e calçou uns sapatos sem meias. Levou um cachecol que nunca usara. Saiu pela janela e encostou bem as portas do lado de fora. Sabia que percorria o caminho para que estava sendo empurrado. Era uma peça num jogo de terceiros. Um hamster avançando por um túnel que só ele não via. Gado. Mas por enquanto tinha de ser gado com pantufas de felino.

“*A paz fica para depois*”. Deslocou-se na escuridão adicional do beiral do telhado, para a direita da janela até à esquina da parte detrás da casa, pois à esquerda, na porta, encontrava-se a polícia que lhe vigiava e o sinal da pulseira. Não viu os olhos cinza que o esperavam, mudos, mas outra visão impôs-se a ele. O pai ia forçar a porta e a mãe ia ver a pistola com silenciador e nunca mais teria paz. Voltou atrás, mas não conseguiu entrar no quarto: o fecho da janela tinha caído quando ele encostou as portas, encerrando-a por dentro. Olhou novamente para a esquerda. No carro da polícia tinha um agente dentro, imóvel. Haveria mais?

Chegou à esquina esquerda. Repetiu para si “*estúpido, é estúpido*”. Um policial fumava de pé, de costas para si junto à porta de sua casa. O outro dormia no carro. Ficou descalço e aproximou-se pelas costas do policial que fumava. Deu-lhe uma pancada seca na nuca e ele só não caiu desamparado porque Lucas o apanhou. Saíam as garras escondidas nas pantufas do felino. Deviam ser umas quatro da madrugada. Calçou-se. Quando o policial acordasse ia bater à sua porta e forçar a entrada no seu quarto, selando-o em seguida, como é protocolo. A mãe não seria atormentada pela visão da arma do crime e a dúvida de que fosse ele, de fato, o assassino. Mas a sua inquietação não se pacificava com noventa e nove por cento de certeza. A sua alma minoritária precisava, no que dependia de si, de pelo menos cem por cento vírgula zero de probabilidade. E se tivesse morto o policial com a pancada? E se a mãe, entretanto, fosse ver se ele descansava, como fazia quando estava doente? E se Luís acordasse?

Olhou para o carro da polícia. O agente dormia profundamente ao volante. Aproximou-se. As chaves estavam na ignição, mas a porta estava trancada. Embrulhou o cachecol na mão direita e fixou o olhar na gola do casaco do homem. Encheu o peito, desferiu um murro como se não houvesse vidro, agarrou o policial pela gola do casaco e arrancou-o do carro através da janela, projetando-o no solo. Os olhos cinza, lá atrás, rangiam os cirílicos dentes. Abriu a

porta e o motor pegou de primeira. As rodas plissavam enquanto ouvia, cada vez mais distantes, gritos e o disparar de uma arma de fogo.

Deu uma gargalhada de prazer ébrio: quem quer que tivesse posto a pistola no quarto e o emulador de sinal no parapeito, não esperava esta fuga. Voltou a rir. Não seguia os trilhos preparados para si, estava seguindo os seus. Temperança.

Conduziu até ao rio. Parou o carro junto ao Tejo e empurrou-o pela rampa, vendo-o mergulhar nas águas. Parecia um filme. O sono voltou. A náusea também. O ombro latejava. Os olhos doíam. Andam de mãos dadas todas as maldições. Dirigiu-se a um bebedouro e lavou o rosto. Nada feito. A náusea melhorara, mas o sono era cada vez mais forte.

- Trouxe o pijama, mas não vai dormir na relva não, idiota? perguntou-lhe, com uma voz afetada, o bebedouro.

“*Agora tudo fala*”, pensou Zuriaga. Olhou em redor. Ia adormecer. A questão era onde. Ao fundo, um navio negro e sujo tinha uma bandeira do Canadá quase apagada. Saltou com custo a vedação do porto e aproximou-se trôpego do barco, mas era impossível lá entrar. O sono estonteava-o. Não era normal. Era veneno. Tentou subir para um container aberto, de granel, preso a um guindaste, mas era difícil, parecia um velho entumecido ou um bebé hipotónico. Finalmente conseguiu – estava cheio de carvão. Enrolou o cachecol em volta da boca e cobriu-se com o carvão. Adormeceu.

Quando acordou, o “container” já estava no ar. Desembarçou-se do carvão e espreitou, agachado, pela borda, percebendo que voava a caminho do depósito do barco. Sentia-se melhor. O pavimento do carvão abriu e ele caiu de mais de cinco metros para a barranco de uma montanha de lignite, acompanhado de uma tonelada de fuligem. Rolou até à base daquela enorme pirâmide, sem um arranhão. Estava negro como um corvo, mas são. O velho tinha saído do seu corpo. O guindaste voltou várias vezes com carvão que despejou nos flancos da montanha. Os motores do navio acordaram e Lucas percebeu que o barco ia partir – não sabia para onde e ele era um clandestino. Se as portas do porão se fechassem, o ar seria respirável? Não sabia.

Não sabia nada. Nem para onde ia, nem a duração da viagem, nem como comeria ou beberia. Olhou em seu redor e viu uma portinhola a um terço do topo de uma das faces do porão. Uma escada embutida na parede lateral do depósito

dava acesso à porta. A cobertura do porão começou a encerrar ficando noite. Nunca, desde pequeno, tivera medo da escuridão. Talvez por ver igualmente bem em noite de lua nova, como na luz de um dia de verão. Na infância, os outros pequenos o excluíaam do jogo da cabra cega no quarto escuro – afinal de contas ele não era cego no escuro. Avançou aos tropeções para a escada, mas deixou de vê-la quando a tampa do porão ficou selada. Até os olhos de coruja precisam de um grão de luz para ver na noite. Tateou as paredes até ao primeiro degrau. Subiu-o às cegas procurando de vez em quando a portinhola. O ombro esquerdo não ajudava. Por sorte encontrou o puxador e abriu-a de primeira. A pequena porta chiou ruidosamente e ele ficou imóvel. Do outro lado saía uma luz tênue sem sombra de viva alma. “*Devem estar todos preparando a partida do navio*”, pensou.

Voltou a abrir a porta e ela voltou a chiar. Esperou um ou dois minutos de trezentos segundos cada. Nada. Voltou a abri-la até ter espaço para se esgueirar. Entrou num corredor estreito, mal-iluminado, de pintura maltratada e rebites enferrujados. Uma escada permitia-lhe subir ou descer. Desceu, pousando os pés como algodão. Tinham passado dois pisos quando ouviu gargalhadas e vozes humanas. As gargalhadas desciam as escadas ao seu encontro e as vozes subiam. Ele era o fiambre da sandes. No primeiro patamar escapou pelo corredor, procurando abrigo. Ao fundo viu um WC de senhoras. Entrou. Estava desocupado. Por dentro era razoavelmente espaçoso e tinha um janelo para o exterior, por onde viu que o barco se afastava do porto de Lisboa. Com a tensão quase não ouvira o roncar crescente dos motores que agora lhe pareciam ensurdecedores. Abriu a janela e lançou todos os documentos e cartões de crédito para o rio, bem como o celular. Ficou apenas com dinheiro em notas e um relógio de bolso do pai do seu pai. Nas suas mãos sentiu, estranho, a pele quente da ex-namorada e na sua vista persistia o olhar expectante com que Luís observava tudo o que ele fazia. Fora uma vez com os pais a Badajoz, mas isto era diferente. Tinha passado o ponto de não retorno. Adeus Lisboa. Para trás, nas colinas da cidade deixava um passado sem futuro e para a frente, rumo às planícies lacustres do Canadá, ia em busca de um futuro sem passado. Teria apenas de se dissolver na multidão e passar despercebido. Se nunca tivesse problemas com a lei, nunca seria deportado.

Tinha fome e sede. Trancou o banheiro por dentro. Bebeu água. Tomou

banho e lavou as roupas negras do carvão. O antigo banheiro estava aquecido e isso era uma sorte dos diabos mesmo para um apreciador do frio, como ele. Estabeleceu uma rotina. Às duas e meia da madrugada saía do banheiro, camuflado de fuligem, selava-o por fora e explorava o navio no mais descalço dos silêncios. Era a sombra negra de um gato preto, na escuridão sem luz de um carvoeiro. Invisível ao olho humano. Marcava sempre recantos de retirada, para poder esconder-se no meio do caminho em caso de perigo.

Deixaria crescer o cabelo e passaria a usar um rabo-de-cavalo curto. Era mais fácil pentear assim, mesmo que fosse menos guerreiro-clean.

Pelo cheiro deu com a cozinha no primeiro dia e saiu de lá abastecido de pão, bolachas, chocolate, laranjas, salsichas, facas de vários tipos, garfos, pratos, copos, fósforos e velas, toalhas, papel e fio de pesca. Porque teriam eles fio de pesca na cozinha? Num ou noutro local chave, passou a cruzar armadilhas noturnas de fio transparente que retirava no regresso. Percebeu que não havia nenhuma mulher a bordo, o que explicava o comportamento dos marinheiros que viam filmes de sexo a altos berros. Demorou alguns dias para arranjar uma roupa que lhe servisse na lavanderia, mas acabou por conseguir o enxoval mínimo.

Em breve, o seu relógio biológico adicionou ao despertador das sete, o despertador das duas. Dormia a sesta à tarde para compensar as más noites. Ao fim de uma semana os seus aposentos, no banheiro das senhoras, começavam a ficar confortáveis e até a dor no ombro esquerdo desaparecera. Tinha-se esmerado em colher o que lhe parecia ser supérfluo aos marujos e a viver em contraciclo com a tripulação. Agradecia o respeito que eles tinham pelos sanitários femininos, mesmo na ausência de mulheres. Sentia-se capaz de uma viagem de circum-navegação.

Decidiu arranjar uma pequena biblioteca de viagem, já que a do barco tinha pouco uso. Apanhou um livro sobre a guerra naval russo-japonesa. Impressionou-o o cruzamento dos cursos das duas civilizações: a imperial russa que decaía e a imperial japonesa que ascendia. Marcou-o um episódio, que provavelmente não seria real, mas sim fictício, de uma briga entre Portugal e a Rússia, durante a passagem de navios da frota dos Czares no pequeno porto de Luanda. Dado o poderio do exército flutuante, alguns navios decidiram entrar no porto estrangeiro sem pedir autorização. Ao perceber o movimento dessas

embarcações, os portugueses ordenaram que parassem, mas foram ignorados com indiferença, tão óbvia que era a sua impotência. Deu-se então um improvável confronto entre contenedores assimétricos na força, mas não na dignidade: a do Comandante de uma pequena cachoeira portuguesa que vendo as suas ordens ludibriadas pela gigantesca armada russa, abriu fogo sobre o império, e a do Almirante eslavo que vendo a temeridade do anão suicida, respeitou a sua coragem. A invencível frota imperial parou ao largo e pediu autorização formal para acostar no primitivo porto de Luanda. O destemor do comandante português era uma coragem de outros tempos, mas a generosidade do oficial russo era eterna. A do primeiro era a do homem íntegro que, numa situação impossível, decide pela fuga para a frente porque não suportará viver o resto dos seus dias com a humilhação da rendição. Era um herói aprisionado pelas circunstâncias que decidiu morrer a avançar, porque não conseguia viver se recuasse. Lucas sabia o que era isso. Já a do segundo, a do Almirante Russo, a do gigante que decide parar perante a formiga que não cede passagem, é a grandeza de um homem igualmente íntegro, mas que não está aprisionado. É um homem livre que decide recuar podendo avançar. Sendo português e lamentando já não reconhecer na sua pátria muitas figuras da dimensão do militar naval de Luanda, admirava mais a estranha bravura do Almirante Moscovita.

Outro livro que não fazia falta aos marujos, era uma tradução inglesa de uma obra francesa sobre a pirataria anglo-gaulesa e os seus efeitos na armada espanhola. Coloridos piratas e corsários confrontavam os homens que faziam valer a vontade dos descendentes dos reis católicos. Descobriu também uma interessante monografia sobre tesouros perdidos, muitos subaquáticos, mas também alguns terrestres, abandonada na beira de uma estante da biblioteca. Parecia-lhe uma verdadeira preciosidade arcaica, manuscrita por um tal Cliff Burton Richard. A caligrafia era fabulosa e tinha desenhos e mapas que eram quase iluminuras medievais. Engraçado como o inglês antigo era quase igual ao de hoje, ao contrário do que acontece com o português de outros séculos. Quanto tempo teria levado o autor a escrever um manuscrito daqueles? Oitocentas e sete páginas. Quando saísse do barco, esses três livros iriam consigo como amuletos da sorte, para fundar a sua nova vida.

Conhecia bem o navio. Tinha três grandes porões para transportar carvão;

o seu aspecto desgastado contrastava com a tecnologia que reluzia, nova, nos múltiplos instrumentos que se anteviam na torre de comando e nos pontos mais altos da embarcação. Percebeu que ao sábado o almoço era especial. O barco ficava semiabandonado pois o comandante insistia na presença de todos. Para um carvoeiro não estava mal.

Na semana anterior, o odor dos petiscos tinha sido, por si só, um verdadeiro banquete. Antecipava com expectativa o festim desse dia. Os marinheiros beberiam mais do que a sua dose e a sesta dos homens seria propícia à sua pescaria. Esperou, mas o cheiro do fausto tardava a chegar. Curioso, saiu do seu camarote e foi espreitar a festa. Estavam todos alinhados com roupa de missa dominical. As mesas estavam postas com pratos de louça, copos brilhantes, talheres imaculados e guardanapos de pano. O que viria a seguir? Finalmente, dois funcionários da cozinha apareceram com enormes tabuleiros cheios de fatias de pão seco e, atrás deles, um carrinho com jarros de água da torneira.

Levantou-se um burburinho entre a tripulação. O comandante ergueu-se, mantendo-se sem uma palavra. Olhou para o ajudante que parecia saber o que se passava e que avançou um passo anunciando com voz trovejante:

- Meus senhores, sua Excelência, o Comandante Cliff Richard.

O Comandante era um homem que mesmo à distância impunha respeito e naquele dia estava particularmente impressionante, quer nas vestes quer na pose. Avaliou ostensivamente, a tripulação. Depois anunciou:

- Meus senhores, os motores desta embarcação estão parados e assim continuarão. A ração passa a ser constituída por pão seco e água morna e assim será até que o filho da puta do corno do pirata que roubou o meu manuscrito o devolva à minha escrivantina.

Capítulo 6

Armadilha no Carvoeiro

- Não quero saber quem foi e não quero saber quem não foi, esclareceu a excelência. Ficamos todos parados no meio do mar, a pão e água, até o meu trabalho dos últimos três anos aparecer sem uma folha vincada que seja.

Cliff Richard. Azar dos Távoras. Era ele o autor do manuscrito. O Inglês arcaico era do século vinte e um. O comandante tinha ido buscar um chá e ao voltar a sua obra tinha evaporado.

Após a sua saída, as coisas aqueceram. Todos proclamavam lealdade infinita ao chefe e todos propunham tratar o ladrão como um revoltado. Alguns marinheiros trocaram acusações e entraram em vias de fato. Deram-se um prazo de uma hora, para que o anticristo fizesse a sagrada escritura corporizar-se na escritaninha do comandante. Do contrário, o navio seria voltado do avesso. Não ficaria pedra por virar nem gaveta por abrir e ai do coitado que fosse apanhado com a obra nos seus pertences. Competiam com ideias de como o castigariam. Alguém ainda disse que devia haver um rato no navio, pois faltavam-lhe duas calças jeans e roupa interior. Um clandestino a ser afogado rapidamente. Mas a ideia não contagiou os outros - os clandestinos roubam presuntos, charutos e garrafas de uísque, não roubam calças jeans, cuecas e livros.

Cliff Richard, entretanto, voltara para a torre de comando. Sabia que desde o início da viagem o carvoeiro era seguido de perto por um navio russo e recebera a confirmação de que se tratava de um barco de grandes dimensões, propriedade de um braço da máfia moscovita que era tolerado pelo poder político do país. Foi, finalmente, informado de que tinham interesse no negócio a que Cliff se dedicava, o que lhe abria a possibilidade de vender metade da carga aos russos e entregar apenas a outra metade no Canadá, uma vez que os receptores na América do Norte não sabiam ao certo que quantidade ele transportava por baixo do carvão.

Lucas decidiu devolver o livro, não no camarote do comandante, mas na cozinha, pois conhecia um acesso seguro em que o risco de ser apanhado era mínimo. Atou o livro com o fio de pesca transparente e esgueirou-se até ao olho mágico do teto da copa e, depois de garantir que não estava ninguém, fez descer o manuscrito até que este pousou no chão. Mas, antes, não resistiu a redigir um conselho ao comandante, escrevendo na capa, com uma caligrafia que imitava a do autor “*1ª versão (ainda com muitos erros de gramática)*”. Infelizmente o fio acabou sem que o livro tocasse o pavimento e, com medo que a sua queda despertasse a atenção de alguém, deixou-o balançando a cerca de um metro e vinte do piso. Tinha que arranjar mais fio para as armadilhas.

“*Não haveria um clandestino em mil que fizesse esta desfeita à Excelência, pois só pioraria o liquido em que o afogariam, se o apanhassem*”, pensou. Ainda parecia cinema, mas operava uma mudança: ele tinha aderido ao filme.

Quem deu de cara com o livro foi o próprio comandante que decidiu ir à cozinha por um motivo qualquer. Talvez quisesse comer uma coisa melhor que pão velho e água morna. Quando viu o seu manuscrito dependurado, levou a mal. Quando leu o conselho, ficou irado. Havia no seu barco um homem que não o respeitava. A decisão que tomou foi, contudo, inesperada.

* * *

Convocou todos os marinheiros ao convés e disse-lhes vagarosamente, enquanto passeava com o livro nas mãos atrás das costas:

- Há entre vós uma menina que se esconde atrás de gracinhas de artista de circo. Uma lésbica cor-de-rosa que quer dar guinchinhos de alegria, quando contar às namoradas as suas aventuras nesta embarcação. Pois bem – continuou, aparentando desdém - as putas não incomodam marinheiros com tantos anos de mar como eu... desde que se mantenham no lugar delas. Os banheiros passam a estar fechados a cadeado e vocês, passam a usar os banheiros das meninas até chegarmos a terra. Faltam três dias. Ficam com dois banheiros – o da sala de jantar e o do corredor do porão. Desenrasquem-se. Quem aparecer com cheiro a cavalo ou a barba por fazer, perde o prêmio da viagem.

Lucas tinha acabado de ver sublimar-se a sua toca e tinha motivos para

temer que o descobririam em breve. Teve de esvaziar os seus aposentos e só havia uma forma: foi tudo pela janela, direito ao mar. Só que nada atingiu a água, porque quando chegou ao seu refúgio para o esvaziar, ouviu a gritaria da multidão que se antecipara: “*Há um ladrão, há um ladrão*”. Uma voz distinguiu-se das demais: “*As minhas calças jeans. Eu sabia*”.

Recuou. Tentou entrar num banheiro de homens, mas já estava selado a mando do comandante. Teve medo. Viu o comandante dirigir-se, rodeado de marujos, ao corredor do porão e percebeu que só havia um destino seguro para si: a cabine do comandante. Mas antes soltou um bote salva vidas que desceu automaticamente para o mar, no bordo oposto ao dos aposentos do comandante, coberto por um oleado verde oliva. Tentou entrar no camarote de Cliff Burton Richard, mas a porta estava fechada. Pegou numa corda e desceu por fora até atingir a janela que, por sorte, estava entreaberta. Entrou na cabine.

O comandante tinha o seu manuscrito aberto na página 734 e uma máquina fotográfica em cima da mesa. A sua cama tinha um gavetão por baixo. Abriu-o. Estava cheio de edredons. A maior parte fora bordada fora. Deixou apenas um para acolchoar o fundo da gaveta. Tirou uma pequena espada colocada acima de um porta armas e colocou-a dentro do gavetão – serviria para bloquear a abertura da gaveta entalando-a entre a parte debaixo da cama e a defesa lateral interna do gavetão. Feito isto, deitou-se e fechou-o usando a espada. Testou o bloqueio. Funcionava. Saiu e ligou a máquina fotográfica. O Comandante tinha fotografado quase todo o livro. Faltavam menos de cem páginas. Fotografou-as duas a duas rapidamente. Tirou o cartão da máquina, guardou-o consigo e substituiu-o por outro que encontrou na escrivaninha. Fotografou as páginas 732 e 733. Nessa altura, ouviu uma algazarra: o bote salva vidas tinha sido descoberto. Soaram vários tiros, alguns dos quais em rajada. Os estranhos marinheiros estavam armados até aos dentes. A certa altura, festejo. O bote afundava.

Lucas abriu a gaveta e deitou-se nela, levando consigo uma garrafa de uísque, das várias que o comandante tinha espalhadas, e que esvaziou para substituir por água. Acabou por adormecer, para só acordar quando Cliff entrou nos seus aposentos. O comandante ria-se sozinho. Pegou na máquina fotográfica e continuou a fotografar o livro. Bateram à porta e entrou alguém.

- Ei Cliff.

- Viva, respondeu o comandante.
- Que está fazendo?
- Uma cópia do nosso seguro de vida.
- Hum, respondeu a voz.
- O malandro deve ter feito o mesmo. Teve tempo para isso e para mandar tudo por email, preocupou-se o comandante.
- Quem seria? perguntou a voz.
- Não sei John. Não faço ideia, mas que foi um trabalho encomendado, foi.
- Mas por quem? tentou imaginar John.
- Iremos descobrir. Temos que nos despachar com esta coisa, senão, seja quem for, passa-nos a perna, sintetizou o comandante.
- Se tivermos razão nos cálculos.
- Exato, devolveu Cliff.
- O problema é que não temos ainda o dinheiro para avançar.
- Vou fazer uns contatos, respondeu Cliff. Os russos têm uma embarcação a caminho da Terra Nova. Não devem estar longe. O dono desta carga nunca a verá.
- Está louco? Se aparecermos de mãos abanadas, vão nos matar, lembrou John.
- Vem aí uma tempestade, John. Se formos rápidos o navio perde-se na tempestade.
- Consegue o rendez-vous antes da tempestade? inquiriu o ajudante.
- Com um pouco de sorte. Prepare a abertura dos alçapões de afundamento e põe outro motor e tudo o que for preciso no nosso bote, ordenou o comandante.
- E a tripulação não falará?
- Não. Estão metidos nisto até ao pescoço.
- E os que estão a leste?
- Os outros que tratem disso. Tem a identificação das lesmas?
- Não, respondeu John.
- Trata disso agora. Não pode falhar, ordenou Cliff.
- Sim. Viva le Québec libre, proclamou sarcástico John.
- Se apressa com os órfãos e com o resto.
- Hasta.

“Esta excelência será burra ou quê?” cogitou o Lucas. “Como é que pode ter a certeza que a parte da tripulação que não está envolvida no esquema será eliminada pelos envolvidos e como pode garantir que a que está, manterá o silêncio de que ele precisa? Que terá o livro? Serão os tesouros perdidos? Mas então porquê esperar tantos anos para ir buscar o ouro. Não teriam meios, é isso? E os alçapões de afundamento? Então os barcos vêm com alçapões de afundamento?” Lucas percebeu que o navio esteve parado algumas horas e que houve entradas e saídas na suíte do comandante.

Depois veio a tempestade. Lucas arriscou e saiu da gaveta. Fechou a porta por dentro. Foi ao banheiro e fez a esparsa barba com as coisas do Cliff B. Richard. O pós-barba era bom.

Abriu a porta e espreitou pelo corredor, mas teve de recuar. Vinha gente. Entrou no lavabo do camarote pois não houve tempo para se esconder no gavetão. Cliff e John entraram juntos.

- Ninguém viu você? perguntou o comandante.

- Não, respondeu o seu ajudante.

- Gritos?

- Não, assegurou John.

- Caíram no mar?

- Os dois.

- Ótimo. O bote está pronto? perguntou Cliff B. Richard.

- Quase, esclareceu John.

- Finaliza. É o número sete, certo?

- É. Falta só o GPS. As armas e o dinheiro vão conosco, confirmou o ajudante.

- Vamos avançar. Eu chamo a tripulação e você vai abrir os alçapões.

Saíram. Lucas apanhou as identificações dos pobres diabos. Um deles tinha semelhanças consigo. Chamava-se Louis Marcé. Louis Marcé, repetiu para si próprio. Calhava bem pois o seu irmão em Lisboa era Luís e ele também o seria na margem ocidental do Atlântico. Guardou também as identificações do comandante e do John. Talvez as oferecesse à polícia canadense. Abriu a grande mochila pousada na cadeira de braços e viu lá armas, munições, trinta e cinco quilos de notas de cem dólares, o livro e a máquina fotográfica. A máquina era

pesada e marchou pela escotilha, mas a objetiva ficou direitinha em cima da mesa, servindo como peso de papel.

Saiu com a mochila. Não tinha ninguém no corredor. Subiu as escadas e lá fora, na chuva, o comandante explicava a situação à tripulação. Dirigiu-se ao bordo oposto do navio e o primeiro bote tinha inscrito um número que tanto podia ser o sete como o um. Espreitou e não viu nada lá dentro. Uma portinhola estava entreaberta na proa e a sua visão de coruja descortinou uma tênue luminosidade intermitente. Entrou no bote, olhou pela portinhola e viu uma bomba relógio. Estava programada para explodir dentro de sessenta e sete minutos. Afinal, o comandante não contava com o silêncio dos marujos. Ia silenciá-los pela bomba e o alçapão. Retirou-a e colocou-a dentro da mochila. Seguiu a fila dos salvavidas até o sete e espreitou lá para dentro: estava cheio de equipamento. Voltou atrás e, no convés, os marujos pareciam agitados. Dirigiu-se de volta ao bote número sete, mas ao passar perto da cozinha teve uma ideia irresistível: no resguardo da noite pendurou a bomba relógio a um metro do chão da copa, como tinha feito com o manuscrito.

Correu para o bote sete e libertou o mecanismo de descida automática, saltando para dentro da embarcação em seguida. Quando veio de encontro ao mar temeu que o salva-vidas se partisse, tal foi o choque, mas não. Confirmou que o bote estava solto do navio e ligou o motor acelerando para longe do gigante condenado. Quando estava a cerca de três milhas pegou num very light e disparou-o na direção do barco. Em seguida, outro. A resposta do carvoeiro não demorou: uma fileira de armas de fogo vomitava chumbo borda fora. Já se sabia das novidades no convés do candidato a submarino. Porque disparara os very-lights? Porquê? Sabia lá porquê, mas a ira dos marinheiros justificava o seu gesto inicial. Pelo menos esteticamente.

De fato, o comandante e o seu cúmplice tinham acabado de chegar à cabine quando viram a objetiva solitária na mesa, em cima de um papel que dizia "*thanks for the money motherfuckers*", assinado Louis Marcé. Nessa altura ouviram os gritos. Fora um gordo chinês quem dera com a bomba balançando no ar. Fugiu de imediato proclamando que havia dinamite na cozinha.

- O bote, ordenou Burton e correu com o seu ajudante para o salva-vidas. O lugar estava lá, incólume, intocado, mas o bote propriamente dito andava desaparecido há quase três milhas. Pouco depois apareceram junto ao

comandante vários marinheiros que avisavam “*bomba, bomba*”. Cliff Burton Richard correu à copa e viu um dos exemplares das suas bombas relógio na ponta de um fio.

- Foi o ladrão, rosnou. Vejam se os botes estão funcionando. Estavam todos presos numa armadilha como bem sabia. Nessa altura um marinheiro anunciou: está entrando água, vamos afundar. Em seguida, o céu foi iluminado com os foguetes very-light do Louis.

- Nunca vi nada parecido com isto em trinta anos de mar, confessou, tão lacônico como estupefato, o comandante. Não se percebe nada.

- É uma trama, asseverou o John. Uma trama de um grupo muito poderoso, Cliff.

* * *

Louis Marcé não sabia nada de navegação. Estava em um mato sem cachorro. Mas à medida que a tempestade se encorpava, percebeu que tinha de apontar a proa em direção às ondas. As ondas atingiram rapidamente mais de quinze metros de altura negra, como se o oceano quisesse sacudir da sua fina pele o parasita mal vindo. Quando avançavam pareciam um muro de concreto, a prensa definitiva. Eram a morte sem o conforto da mão de uma alma amiga. Era inexplicável como o bote as subia.

Poderia-se dizer que, comparada com a tempestade de magma que a primeira passagem de Theia ergueu das entranhas da Terra, fazendo com que esta se partisse, cuspidando parte da sua superfície para espaço e dando nascimento à Lua, aquilo não era mais que um gargarejo do mar. Mesmo confrontada com a oscilação da massa aquática do maremoto que varreu a baixa Lisboa em 1755, aquela seria uma tempestade num copo de água. Mas sabe-se bem que a única diferença entre um grão de areia e a mais alta cordilheira, está só na dose de montanha e, à sua escala, aquele grão tinha montanha em dose que chegava para o sepultar.

À dimensão de um simples homem, aquele abalo era, sim, o prometido regresso de Theia, ameaçando afogá-lo sem tempo para últimas palavras e sem que lá por isso o céu ganhasse uma nova Lua. Quando se deu conta que o salvadas flutuava mesmo, o terror passou a vir misturado com vestígios de prazer. Enfrentava os elementos. O oceano colocava-o à prova sem que ele tivesse de

fazer sangrá-lo. Vinha com a roupagem do mostrengo que está no fim do mar, um mostrengo silencioso, um lobo desgarrado que se pode vencer sem que pereça a matilha, para que no futuro possa testar outros homens, até que acabem ou os homens ou o mar. Passada a primeira meia hora, convenceu-se que nascera para aquilo. Navegar numa luta eterna contra o grande lago. Cada onda era um adversário e a chuva e o frio eram música para o seu rosto e para as suas mãos, novamente de dedos azuis, mas do azul do frio da liberdade. Sempre gostara do frio e não era pessoa tão doce que fosse solúvel em água.

A sua vida tinha sido passada entre paredes próximas e só agora percebia a amplidão da natureza. Liberdade não era passear desta para aquela cela da grande prisão que era Lisboa. Visitar um ou outro preso que se julgava livre e escolher a ementa para o almoço, a prenda para a namorada ou o filme para a noite. Liberdade era aquele espaço sem horizonte. Uma noite na escuridão do céu e outra noite na escuridão do mar.

Precisava ligar o GPS e a bússola pois não sabia onde estava nem para onde ia. Não que lhe fizesse grande diferença naquele momento, pois nem pensar em voltar as costas às ondas. Tirou o instrumento que estava debaixo do oleado que ainda cobria parte do barco. Era simples e intuitivo. Localizou-o no mar e mostrou-lhe os continentes: ia direto ao Estado da Virgínia nos USA.

Inesperadamente, entre a chuva atlântica no deserto líquido, viu outro bote ser oferecido ao céu pelo cabo de uma onda, à sua frente. O seu coração disparou: Um bote do navio carvoeiro.

Capítulo 7

Morte na Tempestade

Não o deviam ter visto pois estavam focados nas ondas. Era sua, a mão de cima. Quantos botes estariam nas proximidades? Pensou que deviam viver em si, ocultos, antepassados corsários, ou então era do livro que lera, pois sentia-se atraído para a embarcação que o antecedia. “*Dez minutos e sou eu ou vós*”. Abriu a mochila e tirou uma pistola. Estava carregada. Voltou a olhar para trás para confirmar que não era ele próprio perseguido por outro salva-vidas. Não era. Quando reapareceu o salva-vidas inimigo, depois de mais uma onda, o bote foi-lhe apresentado oblíquo e aparentemente sem motor. Estava em dificuldades. Lucas acelerou, não sabendo se tinha sido visto. Uma onda interpôs-se entre os dois. De repente, um very-light iluminou a noite. Vinha tangencial, do bote, mas passou mais de vinte metros acima de si. “*Está chamando a matilha*”, pensou. Outro very-light, na sua direção, trovejante, paralelo à água.

Pegou em dois foguetes luminosos e disparou-os na direção do oponente. A resposta estava dada. A presa ficou na sua mira quando ele venceu a onda seguinte. Estava totalmente de lado, cheio de água, e os tripulantes, uma avó, uma mulher, e duas crianças louras encharcadas, estavam abraçadas umas às outras, esperando ou a ele ou à morte. Não eram nem o Cliff Burton Richard, nem o John, nem a sua laia. Eram pessoas comuns, oferecidas pelo destino ao afogamento. Sentiu medo. Mais do que quando vira a prensa líquida esmagar o bote, mais medo do que quando o comandante Cliff mandou abrir os banheiros das mulheres, expondo o seu refúgio, mais do que quando a mãe lhe apareceu lívida no umbral da sua porta com a polícia atrás.

O barco reapareceu e as mulheres acenavam e gritavam. Uma lançou uma corda que ele apanhou com garra firme, mas a força do mar arrancou-a das mãos como se ele fosse uma criança tenra. Elas berraram qualquer coisa, apontando para o seu bote e ele percebeu que a corda tinha de ser amarrada. Os

dois salva-vidas se esbarraram e ficaram de lado para o mar que, previsível, despejou neles toneladas de sal. Esticou-se e apanhou uma criança. Não devia ter mais de nove ou dez anos. Em seguida a outra, muito loura e com talvez treze anos. Depois a idosa, magra, rija, sem sombra de desistência. Foi tudo muito rápido, mas a próxima vaga preparava-se para inscrever o ponto final parágrafo. Ainda tentou apanhar a mulher mas, num gesto histeriforme, ela recusou a sua mão e recuou para o salva-vidas que se aprofundava. Suicidava-se.

Lucas teve de desamarrear a corda pois morreriam todos, mas o nó que ele tinha feito não era um nó de marinheiro e não se desfazia com facilidade. Há um pacto do demo entre a incompetência e a morte, no mar. A mulher que sobrava do outro lado desfez o laço dela com um só gesto. Que sorte. O bote libertou-se a tempo de tomar o peito do mostrengo de frente e, uma vez mais, vencê-lo. Quando a onda passou, o pequeno salva-vidas das mulheres estava a mais de oitenta metros e tinha-se virado. Oitenta metros em dez segundos. Não havia lei da física que explicasse aquela distância. Arriscou. Voltou as costas à ondulação e dirigiu-se para trás, acelerando o que o motor tinha para dar. De lado nunca. De lado era morte certa, deleite para a tormenta. Depois voltou-se contra o mar de novo, obliquamente, dirigindo-se ao bote virado. A mulher desesperada e um homem exausto agarravam-se à borda. Lançou-lhes uma boia e um de cada vez entraram no seu barco.

O homem tinha um aspecto mortificado, um câncer letal disseminado e era um apaixonado pelo mar. A sua esposa, filhas e mãe tinham-lhe oferecido a última viagem oceânica. O marinheiro ferido morreria em paz no Atlântico. Não contavam com a tempestade que lhes desfizera o veleiro. As duas mulheres adultas, com a ajuda da criança mais velha, depressa puseram o seu salva-vidas em ordem. O bote do carvoeiro era cinco estrelas, tinha a resistência de um rinoceronte e, depois de esvaziado a balde, recuperou a agilidade duma gazela.

Quando a tempestade parecia melhorar, a menina pequena apontou para o horizonte e perguntou o que era aquilo. Voltaram-se e viram ao longe dois helicópteros pesados de socorro, sobre o local onde o carvoeiro estaria supostamente em risco de naufrágio, com poderosos holofotes a iluminarem as águas negras. Mas em vez de recolherem os marujos, os helicópteros dispararam dois mísseis cada um e aniquilaram o carvoeiro. Ficaram em mutismo voluntário

por breves instantes. Os helicópteros voavam agora em círculos sobre o mar, disparando aqui e ali metralha pesada, provavelmente nos salva-vidas dos naufragos. Quando se aproximaram deles, desligaram o motor e esconderam-se debaixo do oleado. Sem propulsão, o bote adornava com as ondas, um pouco mais mansas, e transformou-se outra vez numa piscina à deriva. Os americanos rezaram, dando as mãos, incluindo-o a ele no círculo do medo e da esperança. A certa altura deixaram de ouvir os helicópteros, confirmaram que tinha desaparecido e, rapidamente, despejaram toda a água do barco.

Nas horas seguintes a tempestade foi acalmando, até passar e só a chuva se mantinha apesar de mais esparsa. Quer o homem que estava deitado no fundo do barco quer as mulheres, sabiam bem que Louis não entendia das coisas do mar. Não perguntaram nada com a voz, mas queriam saber tudo com o olhar. Explicou-lhes que era europeu e fugia da polícia de Lisboa. Sabia que todos os criminosos diziam o mesmo, mas ele era inocente. Tinha entrado clandestino no carvoeiro e testemunhado um crime que pusera em risco a sua vida e por isso fugira no bote.

A mulher disse apenas “*a mim não me parece um criminoso*”.

A respiração do marido ficou mais lenta. Ele tinha perdido o ar mortificado. Calmo, olhava a sua família junta e salva. Estava pronto para deixar partir a vida e morreu três horas depois. A sua família abraçou-o longamente, balançando-o com o balançar do barco. As filhas, loiras como anjos, choravam de forma contida, de mãos entrelaçadas e a sua mãe quase sorria entre as lágrimas que a chuva levava para o mar. A expressão da esposa expirava o pacífico sossego da missão cumprida. Embrulharam-no num cobertor e a sua avó cantou uma desconhecida canção infantil de ninar que era tão singelamente bela que Louis não a esqueceria. Depois ofertaram o corpo ao abismo, cuidando que druidas das profundezas, os amigos dos navegantes que a canção convocava, tomariam conta dele e lhe dariam paz. “*Ele encontrou a paz*”, pensou Louis Marcé.

O dia trouxe a calmaria, sem frio, sem brisa e sem chuva. Mar chão. O oceano seria da mesma água e do mesmo sal, mas o mostrengo tinha ido para outras andanças.

Louis entrou nos Estados Unidos protegido pela família que salvara. Ficou

na sua casa, junto à costa. As crianças o adoravam e ele aprendia tanto inglês com elas, como com as horas de estudo que dedicava a essa língua. Secretamente também estudava francês do Québec, o seu berço adotivo. A mãe americana sabia que, sendo um fugitivo da polícia, Louis ficaria apenas temporariamente na sua casa, mas estava determinada que fosse dele a decisão de quando partiria e até que chegasse esse dia, o rapaz seria tratado como parte da família. Era também óbvio que seria melhor para ele que ela não soubesse detalhes sobre os seus planos futuros. Nos primeiros dias Louis evitava o contato com outras pessoas e dedicava-se a pequenos trabalhos de manutenção do jardim e da casa, tratando da relva, das árvores, pintando, desentupindo canalizações, etc. Nas poucas vezes que saía, passeando nas ruas ladeadas de árvores, relva ajardinada e crianças correndo aos bandos, observando as portas das casas fechadas apenas no trinco, sentia uma paz e uma segurança revigoradoras. Era tudo espaçoso e verde e as casas eram feitas ou revestidas a madeira, como os barcos. Não havia prédios. Os americanos pareciam viver em barcos encalhados em terra há muitas décadas.

Naquela cidadezinha a maior parte das pessoas professavam a fé cristã, de uma forma muito diferente do que conhecera na Europa. Integravam a sua crença no dia a dia e acreditar não era para elas uma coisa do foro particular, quase íntimo, eventualmente testemunhada publicamente numa vez por semana numa celebração ritual ou em círculos fechados que não comunicavam com o fluxo da vida da comunidade. Era o oposto, fazendo parte da sua existência global, emprestando-lhes um otimismo suave. Não apenas não tinham o mais leve sinal da inibição de se dizerem cristãos que é tão bem conhecida na margem oriental do Atlântico, como eram espontâneos e extrovertidos nos seus sentimentos. Chegado o segundo domingo a mãe perguntou se ele era católico ao que Louis respondeu que sim. A mãe americana surpreendeu-o dizendo “ainda bem porque a igreja católica não fica longe da luterana e nós podemos deixar você no caminho e buscar no regresso”. “Lembra que é filho de amigos europeus nossos e vem fazer uma viagem pela América”. Louis nunca ia à missa em Portugal, mas ali teve dificuldade em recusar a sugestão. Quando chegou à igreja, duas famílias de leigos que estavam recebendo os crentes na porta, cumprimentaram-no simpaticamente e, como não o conheciam, perguntaram-lhe como se chamava e o que que o trazia à cidade. Na saída quiseram saber se

tinha gostado da cerimônia e do coro, explicando orgulhosos que dois dos seus filhos cantavam lá. Quando a mãe americana parou para lhe dar carona de volta, ficou conversando com uma mulher católica algum tempo, sorrindo e contando como ela e o falecido marido tinham sido ajudados pelos pais de Louis numa viagem à Europa. Mais tarde alguém da igreja luterana ligou oferecendo emprego a Louis Marcê, mas ele declinou pois o seu plano era seguir rumo a Montreal.

Louis estranhou que ali a religiosidade fosse expressa com candura à luz do dia, sem especial reserva. Era um tipo de tolerância diferente da que conhecia no velho continente, mais inocente e mais solta. Talvez a liberdade religiosa implicasse aquela normalidade, pensou, e não apenas não ser perseguido ou discriminado. Em Lisboa a liberdade estava na lei, mas ali a liberdade estava na rua. Uns dias depois foi convidado para ir a uma campanha de recolha de fundos organizada pelas igrejas católica e anglicana, mas decidiu não comparecer. Mas uns vizinhos, vendo que Louis tinha jeito para carpintaria e pintura, lhe propuseram um trabalho simples - a construção de uma depósito e de uma casa numa árvore para os seus filhos. Tornava-se difícil continuar a dizer que não a tudo, pelo que ele aceitou.

Numa semana terminou o depósito e já acabavam os retoques finais na casa da árvore, onde decidiu dar um aspecto ibérico, pintando-a de branco e com um telhado vermelho, para grande entusiasmo dos filhos dos vizinhos, quando teve a sensação de que queria se esquecer que partiria para Montreal mais tarde ou mais cedo. A possibilidade de se manter uma longa temporada junto à costa cresceu no seu espírito, mas depois começou novamente a ter pesadelos e a velha dor no braço esquerdo reincidiu. Estava no bote, sozinho, parado no meio da tempestade e de dentro de água surgiam três sereias que lhe traziam oferendas em pequenos baús; um dizia ouro, outro ródio e o terceiro irídio. Quando ele ia desinterrá-los, abriam-se tampas de afundamento no fundo do barco e ele mergulhava, acordando suado em sobressalto. Passados uns dias surgiu-lhe febre, a dor do braço piorou muito e o ombro inchou.

- Temos que levar você a um médico ou a um Physician Assistant, disse a mãe das crianças.

O senhor recebeu Louis e discutiu com um médico ao telefone. Ele próprio não era médico, mas os americanos confiavam nele. Prescreveu-lhe um anti-

inflamatório e um Raio X. Fez o Raio X que trazia um relatório incompreensível e que dizia: *Densidade óssea aumentada sem sinais seguros de osteoporose. Variante idiopática de massa óssea elevada? Corpo estranho justa periósteo da metáfise umeral proximal, à esquerda, de densidade mista, predominantemente metálica. Edema das partes moles, envolvendo o deltoide, sem imagens compatíveis com abscesso ou osteomielite.*

- Que quer dizer isto? perguntou o Louis.

- Tens osso muito duro e um corpo estranho no ombro, explicou o assistente médico.

- Estranho em que sentido? quis saber Louis.

- Não foi produzido pelo seu organismo, esclareceu o profissional de saúde.

- Como é que isto foi parar aí? perguntou Louis

- Isso você quem me diz, retorquiu o assistente. Teve algum acidente recente numa fábrica de eletrônicos? Isto parece um dispositivo eletrônico.

- Pode ter sido uma coisa que eu tenha comido?

- Não, riu o assistente. Teve algum problema com a polícia?

- Não. Pode tirar?

- Bom isso é com os médicos, mas tenta lembrar de alguma coisa, um acidente, um traumatismo. O relatório é contra infecção associada, mas o médico disse para lhe dar este antibiótico não vá o diabo andar de lá pra cá. Ele pode atendê-lo amanhã. Leve o Raio X e meça a temperatura para ver se está com febre.

Já em casa, Louis, com uma lupa, analisou o estranho corpo que tinha no Raio X e no ombro. Pesquisou imagens na internet. Era sem dúvida um microchip. Teria sido implantado na prisão? Ou naquela noite em que fora drogado no seu quarto em Lisboa? Estaria sendo seguido? Percebeu que se fosse ao médico, ele contactaria as autoridades. Era até possível que o assistente médico já o tivesse feito. Em semanas a sua vida tinha mudado mais que nos últimos dez anos. Ia mudar outra vez.

Chegara a hora de voltar à estrada, desta vez rumo ao Canadá, depois de pôr dois postais no correio, um dirigido aos pais que muito amava e outro ao irmão de que tinha tantas saudades. Foi buscar a mochila, em que não voltara a tocar. Abriu-a. Maços de notas de cem dólares, o manuscrito, as identificações dos dois patifes e das suas vítimas, os órfãos. Um era o tal canadense parecido

consigo. Duas caixas seladas, uma dizendo LM e outra PR. Louis Marcé e Peter Romberg. Abriu a PR com dificuldade. Eram dez pontas de dedos conservadas em formol. “*O que é isto?*” Impressões digitais, percebeu. Dirigiu-se ao banheiro, atirou-as no vaso sanitário e deu descarga. Olhou para a caixa que tinha a inscrição de LM. Dedos, pensou. Impressões digitais portáteis. “*Eu sou o Louis Marcé, sou órfão e tenho uma caixa com os meus dedos em formol. Posso mandá-los embalsamar e usá-los pendurados ao pescoço, em caso de necessidade*”. Os dedos do canadense também foram vaso sanitário abaixo. Tinha de se desfazer das identificações dos outros três, mas os documentos da identidade que tinha assumido desde o início eram imprescindíveis. Tinha sido de Lisboa e o seu nome era Louis Marcé. Passou a ser do Québec mas o seu nome continuava Louis Marcé.

Louis escondeu o livro do comandante no topo de um buraco de uma árvore da vizinhança que bloqueou com um teto falso e enterrou mais de trinta quilos de notas, três milhões de dólares. Fez uma cópia do cartão digital com as fotos do livro no computador das crianças, numa pasta cifrada. Espreitou as meninas louras adormecidas e quis beijá-las na testa, mas não podia acordá-las. Cerrou os dentes e saiu de casa, deixando uma carta agradecendo o acolhimento, sem explicar a partida nem prometer voltar num Natal destes.

Por baixo da roupa revestira os ombros com múltiplas voltas de papel de alumínio para bloquear um eventual sinal de rádio que tivesse implantado. Como não conseguia fazê-lo sozinho tinha convencido a menina mais nova a brincar ao filme da guerra das estrelas e pediu-lhe que o ajudasse a fantasiar-se de robô. A pequena não hesitou um segundo, até serem descobertos pela mãe que, sorrindo, repreendeu os dois – “*já para a cama, gastaram-me o rolo de papel de alumínio seus malandros. Todos deitados*”. Louis sentiu que ela tinha, de certo modo, o adotado. Tinha os seus falecidos pais biológicos, tinha os seus pais verdadeiros e agora tinha pais americanos. Mas não gastara o rolo de papel de alumínio da cozinha todo. Gastara sete dos dez rolos que tinha comprado. Debaixo da roupa frugal que os americanos lhe tinham oferecido estava uma verdadeira armadura metálica. Talvez assim conseguisse isolar o sinal da micro pulseira eletrônica que lhe tinham injetado no ombro.

Visitou o site da Interpol e descobriu que havia um mandato de captura

internacional em seu nome pelo assassinato de dois homens e uma mulher. Escolheu o percurso da sua fuga na internet. Não iria de carro nem a pé pela estrada, pois a polícia o encontraria facilmente. Iria de trem. A linha do caminho de ferro atravessava a floresta, serpenteando zonas desabitadas. Louis Marcé tornara-se num perito em fugas. Dirigiu-se a pé para a estação de trem pelo caminho dos trilhos. Não para a estação mais próxima, mas para a mais distante. A princípio tentara acertar o seu passo pelas travessas, mas uma a uma eram passos demasiado curtos e duas a duas demasiado longos. Acabou por desistir de encontrar uma cadência fácil e aceitou a irregularidade da marcha. Afinal de contas ele não era um trem e aquilo era uma estrada de ferro, não um passeio numa avenida lisboeta. Com o passar do caminho, acabou por descobrir um padrão regular na irregularidade dos seus passos.

2ª Parte

Inesperado Progresso em Violet Street

Capítulo 8

O Improvável Professor Crane

Na época natalícia, na zona rica da cidade de Colúmbia, as casas pareciam saídas de um filme da Disney, pensou Sofia. A iluminação dos jardins e das fachadas tinha melhorado muito nos últimos anos. Parecia haver uma competição para ver quem tinha o jardim mais fantástico. Estrelas cadentes, Pinheiros de Natal, Renas, Presentes, o Pai Natal, os Duendes, tudo a lampear no feitiço do lusco-fusco que prenuncia a noite. Mágico. Por vezes suave como a prata da lua ou o dourado quente de uma pequena fogueira crepitante na floresta, por vezes ofuscante como o ouro claro do sol ou o azul da chama de um bico de gás de Bunsen.

Ao contrário do bairro de Sofia, ali as casas eram mansões verdadeiras, ora espriadas em verdejantes relvados que se estendiam até ao asfalto das ruas, dispensando os passeios, ora escondidas entre o arvoredo. “*Ao anoitecer, são lindas*”.

A casa da sua amiga Mariah era grande, como todas as outras. Da estrada parecia um chalé suíço com dois andares apenas, mas depois descia uns três pisos em elevação até ao cais e ao lago, encaixada no terreno. Era difícil vê-la inteira entre a vegetação, pois estava integrada na colina como, na floresta, algumas cabanas estão fundidas com o próprio matagal. Tinha níveis intermédios, assimétricos, parecendo um pouco desconjuntada. Era estranha nesse sentido, mas, principalmente, era exótica, quase excêntrica, à noite porque os pisos iluminados mudavam lentamente de posição, num baile sem fim. O interior não surpreendia menos. Mariah tinha contado que fora projetada por um engenheiro da NASA, o Prof. Crane, como se estivesse no espaço, flutuando. “Foi desenhada de dentro para fora, partindo da simulação a três dimensões do campo visual do morador”. Os compartimentos ligavam-se de uma forma orgânica, sem ter em grande consideração inicial a forma exterior ou a

otimização do espaço externo. Os quartos e as salas espalhavam-se por vários níveis que não batiam certo com a divisão clássica entre andares. Os dois primeiros pisos que davam para a rua e o último, voltado para o cais ancorado ao lago, eram quase fixos, mas os dois do meio moviam-se livremente. Para diminuir o número de escadas entre andares e divisões, os níveis intermédios movimentavam-se quando alguém entrava. A domótica revelava a entrada, velocidade e direção da pessoa e o sistema hidráulico fazia mover os compartimentos para cima ou para baixo de forma a minimizar os desníveis e, assim, o número de degraus. Como na casa viviam poucas pessoas e a maior parte fazia, como é habitual, trajetos previsíveis a certas horas do dia, o sistema otimizava os movimentos, parecendo, vista de dentro, que a casa se desenvolvia em baixos patamares. O silêncio do mecanismo só não era perfeito porque, como a casa tinha muita madeira, por vezes rangia, mas até isso tinha o seu quê de agradável.

De início o pai da Mariah não percebeu qual era a vantagem do sistema. “*Querem que vá viver dentro de um elevador XL?*” Mas depois de montado, a vantagem tornou-se evidente. A casa era mais confortável porque os lances de escadas eram menores e o movimento mal se notava uma vez que ocorria antes de se chegar à escada do piso que se ajustara. Desenhado o interior por Crane, um arquiteto projetou o invólucro que continha a casa. Este, apesar de também se deslocar em relação ao solo, movia-se muito menos, havendo um diferencial entre os dois que se notava principalmente nas janelas. As janelas externas, apesar de rasgadas, tinham de oscilar discretamente para cima e para baixo. Na escuridão a lenta dança das janelas iluminadas e do próprio invólucro exterior, bem como das zonas de jardim próximas, implantado em elevações móveis, gravavam um bailado silencioso, como se a casa estivesse viva e se preparasse para sair do lote e seguir viagem.

Quando Sofia chegou, o portão estava aberto como sempre e, mal o ultrapassou, ouviu gritar pelo seu nome:

- Sofia Suren, Sofia Suren, estou aqui, acenou Mariah, efusivamente.

Sofia não gostava que a sua melhor amiga a tratasse pelo apelido. A única pessoa, para além de Mariah Dexter, que a chamava assim era a sua avó paterna. Apeteceu-lhe correr para a amiga que era como uma irmã, mas não o

fez.

- Olá. Está tudo?

- Tudo bem – respondeu Mariah.

A sorridente Mariah era loira como o verão e os seus olhos eram claros como a franqueza quando a verdade é uma coisa simples. Era uma daquelas pessoas que acordam logo felizes pela manhã.

- Já viu céu? continuou Mariah. Está incrível hoje. Vi duas estrelas cadentes paralelas, ainda agora.

- Onde?

- Além – indicou Mariah para um ponto ao norte.

- Não vi – queixou-se Sofia olhando para a abóbada celeste. Olha um satélite, apontou.

- Sabe que há montes de lixo em órbita, satélites que já não funcionam, pedaços de foguetes, peças soltas? perguntou Mariah.

- Sei, sim. São um perigo para a nova estação espacial. Não percebo como é que a antiga durou tantos anos. Que carrão é este? perguntou Sofia, aproximando-se da minivan preta de sete lugares de marca desconhecida que brilhava, requintada, na porta da casa. É de vocês?

-Não. É do tio Crane, esclareceu Mariah. É um protótipo. Deram para ele testar no clima quente da Flórida.

O Prof. Crane passava tanto tempo na Carolina do Sul que a sua residência na Flórida era mais oficial que real. Sofia não percebia bem aquela coisa do tio. A princípio pensou que ele era mesmo tio da Mariah, pois tinha traços fisionômicos semelhantes, mas depois percebeu que não. O tio era apenas um amigo íntimo da família. Conhecera o pai da amiga de forma tão fortuita como Sofia dera com Mariah na Universidade. O acaso ocorrera há vários anos, depois de ter ficado viúvo. Mais tarde, quando soube que o seu pai ia construir uma casa nova, ofereceu-se para tratar da domótica e acabou desenhando a casa, sem cobrar. A amizade deles fortaleceu desde então. Eram como amigos de infância. Quando viu a casa nova da Mariah pela primeira vez, Sofia ficou estupefata porque parecia ter mais de um século. O exterior da casa fora pensado para parecer antigo, com a fachada de madeira proveniente de demolições e de barcos abatidos. Envelhecer uma coisa é fácil, citara a amiga. Rejuvenescê-la é mais difícil. O contraste entre a aparência envelhecida e a

tecnologia interior tornava esta última mais inesperada. Como uma garrafa centenária de Porto Vintage, mas cheia do melhor uísque.

O tio tinha resistido, mas depois tornara-se um efervescente defensor da ideia, de tal forma que o arquiteto que projetara o exterior se sentia incomodado. Primeiro ainda suspeitou que o geek da NASA estivesse sendo sarcástico, porque este pôs a hipótese da NASA, na próxima linha de naves espaciais, lhes dar um aspecto retrô.

-Bom, respondeu o arquiteto, talvez isso seja mais provável do que convencer este bairro a deixá-lo construir aqui uma casa com aspecto de nave espacial. Depois, quando percebeu que não era o caso, continuou incomodado pois parecia que a ideia tinha sido do engenheiro, tal era o entusiasmo com que o tio a explicava a toda a gente. Anthony Crane era um caso à parte. “*É um lunático que parece um lunático. Exagera*”, brincara ao princípio Sofia.

- O plástico da minha Mãe diz que ele não é lunático, é lunar, corrigiu-a a amiga.

- É grave então, cogitou Sofia. Só vai lá com um transplante.

- De cérebro? questionou Mariah.

Sofia achava graça no fato daquela família colecionar como amigas metade das pessoas com quem lidava por algum tempo, fosse por que motivo fosse. Não foi apenas o arquiteto da casa que ficou visita deles – no caso do engenheiro ficou até família ou não seria tio – mas toda uma série de figuras iam se acumulando como visitas assíduas, desde o cirurgião plástico da mãe ao pastor da Igreja, do pediatra de tempos idos, ao tipo que lhes vendia os Mercedes.

“*Vá lá que as pessoas morrem, senão daqui a trezentos ou quatrocentos anos eram um exército*”. Sofia já conhecia alguns pelos carros estacionados. “*Todos os dias parece que há uma festa na sua casa, pelo número de carros parados na porta*”. Outra coisa que a surpreendia é que todos eles tinham algo de incomum. Quando Sofia soube que o vendedor de Mercedes andava sempre de BMW, Cadillac ou Lexus - mas nunca de Mercedes, Mariah explicou-lhe, citando Crane, que “*era bom conhecer o inimigo e melhor ainda vender Mercedes desejando ter um*”.

- É uma espécie de sofrimento autoinfligido, disse uma vez Sofia ao tio Crane. Uma variante leve de masoquismo, no caso de ele querer mesmo ter um dos carros que vende.

- Não é bem assim, opinou Crane. Repara, é como o esporte: imagina alguém há 400 anos praticando esportes, se cansando de propósito, sem ter necessidade?

- É para ficar em forma, argumentou ela.

- Pois com ele é a mesma coisa – é um “sofrimento” como você diz, não pelo sofrimento em si, mas com um objetivo – o de desejar ter um carro daqueles para poder vender mais eficazmente esse desejo.

O Pastor, por exemplo, passava o tempo questionando em voz alta a existência de Deus. “*Põe-nos a nós a procurar as razões da nossa fé*” dissera-lhe a amiga. Sofia também repetia de quando em quando ideias da avó paterna, mas as pessoas não sabiam. Era um segredo seu, uma coisa íntima. Sofia valorizava o ser humano no sentido humanista abstrato de tomada de partido direto pela humanidade. Reconhecia com alguma perplexidade, e até talvez benigna inveja, que os Dexter gostavam das pessoas concretas. A família da amiga era humanista no sentido idealista da opção primeira pelo homem, mas, bem além disso, afeiçoava-se facilmente pelas pessoas físicas reais, os vizinhos, os colegas, as pessoas vulgares que atravessavam a rua ou apareciam na televisão.

Sofia Suren herdara da avó não apenas o apelido, que o avô tinha corajosamente adotado para impedir a morte de tão distinto nome. Herdara os cabelos lisos, espessos mas soltos, opacos e brilhantes, negros como o inverno. Na sua pele branca o contraste desses fios brilhantes fazia com que parecesse um quadro vivo, uma pintura em três dimensões. Herdara também outra coisa: um mistério que só acontecia a um Suren de duas em duas gerações e que tinha a ver com a rápida cicatrização de feridas, mesmo as graves. A avó era assim e ela também. O seu cirurgião pediátrico não sabia e ficou estupefato quando, um mês depois de uma apendicectomia, não conseguiu descobrir a cicatriz da operação. Duvidou que tivesse sido ela a ser operada e perguntou se não tinha uma irmã gêmea. Tiveram de deixar de ir à consulta porque o médico, cada vez mais curioso, não ligou quando a avó lhe disse que aquilo era normal entre os iranianos de Tabriz, a cidade natal dos antepassados paternos e queria enviá-la para outro hospital para fazer exames de que parecia mais necessitado o médico que a menina.

A avó, a última persa da família, pois o pai já era americano, incutira-lhe desde pequena a necessidade de guardar aquele segredo: ela era descendente de

príncipes, não uma artista de circo para ser passeada de feira em feira ou alimentar a curiosidade dos deuses de branco. Já a sua mãe era descendente de italianos de Veneza e Siena, godos como só os Godos.

Mariah parecia ser sem segredos, transparente e surpreendente como um diamante e era com aparente inocência que repetia as frases dos amigos da família e os nomeava, como se fossem autores. Transbordava uma alegria espontânea, muitas vezes suscitada por coisas pequenas, aparentemente comuns. Mas o que mais impressionava Sofia era que essa alegria ultrapassava o simples contentamento individual, era contagiante, uma transfusão de felicidade para os outros. Aliás não era só a amiga que provocava esse efeito - a atenção com que o pai de Mariah homenageava as pessoas era tão especial que encorpava a autoestima de quem falava com ele.

Anthony Crane ainda podia ser visto como um autor pois era uma figura brilhante, uma estrela esdrúxula, de tal forma que não se percebia bem a proximidade com aquela família que, apesar do conforto financeiro, não pertencia ao jet-set onde o Professor se movia. O Prof. Crane, de 58 anos, formara-se em arquitetura hospitalar, ocupando-se na juventude a desenhar blocos operatórios. Posteriormente ofereceu-se para cumprir serviço militar e quando regressou decidiu dedicar-se à engenharia de sistemas de suporte de vida. Foi através dessa competência que chegou à Agência Espacial Americana.

Fora um dos críticos da incapacidade quer da NASA, quer dos russos, conseguirem integrar as necessidades da engenharia pura e dura, com a natureza do ser humano, na antiga ISS, a primeira International Space Station. Isso transformou-a num emaranhado de fios, monitores, teclados e afins, nos espaços entre os quais viviam seis pessoas, quase sem uma janela para o exterior. Pelo menos até 2010, altura em que receberam uma janela com vista para a Terra e um habitáculo para deixarem de dormir entre os cabos elétricos.

O Prof. Crane dizia que a ISS fora um retrocesso em relação ao velho Skylab, padecendo daquilo que ele designava por Síndrome de Leninegrado e que atribuía à distante origem militar da NASA: os astronautas pareciam escolhidos entre as pessoas que conseguissem sobreviver ao cerco de Leninegrado, tal era a desumanização do ambiente em que cumpriam as missões de seis meses. Houve mesmo ocasiões em que se viram americanos e russos, tentando provar cada um que conseguia viver de forma mais incômoda que o outro, numa estação cujo

objetivo final não era suposto ser insuportável.

- O Síndrome de Leninegrado é menos raro do que se pensa, explicava Crane. Há inúmeras situações em que as pessoas estão dispostas ou até buscam desconforto desnecessário, como prova de que estão ali para se dedicarem a uma missão ou a um trabalho e não para procurarem o caminho mais fácil. Nos meus tempos de arquitetura hospitalar, dava com essa doença frequentemente, principalmente entre certos cirurgiões, dizia Anthony Crane. É uma variante, continuava, na nossa cultura workaholic, da obsoleta expiação dos pecados pela penitência dos católicos. Os Papas tiraram o tapete a esses rituais, mas nós ainda hesitamos.

Nos módulos da nova estação espacial, surgira, com Crane, um novo paradigma: a Engenharia Invisível. Em vez do astronauta espartano, duro, que se distinguia por conseguir cumprir as suas tarefas num ambiente artificialmente hostil, queria-se agora o astronauta criativo, versátil, produtivo mas humanizado e, para isso, era necessária a famosa Engenharia Invisível de Crane: tudo tinha de estar lá e não podia se ver nada. O Professor via em tudo uma oportunidade para aplicá-la. Insistia que nunca se tratava de “*não se poder ver a engenharia*” mas sim de “*poder não se ver a engenharia*”. A sua inspiração eram os painéis secretos das bibliotecas medievais, em que uma porta se disfarçava como uma estante cheia de livros, que, abrindo, dava passagem para uma divisão oculta. Mas, se nos tempos ancestrais a ideia era não se ver o compartimento camuflado, agora a ideia era poder manter a beleza da fachada da biblioteca íntegra, quando não fizesse falta aceder ao compartimento acessório, de serviço. A Engenharia Invisível era a contraproposta racional do córtex, à Síndrome de Leninegrado avançada pelo atávico hipotálamo.

Já os demais amigos dos Dexter, pensava Sofia, eram tão só variantes curiosas do normal. Mereciam ser observados, mas não propriamente citados. Sofia acabava por saber muito da vida de Mariah. Havia ocasiões em que a casa lhe parecia uma série televisiva com um número infundável de episódios, mas na maioria das vezes sentia-se como se fosse parte verdadeira daquela família desde sempre.

Quem nunca era citado era o pai de Mariah. Philip Dexter, tinha também 58 anos e era um evolucionista dedicado ao trabalho de campo. Um homem dos espaços abertos, não um rato de laboratório. Os ratos de laboratório da casa,

eram a Mariah e a Sofia, se se considerasse que Sofia era de casa. Tinha um rosto bronzeado que contrastava ou com os olhos azuis, quando estava sério, ou com a alvura dos dentes quando sorria. Parecia o comandante de um grande veleiro. Ele era a cola que grudava aquela gente toda, um ouvinte extraordinário que tornava especial quem falava com ele. Se não tivesse mais de noventa segundos para escutar uma pessoa, não deixava que a sua pressa contaminasse esses preciosos segundos. Estancava como se tivesse todo o tempo. Emprestava-lhe não uns meros noventa segundos de quem passava em corrida para qualquer lugar, mas uns bons noventa segundos de quem estava para ficar duas horas. Às vezes parecia, por si só, todo um auditório, outras, a mais privada das audiências. Reverberava nele tudo o que ouvia: a sua postura corporal e o seu rosto valorizavam tanto o que lhe era dito, como a música valoriza uma obra de cinema. As pessoas sentiam que qualquer conversa lhes tinha corrido bem e quase ninguém percebia que tinha sido ele.

- Como é que consegue, pai? perguntou uma vez Mariah.

- É grátis, contou o pai em segredo. Você também consegue, se tentar.

* * *

Sofia aproximou-se do protótipo que tinham oferecido a Crane e espreitou seu interior. Era simultaneamente sofisticado e confortável. Não devia ser ruim ter amigos assim.

- De onde é que o tio conhece os fabricantes?

- Da própria NASA. É de uma empresa aeroespacial a quem ele propôs um projeto para vender ao Governo. Lembra da conversa de que há bocado de detritos em órbita? recordou Mariah.

- Sim.

- Ouve, e Mariah baixou o tom, já na vizinhança do inaudível - têm havido acidentes. Contra satélites, contra naves tripuladas e contra a velha estação espacial. De uma vez os chineses ficaram enfurecidos pois meteram na cabeça que fomos nós. Depois, um grupo da força aérea veio com o esquema de lançar pequenos enxames de peças de titânio que eliminassem satélites indesejáveis, fazendo parecer que se tratara de um acidente com fragmentos.

- Se nós pensamos nisso é claro que os outros também pensaram -

adivinhou Sofia.

- Pois é. O tio Crane quer mapear todos os fragmentos acima de cinco milímetros e eliminar os detritos a partir de cinco centímetros por foto incineração a laser. Se ele conseguir vender a ideia, é um negócio grande. Está tentando convencer as aeroespaciais privadas a avançarem juntos.

- É soberbo, disse Sofia, que, antes de se afastar do carro, puxada por Mariah, limpou com a manga as marcas dos seus dedos e do rosto que colara ao vidro. Chegaram à porta da mansão e Kiara abriu-a. Era uma mulher negra, natural do Alabama, com um sorriso de iluminar o sol.

- Olá meninas. De mãos dadas com o crianças?

- Olá Kiara, cumprimentou Sofia, sorrindo para o seu sorriso.

- Isto são horas de irem trabalhar? perguntou Kiara, enquanto elas encolhiam os ombros. Desceram, atravessaram o quarto de Mariah, passaram a piscina de treino pessoal e ao fundo abriram uma porta que dava para a ponte que entrava no piso superior de uma estufa. Não se percebia porque é que o quarto da Mariah dava para a estufa por uma ponte, mas dava e ambas preferiam aquele caminho.

A estufa tinha várias zonas distintas. Havia uma de flores subtropicais, onde próteas amarelas, estrelícias lilases, orquídeas brancas com sardas vermelho batom e outras primaveras inundavam tudo de cor, mas havia igualmente trepadeiras, árvores de frutos exóticos, bonsais e, ao fundo, a joia da estufa: plantas do planeta Marte. Era um espaço financiado pela Fundação Terra Dois que promovia a ideia da colonização do quarto planeta a partir do Sol e tinha sido trazido para casa dos Dexter por influência do tio Crane. A Fundação tinha um programa denominado quinhentos biólogos independentes por Marte e eles tinham sido dos primeiros escolhidos.

Na primeira câmara da estufa marciana, a pressão atmosférica era equivalente a uma altitude de oito mil metros, uma percentagem de oxigênio de dez e de dióxido de carbono de dois por cento. A temperatura variava entre os quarenta graus negativos e os cinco graus positivos. A seguir vinha outra câmara com uma pressão igual à de vinte e cinco mil metros de altitude, temperatura entre os setenta graus celsius negativos e os quinze positivos, com três por cento de oxigênio e muito mais dióxido de carbono, mas onde se faziam pulsos mais baixos da ordem dos dois por mil de oxigênio, com pressões também muito

inferiores.

Marte é um planeta tão inóspito que, ao pé dele, a pior catástrofe que se possa imaginar para a Terra é apenas uma brincadeira, pensou Sofia. No pior cenário de aquecimento global, nos piores tempos da mais drástica hipótese para a extinção dos dinossauros, no mais derradeiro “day-after” de uma devastadora guerra termonuclear, imaginar a Terra era apenas ter a visão de uma careta de assustar crianças, quando comparada com o planeta vermelho. Em Marte, abrir a janela é deixar entrar a morte e agonizar em minutos. Mas a Fundação Terra Dois tomara para si o inatingível objetivo de transformar esse planeta seco, sem oxigênio, queimado pela radiação cósmica, num oásis campestre em pouco mais de duzentos anos, pelo simples fato de que todas as alternativas no sistema solar eram piores para construir uma Nova Terra.

Essa ideia seduzira Sofia e Mariah, como seduzia muitos outros há décadas. As amigas estudavam exobiologia em Columbia, ambas estavam convencidas que a vida brotava no Universo e que o homem entraria em contato com essa vida, não porque ela iria nos encontrar, mas porque nós entraríamos em contato com ela. Marte era um passo nessa caminhada que nos retirava do nosso ninho protetor para nos levar mais além.

As duas mantinham uma cadeira de humanidades ou de artes no seu programa curricular e dedicavam muito tempo à investigação, apesar disso, fazia com que progredissem mais devagar na licenciatura. Sofia era uma workaholic e colaborava, paralelamente, num programa de manipulação genética de animais extremófilos, como os tardígrados. Provavelmente terminaria o doutorado antes da licenciatura.

De início, as amigas estavam contra a ideia de mexer, com um só dedo que fosse, em outros planetas. A sua preocupação era a oposta: como evitar a contaminação de outros mundos com microrganismos originários da Terra. Mas um dia Anthony Crane falou com elas durante duas horas e tudo mudou: passaram de um campo para o oposto.

- Temos de meditar sobre a posição que atribuímos ao Homem no Mundo. Se o colocarmos num lugar acima do resto da natureza conhecida, como parece ser mais sensato, então os interesses da natureza poderão, dentro dos limites da razoabilidade, ser secundarizados se não aos interesses pelos menos aos valores humanos. Se colocarmos o homem como parte integrante da natureza, continuou,

em pé de igualdade com os demais seres vivos ou inanimados, então não podemos pedir mais que aos outros elementos da natureza. Tudo o que o homem fizer foi a natureza que o fez, certo? Todas as alterações que introduzir no mundo, farão parte e farão corpo com os processos da natureza. Nunca se pode, neste último caso, pretender que o homem destrói a natureza pois o homem faz parte dela e esta tem processos clásticos, destrutivos, e blásticos, construtivos. Se um vulcão destruir uma ilha, com os seus ecossistemas, está em pé de igualdade com o homem que destrói outra ilha com um engenho nuclear – ambos são fenômenos clásticos da natureza.

De nada vale a tentação do radicalismo de dividir a natureza em material e imaterial, para tomar partido pela natureza material do vulcão contra a natureza imaterial do gênio humano. Se dividirmos a natureza em duas, para que uma tenha primazia sobre a outra, e sendo a nossa mente parte da dita natureza imaterial, acabaremos, por maioria de razão, em tomar a imaterial que tem algum livre arbítrio, como sendo superior à material e isso é exatamente o mesmo que tirar o homem da natureza. Podem mudar-se os termos, mas a equação permanece. Ficarão um ou outro masoquista e um ou outro suicida a tentar, minoritários, a primazia do resto do mundo contra nós, mas, aparadas as demasias dos mais drásticos que lúcidos, a questão retorna: se o homem faz parte da natureza e se esgota nela, não o podemos julgar só porque é o rei da selva, como não julgávamos o predador que destronamos, o leão.

- Se dermos à humanidade um lugar especial, acima dos outros seres, então a colonização de outros planetas é indispensável à continuação da realização da expansão do Homo Sapiens Sapiens, desde a sua saída de África. Marte é apenas mais um continente, reduziu Crane. Lembrem-se daquela velha frase publicitária “compre terra, já não se fabrica mais?” Pois bem, o homem se prepara para fabricar mais. Mais terra, mais lagos e rios, montanhas nevadas e vales, praias brancas e oceanos de cores várias. Marte servirá para provar um conceito: o conceito de engenharia planetária que permitirá a terraformação. Depois de Marte, seguirão outros planetas do sistema solar e aquilo a que os nossos filhos chamarão casa não será a Terra, será o Sistema Solar. O Sistema Solar é a casa do Homem, enfatizou Crane.

O tio era muito alto e não fazia o mínimo esforço para se curvar um pouco

quando falava com as pessoas de altura comum. Pelo contrário, parece que ainda crescia mais um palmo. Era alto e assumia seu tamanho. O seu cabelo tinha passado de castanho a todo branco e os olhos grandes, tão quentes como coloridos e penetrantes, eram o que restava da cor da primavera. Os óculos de aros redondos deixavam passar a cor avelã da íris e tinham à esquerda um duplo aro. Para ler de perto colocava uma segunda lente que trazia no cinto no segundo aro à esquerda, o que reforçava o seu ar esotérico. Era seu hábito iniciar as conversas olhando fixamente para o interlocutor, mas depois continuava a falar já com os olhos presos noutro lado, para voltar a fixar na outra pessoa, colocando a lente de ver de perto, logo após ter-se calado. Élan não lhe faltava.

* * *

Entrar sem máscara na primeira câmara da estufa era muito perigoso por causa do baixo teor de oxigênio e da elevada concentração de dióxido de carbono. Na segunda câmara havia um problema bem mais grave: a descompressão. Tinha de se usar um vestuário pressurizado nessa câmara avançada. A pressão era muito baixa e a temperatura demasiado fria. As vestes tinham sido oferecidos pela NASA e pareciam uniformes espaciais ligeiros. Eram brancos, relativamente justos e com um capacete de astronauta. A bandeira dos Estados Unidos ilustrava um ombro, o símbolo da NASA o outro e elas sentiam-se viajantes espaciais aventureiros, apesar de continuarem em Violet Street.

Nessa noite Sofia entrou primeiro, enquanto Mariah revia espectrofotometrias. Mal entrou viu que os líquens que definhavam lentamente há meses, estavam diferentes. Não era ilusão, tinham crescido muito desde a transferência genética da semana anterior. Estavam fluorescentes, viçosos. “*O que é que eu estou vendo? Que é isto?*” pensou. “*Fantástico*”, percebeu. “*Acertamos, meu Deus*”, disse em voz alta, tremendo. Tinha produzido a primeira forma de vida extraterrestre viável e era multicelular ou quase.

- Mariah, Mariah, chamou pelo sistema de comunicação. Vem ver o que aconteceu. Vamos publicar na Nature sozinhas aos vinte e um anos. “*Nem posso acreditar*”. Correu para os tabuleiros dos líquens quase em lágrimas. “*Funciona. Conseguimos*”.

Ao passar junto dos tabuleiros dos musgos derrubou um. “*Já o apanho*”, pensou, não reparando que cortara o uniforme. O discreto apito que quase não se ouvia, rapidamente se transformou num silvo. Sofria uma depressurização súbita.

- Não!, gritou.

Lá fora Mariah ouviu o grito e precipitou-se para a estufa. Sofia, lutando pela vida, correu para a câmara intermédia. Sentia o campo visual estreitar-se tanto na lateral quanto na vertical. Lembrava-se de ter lido sobre essa estranha visão em túnel que antecede a perda da consciência. Uma dor de cabeça excruciante esmagava seu crânio. Tentou gritar outra vez por socorro e a saliva, quando abriu a boca, ferveu na garganta pois a pressão era tão baixa que a água entrava em ebulição aos trinta e sete graus da temperatura corporal. Com o terror, perdeu o controle, tropeçou no tabuleiro de musgo que estava no chão e caiu. O uniforme rasgado ficou enganchado num suporte metálico amolado e ela ficou presa. Na queda, cortou o pulso esquerdo de raspão e o sangue, em vez de escorrer, fervia. Sofia colapsou.

Capítulo 9

O Grande Salto

Sofia, obnubilada, sonhou com o sangue em ebulição nas suas veias. “*Que morte estúpida. Morrer em Marte a escassos quilômetros de Myrtle Beach*”, pensou, antes da sua mente desaparecer.

Não morreu. Mariah ativara a repressurização de emergência e restabeleceu as condições de sobrevivência. Quando chegou o 190 ela já estava sentada no chão, emocionalmente devastada, mas fisicamente quase restabelecida.

- Nem pensem em me apanhar no deserto vermelho. Eles que “terrifiquem” o Sahara ou então a Antártica que aí pode congelar, mas pelo menos o cuspe não ferve, disse, rindo e chorando ao mesmo tempo, abraçada à amiga que a salvara.

Duas semanas depois quando voltou a entrar em Marte, como chamavam a estufa, a oscilação de pressões com a pressurização tinha silenciado os genes de alguns líquens, favoráveis à adaptação ao ambiente inóspito, sem matá-los. As plantas estavam mais alienígenas que nunca: sobreviviam quer à pressão terrestre quer às condições extraterrestres. Foi aí que surgiu o projeto mais ambicioso de evolução bidirecional, rapidamente reversível. Estavam no limiar de uma coisa histórica. Antes do acidente tinham tido sucesso na indução de novas mutações nos musgos que tinham comprado no Max Planck na Alemanha e principalmente nos líquens que tinham vindo do MIT, o famoso Massachusetts Institute of Technology. A ideia naquela altura era desenvolverem organismos que sobrevivessem em Marte, e conseguiram quando os novos líquens prosperaram.

Agora propunham-se a gerar organismos que pudessem sobreviver em Marte, mas mantendo-se pujantes quando as condições desse planeta se modificassem após a fase inicial de terraformação. Organismos pluripotenciais, com vários estádios de evolução pré-preparados nos seus genes e que se expressariam à medida que o estímulo ambiental evoluísse. Não seria necessário enviar vagas sucessivas de novas espécies quando o ambiente mudasse em Marte

ou ficar à espera que lhes saísse a sorte grande de, em meros dois séculos, as plantas conseguirem evoluir num planeta em câmbio artificial acelerado, pois a Fundação estava empenhada num solução dita rápida que em duzentos anos permitisse aos novos marcianos caminharem sem uniforme ou máscaras no planeta. Seriam plantas multiplanetárias.

Na estufa, faziam ciclos de muito baixa pressão, pouco oxigênio e muito frio e ciclos de maior pressão, mais oxigênio e menos frio, com oscilações muito amplas. As plantas e os líquens tinham de manter os genes que lhes permitissem adaptar-se às duas condições, a atual de Marte e a futura após a terraformação.

Os vizinhos de Mariah abominavam a ideia de terem uma estufa marciana do outro lado da rua. A coisa piorou, pasme, quando saiu uma nova versão do filme da Guerra dos Mundos. *“Tenham cuidado. Não vão, em vez de transformarem Marte numa nova Terra, transformarem a Terra num novo Marte”*, disse, a meia distância entre o brincar e o sério, o Pastor, trazendo um recado do bairro. Philip Dexter respondeu dizendo que o medo aliado ao desconhecimento é um fraco conselheiro. Quando, recordou, estreou o filme O Tubarão, havia pessoas com medo de ir ao vaso sanitário, não fossem ser atacadas por baixo por um tubarão vindo do esgoto. O Pastor não conseguiu mais que um sorriso amarelo.

A polémica em curso sobre a corrida espacial entre a China e os Estados Unidos e as teorias da conspiração sobre o secreto interesse do governo americano em construir um império interplanetário não encontravam nenhuma ressonância naquela cidade rica.

- O futuro está no futuro e será melhor que o passado. É, portanto, para lá que temos de continuar indo, dizia o tio e as pessoas concordavam. Já ter plantas mutantes no seu bairro era outra história, como avisavam os sinais de risco biológico pintados nas carrinhas de transporte que levavam amostras da estufa para a Universidade.

As amigas eram conhecidas no bairro como as sereias marcianas, até que um dia um grupo de rapazes cruzou com Sofia e um lançou o elogio *“Sereia, querida, queria sonhar contigo esta noite, mas tenho uma dívida em relação ao cenário de fundo: és do Atlântico ou és de Marte?”*.

- Em Marte não há água líquida, só gelada, por isso as sereias de Marte são frígidas, disse Sofia. O teu sonho não é grande coisa, campeão. Passaram a ser só marcianas, apesar de terem cabelos longos e serem bonitas como sereias.

Sofia tinha um talento raro para a mutagênese, de que dependia a evolução dirigida, bem como uma “visão espacial” invulgar, conseguindo imaginar as proteínas e outras moléculas biológicas, visualizando-as no espaço, rodando-as, encaixando-as, alterando-as, sem precisar do software de modelação 3D. Trabalhava muito depressa e usava muitas ideias de biologia comparada que Philip Dexter trazia do seu trabalho de campo. Ela era a estrela da companhia.

Um tempo depois do acidente, quando chegaram à câmara de pré-adaptação para vestirem os uniformes, encontraram lá o Prof. Crane que investigava o interior da estufa.

- Olá Mariah. Olá Sofia. Vocês são os meus is preferidos. Sei dos seus últimos resultados. Admiráveis. Nasceu para isto Sofia e nós para encontrar pessoas como você. Em vez de publicarem deviam considerar a alternativa de fazerem uma patente ou, se quiserem arriscar, registarem suas ideias como segredo industrial junto à NASA, sugeriu Crane.

- Se não tivessem inventado a modelação computacional de proteínas parece que eu não seria boa em nada, respondeu Sofia, aceitando o elogio. É a única coisa que sei fazer.

- Não Sofia, retorquiu Crane. Muitos dos esportistas que encantam multidões não seriam nada se o seu esporte não tivesse sido inventado. Que faria o maior gênio do beisebol se não houvesse beisebol? Talvez trabalhasse no McDonald's. Mas você é diferente: consegue imaginar formas complexas no espaço, movê-las e manipulá-las livremente na sua cabeça e se não fizesse o que faz poderia ter um enorme sucesso noutras profissões. Seria melhor do que eu fazendo o que eu faço.

Sofia riu e corou levemente. Crane era um gênio da integração de sistemas de suporte de vida e de desenho do interior de naves tripuladas e o elogio aqueceu sua alma.

- Só nunca me peçam para pôr os pés no pó vermelho, gracejou.

- Quantos anos tem?

- Vinte e um, respondeu Sofia.

- Já é demasiado velha, minha querida. Sabe que eu não percebo nada de biologia, mas me veio uma dúvida: os teus líquens e talvez os teus musgos, conseguem sobreviver em Marte no Dia de Amartagem Zero, DA zero, mas quando houve a pressurização de emergência as condições eram parecidas com as da Terra. Como é que que as ervas não morreram? Terá sido porque só durou algumas horas?

Marte DA zero era a situação nativa de Marte, que permaneceria até ao Dia de Amartagem da primeira missão de terrificação ou terraformação. DA cem, a situação cem anos marcianos depois – cerca de dois séculos terrestres, pois a órbita de Marte é duas vezes a da Terra e um ano marciano dura quase tanto como dois terrestres.

- Não, explicou Sofia, as raiz exprimem três fenótipos diferentes para as três condições de pressão, temperatura e oxigenação – a terrestre, que não interessa, a DA cem e a DA zero. Estamos conseguindo uma evolução espontaneamente reversível para os três patamares de condições. Contudo a reversão, para o fenótipo terrestre tem uma desvantagem energética e por isso faremos o nocaute desses genes.

- Ótimo, anuiu Crane. Mas me envia amostras dos modelos com a capacidade de adaptação terrestre preservada. É bom guardarem alguns desses.

- Líquens e musgos adaptados à Terra é o que não falta por aí, contrapôs a jovem cientista.

- Sabe Sofia, a Fundação acha que a capacidade adaptativa a diversos ambientes pelas mesmas plantas é uma vantagem. Há situações em que pode valer mais a adaptabilidade do que a eficiência energética.

- Posso enviar todas. No projeto-contrato queremos otimizar a eficiência nas condições na faixa DA zero a DA cem.

- Estamos combinados – confirmou Crane. A semana passada falei do seu trabalho à Fundação, pensando que ia dar a eles uma novidade, mas descobri que vocês já são famosas lá dentro. As notícias correm depressa.

A Fundação Terra Dois surgiu da iniciativa privada norte-americana, depois do concurso Holandês MarsOne ter tido um sucesso inesperado. Apesar de viver de contribuições de pessoas e de empresas, primeiro das pequenas, mas mais tarde das multinacionais, conseguiu gerar fundos milionários, fazendo campanha pela colonização de Marte e financiando a investigação científica e tecnológica com esse objetivo.

Algumas empresas privadas mais antigas, que tinham como aspiração a exploração de minérios em asteroides ou o transporte de pequenos asteroides até à Lua ou à órbita da Terra, nomeadamente os designados como do tipo M, riquíssimos em metais raros, defendiam publicamente que o “Objetivo Marte” da NASA e da agência espacial europeia, a ESA, era a estratégia errada. Eram os casos da Planetary Resources, fundada 2012, do cineasta David Cameron e do executivo Larry Page, da Deep Space Industries e da Kepler Energy and Space Engineering. Mas quando vários gigantes da mineração terrestre, da indústria aeroespacial, da produção de ferramentas autorreplicativas e robotizadas, da geração de energia, entre outras, passaram a defender Marte como um objetivo consensual, o assunto ficou arrumado. Eram pesos pesados da economia global, apoiando a NASA e financiando a Fundação Terra Dois de forma maciça. A menor gravidade e a atmosfera menos densa de Marte permitiriam a projeção nos seus polos de asteroides, para exploração e purificação in loco. A tecnologia dos titãs da mineração era facilmente adaptável à gravidade moderada de Marte, dispensando a tecnologia de extração em ambiente de gravidade zero, que elas não dominavam. Ósmio, Índio, Ródio, Platina, Paládio, Manganésio, e outros metais essenciais à indústria e que ameaçavam minguar com a emergência de grandes consumidores, como a Índia e a China, abundavam nos asteroides. Esses metais, e mesmo o chumbo, o zinco, o cobre e o próprio ferro, só estão presentes na crosta terrestre devido a impactos extraterrestres há milhões de anos. Não são metais originários da Terra, são um patrimônio finito oferecido por esses corpos celestes que caíram há muito tempo e vão acabar dentro de 40 a 70 anos.

Havia um segundo problema: A China dominava a extração de outra família de minerais: os terras-raras. Sem os terras-raras não há alta tecnologia nas comunicações, nas baterias, nos automóveis, na aviação e na eletrônica. Que aconteceria ao ocidente se um dia eles e a Rússia fechassem a porta dos terras-

raras de que ambos detêm quase o monopólio? Não foi isso que os chineses ameaçaram fazer com o Japão em 2010? Que seria dos Estados Unidos, da Alemanha ou do Japão sem o Neodímio, o Lantânio, o Ítrio ou o Gadolínio que vêm do país do Rio Amarelo, só para citar alguns?

O consenso em relação a Marte crescia e novas indústrias investiam na Fundação, como uma bola de neve. O ocidente tinha trinta anos para assentar uma pequena aldeia em Marte. Não mais.

Oficialmente a corrida ao espaço recomeçou quando a Coreia do Norte construiu mísseis capazes de atingirem a costa do Pacífico e os serviços secretos americanos souberam que o Irã produzira a sua primeira bomba atômica. A velha Iniciativa de Defesa Estratégica, conhecida como a Guerra das Estrelas de Ronald Reagan, baseada no sonho de uma defesa antimíssil posicionada em órbita, foi ressuscitada pelo Pentágono que lhe acrescentou a necessidade de defesa da Terra contra a colisão de um objeto cósmico.

Desde que os Estados Unidos tinham excluído a China da antiga estação espacial internacional, esta tinha investido crescentemente no espaço. Muitos americanos acharam a exclusão da China um disparate. Tinham-se entendido com os soviéticos no século passado em nome da paz quando eles eram uma ameaça e curiosamente esse entendimento viria mais tarde a salvar a ISS quando o space shuttle deixou de voar. Como diz o ditado português *Deus escreve direito por linhas tortas*. Agora excluía-se os Chineses? Se a China se tornasse uma ameaça militar, já se fariam programas comuns para promover a paz? Não fazia sentido.

Ao contrário do que acontecera na primeira corrida espacial, de início o público não apoiava o rio de dinheiro que desaguava na NASA e na Guerra das Estrelas do Pentágono. A NASA estava cheia de dinheiro. O Pentágono nadava em dinheiro. A própria Fundação vertia dinheiro. Mas tudo isso empalideceria quando comparado com o que estava para vir. Anos antes, Crane, numa conversa ao jantar na primeira casa dos Dexter, dissera que não seria uma divergência com outro país que levaria o governo a investir em grande escala na NASA e os privados a entrarem na corrida. Seria uma decisão após um debate interno, uma mudança de alma, um golpe de asa de motivação endógena nos USA que precipitaria o gigante para a colonização do espaço, envolvendo o governo e a competição entre privados quando chegasse a hora certa. Acertaria em cheio.

Capítulo 10

O Discurso

Como havia algum mal estar no bairro por causa do suposto risco biológico oriundo da casa dos Dexter, quando as duas amigas foram convidadas a fazer uma conferência na escola secundária da vizinhança sobre a possibilidade de terraformar outros planetas, aceitaram de imediato. Era uma oportunidade de melhorarem as suas relações com a vizinhança.

Disseram que os alunos seriam do décimo primeiro e do décimo segundo anos e estariam presentes também muitos professores e outros adultos. Eventualmente, poderiam aparecer alunos do décimo ano, mas como eram muito infantis e o auditório ia estar cheio, não havia lugares reservados para eles. Sentariam nas coxias e, se se portassem mal, sairiam. Todos os alunos sabiam que elas vinham falar na escola, mas nem todo mundo percebia porquê. A história de Marte era conhecida, mas o envolvimento da sua cidade era novidade aos olhos dos mais novos. Eram coisas de Washington ou de Houston. Que tinha Columbia a ver com o caso? Marte era um planeta gelado, certo? O quarto planeta a contar do sol, certo? A não ser que houvesse mesmo marcianos, qual era o contratempo?

Os pais deles percebiam qual era o problema. Era a estufa marciana do outro lado da rua. Além dos alunos mais velhos, muitos alunos do décimo ano decidiram de fato aparecer. Na sua jovialidade parecia-lhes uma hora bem passada, pois constava que vinham falar duas marcianas muito atraentes.

Sofia e Mariah foram acolhidas pelo diretor da escola, Ron Gibson. Elas acharam ele mais novo do que tinham dito. Era alto, levemente perfumado e tinha ar de bom carma. Os olhos eram cinzentos sem sombra de azul. Não usava gravata. Parecia que era nova-iorquino ou europeu ou que estava de férias. Ron Gibson confessou que não sabia muito sobre terraformação mas que, tanto o tema quanto as palestrantes, tinham sido sugeridos por um amigo da comunidade envolvido na sua eleição para o cargo. Aceitara de imediato pois ninguém

valorizava tanto as boas relações com a comunidade como ele.

- Na eleição da minha direção consegui cativar um número recorde de pessoas que não fazem parte da comunidade escolar, strictu sensu. Que não são professores, funcionários ou alunos, explicou. A educação é uma tarefa de todos, mesmo dos que não têm filhos na idade própria. Esses, por definição, são candidatos a pais, a avós, a tios de alunos e são importantes financiadores da escola. Neste momento, oito por cento do público que assiste aos jogos das nossas equipes, e, tomem nota, doze por cento dos que aparecem nas atividades culturais, não têm filhos na escola. Mais que o dobro do que se verificava antes do meu primeiro mandato. Assim sendo, quando da vizinhança surge esta preocupação com o futuro de outros planetas, eu vou querer convidar os melhores da nossa cidade para aprendermos e debatermos esses temas, explicou o diretor.

- Essa pungente descrição da preocupação da comunidade que o sr. diretor acaba de nos fazer, não é, na prática, a pessoa da Dra. Rebecca Radcliff? perguntou Sofia.

- A nossa pediatra escolar é muito querida por todos e preocupa-se com o futuro, disse Ron sem se ressentir. Tem um interesse peculiar naquilo que ela chama metais pesados e por aquilo que ela designa por propagação acidental de mutagênese ao ecossistema. Não me perguntem porquê, pois para mim se é metal é pesado e está o caso arrumado. Mas, bem, parece que alguns metais pesados não são tão bons para as crianças como o ouro, a prata e os diamantes, disse sorrindo familiarmente, e que o seu uso em laboratórios instalados na comunidade devia ser bem explicado para poder ser bem compreendido.

- Os diamantes não são considerados metais preciosos começou a dizer Mariah, mas Sofia interrompeu-a dizendo “*mas brilham como os metais, como as pérolas e como o marfim polido e isso faz com que sejam muito preciosos*”.

- Ora aí está, disse o diretor. Podem não pertencer à categoria técnica dos metais, mas pertencem à categoria mais ampla de metais e outros que tais. Será que, dado serem igualmente preciosos, poderão ser considerados mutantes dos metais? Digam-me vocês. Vocês é que são as especialistas. A palavra mutante aparecera a despropósito e ele olhara diretamente para Sofia quando a pronunciou.

- Vejo que você é um homem interessado em ciência, tentou reiniciar

Mariah, nós podíamos ..., mas foi de novo interrompida pela Sofia que esclareceu que ele era muito interessado e muito interessante. Uma boa aquisição para a vizinhança.

- Obrigada aceitou Ron Gibson, imperturbável. Gosto de agradar aos vizinhos e de contribuir para a comunidade.

- E agrada, confirmou Sofia. A mim, agrada. É das pessoas em relação às quais eu costumo dizer que ficam bem em qualquer lugar.

Mariah ruborizou um pouco e atalhou – vamos para a conferência, sr. diretor?

- Vamos respondeu ele, sorrindo. Vamos todos aprender com as senhoritas.

Mariah conhecia a postura da Sofia quando era posta à prova. Tornava-se desafiante e devolvia a pressão a quem a pressionava. Muitas vezes corria bem, mas nem sempre era conveniente. Além disso, a família de Mariah vivia naquele bairro e tinha muito mais a perder ou a ganhar que Sofia. No caminho Mariah lembrou isso mesmo à sua amiga. Não bastava ganhar a apresentação, era preciso ganhar as pessoas.

Quando chegaram ao anfiteatro, a sala estava cheia. Alunos do 11º e 12º tinham ocupado os lugares da frente e mais atrás estavam professores e cidadãos de várias idades e proveniências. Mariah reconheceu diversas pessoas, nomeadamente alguns jornalistas locais, mas também viu indivíduos que lhe eram estranhos e, fosse pela indumentária, fosse pela postura, não pareciam ser dali.

O diretor apresentou as palestrantes. Deteve-se mais tempo a falar de Mariah, que era uma ex-aluna da escola e a prova viva de que o futuro que se abria aos alunos mais inspirados, mais integrados e mais trabalhadores, não conhecia limites. Descreveu o seu trajeto pessoal. Era reconfortante que jovens que a escola tinha conhecido como adolescentes, voltassem pouco tempo depois, tão válidos e tão surpreendentes. Em relação a Sofia recordou que apesar de ela não ter sido aluna da escola, tinha uma relação muito especial com a comunidade que acolhia a escola e onde tinha implantado um laboratório de ponta.

“Quando vêm entrar e sair do bairro carros sinalizados com risco biológico, alguns ficam apreensivos e questionam-se se esse trabalho não devia ficar

resguardado dentro das universidades". Ele preferia colocar o acento tônico no fato de que quanto mais próximos os gênios que decidem o futuro da América estiverem da comunidade, mais a comunidade pode aprender com eles e mais a comunidade pode exigir que lhe prestem contas. *"Hoje não estamos aqui para pedir contas. Hoje estamos aqui para aprender com americanos como nós que gostam da nossa terra tanto como nós"*, terminou.

O tom da voz do diretor foi muito caloroso. Durante a apresentação de Mariah, ele tinha alternado o seu olhar entre ela e o público; já na apresentação de Sofia ele olhara tão só para os adultos das filas de trás, raramente se dirigindo para ela. Sofia percebeu de imediato a mensagem. Se a conferência corresse mal era ela o bode expiatório. Mariah era o bom exemplo para todos - a ameaça tinha Suren como apelido.

Sofia Suren dirigiu-se ao microfone para iniciar a apresentação quando começaram a entrar alunos do décimo ano e a sentarem-se nas laterais e nas coxias. Eram aos montes e alguns vinham pintados de guerreiros índios, outros mascarados de extraterrestres ou de mutantes exóticos, mas a maioria vinha apenas com o buliço habitual em estudantes de quinze anos.

O diretor levantou-se, reocupou o centro do palanque e esperou que todos entrassem. Em seguida disse que se os alunos mais novos queriam aprender alguma coisa podiam ficar na sala, mas que não estavam no Halloween e não seria permitida qualquer brincadeira que perturbasse a conferência. Sofia sorriu e o diretor estava aproximando-se da conclusão, que se antecipava ser a saída dos mascarados, quando ela interrompeu com uma voz simpática e muito segura:

- Olá. Vejo que temos aqui alguns índios.

Houve palmas dos índios e o diretor olhou explicitamente para ela.

- Isso é bom, continuou a cientista, porque nos lembram os habitantes nativos da América e nos recordam que para esses habitantes originais, nós, com os nossos navios, as nossas armas de fogo e os nossos cavalos lhes parecíamos alienígenas.

Risos da criançada.

- Sabem que muitos desses índios que vocês aqui tão bem imitam, pensavam que os europeus a cavalo eram um único animal com duas cabeças? Para eles nós éramos todos seres de outro mundo, verdadeiramente

extraterrestres. Vejo também que temos aqui outros disfarces. Alguns parecem seres com doenças estranhas e com pouco tempo de vida.

Poucos risos e alguns empurrões benignos entre alunos.

- Outros parecem seres de outras galáxias.

- Sim, ouviu-se a poucas vozes.

- Vocês, seres galácticos, já tiveram com certeza oportunidade de conhecer os terráqueos, continuou, sorrindo acolhedoramente como se tivesse quarenta anos ou mais. Mas deixem-me que lhes mostre fotografias dos marcianos, como eu os imagino, dentro de vinte ou trinta anos e espero que os pais não me processem.

O diretor sentou-se percebendo que ela tinha a audiência na mão. “*É uma domesticadora de adolescentes, pensou. Podia ser professora nesta escola*”.

- Alguns desses marcianos, prosseguiu Sofia Suren, terão olhos azuis - e projetou uma imagem de uma criança pequena do jardim de infância daquela escola que ela fotografara na véspera. Outros serão mais gorduchos - e lançou uma fotografia de um bebê, também do jardim, tentando comer a papa que saía da colher e escorria pela sua carinha rosada. Outros adoram animais – um bebê negro com duas pelúcias em cada mão e um enorme sorriso - e outros gostam de domar seres selvagens; o quarto bebê estava agarrado à cauda de um cachorro amigável que o arrastava pelo chão do pátio coberto. Foi interrompida por risos e palmas de aprovação. Os marcianos do futuro eram os bebês terrestres de hoje.

- Fizeram bem ter vindo rapazes, todos, pois vocês que imitam mutantes, lembrem-nos do que poderá emergir depois que nossa espécie desaparecer, se a Terra for de novo atingida por um asteroide como aquele que há 65 milhões de anos matou os dinossauros ou se se repetir a pior catástrofe de que há registro e que ocorreu no fim do Pérmico, há 250 milhões de anos, e onde nem os insetos sobreviveram à subida do metano na atmosfera.

Silêncio. Sofia Suren projetou de seguida um curto filme dos efeitos do tsunami que atingiu a Indonésia e o Pacífico.

- Lembram-se no tsunami do Pacífico daquela mãe que tinha dois filhos, uma bebê de meses e um menino de quatro anos que mal sabia nadar? Lembram-se quando essa mãe foi arrastada pela onda gigante com um filho em cada braço, da decisão dilacerante de abandonar o menino na corrente salgada, esperando um milagre que a acontecer só podia acontecer a um bebê de quatro

anos, mas nunca a uma bebê de seis meses? Eles não se recordavam, como é óbvio, mas tinham acabado de ser lembrados.

- Têm ideia do improvável milagre ter mesmo acontecido e têm memória de, na televisão, o olhar do menino salvo não agradecer o milagre, mas antes parecer questionar-se porque é o braço protetor da mãe o tinha abandonado? Porque não fora ele a primeira escolha em vez da irmã?

Silêncio sepulcral.

- A catástrofe que tememos não será um tsunami, será de uma outra dimensão, será de outro campeonato e milhares de crianças ficarão sozinhas. Garanto a vocês que, dessa vez, se nós não tomarmos as providências necessárias, nenhum milagre vai acontecer. O que eu espero, é que quando um cataclismo da dimensão do que exterminou os dinossauros voltar a acontecer, se voltar a acontecer, vá encontrar, pela primeira vez neste planeta, uma forma de vida que está beira de ter uma resposta a esse desafio e essa resposta está a nascer no norte de um continente entre o Atlântico e o Pacífico: Aqui na América, aqui em Columbia.

Os pequenos explodiram em palmas. Mutantes, índios, marcianos e extraterrestres de várias cores e número de olhos, aplaudiram fugaz mas explosivamente uma mensagem simples: as catástrofes são inevitáveis, mas não é inevitável que sejamos vítimas indefesas delas. Os professores da escola não aplaudiram o discurso salvador. Fundamentava-se em pouco. Sofia tinha iniciado a defesa da existência de laboratórios que preparavam vida para sobreviver em situações de grande hostilidade, mas o que os preocupava a eles, era a possibilidade dessa hostilidade ser provocada pelo próprio homem, pela própria Sofia e seus colegas e, pior, a hipótese de uma mini catástrofe acontecer no centro do seu bairro.

Sofia enfatizou que o governo dos Estados Unidos, com a ajuda de países amigos, tinha desenvolvido dois projetos de médio e longo prazo, relativos à sobrevivência da espécie no contexto de eventos desfavoráveis globais únicos: um destinava-se a detectar com a máxima precocidade possível, e se possível aniquilar, os corpos celestes de grandes dimensões em linha de colisão com a Terra ou com a Lua. Mostrou de seguida vários objetos com níveis moderados de ameaça que tinham passado nos últimos anos tão perto do nosso planeta que alguns tinham cruzado o espaço entre a Terra e a Lua. Mostrava a fotografia do

asteroide num slide onde se podia compará-lo a uma estrutura terrestre como a própria escola secundária, uma grande ponte ou uma pequena cidade. A seguir, uma outra imagem com a data do cruzamento e em que a proximidade da passagem junto à Terra era visível num gráfico. A ameaça ganhava realidade.

- Estes objetos são reais, são recentes e são quase invisíveis. Não são raros. São rochas gigantescas que vagueiam no espaço e que há pouco tempo nem se sabia existirem. Neste momento a NASA e as agências amigas monitorizam mais de cinco mil objetos com essas características.

- Se a primeira estratégia é detectar e, se possível, aniquilar essas rochas, a segunda estratégia é uma alternativa caso a primeira falhe: arranjar um planeta no sistema solar que possa receber a vida humana se a Terra se tornar inóspita, seja por impacto com um corpo cósmico seja por um fenômeno interno ao nosso planeta como aconteceu no Pérmico.

- Das escolhas ao nosso alcance, Marte parece ser o melhor candidato. Vênus tem uma atmosfera muito densa e até as nuvens são de ácido sulfúrico. É demasiado quente, para além de que tem um dia que demora um ano. A Lua nunca terá atmosfera e está em comunhão de destino com a Terra e os grandes satélites de Júpiter e Saturno, como Ganimedes, Europa ou Titã, estão muito longe. Júpiter está no fim do mundo, a setecentos milhões de quilómetros e Saturno está depois do fim do mundo a bem mais de mil milhões. Agora ... Marte não é perfeito, mas tem água, um dia igual ao nosso e, a sessenta milhões de km, é um vizinho próximo. É gelado porque tem uma atmosfera rarefeita e é isso que temos de melhorar.

- Para transformar Marte num planeta habitável, podemos seguir vários caminhos. Essas estratégias têm uma coisa em comum: são indispensáveis os seres vivos para o novo planeta, e aqui estou pensando em micróbios e plantas. As plantas assumem o papel principal pois duram mais, consomem pouca energia, são facilmente modificadas sem constituírem ameaça e melhoram o ambiente onde são implantadas, em dois sentidos: diminuem o dióxido de carbono que há em excesso na fina atmosfera marciana, transformando-o em oxigênio, como acontece na Terra, e contribuem para aumentar a massa da atmosfera marciana, aumentando a sua pressão.

- Digo a vocês uma coisa da minha experiência da estufa que construímos na casa da Mariah e onde tentamos preparar plantas que não sobrevivem na

Terra, mas sobreviveriam em Marte: pior que o frio, e garanto que Marte é frio, pior que a falta de oxigênio e garanto que andar com um cilindro de oxigênio nas costas é complicado, o pior de tudo é a falta de pressão.

- Os seres humanos precisam de água até porque são feitos principalmente de água e isso não falta em Marte. Mas a água tem de estar no estado líquido e para se manter líquida à nossa temperatura corporal, para não ferver a trinta e sete graus é indispensável que haja uma pressão atmosférica mínima, continuou Sofia Suren.

- Na Terra fica mais frio, há menos oxigênio e a água ferve a temperaturas cada vez mais baixas à medida que a altitude aumenta. É possível ir ao pico do Everest porque, apesar de tudo, ainda há temperatura e pressão que cheguem para uma pessoa especialmente treinada sobreviver aí algum tempo – horas. Podem passar lá horas, mas não dias. Acima dos oito quilômetros está-se na chamada zona de morte para o comum dos mortais, mesmo jovem.

- Há, contudo, uma altitude a que a pressão atmosférica é tão baixa que a água ferve a trinta e sete graus. Essa altitude é de dezenove quilômetros e chama-se o limite de Armstrong. Ninguém sobrevive acima desse limite um único minuto e não é uma questão de treino. Se o Everest tivesse uma altitude de vinte quilômetros, ninguém podia ir lá sem um uniforme de astronauta porque o seu sangue iria ferver, se me permitirem a simplificação.

Nessa altura um garoto da equipe de futebol americano do décimo segundo ano, Ted Sullivan, levemente suado, comentou: - Sim, simplifica por favor porque eu estou olhando para ti e o meu sangue já ferve apesar de sentir uma enorme pressão no coração. Era um sinal de que Sofia estava demasiado em Marte. Voltou rapidamente à Terra respondendo - não é só o sangue que ferve filho, são outros líquidos corporais – tem que estar atento a isso quando está ao lado de outras pessoas.

- Oh, Oh sereia, cuidado, está se aproximando do limite Sullivan, avisou o rapaz

- Pronto, Sullivan, já disse o que treinou em casa para vir dizer; correu bem, mas já passou, disse Sofia. O diretor mexeu-se na cadeira e o rapaz calou-se.

-Pensem em Marte como mais um continente, desafiou a jovem cientista.

Quando houver oceanos no planeta vermelho, a área de terra livre será talvez equivalente à superfície da Ásia e das Américas combinadas. É apenas mais um continente que espera por nós.

- O que é que nós fazemos na nossa estufa em Violet Street? Preparamos plantas para sobreviverem em Marte e transformarem a sua atmosfera numa mais parecida com a nossa. À medida que nos aproximamos do nosso objetivo, pagamos um preço: ficamos com plantas que não sobrevivem na Terra, forçou Sofia. Lembrem-se que as plantas para crescerem precisam de condições específicas. As plantas do deserto do Sahara não sobrevivem na floresta equatorial do Brasil e nem umas nem outras sobrevivem no norte dos Estados Unidos. Qual é o perigo de trazer plantas do deserto do Sahara para o nosso jardim? Para as plantas é muito porque elas não vão sobreviver, mas para nós o perigo não existe. Ficariamos é com mais lixo para pôr na lixeira.

- A Mariah que faz parte do yearbook desta fantástica escola, vai nos explicar agora porque deslocamos a parte menos sofisticada da investigação para a cidade e porque é que às vezes aparecem as caminhonetes pintadas com os famosos círculos abertos sobrepostos, de risco biológico e no fim responderemos de bom grado a qualquer dúvida que tenham.

O público aplaudiu e Mariah Dexter avançou. Sofia Suren tinha abordado a parte mais global e ela tinha agora de deixá-los descansados, nomeadamente a Dra. Radcliff e as suas dúvidas sobre a segurança dos efluentes da estufa, nomeadamente da permeabilidade dos solos, da contaminação do lago e da estabilidade dos mutagênicos usados. Correu tudo bem. Ninguém imaginava uma jovem tão simples e familiar prejudicando o bairro onde ela própria vivia.

No fim da conferência as cientistas foram rodeadas por alunos, professores e por vários cidadãos, entre os quais a Dra. Radcliff. Enquanto cumprimentavam e trocavam algumas palavras viram atrás a figura muito alta do Prof. Crane.

- Não sabíamos que vinha disse Sofia, sorrindo. Faz nos sentir muito importantes. Obrigada.

As pessoas olharam para aquele indivíduo carismático que não conheciam.

- Gostamos muito da sua apresentação, disse Crane, sorrindo paternalmente. É difícil traduzir de forma perceptível o que fazemos em ciência e explicarmos às pessoas a utilidade do nosso trabalho. Vocês têm talento para as duas coisas. Estão de parabéns.

Não era claro se Crane se usava o nós como plural majestático ou como plural verdadeiro e, nesta última hipótese, quem eram o “nós”. Seria a NASA?

- Olha quem vem aí, sussurrou Mariah para a Sofia, apontando para um rapaz loiro cheio de sardas e muito alto, de óculos que se aproximava delas.

- Meu Deus, o *Eric*. Que faço? disse Sofia.

- Dá um beijo nele e vai ver que se transforma num príncipe encantado, sugeriu a sua amiga.

- Vai morrer longe Mariah. Fala com ele para o distrair, pediu Sofia.

- Ele está trazendo um presente de Natal para você. É o máximo, sussurrou Mariah. Que será? Uma trituradora de cartão canelado? Um robô de jogar xadrez com os pés?

- Olá Mariah. Olá Suren, cumprimentou Eric.

- Olá Eric, disse Mariah. Isso é para mim?

- Não, é para a Suren.

- Obrigada, aceitou Sofia. Não tenho nada para você. O que é? Posso abrir? perguntou.

- Não. Abre no Natal. Foi feita por mim, esclareceu Eric.

- Pois bem, disse Sofia sem jeito.

Olharam em volta e o Prof. Crane tinha se afastado. Foram para o carro abriram o embrulho. Era uma máquina fotográfica digital com quinhentos milhões de pixels, capacidade de aquisição até às radiação gama e resistente a temperaturas até menos duzentos graus. Um cartão desejava Feliz Natal e dizia que a máquina podia ser utilizada na estufa marciana.

- É uma declaração de amor, disse Mariah.

- Essa parte já eu percebi. Mas porquê uma máquina pesada e feia como o diabo? Será para eu tirar selfies dentro da estufa?

- É melhor que a tabela periódica em grego clássico da última vez. E a conta bancária dos pais dele continua linda, brincou Mariah.

- Passo.

- Tem que acabar com isto, Sofia.

- Já tentei Mariah. Não é fácil.

- Agora é. Devolve o presente a ele, respondeu Mariah.

- Vou me sentir uma bruxa.

Nessa altura, apareceu o Prof. Crane que bateu no vidro do carro.

- Olá tio, cumprimentaram ambas. Não o vimos mais.
- Há pouco não quis interromper, mas vou fazer um convite: querem visitar o meu laboratório na NASA? Dou carona no meu avião.
- Ótimo disse Mariah. Quando?
- Depois de amanhã. Voltam a casa a tempo do Natal, prometeu o professor.

* * *

O laboratório de Crane parecia o hangar de um aeroporto. Estavam ali dezenas de engenheiros e muitos milhões de dólares de investimento. Sofia levou a máquina fotográfica de Eric para a experimentar, mas a NASA não permitia fotografias. O professor ficou interessado pelo instrumento e pediu que dissessem ao rapaz para falar com ele e, quando chegaram ao seu gabinete, tiraram várias selfies dos três juntos.

Uma das coisas que surpreendeu as cientistas era o trabalho de nomenclatura internacional em que Crane tinha se envolvido. Ele era um homem de mil ofícios. Todo o tipo de estruturas geológicas identificadas nos planetas e asteroides era alvo de uma proposta de atribuição de um nome que depois tinha de ser internacionalmente aprovada. Crane, pela sua cultura científica e clássica, representava há meses os Estados Unidos nessa organização de consenso. Para ele era como um hobby. Sofia e Mariah ficaram literalmente esmagadas pela sofisticação tecnológica naquele local. Era uma coisa épica que fazia com que elas se sentissem pequenas, mas, na despedida, Crane disse, “isto parece grande, mas é irrelevante quando comparado com uma única ideia original verdadeiramente boa. Às vezes é num vão de escada que se dá o grande salto”. Elas não acreditaram.

Na casa da Mariah, Sofia reviu as fotografias tiradas com a máquina do Eric e eram muito melhores que o habitual. As cores eram ótimas e as imagens tinham tantos píxeis, que era fácil ampliar qualquer detalhe mantendo a alta definição. Fosse o rapaz tão interessante como a sua máquina ...

Em vez de ir para a estufa marciana com a amiga, passou a noite olhando para as fotos do gabinete de Crane. Como chegara Anthony Crane àquele nível na carreira sem publicações ou patentes em grande número? Provavelmente o

seu trabalho ficava na esfera do segredo industrial. Como arranjava tempo para alimentar a sua cultura clássica? Muitas das palavras que Crane usava no seu hobby da nomenclatura, eram desconhecidas, provindo de línguas mortas. Sofia digitalizou as fotos e passou um programa de reconhecimento de caracteres, seguida de tradução automática. Para sua surpresa, a palavra *Mariah* aparecia várias vezes em diversas línguas. Monte *Moriah*, *Myr*, *Meryet*, a frase latina *Stella Maris*, entre outros. Sofia ficou apreensiva. Crane estava tentando dar o nome da sua amiga a estruturas geológicas no universo. Era claramente inapropriado, parecia uma obsessão ou uma paixão. Decidiu não dizer nada a *Mariah*, mas quanto mais pensava mais aquilo lhe parecia uma fixação patológica. “*O Tio está passado*” digitou distraidamente Sofia no computador. “*Ou então é uma doença*” teclou. No monitor do computador apareceu uma análise que dizia “*Zero coincidências e um sinônimo; doença = vírus*” “*Vírus?*” cismou Sofia. Teclou *vírus*. Na tela apareceu “*Vírus Robótico de Perfil Orgânico*”. “*Que será isto?*” pensou Sofia. “*Não parece nomenclatura astronômica*”. Procurou na fotografia essa expressão e descobriu que era um título de um trabalho, pousado em folhas espalhadas numa escrivaninha lateral que aparecia na selfie. O nome do autor era ilegível, mas o projeto global era “*Automatismos Informáticos Avançados*”. Sofia ampliou essas folhas na fotografia de altíssima resolução e corrigiu o efeito de terem sido apanhadas obliquamente. Reconheceu que era um software. Nessa noite dormiu na casa dos Dexter. Foi um sono inquieto. De manhã decidiu devolver o presente a Eric para ele não ter esperança nos sentimentos dela. Eric percebeu o que ela queria dizer com a devolução. Sofia falou do interesse da NASA pela sua máquina e deu o número do Prof. Crane. Mostrou o estranho software que tinha digitalizado e pediu para ele ver se percebia o que era e se lhe enviava alguma ideia. Ele respondeu que se ela mudasse de ideia, sabia onde era a sua casa. Dois dias depois chegou um email do Eric, que Sofia imprimiu e depois apagou. Para Eric aquilo parecia um vírus informático que funcionava como um jogo, fazendo aparecer bolas de bilhar pretas em direção ao monitor do computador infectado sempre que se usassem equações que tivessem o inverso do quadrado da distância ou que se observasse um espelho, entre outras variáveis que não se percebiam pois o software estava incompleto. Se ela desse mais dados talvez ele pudesse ajudar.

Sofia escreveu uma curta nota sobre os dois achados que fizera no gabinete

de Crane e guardou um envelope com tudo entre duas páginas de um atlas, na casa da sua avó.

* * *

A Fundação Terra Dois atingira enorme visibilidade pública na sua campanha pela colonização de Marte e alguns dos seus dirigentes defendiam pessoalmente que se a colonização fosse bem sucedida, o Quarto Planeta devia tornar-se o quinquagésimo primeiro estado dos Estados Unidos mal o número de colonos atingisse os catorze mil. Apesar da Fundação ser privada e não vincular a posição do governo, surgiu um clamor internacional contra essa ideia.

Era curioso, mas o principal negacionista de que os Americanos alguma vez tivessem aterrado na Lua, Loon Neaver, mais conhecido como Moon Never, liderava o movimento interno para impedir que o governo federal se apropriasse do sistema solar. Dizia que o governo queria criar um império multiplanetário, em que dominasse a ética guerreira do homem branco, protestante, anglo-saxônico ou germânico, chegando a comparar o governo federal ao projeto ariano da Alemanha das décadas de 30 e 40. Era inútil explicar que tinha sido esse homem “anglo-saxônico” quem tinha derrotado os alemães, com a ajuda da capacidade de sofrimento incedível dos russos, pois a verdade que o movia era blindada contra os fatos.

Ao princípio ninguém reparara nele, mas a certa altura um professor famoso do MIT, Maon Yksmohc, mais velho que a Sé de Braga, ligado à esquerda da Nova Inglaterra, comprou um bilhete para essa viagem.

À medida que as grandes corporações transnacionais sofriam derrotas na Terra, explicava Yksmohc, o governo federal pretendia levá-las para mundos artificiais, dependentes na verdade dos próprios Estados Unidos para sobreviverem e que fariam o que o governo quisesse que fizessem. Que essas corporações “fariam o que o governo federal quisesse” era, esclarecia, uma afirmação retórica pois o governo e as grandes transnacionais eram a mesma pessoa. Na Terra, boa parte do chão que pisamos, boa parte da água em que nos banhamos e a totalidade do ar que respiramos é de todos. Estão em excesso de oferta e ocorrem naturalmente, por isso não estão à venda. Nesses novos mundos

terão um preço. O ar que as pessoas respirarem terá de ser pago, se quiserem respirar. O ancião com memória de elefante, dava o exemplo dos doentes pulmonares que fazem oxigênio em sua casa. Podiam deixar de comer, deixar de pagar a renda, deixar de pagar os outros remédios, mas raramente deixavam de pagar o oxigênio. Em Marte, o capitalismo militarista apanharia sem freio e arreganharia o dente.

“Pior – o próprio acesso à informação será mais facilmente controlado dado o longo tempo de transmissão de sinais radioelétricos de Marte à Terra. Será possível interferir, filtrar, censurar”.

“Quando interessar ao governo dos Estados Unidos, Marte será um planeta em pé de igualdade com a Terra. Quando não interessar, será mais um estado da união ou até apenas uma mera colônia exploratória. Ao Quarto Planeta seguirão Titã em Saturno, Europa ou Ganimedes, luas de Júpiter e num futuro mais distante até Vênus, quem sabe. A Terra com quase oito mil milhões de pessoas terá um voto e Marte, com meia dúzia de fanáticos, prisioneiros e fundamentalistas diluídos na massa dos funcionários, terá também um voto numa confederação planetária. Países como o Brasil, a Índia ou o Japão querem ter acesso a um lugar permanente no Conselho de Segurança da ONU? Até podem ter, mas isso reporta-se a um planeta – a Terra. Quando existirem outros planetas habitados no Sistema Solar é preciso consenso interplanetário e Marte não será mais que o primeiro desses planetas”.

A ruidosa esquerda europeia divergira do grupo de Yksmohc, principalmente a intelectual francesa e alemã que se aliaram aos movimentos ecologistas mais radicais e queriam conservar Marte como estava e, assim, eram contra qualquer aventura destinada a introduzir espécies exógenas nesse planeta. *“Não chegava já o que se tinha feito na Terra? Era preciso destruir tudo?”*

O velho elefante ignorava essas críticas. Achava que elas travavam a entrada da Europa na corrida a Marte e, assim, diminuía o multilateralismo, deixando mão livre ao governo federal americano. Eram uma versão moderna do velho pacifismo do entre guerras que tinha provado a sua bondade zero, ao chegar a defender o desarmamento unilateral do Ocidente enquanto a Alemanha se rearmava. Só na cultura francesa e nos seus satélites continentais se sonha em construir barragens contra o Pacífico. Durante a Guerra Fria, dizia Yksmohc, *“fomos salvos pela destruição mútua garantida e por algum bom senso da tirania*

soviética face ao espírito aventureiro americano, como na crise de Cuba. Quem lançasse a primeira bomba nuclear morreria tanto como quem replicasse com a segunda. Se existisse um refúgio marciano reservado aos Estados Unidos, livre da ameaça da destruição mútua garantida, talvez a Guerra Fria não tivesse acabado bem”.

A coisa azedou de vez quando a ala mais conservadora do Partido Republicano, segmentos da direita apartidária e liberais de esquerda ligados à ciência, se puseram ao lado de uma rápida colonização de Marte. A ideia de que o pioneirismo, a cultura de fronteira, a liberdade por que o verdadeiro homem anseia, longe da intervenção de um Estado que controla e sufoca, já não estavam reduzidos à Terra, entusiasmava-se nessa direita. Podia fazer florescer um novo oeste mais livre e mais aventureiro no sistema solar e esse oeste incluiria o Planeta Vermelho. Quem tinha vencido a Guerra Fria tinha sido Reagan, com o seu projeto da Guerra das Estrelas e o seu abandono da detente que levava à desistência da elite soviética e ao colapso do muro de Berlim. O fim da destruição mútua garantida é que tinha feito a Guerra Fria acabar da melhor maneira – com uma vitória do ocidente. O projeto do Pentágono de retomar um sistema antimíssil baseado no espaço iria reduzir a Coreia e futuros candidatos a agressores à sua irrelevante dimensão.

Os inimigos da liberdade, os inimigos dos EUA e dos seus aliados, querem combinar como se dividirá Marte? Pois bem, vamos conversar com eles mas não vamos fazê-lo aqui, nas Nações Unidas ou em qualquer outro fórum terrestre. *“Os assuntos de Marte discutem-se em Marte. Apareçam quando lá chegarmos e encontrarão em nós parceiros para a construção de uma nova esperança. Se lá chegar alguém com vontade de construir uma mesquita, contem conosco para o ajudar lançar a primeira pedra”.*

Percebia-se o filtro: não ia quem queria, ia quem podia.

A antecipação de um investimento maciço nas ciências biológicas, diminuindo o sofrimento humano face à doença e à discriminação, era o entusiasmo de alguma esquerda liberal, próxima da ciência que acrescentava a isso a ideia de que o radicalismo cristão do sul perderia influência a prazo se a humanidade desse vida a outro planeta, descentrando-a da Terra. *“Quase tão bom como descobrir vida extra terrestre é tornar a nossa vida extra terrestre”.* Como

Crane previra anos antes, o apoio do grande público à corrida teve a sua verdadeira origem na divisão interna inicial da sociedade americana e na vitória política da perspectiva de que a expansão além fronteiras estava madura e se não fosse colhida pelos EUA, seria pelos russos, indianos e chineses.

Sofia e Mariah não ligaram nada ao confronto que enchia os meios de comunicação na fase inicial do debate. “*Circo*”, dizia Sofia. “*Não nos diz respeito, mas sim aos vendedores de ilusões*”, confirmava Mariah.

O que na sua inocência nem Sofia, nem Mariah sabiam, era da reunião que ocorria em Seattle entre as três lideranças da Trindade e que davam pelos nomes de código de Pai, Filho e Espírito Santo. Não sabiam porque a Trindade era uma organização heterogênea, suficientemente poderosa para ambicionar mudar a história do mundo no século XXI, mas tão ilegal como secreta.

O Pai representava um grupo de gênios e empresas de biotecnologia, nos seus diversos ramos - o alimentar, o agrícola, o químico, o médico e o novíssimo da evolução animal dirigida;

O Filho representava um conjunto de interesses das indústrias mineira e eletrônica, das indústrias aeroespacial, energia e de alta tecnologia, bem como da alta finança;

O Espírito Santo era uma facção dissidente da comunidade dos Serviços Secretos e Forças especiais Norte-Americanos, inicialmente ultraminoritária, mas que crescia de forma imutável desde os ataques do fundamentalismo islâmico em território americano, principalmente desde a destruição do Capitólio em Washington em 2018. Dominava três agências governamentais e infiltrara muitas outras. Era o braço armado da Trindade e tomava conta da Fundação a largos passos.

O Espírito Santo tinha nascido muito antes da Trindade, com um matemático militar britânico, discípulo de Turing, que se naturalizara norte-americano, alegando que quem quiser fazer alguma coisa de relevante tem de emigrar para a Terra Prometida, ou o Paraíso, expressões com que, perante os totalitarismos e a devastação europeia do pós guerra, ele designava os Estados Unidos. Combatera os alemães na Segunda Guerra Mundial e se preparara para atacar os russos em Berlim. Chegou a ser responsável por uma briga entre forças

anglo-americanas e soviéticas, que não deu em nada porque os comandos russo e americano identificaram a ação desse jovem oficial como propositada para anular a conflagração. Ambos decidiram que não iriam para a guerra manipulados por um inglês. Após a sua naturalização americana, fizera carreira nos Serviços Secretos de Informações, chefiando o Gabinete T, dedicado à prevenção filosófica, política e tecnológica da extinção do Ocidente, focado principalmente no risco de emergência de uma descontinuidade histórica.

Ele conseguiu trazer para a alçada dos serviços secretos a monitorização do perigo de sete descontinuidades: o escape da informação para fora do controle dos estados nacionais, a implantação de um Estado Planetário antes do domínio irreversível da variante americana da cultura ocidental, a autonomização das máquinas em relação ao homem, uma nova peste negra, o impacto físico com um asteroide, o contato com civilizações alienígenas e o surgimento de um anticristo. Foram a primeira e a última que o tornaram relevante.

Identificou antes dos seus pares a necessidade de sediar nos EUA a gestão dos domínios da internet, evitando a sua fuga para locais desmaterializados. Apontou o fundamentalismo laico europeu a longo prazo e o fundamentalismo muçulmano a médio prazo, como sendo os principais candidatos à geração de um anticristo. Nesses tempos, o inimigo consensual do ocidente era o comunismo soviético e o Gabinete T foi o primeiro a antecipar que a principal ameaça externa nas próximas décadas para os EUA provinha do mundo islâmico e que essa ameaça duraria algumas décadas até a China e a Índia a esmagarem definitivamente.

Antes, em março de 1983, Reagan fizera o discurso presidencial em que anunciou a Iniciativa de Defesa Estratégica, a IDE ou Guerra das Estrelas, de base orbital que foi decisiva na Guerra Fria, contribuindo para a derrota da URSS. Infelizmente para o Agente T, derrotados os soviéticos, terminado o mandato do Presidente, a Guerra das Estrelas foi colocada em banho maria.

O Agente T discordou do fim da Guerra das Estrelas, alegando que os EUA necessitavam a longo prazo de ter uma estratégia de defesa contra ameaças extraplanetárias. O presidente que fora o seu principal apoiante, passou a ser o principal opositor do Gabinete, pois era um apologista inegociável da liberdade e da autodeterminação do indivíduo, recusando a plantação de olhos no céu. Retirou-lhe poder e recursos, ficando a um milímetro de o extinguir. T protestou

primeiro, mas depois deu o passo de gigante que o levou da simples discordância a ter uma agenda secreta própria para, por fim, se precipitar no salto sem retorno, da conspiração contra o Governo legítimo. Foi para sobreviver à pressão de Reagan que o Gabinete criou o Espírito Santo e o desenhou para que desferisse no futuro um golpe de mão dentro dos serviços de segurança que eliminasse de cena os opositores da linha securitária. T repetia a aventura de Berlim em 45, mas desta feita mais sabiamente.

Antes de morrer, já sendo bem visível a ameaça islâmica que o reabilitou, o agente T costumava dizer que o anticristo hesitará quando ligar o seu computador para nos espreitar e descobrir que está sendo espreitado. O anticristo hesitará quando, em Meca, olhar para o céu e adivinhar, não mil virgens, felicidade ou esplendor, mas mil satélites americanos vigilantes dos seus passos. À cabeceira do fim, T tentou inesperadamente desativar o Espírito Santo, mas era tarde demais. Quando morreu o seu nome permaneceu secreto e na sua sepultura constava apenas Agente T, transferido da terra prometida para o verdadeiro paraíso em 18 de janeiro de 2003. Assinado ES.

* * *

Enquanto Sofia e Mariah discursavam numa pequena escola secundária de um bairro de Columbia, longe dali, em Seattle, e depois de negociarem cada detalhe, as três partes da Trindade chegaram a um acordo geral, iniciando a segunda fase da mais ambiciosa operação de sempre do novo complexo industrial-militar, formado pela Indústria do Conhecimento e os Serviços Secretos: a operação Fumo Celeste.

3ª Parte
Mil Séculos

Capítulo 11

A Ascensão aos Céus

Era raro nevar em Lisboa, mas nevara na longínqua tarde e tinha-se posto inverno e prematura noite naquele dia. Mal o teste rápido da saliva do alvo foi positivo para a mutação que procuravam, Nolan Dimmick voltou a sair do pequeno laboratório e deu ordem para que ele fosse içado do beco, coberto da obscuridade. Mandou vir o carro para caçar o exemplar de onde provinha a amostra de saliva, enquanto o laboratório era puxado, como uma cápsula, pelo mini guindaste até ao telhado, para depois ambos, o cubículo e o guindaste, serem capturados pelo silencioso helicóptero negro. O helicóptero voou mudo, vendo a aglomeração de casas de telhados vermelhos típicos da península ibérica, as águas furtadas, as janelas iluminadas, e depois os palacetes ocres e as igrejas, ou caiadas de branco ou de pedra calcária, que davam para praças emolduradas por calçada portuguesa de base clara, decoradas com figuras abstratas, negras ou vermelhas e ornamentadas com a iluminação natalícia que se estendia das principais avenidas. O piloto Patrick Molina atravessou a margem do enorme rio, vendo à sua esquerda a longa e branca ponte Vasco da Gama, correndo rente à água, margeada pela luz de dezenas de candeeiros, e à sua direita a alta travessia suspensa, vermelha, à escala geográfica, que lhe fazia lembrar a ponte da sua cidade natal em São Francisco. Passou sobre dois cacilheiros acabando por aterrar no porta-helicópteros que, com um navio de assalto anfíbio e um destroyer, tinham aportado no estuário do Tejo.

Apesar de terem entrado em operação há mais de um ano, Nolan continuava a ficar pasmo com o silêncio daqueles pássaros de duzentos milhões de dólares cada. Dez valiam tanto como a força aérea de muitos países. Chamavam-os de negros, mas eram cinzento carvão fóssil, pois o seu revestimento exterior era uma tela flexível que retransmitia em tempo real as imagens que estavam atrás deles. O sistema era melhor à noite. Quem olhasse para cima via estrelas e nuvens sobre um fundo escuro, não se percebendo

facilmente que não via a noite, mas um filme passado na face inferior e lateral de um instrumento de guerra. De dia, o mecanismo era imperfeito e uma pessoa treinada distinguia bem o helicóptero, se o procurasse. Os motores elétricos usados na fase de aproximação ao alvo, as colunas de antissom que projetavam ondas sonoras em fase invertida com as do helicóptero, as cinco pás perfuradas com ejeção ativa de gás pesado que dispersavam a corrente de ar, e terminadas em Z para atenuar a turbulência, garantiam a quase ausência de ruído próximo do solo e diminuía muito o vento. Ainda assim, a partir dos últimos cinquenta metros sentia-se perfeitamente a aragem. Se conseguissem afrouxar um pouco mais o fluxo de ar que ainda projetavam, o céu noturno deixaria definitivamente de ser de confiança para o inimigo.

Pena que só os dessem à maldita tropa. Os trogloditas recebiam tudo novo, primeiro que todo mundo e eles ficavam com o refugo. Nolan Dimmick os seus camaradas nem existência tinham e quando muito mostrariam as medalhas aos netos, se os chegassem a conhecer. Ainda assim, Nolan encontrava lugar para o contentamento no rio de fel da sua dureza.

Entrou no carro preto que tinha chegado e esperou, sereno, pela confirmação de que procederia à recolha imediata do exemplar português, agora definitivamente identificado. Mas quando veio a ordem, disseram que não ia ser ele. O Espírito Santo tinha dois homens posicionados para fazer a captura naquele preciso instante. *“Filhos da mãe. Quem teriam mandado desta vez? Tropa de ginásio com certeza”*. Antes de se mudar para a agência, Dimmick colaborara com a CIA como operacional externo e sabia o que era a guerra a sério. Nunca percebeu porque é que não conseguiu entrar para o quadro. Se calhar era porque tinha sotaque ou porque era feio. Ou então porque não ia à missa ao domingo nem cantava de mão no peito o hino nacional na segunda-feira de manhã. Por incompetência é que não fora. Pena que a CIA estivesse fora do esquema. Os russos e os judeus não tinham esses devaneios, de subdividir o que tem de ser feito por cem organizações que se controlam entre si. *“É por isso que com meia dúzia de trocados dão o avanço que dão ao serviço”*.

- OK, comunicou Nolan. Compreendido. Só espero que tenham percebido bem a idiossincrasia deste indivíduo.

- Estão informados, disse pessoalmente o Pai.

- Certo, mas já tenho-os visto mais cegos que invisíveis, terminou Nolan

Dimmick

- Vem para casa, respondeu o Pai.

Os seus colegas costumavam dizer que deixasse de se meter em guerras de chefias. “*Se foram eles que embaralharam as cartas e é a eles que irão os trunfos, então que sejam eles a pagar as apostas*” comentou o colaborador local, que estava ao volante do automóvel. Nolan detestava a incompetência, viesse de que nível viesse. Mas voltava para casa bem a tempo da ceia de Natal. Isso era bom. Mandou vir outro helicóptero para o apanhar.

O segundo piloto veio, mas fumegava. Agora era taxista de civis? O automóvel, de luzes apagadas, tinha começado a ser içado pela aeronave há pouco mais de um minuto, quando surgiram dois carros da polícia e, em seguida, uma viatura médica de emergência e uma ambulância amarela do INEM. Os portugueses tinham a mania das ambulâncias amarelas. A viela ficou iluminada de rotativas, prova de que o Natal chegava a passos largos, mesmo à morada do infortúnio.

O segundo helicóptero negro manobrava na plataforma do navio de assalto anfíbio que visitava o Tejo, para pousar o carro preto com os dois agentes no seu interior, quando Tyrell Hendriks, o Pai, libertou da varanda do seu apartamento em Uptown Houston, a última pomba e ficou a vê-la passar pela Williams Tower, em direção ao Espírito Santo em San Antonio, com uma mensagem triunfal: “*Vinte e três dias certos*”. A Operação Levante chegava ao fim menos de um mês depois de iniciada, pensava o Pai.

* * *

A América é um país de carros e estradas, não de trens e trilhos. Ninguém se lembraria de procurar Louis Marcé na linha de caminho de ferro por onde escapava em direção ao norte. Após algum tempo de marcha, surgiu finalmente ao longe um trem de milhares de toneladas que se aproximou, trepidante, na escuridão. Louis saiu para a margem, decidido a tentar a sorte de uma carona, mas a velocidade do cavalo de ferro impediu que saltasse para ele em andamento. Ainda tentou correr ao seu lado mas desistiu. Saltar era morrer.

Horas mais tarde viu na linha um novo farol, mas acabou por perceber que esse não se aproximava. Estava parado. Seria a próxima estação? Dinheiro não

lhe faltava para o bilhete, mas, desilusão, o farol estava se movendo apesar de vagarosa e silenciosamente. Não era ainda a estação ferroviária que procurava.

Quando o lento farol chegou, Louis saiu novamente para a margem, curioso para ver o mini trem passar. Não tinha vagões de passageiros, seria provavelmente uma locomotiva isolada, talvez elétrica. Para sua surpresa, quando ficou nitidamente visível era só uma daquelas carretas ferroviárias movidas a braços por dois homens, como as que se viam nos bonecos animados do Bugs Bunny ou nos filmes mudos de Charlot. Na parte da frente estavam dois indivíduos de sobretudo, com óculos de mergulhador, cigarro na boca, mãos nos bolsos e pose de doutor, enquanto atrás dois brutos motorizavam a maquineta. “*Que raio de cômicos no pico da noite viajando naquele veículo de propulsão humana*”, cogitou imóvel, sorrindo.

Quando passaram por ele, os homens pararam o veículo e saltaram para o chão; os brutos puseram óculos iguais aos dos doutores e dirigiram-se os quatro em sua direção. Fez-se luz: eram óculos de visão noturna e eles vinham buscá-lo. Louis que nunca corria, correu pelo arvoredo em ziguezague, fugindo aos disparos surdos de dardos que ouvia passando-o tangencialmente e de vez em quando via cravarem nos troncos à sua frente, varado pela raiva de ter esperado pelos captores, como um pato tonto. A floresta da Virgínia era relativamente densa naquela zona, mas como as árvores de folha caduca estavam despidas e o mato rasteiro era pobre no inverno, nem a mata nem a noite lhe davam proteção suficiente contra os quatro caçadores. A sua visão noturna era tão boa que os óculos de infravermelhos dos seus perseguidores não eram uma vantagem, mas serem quatro e conhecerem bem o terreno seriam. No início um dos agentes agarrou-o, mas ele derrubou-o com facilidade e à medida que o tempo passava, apesar de ter de correr em zigue-zague para evitar ser atingido, ia se distanciando dos perseguidores. A certa altura ouviu um trem verdadeiro rugir na noite. Correu para o caminho de ferro. Ia voltar à linha para a atravessar de novo antes da passagem da locomotiva, deixando para trás aqueles personagens de pele de cera branco e rosa que circulavam na charrete movida a braços que o monstro de aço ia despedaçar em cem fragmentos sem sequer travar.

Ofegante como uma presa, sem dúvida, mas difícil de caçar. Sentiu a vibração do solo e viu a gigante máquina metálica emergir na noite. Ele tinha o azar de ser tratado como um palhaço por polícias de vários continentes, mas a

sorte de fugir de todas. Precipitou-se para a linha da meta, para o abismo da salvação, para o trampolim que lhe garantia um futuro em Montreal, pois o trem tinha mais de trezentos vagões de carga, meia hora de atravessamento, meia hora de avanço sobre quem o perseguia. Saltou, cruzando a ferrovia, passando o trem rente ao Campo de Ourique, salvando-se no último segundo.

Com a oscilação frenética, acordou subitamente e pulou da cama, pondo-se de pé para fugir da locomotiva. Mas não conseguiu porque estava preso. Faixas nos tornozelos, acima dos joelhos, na bacia, no peito e nos pulsos. Amarrado como Gulliver numa prisão. A cela era escura e gelada, mas a cama estava aquecida e ora vibrava, ora se mexia sozinha. O colchão insuflava e desinsuflava sem ninguém lhe dizer nada. Os lençóis eram de tecido transparente, sem serem de plástico. Ele estava preso e nu numa solitária qualquer, com um emaranhado de fios colado na sua pele, adesivos sofisticados e uns rolhões que sopravam ar no seu nariz. O corpo estava salpicado de centenas de pintas prateadas. Tinha sido capturado. Estaria num hospital? Num laboratório? Num centro de autópsias? Não, ele estava vivo e ligado a não sei quantas máquinas. Será que o médico ruivo era responsável por aquilo? As memórias da fuga de casa, do navio carvoeiro, da tempestade, das crianças loiras aterrorizadas, da música infantil cantada no funeral oceânico pela mãe do homem que morrera, das caixas com os dedos amputados, do Raio X, da fuga na floresta, vieram em fila indiana acrescentar-se à visão do trem que saltava da noite na sua direção.

Fora aquela espécie barata de médico que o denunciara. Que diria o Juiz, ele que se incomodara com as marcas das algemas, que diria de o prenderem nu naquela masmorra solitária? Ideias desconexas vinham à superfície e afundavam-se em seguida. *“Nunca verei o Juiz. Isto está feito para que eu não seja julgado”*. Teriam sido os policiais com roupa de bombeiro, que leram seu pensamento e o castigavam agora? Seria a Excelência do Carvoeiro? *“Oficialmente morri com certeza. Quem fez isto não foi a polícia. Foi quem me tramou desde o início. Foi quem matou o Quiroga, o Mestre e a babá. Quem?”*

- Alguém? Tem alguém aqui? Alguém me ouviu? Louis gritou tão alto quanto pôde, mas podia pouco e o som vinha rouco e a sua garganta ardia. *Que*

fedor. Que cheiro de esgoto. Os tampões que sopravam ar soltaram-se do nariz e o cheiro era imundo. Levantou a cabeça e gritou de novo.

- Ajuda. Estou preso.

Imprevisivelmente, não estava sozinho. Uma espécie de androide rodado mirava-o com ar de imbecil e havia uma série de pessoas presas como ele. A falta de luz não permitia ver claramente, mas eram várias. O androide era só um e devia ser cristão pois tinha uma cruz vermelha no peito. “*Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete. Aquilo é uma bela mulher nua, caracas. Tarados*”. Duas eram mulheres de certeza, e ambas loiras, três eram homens, sem dúvida e depois não dava para perceber os dois mais distantes. Olhou para o androide e tentou cuspir nele sem sucesso porque tinha a boca seca.

- Ei, vocês. Ei, ei – gritou.

De repente um novo abalo sísmico, abanando a masmorra à beira do desmoronamento.

- Vamos morrer todos soterrados – gritou. Acordem.

O cheiro não era melhor que a ameaça do terremoto. Devia ser um esgoto com ratazanas e baratas. Odiava ratazanas, odiava pombos e odiava baratas. O chão era negro, mas não devia ter água, senão com o sismo tinha visto a ondulação. Via-se mal. Devia ser lodo. A vibração continuava agora com menos abalos particularizados. Não conseguia se levantar por mais que tentasse. Uma camisa de forças, aquele sistema de cintos. Era de noite, podia ver pelas janelas. A vibração era ensurdecedora e surgiram chamas lá fora. Ardia. “*Vamos morrer é queimados*”, pensou. “*Sorte têm eles por não acordarem*”. Depois veio o sono e uma tontura.

- *Eh veia. Eh veia*, proclamava ao seu lado um dos prisioneiros. Despertou e ainda estava na masmorra e ainda era de noite, apesar da luminosidade ser maior. O fogo já estava extinto, mas ele continuava amarrado. Olhou para o tipo que gritava. Estava preso e despido como ele, com os lençóis ou edredons transparentes. *Éveille*, insistia o outro.

Louis voltou-se para o companheiro amarrado:

- Quem é você? Onde estamos?

- Quoi? retorquiu o outro. Parle-toi français?

Era francês. Não. Era do Québec. Louis olhou para as mãos dele e tinham

os dedos todos. Não devia ser o Marcé.

- Toi, tu parle français ou quoi? insistia o gaulês.

O outro prisioneiro que estava à esquerda do francês começou a tossir e a agitar-se e o francês voltou-se também para ele, a vociferar *Éveille, éveille*. Attention a ne pas vomir. C'est dangereux. *Éveille*.

- What the fuck is this? responde o outro. Is this somekind of joke? Where in the hell?

Aquele era americano. Louis estava numa versão escatológica das Nações Unidas ou coisa do tipo. Surgiram vozes de mulher. As prisioneiras contorciam-se para se libertarem das cintas.

- Hey people, diz o americano. My name is Andrew and I'm from Houston. I count seven people in here. Let's say our names and country and who speaks and who doesn't speak English.

* * *

Não eram sete. Eram oito porque o Andrew se esquecera de contar consigo próprio. Todos falavam inglês. Cinco eram americanos, um era australiano, um era francês e um era português. Andrew Kline de 34 anos de Houston; Steven Boyd de 37 anos, era de Minnesota; Sofia Suren e Mariah Dexter de 21 anos, eram ambas da Carolina do Sul e Larissa Mayamba Lee de 28, filha de mãe angolana e pai americano, era de Harlem, em Nova York; Caroline Furst, tinha 25 anos e era de Brisbane, descendente de colonos alemães cuja língua falava fluentemente, vivendo atualmente em Oxford. Louis Marcé fazia 21 anos naquele dia, mas não sabia e era de Lisboa. Pierre Tollmache tinha 29 e era de Lille, residindo em Paris.

Louis rapidamente percebeu que nenhum deles era perseguido pela polícia e que eram todos especialistas em matérias complexas. Steven era geólogo e piloto da NASA que tinha abandonado por conflito com três colegas que a hierarquia não tinha conseguido sanar; Andrew era engenheiro aeroespacial especializado em energia fotovoltaica e com um doutorado em segurança de dados; Sofia e Mariah estudavam exobiologia, e eram peritas em evolução vegetal dirigida e simbiose fúngica e a Sofia era também em genética de extremófilos; Caroline, tão loira quanto Mariah, era engenheira especializada em

unidades fabris miniaturizadas, nomeadamente impressão 3D aplicada a fins industriais e historiográfica nas horas vagas, Pierre tinha se formado em matemática, com um doutorado em teoria do jogo e análise de dados. Larissa, uma engenheira física, era nada menos que a mais promissora jovem engenheira negra dedicada à fusão nuclear da Nova Inglaterra.

Louis hesitou em dizer o que fazia pois os outros eram todos gênios, dizendo que provavelmente estava ali por engano.

- Disse “por engano”? Não é essa a questão, disse Steven Boyd. O que faz da vida?

Louis esteve para dizer que lutava MMA, mas isso pareceu horrível naquele momento e por isso declarou ser perito em armas.

- Que tipo de armas, interrogou Steven?

- Todo tipo, respondeu Louis.

- Trabalha para alguma agência estatal?

- Não.

- Estranho. Como ganha então a vida como perito em armas?

- Mal, avançou o Louis. Vivo na casa dos meus pais.

- E porque é que está aqui? insistiu Steven que via algum fio condutor no perfil dos restantes encarcerados e isolava Louis Marcé.

- Não faço a mínima ideia. E você veio para esta masmorra para fazer perguntas?

Calaram-se.

- Será que alguém consegue imaginar uma razão para o que nos aconteceu? perguntou Sofia.

Ninguém fazia ideia. Todos se lembravam de seguir a sua vida normal, se bem que, no caso de Louis, essa normalidade estava há algum tempo sob forte racionamento, e de terem acordado ali. Eram todos cientistas ou engenheiros, à exceção do Louis que se dedicava a fugir da polícia, mas cuidou em não revelar esse detalhe.

O cheiro nauseante provinha do fato de lhes terem colado no períneo um saco para evacuarem e a selagem desse saco não ser perfeita.

A certa altura acenderam-se luzes. A nudez dos oito prisioneiros tornou-se

mais constrangedora e só era diminuída pelas centenas de pequenas tatuagens prateadas ou pintura corporal salpicadas na pele abaixo do rosto, como esparsas escamas, dando-lhes um aspecto de seres marinhos, pelos longos cabelos e pela barba dos homens que tinham barba. Estavam numa câmara quase circular, voltados uns para os outros e no teto ligo-se um poliedro de LCDs. Surgiu um homem aí dos seus cinquenta anos que se identificou como médico e disse que tinham estado sedados com fármacos amnesiantes por mais de seis meses e, por isso, estavam com necessidade de instrumentação de suporte artificial de vida. Estavam imobilizados por sistemas de contenção física que em breve iriam ser desarmados, libertando-os. Como nenhum era profissional de saúde, deviam prestar atenção às instruções de como removerem os dispositivos médicos, apesar destes serem simples. Havia um robô médico na nave e a única tarefa que ele iria realizar nesta fase seria a remoção do cateter central tunelizado. Depois as camas iriam se levantar como cadeiras e eles deviam permanecer sentados dez minutos para que todos pudessem se vestir e se lavar. A pele estava coberta de sementes de platina que descamariam lentamente no futuro. A medula de parte dos ossos longos das pernas e dos braços tinha sido também preenchida com platina biocompatível, o mesmo acontecendo com as vértebras, com o propósito de ajustar o seu peso. Não havia risco para a sua saúde, a não ser que fossem submetidos a vibrações repetidas pois a interface entre a platina e a medula óssea era a única região instável. Nesse caso poderiam entrar em circulação micropartículas que, se embolizassem, seriam perigosas para o cérebro e outros órgãos. Passou a descrever como se devia retirar a algália, o soro, a sonda nasogástrica, as máscaras nasais, os elétrodos, as sondas térmicas, os sensores de saturação de oxigénio, de pressão de CO₂, os elétrodos de estimulação neuromuscular e as meias de pressão alterna.

Quando terminou, o robô dirigiu-se a cada um, pediu desculpa e removeu o tubo do soro que tinham no peito abaixo da clavícula, com um movimento rápido, mas preciso, calçou no orifício meia dúzia de minutos e depois colocou uma gaze de pele artificial. Em seguida, as faixas de contenção libertaram-se e eles puderam se mexer. As camas eram verdadeiros robôs, sentando cada um primeiro e levantando-os depois. Removeram os dispositivos, limpam-se com lenços umedecidos, vestiram uma roupa de papel descartável e surgiram

indicações para descerem dois níveis, onde se encontravam chuveiros, bem como roupas limpas.

Assim fizeram, com os rostos marcados pela ansiedade. Louis era o mais novo, mas também o mais calmo. Há muito que era uma marionete nas mãos de desconhecidos. Faltava pouco para perceber quem era o incógnito e porque se interessara por ele.

Disseram para subirem ao piso intermediário, onde encontraram uma mesa em U quase fechado, com cadeiras fixas ao chão como tudo naquela prisão, com o nome de cada um deles. Na mesa, encontravam-se oito portáteis, também fixos, um em frente de cada cadeira personalizada. A sua dizia Lucas Zuriaga.

Steven Boyd voltou à carga e perguntou se era Marcé ou Zuriaga e ele respondeu que Marcé era o nome que o robô lhe chamava. Steven não achou graça e insistiu em saber porque tinha dois nomes; Lucas explicou que Marcé era o seu nome artístico.

- De que arte? replicou Steven.
- Arte no manejo de armas.
- Que armas especificamente?
- Dos punhos, principalmente.

No ar pairou um constrangimento e todos repararam que Lucas era particularmente musculado.

Sentaram-se olhando para o nono lugar onde estava a tela gigante de alta resolução que se ligaria a qualquer momento. O momento chegou e o coração de Sofia acelerou e o de Mariah explodiu quando apareceu a face tensa do Professor Crane.

- Tio, gritou Mariah, o que se passa, os meus pais estão bem?

Crane olhou para o lado e depois voltou a olhar para a câmara e começou a falar.

- Tio, gritou, Mariah, lacrimejante.
- Calada, loira. Não percebe que ele não consegue ouvir? escarneceu Steven.

Steven Boyd era ruivo como o outono, um pouco arredondado e tinha a pele muito branca, mas ao contrário do habitual não tinha sardas. Como muitos ruivos, e todas as pessoas eram ruivas na sua família, pai, mãe, avós e irmã, tinha sido vítima de bullying na escola. Era excessivamente orgulhoso e possuía uma

memória videográfica, mas mais do que os momentos felizes, eram os sofridos que recorrentemente via passar na tela da retina. Talvez por isso, tinha um modo de falar belicoso, em supetão e reagia facilmente com impulsividade.

- Meus amigos, começou Crane, querida Mariah, esta é a mensagem mais difícil da minha vida. Peço que ouçam com atenção e peço que não tentem falar comigo, pois as comunicações com vocês são lentas, quase impossíveis. Há cerca de cinco anos um corpo celeste muito escuro, de dimensões planetárias, foi descoberto em trajetória de colisão com Marte. Infelizmente, pelo alinhamento planetário, a Terra encontra-se na rota dos destroços do choque do planeta vermelho por esse corpo, que chamamos de Theia. A estimativa de uma colisão dos fragmentos com a Terra subiu até ter ultrapassado os setenta e seis por cento há dois anos, mantendo-se nesses valores desde essa altura. Caso não haja um impacto direto poderá verificar-se ainda assim uma interação disruptiva muito grave.

Fez-se um silêncio de morte: os oito prisioneiros estavam agora reféns, já não da masmorra, mas das palavras de Crane.

Capítulo 12

O Anúncio

- Estima-se que a colisão irá ocorrer dentro de vinte e sete meses, continuou o Professor, se se der na primeira passagem, o que tem sessenta e sete por cento de probabilidade, ou dentro de trinta e nove meses se acontecer após o movimento circulatorio do sol pelos destroços, o que esgota o resto da probabilidade. A vida na Terra estará, temos de o considerar, ou devastada ou definitivamente condenada.

- Desde que os governos souberam desse fato, lançaram iniciativas de preservação da espécie humana no único local onde ela pode ocorrer fora da Terra a curto prazo - em Ganimedes, o satélite gigante gelado de Júpiter - e, a longo prazo, em Vênus. Para que Vênus seja habitável, estão sendo lançadas toneladas de bactérias modificadas na sua atmosfera que a alterarão ao longo de quatrocentos anos, altura em que esse planeta terá uma atmosfera semelhante à da Terra, arrefecendo dos atuais quatrocentos e cinquenta graus para valores aceitáveis, pelo menos nos polos.

- Vocês, no momento em que me ouvem, estão pousados perto do Polo Sul de Ganimedes, a maior lua de Júpiter, no interior de uma abóbada artificial, de uma cúpula de grandes dimensões que os isola do resto do planeta e que deverá ser transformada por vocês e pelos outros colonos do grupo numa biosfera capaz de produzir alimentos vegetais. A população e os governos não essenciais não foram informados para evitar o pânico.

- Há mais de vinte por cento de probabilidade de haver uma interação disruptiva, mas que permita o retorno da vida humana à Terra dentro de três a dez anos. Seria um evento de quase-extinção com o planeta a congelar por falta de luz dado o escurecimento provocado pelas poeiras, seguido de repovoamento. Por fim, foi computada a hipótese, talvez com dois por cento, do planeta que nos ameaça não ultrapassar Júpiter, caindo sobre ele. Nesta última eventualidade várias luas, incluindo a de vocês, serão atingidas e vocês não sobreviverão.

- Deu-se uma clivagem inultrapassável entre os vários governos sobre quem deveria ir para Ganimedes. Dois grandes países acham que as lideranças políticas têm prioridade. Nós e os nossos aliados decidimos que a única solução racional seria o envio de jovens em idade reprodutiva e com as competências necessárias à sua sobrevivência nas biosferas. Lançamos duas missões equatoriais para essa lua, bem como meios logísticos com capacidade para suportar de forma autônoma um total de sete missões tripuladas para quase oitenta colonos, vários dos quais com treino militar na Marinha norte-americana. Isto no cenário mais conservador, que será o implementado se a avaliação do risco favorecer a solução de estações orbitais em torno da Terra e não o reforço da colonização de Ganimedes. Sabemos que a China enviará duas missões e a Rússia outras duas. Nas primeiras irão militares e engenheiros e nas segundas os líderes políticos. Estarão pois aí, em breve, onze missões tripuladas oficiais e é possível que organizações privadas enviem uma ou até duas um pouco mais tarde. Estamos convencidos que a Índia e o Brasil não conseguirão lançar nenhuma a tempo.

- Lançamos três grupos de assentamentos, cada um com quatro semicúpulas auto expansíveis. Uma para utilização presente e três para uso futuro, após o crescimento demográfico. Cada um dos três grupos recebeu duas ou três naves tripuladas e naves logísticas de apoio. As duas ou três naves de cada grupo foram posicionadas no interior da mesma abóbada que se encerrou automaticamente em seguida, ficando as três outras, localizadas na sua vizinhança, desabitadas pois são reservas para o futuro. Infelizmente, a missão parceira foi desviada para o limiar da abóbada, junto a uma elevação e, após um SOS inespecífico, temos recebido apenas dados automáticos dos sistemas. Não garantimos que tenha sobrevivido, apesar de julgarmos que sim, mesmo se com perdas parciais. O reator nuclear exterior à cúpula está funcionando e iniciou o processo de ativação. Produzirá energia dentro de dez semanas, levando ao lento aquecimento da hemicúpula dentro de quatro meses e terminando o inverno no interior dela dentro de cinco meses. Fora das biosferas a condição do planeta é de inverno perpétuo. Vocês deverão ir ao encontro dos parceiros mal abrande o inverno dentro da abóbada e a temperatura permita que circulem no exterior. O desvio da sua missão gêmea não foi só das tripulações. Incluiu todo o polo de

carga logística de valor vital para o sucesso da colônia, nomeadamente o reator nuclear pesado interno que serve de reserva caso o externo entre em disfunção. As três abóbadas vazias, suas vizinhas, estão operacionais, tendo encerrado corretamente. Os reatores nucleares externos e interno dessas cúpulas ficarão desligados até ser necessário ativá-las para construir novas biosferas.

- As outras missões dos outros dois grupos aterraram sem dificuldade e estão bem, mas numa localização mais perto do equador.

- O grupo de vocês foi submetido a uma técnica de densificação ortoprotésica por platina, para que o peso de cada um seja idêntico ao da Terra. Mais de metade do peso de vocês é platina e isso é visível na pele. A forma ultrapura de platina que foi implantada é inerte do ponto de vista biológico se mantiverem a alimentação certa. Têm apenas de evitar saltos, pancadas e quedas pelo perigo de entrada em circulação do metal. Manter o peso significa preservar massa muscular e óssea tornando o trabalho físico mais fácil.

- Não esperamos confrontos com as missões russa e chinesa, mas podem ocorrer. Mal soubermos onde eles aterraram vocês serão informados. Se eles pedirem ajuda, ela será prestada nos nossos termos. As missões russa e chinesa são um gargalo genético. Não têm variedade que chegue para garantir a sobrevivência da espécie e devem ser consideradas, sempre que colocarem em desvantagem a nossa missão, como constituindo um risco de extinção para o gênero humano.

- Vocês são saudáveis, diversos e férteis. Têm variantes genéticas consideradas vantajosas em Ganimedes. Depois do estabelecimento de uma colônia viável, devem ter filhos.

- As suas famílias, continuou o Professor Crane, tomarão conhecimento desta mensagem após serem contactadas pelo Presidente dos Estados Unidos ou pelos governantes dos seus países.

- Como há uma possibilidade de vinte e quatro por cento de sobrevivência da vida na Terra, estão sendo construídas estações orbitais que albergarão de vinte a cem mil pessoas. Metade dessas pessoas serão escolhidas por critérios de fertilidade, saúde e variedade genética. A outra metade será selecionada pelo seu valor como líderes ou profissionais. Os seus familiares, como reconhecimento, serão incluídos nestes dez a cinquenta mil. Pensem assim: se houver um milagre e a Terra permanecer viável, eles viverão porque vocês foram escolhidos para

esta missão.

- Nos computadores estão pastas sobre como deverão proceder, mas parte da informação só será acessível dentro de um ano. O líder da vossa missão, designada como polar pois está mais perto do polo sul de Ganimedes, é o Andrew Kline, com o cargo de Vice-Presidente para Ganimedes e o oficial de segurança, com a função de manter a paz e implementar a autoridade atribuída ao Vice-Presidente, é o Lucas Zuriaga. Depois de se juntarem aos colonos acidentados, Lucas será incorporado na Marinha norte-americana como Oficial. O mandato do Andrew é de um ano, após o que se procederá conforme a constituição que escrevemos para Ganimedes, libertada nessa data. Amanhã ao meio dia receberão uma mensagem do Presidente dos Estados Unidos.

- Toda a sorte para você, querida Mariah, que sinto como minha filha. Prometo tomar conta dos seus pais. Seja feliz. Forte abraço para todos de quem os inveja e deseja a melhor das sortes desse mundo.

O Prof. Crane desvaneceu-se. Mariah chorou convulsivamente. Sofia abraçou-a e os outros ficaram mudos. Crane tinha-se dirigido a Mariah de uma forma familiar, como era de esperar, mas Sofia sentia-se devastada pelo fato do tio a ter ignorado. Nem uma frase. Sofia não pertencia ao círculo íntimo daquela gente? Passara meses e meses, lá na casa e era tratada como uma desconhecida. Sentia-se parte da família e agora era excluída da forma mais fria. Quando se muda para outro estado, as pessoas se despedem e desejam boa sorte. Quando se vai para o estrangeiro, se abraçam e prometem escrever, mandar fotografias. Ela foi enviada para a periferia de Júpiter e nem uma palavra.

Andrew estava sentado no cadeirão do meio, com Lucas à sua direita e Sofia à sua esquerda.

- Lucas, aceita a missão de segurança que lhe foi atribuída? perguntou calmamente Andrew. Fez-se um silêncio tenso. Era a primeira intervenção do Vice-Presidente Andrew. Lucas não era americano, porque haveria de entrar naquela coisa, de obedecer fosse a quem fosse? Por outro lado, a sua sobrevivência e a sobrevivência hipotética dos seus pais, dependia dos ianques. O passado ficara para trás. Ia abraçar o futuro, ia fazê-lo sem a irredutibilidade que o seu mestre tanto criticava e ia procurar a paz.

- Sim, com certeza, anuiu.

Os outros olhavam para eles, com um ar entre o dramático e o incrédulo. Só Steven parecia estar apenas zangado.

- Alguém se opõe a que eu assumo a chefia do grupo? perguntou Andrew.
Silêncio.

“*Ele já tem o seu gorila e agora é que pergunta se tem apoio?*” pensou Sofia.

- Nós não nos conhecemos, disse Andrew olhando para as duas moças abraçadas, à exceção da Mariah e de você ...

- Suren. É Sofia Suren.

- Peço desculpa, mas ainda não memorizei os nomes de todos; eu sei que nós não nos conhecemos e, se assim entenderem, podemos escolher outro método para nos organizarmos. As decisões que tomarmos terão de ser colegiais.

- Por mim tudo bem, replicou Sofia. As pessoas de que gosto têm a data da sua pulverização marcada. Não sou candidata a nada neste Gulag no fim do mundo.

- Outras opiniões? pediu Andrew

Pierre Tollmache tinha um ar sofisticado e culto. Era tipicamente urbano. Tinha uma testa alta e usava óculos circulares de aro de aço azul. - Fica você, disse.

Os outros acenaram que sim e Steven ficou imóvel.

* * *

A nave era branca por fora e tinha três pisos. No topo estava a torre de comando, onde dormiriam. No meio havia um piso com a zona de trabalho, incluindo o laboratório e, na base, as áreas de serviço com uma cozinha, chuveiros, armazenamento, um miniginásio e acesso à câmara de descompressão que permitia a saída para o exterior. Abaixo disso, havia um porão com ferramentas de exterior e a rampa com o Rover Ganimediano.

As grandes janelas da nave, óculos redondos, mostravam uma noite negra onde as estrelas brilhavam sem a opacidade do sol e Júpiter era sempre visível. A abóbada artificial era transparente, invisível. A cápsula estava numa planície totalmente gelada e ao longe, no horizonte, esboçavam-se algumas elevações. A temperatura exterior marcava duzentos e cinco graus Celsius abaixo de zero. A

bastante distância, talvez oito ou nove quilômetros, era difícil dizer, antes das colinas, viam-se os vultos de várias naves próximas umas das outras.

Andrew e os seus companheiros abriram os portáteis, para tomarem conhecimento da missão.

Havia um mapa tridimensional de Ganimedes, com as suas duas faces, a rica em crateras e a mais clara com sulcos e montanhas, onde eles se encontravam. A sua localização bem como com o posicionamento das naves logísticas e da outra nave tripulada tinha uma margem de erro máxima de dois quilômetros.

A geração de energia da colônia era nuclear e posteriormente seria fotovoltaica porque era possível a fabricação de painéis solares a partir de minerais dos afloramentos rochosos onde estavam implantadas as hemicúpulas, bem como era possível a construção de novas hemicúpulas para abrigar a população à medida que esta crescesse. Os reatores nucleares, cuja vida estimada era de oitenta anos, sustentariam a comunidade até que a energia solar fosse suficiente. Apesar de designada como energia solar, a maior parte da energia provinha de Júpiter. A vantagem de Ganimedes é que era um dos raros corpos celestes do sistema solar que possuía, tal como a Terra, uma magnetosfera que o protegia das radiações cósmicas, facilitando a construção de abóbadas relativamente finas. Dentro da sua cúpula um dos reatores era de grandes dimensões e os outros eram os que alimentavam os motores elétricos das naves. Por energia suficiente não se entendia a mera manutenção das pessoas vivas, mas sim a construção das biosferas com plantas de diversos tipos no interior das abóbadas e a multiplicação futura das cúpulas. A auto suficiência energética solar deveria ocorrer dentro de sessenta anos, havendo uma reserva de vinte anos de nuclear.

Eram duas missões paralelas: uma de manutenção da comunidade com saúde para o seu crescimento demográfico e a outra de construção das biosferas. A diminuta dimensão da comunidade humana e a dificuldade na comunicação e visita aos outros dois grupos de colonos impedia a geração de novas tecnologias que não fossem variantes da tecnologia terrestre, durante, pelo menos, quatrocentos ou quinhentos anos. Mesmo assim tinha-se decidido pela existência de um presidente único para o planeta, com vice-presidentes nos dois outros grupos. Só nessa altura e só se se mantivesse um taxa de natalidade muito alta, haveria massa crítica para que os Ganimedianos pudessem retomar o progresso.

Ocorreria uma perda de conhecimentos e de diferenciação inevitáveis e esse processo seria muito rápido nos primeiros cento e cinquenta a duzentos anos. Um dos principais riscos identificados era que a maternidade constante das mulheres levasse a uma masculinização do poder. Previa-se que essa masculinização induziria o aparecimento de um tipo retrógrado de machismo, entre a quarta e a sétima geração de Ganimedianos, com eventual reversão a partir daí. Como a vida humana estava dependente de meios artificiais gerados por tecnologia terrestre, uma guerra civil, levaria, com uma probabilidade de noventa e cinco por cento, à extinção do Homo Sapiens. Sendo a guerra um fenômeno essencialmente masculino, o pico do machismo era considerado o pico do risco de extinção. O conceito de destruição mútua garantida impediria essa guerra desde que os níveis educacionais se mantivessem elevados. A perda de diferenciação transitória dos colonos tinha o risco da perda da compreensão desta noção, na chamada fase de tribalização entre a quarta e a sétima gerações. A educação era, portanto, uma das missões fundamentais para a sobrevivência da espécie durante cerca de duzentos a trezentos anos. Se tudo corresse pelo melhor, dentro de quatrocentos e cinquenta ou quinhentos anos era possível retomar-se o progresso global do conhecimento, pois nessa altura, dada a informação disponível nos sistemas informáticos e a qualidade genética da população, atingiria-se a massa crítica necessária à produção de ideias ao nível do que se encontra na Terra hoje. Essa fase era vital pois seria nessa altura que Vênus teria atingido a maturação necessária à vida humana e o transporte de Ganimedes para Vênus seria uma tarefa ciclópica, mas vital pois Ganimedes era um planeta com francos limites à colonização. Os seus recursos estavam dependentes dos afloramentos rochosos e eram escassos. A maior parte de Ganimedes estava coberta por gelo, sem rocha perto, e por isso as reservas minerais esgotariam-se dentro de menos de setecentos anos. Deviam por isso olhar para si próprios como Venusianos fora de casa.

Existiam, numa visão mais ampla, três metas: a primeira era a auto sustentabilidade das biosferas no planeta, a segunda, a do regresso à base zero – ou seja, a uma geração tão evoluída como a dos fundadores - e que se atingiria eventualmente dentro de cinco séculos e, por fim, a partida em direção a Vênus, na altura terraformado pelas bactérias lançadas da Terra com o fim de digerir a sua atmosfera, arrefecendo o planeta e tornando-o semelhante ao planeta azul.

Em Vênus terraformada, os seus descendentes poderiam andar ao ar livre como outrora acontecera na Terra.

Todo o conhecimento possível de copiar estava depositado no servidor da nave de cada uma dos três grupos de missões e seria liberado dentro de um ano. Esse conhecimento incluía materiais em todas as línguas, expurgados tanto quanto possível, da propaganda ao ódio. Havia programas educativos desenhados a pensar em cada geração de Ganimedianos até à sétima, altura em que era certo que os Ganimedianos deixariam de os seguir.

Nas primeiras gerações, o ensino da manutenção dos equipamentos era vital, tal como era essencial o ensino dos fatos e valores favoráveis à paz. A sétima geração teria entre cinquenta e cem mil Ganimedianos, ou Venusianos, e nessa data, Ganimedes ainda não seria um planeta suficientemente coberto por cúpulas. Mas nessa fase as transformações ocorridas serão de tal forma visíveis que mesmo pessoas menos evoluídas poderão ver com os seus olhos que sobreviver no planeta é possível, esgotadas as reservas vindas da Terra, e isso será um enorme estímulo à continuidade de um projeto que nessa altura será já uma lenda.

Os mentores do programa de colonização temporária de Ganimedes estavam convencidos que era possível terem sucesso na transferência interplanetária do Homo Sapiens Sapiens mesmo com o escasso número de pessoas enviadas.

Depois de lida a introdução à missão, os membros da tripulação passaram esse dia percebendo como funcionavam os principais sistemas da nave necessários às atividades de vida diária, nomeadamente a alimentação, a habitação e a higiene.

Todos retiveram a condição contraditória: para a Terra e os seus entes queridos sobreviverem, Theia teria de se precipitar sobre Júpiter e nesse caso eles morreriam. Mariah perguntou a Sofia se alguma vez lhe tinha constado que havia grupos de cientistas desenvolvendo bactérias para terraformar Vênus. Sofia nunca tinha ouvido tal coisa. Mas o mundo era feito de fachadas falsas construídas para esconder outras fachadas, também elas falsas. Já não sabia nada.

No dia seguinte o presidente dos Estados Unidos, Emílio Cardoso, falará.

Era um homem sério.

Capítulo 13

Emílio Cardoso, o Breve

Dia 22 de Agosto, ao meio-dia em ponto, os oito colonos estavam sentados na sala de reuniões, aguardando a comunicação presidencial. A véspera tinha sido um dia de silêncio e mesmo entre Sofia e Mariah houve poucas palavras. Ao meio-dia e um minuto a tela acordou. Tocou uma música instrumental inspiradora, que partia de uma suave nostalgia para atravessar um período épico e finalmente atingir uma serenidade e plenitude esperançosas. Durava menos de dois minutos. Era um hino.

Apareceu uma imagem da Terra vista do espaço, com a lua no campo visual. Essa imagem aproximou-se da Nova Inglaterra e depois de Washington e da Casa Branca, terminando na sala oval.

O Presidente dos Estados Unidos, Emílio Cardoso, parecia que se encontrava fisicamente ali. Estava sério, talvez cansado, mas sereno e olhava diretamente para eles como se os visse. “*Caros colonos fundadores, caro presidente William*”.

- Foi com revigorante certeza do dever cumprido que fui informado de que os Estados Unidos e as nações aliadas conseguiram fazer chegar três grupos de colonos a Ganimedes, com os membros da marinha, cientistas e engenheiros, dois em posicionamento equatorial e um mais polar sul. A missão para Ganimedes ganhou muito com os preparativos que os Estados Unidos tinham feito previamente para colonizar e minerar Marte. Foi uma sorte termos avançado com esse projeto.

- Alimentamos a esperança de poder enviar uma grande frota de navios vazios que permitirão o transporte maciço de Ganimedes para Vênus dos seus descendentes dentro de quinhentos anos, mas a dimensão dessa iniciativa dependerá do evoluir da situação. Vênus recebeu uma enorme massa bacteriana

e inúmeras sementes de plantas e ovos de insetos foram lançados no espaço de forma a aterrarem em Vênus dentro de quatrocentos e cinquenta anos. Vocês, quer os escolhidos dentre os voluntários quer os enviados em obediência ao superior interesse da espécie, têm a mais nobre das tarefas alguma vez empreendida pelos netos de Adão: a de continuarem a viagem da humanidade, desde o seu aparecimento, há milhares de anos, até ao momento em que lhes foi pedido que abandonassem o jardim terrestre e iniciassem a construção de uma nova casa para o homem no planeta Ganimedes e, no futuro, em Vênus – a nova Terra em preparação.

- É uma missão de sobrevivência para vocês e é, para o resto da humanidade, uma missão que nos permitirá morrer em paz, se a morte for inevitável. Mas é, antes de mais nada, a passagem de nós, como pais, para vocês, como filhos, do testemunho de uma memória de mais de treze mil anos de civilização. Há treze mil anos, em Gobekli Tepe, na Turquia, antepassados nossos, ainda nômades, ainda sem terem descoberto a agricultura que permitiu uma revolução econômica e demográfica, construíram um templo, fundando a civilização humana. Construíram um templo sem que tivessem tempo livre para o fazer, pois continuavam a ser meros caçadores e coletores, sem reis nem príncipes, sem senhores nem servos, em que cada pequeno grupo de famílias era uma nação em si mesma, em constante movimento, caminhando todos os seus dias para que houvesse alimentos para si e para os seus filhos, em guerra sem fim com as tribos vizinhas. Construíram-no sem que sobrassem recursos para tal empresa, pagando o preço da fome e do frio.

- Edificaram-no porque, fosse por uma revelação pré bíblica cuja lenda se dissolveu do tempo, fosse por motivos que ainda não compreendemos, o seu mundo mudou intimamente, deixando de ser apenas o que podiam ver, tocar, ouvir ou cheirar, para passar a incluir uma orquestra de coisas invisíveis:

- A memória de nós que queremos que perdure além de nós. O mundo das ideias que sabemos verdadeiras, das flores que nascerão na próxima primavera e das paisagens que existirão em outros lugares. Os nossos netos e os netos dos nossos netos que não conhecemos e nunca conheceremos, mas já amamos. A paixão que nos abala e nos dá felicidade. A sede de justiça que procuramos sem fadiga, a paz que tantas vezes só conquistamos na guerra justa, as perdas que aceitamos por um bem maior e tantas outras coisas que fazem dos homens,

homens.

- De todas as coisas invisíveis, há duas que prevalecem sobre as outras:

A primeira é a capacidade de sentir o que os outros sentem, fazendo com que a vida do nosso vizinho seja já parte da nossa, antes que possamos fazer contas para sabermos se ganhamos ou perdemos com a sua presença. A segunda é, historicamente e hoje, a fé que renasce em cada geração de que a morte não é mais que um rito de passagem para uma vida onde se encontra a causa primeira, o motor imóvel que move a natureza sem ser movido por ela. As duas concorreram para a maior descoberta de todos os tempos. E não foi nem a roda, nem o fogo, nem a agricultura, nem a escrita. A maior descoberta da história do Homem foi a paz, esse oásis que alargamos há milênios, roubando território ao deserto que abunda depois da guerra. Essa ligação umbilical ao outro homem e a pulsão em direção a Deus, invisíveis mas reais, levou-nos a nós, americanos e povos das demais nações livres, a juntar braços num último esforço, antes de se acabar o nosso tempo, para semearmos humanidade em Ganimedes.

- Depositamos em vocês, que são a semente, estas outras para que cuide delas: A liberdade, porque ninguém nasce escravo; a tolerância para com o erro, porque ninguém sabe tudo; a intolerância para com a injustiça, porque o futuro tem de ser melhor que o passado; o respeito por aqueles que buscam a verdade, porque a verdade existe, mesmo que nem todos a possam ver; a memória do passado, porque provimos de um ventre que nos antecedeu; a igualdade à partida, porque todos nascemos nus, e a diferença à chegada, porque nem todos percorremos os mesmos caminhos. Estes valores foram difíceis para nós na Terra e serão difíceis para vocês, nesse planeta gelado mas seguro que podemos dar. Passem aos seus filhos e ensinem-nos a transmiti-los aos filhos deles. Se desesperarem, olhem para as imagens que deixamos da Terra e acreditem que nascerá um jardim igual em Vênus.

- Caros Venusianos, se acontecer o improvável, e nós acreditamos em milagres, a população terrestre sobrevivente que terá sido colocada em órbita não terá condições para vos ajudar durante muito tempo, pois será sua a tarefa de reconstruir a Terra. Se isso se der, o seu grupo tem autonomia para proliferar e devem contar aos seus filhos e netos que entre Júpiter e o Sol há aliados deles, preparando o reencontro dos dois braços da humanidade dentro de alguns séculos.

- Boa sorte para todos”.

A imagem desapareceu. Surgiram legendas que anunciavam que o Senador Tyrell Hendriks iria falar dentro de momentos e que ele seria o seu interlocutor até ao evento disruptivo.

Lucas sentiu que, no seu discurso, o Presidente dos USA situara a relação do homem com a guerra de uma forma bem distinta da que o seu pai biológico posicionara, no apontamento escrito nas margens de um velho livro. Onde o seu pai terminara com a guerra como fundação do homem, o Presidente terminara com a paz como salto civilizacional numa pré-história que conhecera até aí apenas o conflito permanente e, mais, mantinha a expansão do “oásis da paz” como a fronteira que as civilizações devem alargar.

- Hendriks não é o nome daquele tipo horrível dos animais de fusão, no laboratório de engenharia biológica avançada do Pentágono em Houston? perguntou Mariah à Sofia.

- É, respondeu-lhe Sofia.

- Mas constava que ele era psicótico, não constava?

- Ouvi dizer que tinha voltado, depois de baixa médica, e tinha se metido na política, disse Sofia.

Capítulo 14

Tyrell Hendriks, a Ascensão de um Génio

O Senador Tyrell Hendriks era um homem baixo, gordo, de 61 anos de idade, pálido em líxia, com cabelo escuro em que espreitavam aqui e ali pinceladas brancas, que não esmoreciam o contraste com a pele de vitiligo e os olhos azuis gelo. Tinha uns óculos de massa e apresentou-se com um terno negro sem gravata.

“*Caros Venusianos do grupo polar*”, começou Hendriks. Espero que tenham gostado do discurso do Presidente Cardoso sobre a comovente bondade de Deus e dos seus partidários na Casa Branca. Falemos agora das coisas reais. Este programa inclui seis grupos de voluntários e um grupo compulsivo. Os voluntários são auto suficientes. Vocês, no grupo polar, foram escolhidos por nós por terem genes favoráveis. É certo que têm também competências úteis, muito úteis, ao sucesso da missão. Dado o número muito restrito de pessoas a enviar, o tanque de eleição estava limitado a quem tivesse certas competências, mas não foi esse o *primum movens* da escolha. O objetivo é a disseminação dos seus genes, que eu escolhi pessoalmente por serem vantajosos, através da reprodução. Por motivos de segurança genética, colhemos óvulos e espermatozoides cirurgicamente, para uso futuro, caso ocorram efeitos secundários da platina. Essas amostras seguirão para Ganimedes em próximas missões, mas esperemos que não tenham de ser usadas pois exigem pessoal médico com mais experiência que o enviado para esse planeta e a competência dos robôs médicos nos deixa dúbidas.

- Há também o problema dos russos e dos chineses. A genética deles não presta, pois nada disso foi tido em consideração na escolha das pessoas. Eles estão a leste da genética hodierna. Escolheram pessoas poderosas, militares e cientistas físicos. As suas competências biológicas são residuais. A nossa equipe de amostragem está a tentar obter o máximo de informação possível e a que até agora recebemos das lideranças deles é do pior, em termos de genes recessivos

com potencial de dano futuro. Quanto a missões independentes, indianas e brasileiras, esqueçam tudo isso. Não vai acontecer. Ganimedes é um salto longe demais para gente simples.

-Vou explicar outra vez: a missão de vocês é manterem-se vivos e terem bebês. A segunda parte não parece difícil. A primeira parte é um pouco mais complicada porque com o amadorismo da agência espacial europeia, a sua nave gêmea, o reator nuclear, a paleta de exosqueletos, duas paletes de robôs pluripotenciais de curso vital linear, os dez robôs isolados de combate, um armazém de ferramentas e todas as reservas logísticas foram parar perto da fronteira da abóbada, numa zona irregular. Há lá comida, tecidos, medicamentos e remédios consumíveis, sementes, reagentes químicos, abrasivos, peças sobressalentes e impressoras 3D. Essas coisas são vitais à missão. Durante o inverno, até chegar a primavera artificial gerada pelo reator nuclear externo, não vai ser possível visitarem a outra nave, mas mal aqueça um pouco, serão reunidos com os sobreviventes da outra nave, se houverem. Se não houverem, ponderaremos a decisão de transferi-los para o equador para junto dos outros grupos. Têm de pôr as naves logísticas operacionais, seguindo instruções dadas. Como a reserva de alimentos da pequena nave não dá para os meses de inverno, vamos ver quando é que o tempo melhora um pouco com o aquecimento da cúpula para vocês irem buscar comida no frigorífico. O ideal é esperarem por temperaturas acima dos cento e quarenta graus negativos pois o Rover abaixo dessa temperatura pode se estragar. Aproveitem as próximas semanas para estudarem os dossiês que estão nos aparelhos portáteis e respeitem a hierarquia que foi dada. Nos falamos mais tarde.

A tela ficou escura.

- Que sabem deste cavalheiro? perguntou o vice-presidente Andrew Kline, voltando-se para Sofia e Mariah. Era a primeira vez que alguém falava com um tom normal. Até aí fora silêncio, entrecortado por palavras curtas e formais, por vezes tenso.

- Tive um acidente numa estufa de evolução dirigida e fui fazer uns exames num hospital em Houston, cidade onde ele trabalhava, começou Sofia. Na altura o Prof. Crane que é amigo da Mariah, apareceu com ele, apresentando-o como um embriologista e geneticista famoso. Parece que tinham

feito tropa juntos como voluntários na Força Aérea, apesar de Hendriks ser mais velho. Ele é médico de formação e muito vaidoso. Nunca teve treino clínico, mas tratava os médicos do hospital como colegas, sem se constranger por eles não lhe devolverem o reconhecimento. Falou-me do seu trabalho científico numa área que designou por xenogravidez, que envolvia a indução de tolerância de forma a usar como barrigas de aluguel, fêmeas de uma espécie para o embrião de outra. Gracejou que o seu sonho futuro era poupar as senhoras ao trabalho de parto, implantando embriões humanos gerados *in vitro* no útero de outros animais. Depois, pôs um tom sério e disse que a ética, a bendita da ética, não permitia tais avanços, mas permitia o aborto. Matar embriões humanos não levanta problemas. Dar-lhes uma chance xenouterina, isso não. Achava que proporcionaria às mães uma experiência única: fazerem o trabalho de parto dos seus próprios filhos, recebê-los quentes nos seus braços, cortar-lhes o cordão umbilical, cuidar deles cheias de saúde desde a primeira hora. Tinha feito alguns avanços de transplante embrionário entre espécies, mas não tinha ainda o modelo certo. Lá chegaria. Outro interesse seu eram os animais de fusão. Gabava-se de ter encontrado uma solução para o problema do número de cromossomos ser diferente entre espécies. Três facile, disse. Mostrou-me algumas fotos de animais de fusão e eram monstros, sem interesse a não ser para o orgulho que suscitavam no seu criador. Um que recordo era uma espécie de morcego grande em que as asas eram verdes, capazes de fotossíntese. Não sobreviveu e se sobrevivesse não servia para nada. A sua última mania era a velha história da congelação e descongelação de animais vivos, com preservação da viabilidade. Ele detestava alemães, mas disse-me que tinha aprendido muito com os germânicos e que estava a cinco anos de conseguir ter sucesso. Perguntei se havia alguma coisa com musgos e ele não fazia ideia. Como me deu o seu email, um dia pedi o nome de alguns autores pois não encontrara nada de entusiasmante na minha pesquisa da literatura; ele riu e disse que eram autores de 1943-46 e se desenterrasse alguma coisa com ervas, diria, mas achava que os alemães não tinham ido por esse caminho porque eram médicos.

- Mais tarde Crane disse que o tipo era um divergente. Aconselhou distância desse gênero de gente. Perguntei a quem se referia e ele só me disse que as pessoas da evolução animal acelerada não eram de confiança. Colaboravam demasiado com a tropa, faziam lobby permanente junto dos

políticos e das igrejas, por causa dos impedimentos éticos que sofriam. Era raro um que se aproveitasse. Mais tarde constou que ele tinha tido um surto psicótico, mas que, posteriormente, fora reintegrado. E é o que sei, terminou Sofia.

- Bom, agradei-me ver os meus genes elogiados, mas não gostei que o aplauso viesse de um leitor de experimentação médica alemã de 1943, avançou Andrew. Estamos aqui para ficar, por isso temos de compreender como funciona cada parafuso desta maquina. Não há pastas secretas para ninguém. Estamos todos nisto e não há truques. Temos de ver com cuidado se há algum sistema vídeo ou áudio na nave que esteja transmitindo dados para fora, seja para o equador seja para a Terra. Outra coisa que quero lembrar é que nós fomos, sem exceção, subtraídos à força por nossas vidas. Não devemos lealdade nenhuma a esta gente até que provem o contrário, nem podemos acreditar de ânimo leve numa palavra do que esta gente nos diz.

- Esta gente inclui o vosso presidente, recordou o francês Pierre Tollmache.

Pierre falava duma forma clara que, apesar de não ser conclusiva, refocava sempre o problema e dava a solução mais convincente, mesmo se apresentada como provisória.

- Um investimento desta magnitude, continuou, tem de ter uma explicação racional. Não é facilmente substituível e não acredito que na Terra a vida prossiga como *business as usual*. Alguma coisa ocorreu e esse Hendriks também há de querer garantir o seu lugar nos dez mil eleitos em órbita, se é como nos foi dito. O seu sucesso depende do nosso sucesso. Mas concordo com termos os olhos abertos – terminou, num inglês marcado pelo sotaque gaulês.

- Crane é boa pessoa, murmurou Mariah.

- Há uma coisa que me intriga: como é que a Sofia e a Mariah vieram juntas nisto? Duas amigas e ambas alfas em termos genéticos? Não está correto, disse o Steven Boyd.

- É verdade. E se o Crane e o Hendriks são azeite e água porque é que ambos intervieram nesta coisa? questionou Pierre.

- E porque é que eu sou vista como uma candidata a parideira profissional aos vinte e oito anos? acrescentou Larissa. Não seria melhor quem começasse essa carreira mais cedo?

- Bom, Crane também comentou a nossa diversidade genética, disse

Caroline. Que a genética foi considerada tenho a certeza.

- Pode ter, anuiu Sofia. Reconstruir uma espécie animal a partir de menos de cento e sessenta exemplares é quase impossível. Nós seremos muito menos que isso.

- OK, mãos à obra, disse o vice-presidente. Vamos dividir tarefas e teremos um brainstorm diário às cinco da tarde.

- Demoraram quase doze semanas descobrindo como funcionava a nave polar, que tinha sido projetada originalmente com destino a Marte e não a Ganimedes, muito mais frio, ao mesmo tempo que se iam conhecendo melhor. A ideia de que se teriam de reproduzir era recorrente nas suas mentes, mas tinham tomado uma decisão: Zero paixão e zero sexo até se reunirem com os sobreviventes da outra nave. Não havia contraceptivos e, principalmente, essas ligações num grupo tão pequeno iriam levar a divisões tanto piores quanto mais cedo a coisa acontecesse. Precisam de mais informação do que a que constava dos computadores e os tripulantes da outra cápsula, sendo voluntários, deviam saber. Como poderiam sair e entrar na abóbada se o Rover congelava a temperaturas abaixo de cento e quarenta graus, como se reuniriam com os outros humanos implantados perto do equador, quais os detalhes da engenharia das hemisféricas, só muito superficialmente abordadas nos seus computadores e, principalmente, para que serviam os robôs lupiformes de combate?

Não era certo que o modelo de namoro e família tradicional fosse ali o mais vantajoso. Poderiam ter de separar a reprodução do amor. Isso estava em cima da mesa e significaria uma sociedade totalmente diferente da que conheceram na Terra. As crianças seriam educadas, se se avançasse para esse modelo, por toda a comunidade.

Para evitar que se criassem laços foi decidido que, temporariamente, ninguém falaria do seu passado. Fugiria-se igualmente da comunhão de ambições para o mundo vindouro.

Falava-se apenas numa coisa com significado emocional: reunirem-se com as pessoas do grupo desviado, os voluntários. O plano funcionou muito bem durante muito tempo, sem contatos pessoais e sem grande esforço por parte de praticamente ninguém, com a exceção de Sofia e Lucas em que o afastamento

parecia exigir esforço crescente dos dois lados.

* * *

Lucas não tinha conhecimento sobre nada do que interessava ao grupo naquele momento. “*Para que sirvo eu, o filho de um bombeiro e de uma doméstica, neste canto do sistema solar?*” questionava-se. Decidiram que faria treino físico aos restantes tripulantes, para manter as pessoas saudáveis e aptas. Na prática, Lucas tinha apenas de manter a equipe em boa forma, no minúsculo ginásio em que os aparelhos, apesar de presos ao chão, eram bastante versáteis. Evitava os movimentos bruscos para impedir a pulverização interna da platina na medula óssea. No ambiente de auto restrição quase-marcial que adotaram, Lucas era o único a ter acesso ao corpo dos outros. Só ele tocava nas pessoas, com a exceção das duas amigas Sofia e Mariah, que eram muito próximas uma da outra.

Começou a questionar que elementos físicos externos poderiam dar pistas para aquela coisa dos genes que Hendriks tinha escolhido e pelos quais tinha aparentemente mandado matar uma desconhecida, um conhecido e um amigo seus, em Lisboa. Porque Tyrell Hendriks tinha mostrado estar disposto a matar fosse quem fosse, para o trazer a ele e aos tais genes? Será que valem tanto assim?

Lucas observava os corpos dos colegas, a sua flexibilidade, coordenação e força de movimentos. Um dia, num treino, Sofia apanhou-o olhando para ela de forma fixa e quando saiu sussurrou em seu ouvido uma coisa inesperada:

-Não dá para ver, Lucas. Pode olhar de todos os ângulos, mas não vai ver senão a expressão externa deles. Os genes não se veem a não ser com a ajuda da ciência e da observação de gerações. Vai ter de arriscar quando chegar a hora de escolher uma companheira.

O corpo naturalmente musculado de Sofia podia não ter mistérios que ultrapassassem a genética usual, mas Lucas percebera que o seu olhar tinha um brilho e se desviava do seu. Talvez fosse por pressentir a perturbação que ele sentia e disfarçava quando estava perto dela. Sofia era bem falante, apesar de econômica nas palavras. Era claramente física e tinham em comum o fato de

secundarizarem o cuidado com os outros à descoberta da verdade. Já, por exemplo, Mariah e Andrew priorizavam os outros; Mariah espontaneamente e Andrew por princípio. Mas as diferenças entre Lucas e Sofia eram continentais, bem superiores ao que tinham em comum.

Lucas começou a ler o que podia sobre nutrição e sobre anatomia, nomeadamente muscular e esquelética, mas depois a leitura tornou-se um vício. As palavras, como as ouvira da boca do velho advogado, estavam por toda a parte nos livros. A nave era uma biblioteca de Alexandria dos tempos modernos, com informação sobre os assuntos que pudesse imaginar; mas as palavras surpreendiam-no mais que a informação que continham. Além da sua natureza singular, a leitura protegia-o da interação com os outros, de que fugia por serem tão diferenciados. Preparava-se para uma vida em que a tecnologia era onipresente e em que iam inventar uma sociedade com regras nunca vistas e tinha mais tempo livre que os outros.

Lia vorazmente, para surpresa dos seus companheiros que o haviam tomado como o gorila de serviço. Às vezes lia horas a dentro, e reparou que a noite despertava, em dois membros da equipe, comportamentos bizarros. Larissa deitava-se sempre depois de todo mundo e era a primeira a acordar. Ficava de vigia e só quando as pessoas se deitavam é que ela adormeceria. Ele nunca a tinha visto dormir, para ser mais exato. Devia ter medo ou coisa parecida, mas como estava sempre leve, sem olheiras, não devia lhe fazer mal. Pierre parecia um sonâmbulo e andava pela nave à noite sem acender as luzes. Era um sonâmbulo que não abria os olhos. Numa noite, Lucas atravessou-lhe uma perna na frente e ele parou antes de lhe tocar e depois pigarreou um pouco e contornou-a. Sem abrir os olhos.

Em Ganimedes o dia verdadeiro é mais longo que na Terra, mas o número de segundos, minutos e horas mantiveram-se os mesmos por convenção e desde o primeiro dia, Lucas continuou a despertar às mesmíssimas sete horas que na Terra. Sabia sempre que horas eram sem olhar para o relógio. Nunca tinha reparado que esse detalhe era tão perfeito.

Passaram doze semanas e eles dominavam bem a cápsula, tendo percebido que aquilo era uma nave espacial sofisticadíssima, décadas à frente de qualquer coisa que conhecessem. Começavam a ansiar pelo encontro com a missão dos voluntários. Sentiam-se prontos para os ajudar a ativarem as naves

logísticas mal aquecesse um pouco, mas infelizmente não aquecia.

Foi então que Andrew os informou que havia um problema.

Capítulo 15

Inverno Sem Fim, Loucura e Queda

Não era a comida. Era a energia.

O inverno polar ganimediano era muito mais duro que o marciano e a nave fora inicialmente desenhada para ir para Marte, via-se bem. Faltavam dois meses para a temperatura começar a subir por ação do reator nuclear externo. O plano de poupança de alimentos estava funcionando e podia ser que chegasse, se apertassem um pouco. Mas a energia não ia dar. A temperatura tinha se mantido sempre muito baixa no exterior, quase sem variações e o consumo de energia era superior ao previsto. Pelos cálculos de Andrew e de Pierre tinham, no máximo, energia para quatro semanas. Faltavam pelo menos mais oito semanas para o calor chegar. Não era possível aguentarem quatro semanas sem energia porque a reciclagem do oxigênio, da água e a manutenção da temperatura iriam falhar.

Steven, que era piloto, concordava. Não havia chance de sobrevivência sem energia.

Precisavam de hidrogênio para alimentar as células das baterias e não tinha como chegar. Tinham que ir buscar algum nas naves de carga e, se não o encontrassem, tinham que trazer as baterias das naves logísticas, a não ser que os voluntários sobreviventes pudessem ajudá-los de alguma forma. Tentaram por diversas vezes se comunicar com eles, sem sucesso. Quantos teriam sobrevivido?

A Terra nunca respondia às comunicações deles, a não ser com uma lacônica mensagem que dizia “*As comunicações ganimedianas só serão respondidas em situação de emergência com risco de vida. Por favor, consultem os manuais disponíveis no sistema*”. Iam entrar em conjugação solar e com o sol pelo meio, entre eles e o centro de controle em Houston, não haveria comunicações.

Os sujeitos do equador também nunca respondiam, porque não havendo satélites em órbita ganimediana, as comunicações polares teriam de ir via Terra

e assim se manteriam até o aquecimento da cúpula, altura em que chegariam os primeiros satélites de comunicações vindos dos Estados Unidos e da Agência Espacial Europeia.

Tinham que sair para testar o Rover em baixas temperaturas. O vice-presidente Andrew decidira, após ouvir quem se quis pronunciar, que o primeiro teste seria feito por alguém sorteado. Procederam por meio de um sorteio informático e recaiu sobre Caroline Furst. Lucas opôs-se à escolha da Caroline. Falta de massa muscular. Não tinha condições. Nos testes do equipamento tinha revelado alguma dificuldade em levantar-se do chão com o uniforme quando se colocavam os cilindros de oxigênio, apesar do uniforme ser muito flexível. Caroline não ligou para esse argumento, o que era de certa forma compreensível pois não ia passear de cilindros, mas sim conectada ao depósito do Rover. Lucas insistiu que não fazia sentido. Ia treinar uma pessoa e, quando chegasse a hora da verdade, teria que ir outra?

- Não é um treino, é um ensaio para o equipamento, explicou Andrew.

Lucas insistiu numa votação. O vice-presidente disse que não tinha posto nada à votação e que se houvessem objeções elas deveriam ter sido colocadas antes de se combinarem as regras, não depois do sorteio. Lucas repetiu: Era um caso especial. A perda do Rover, por exemplo, seria fatal. Andrew disse que o assunto estava encerrado. Lucas teimou e voltou a teimar e o Vice-Presidente ficou farto e ordenou ao oficial de segurança, Lucas Zuriaga, que tomasse medidas para garantir a obediência à autoridade presidencial, do responsável pelo treino físico do grupo. O ambiente foi tomado pelo mutismo: Andrew ordenava a Lucas que usasse da força para calar a si próprio. Passados cinco segundos intermináveis, Zuriaga respondeu, “*ordem cumprida senhor Vice-Presidente*”. A tensão passou.

Desceram até o nível um e prepararam a saída do Rover. Os procedimentos foram revistos várias vezes. Caroline iria se afastar duzentos metros da nave e faria um trajeto circular de trezentos e sessenta graus em seu entorno. Depois, aproximaria-se até cinquenta metros da nave e esperaria duas horas para que se desse o equilíbrio térmico com o exterior. Repetiria a essa distância um novo círculo completo, confirmando que o solo não estava danificado pela aterragem.

Caroline saiu. O Rover portou-se lindamente na primeira volta e os seus sete companheiros exultaram de alegria. Esperou duas horas, mas após o equilíbrio térmico, o Rover não se mexeu. Estava pregado ao chão, congelado, não andava. A revisão do sistema mostrou a ativação da função de navegação por satélite, que não existia, e não era possível desligá-la por intervenção à distância. Decidiu-se que Caroline sairia do Rover e faria o reajuste via hardware, segundo as instruções de Andrew. A tarefa não foi tão fácil como o previsto. Caroline estava exausta após cerca de uma hora de tentativas, já que não tinha saído com extensores de oxigênio e por isso usava o cilindro que era pesado. Tinha sede. Andrew ordenou que Caroline trouxesse o cabo de tração do jipe até à distância que pudesse e, quando se sentisse muito cansada, o largasse. A equipe de recurso, Lucas e Larissa, trariam o cabo, ancorando-o na nave e tracionando o Rover. Caroline conseguiu libertar o cabo, mas após cinco metros, disse que estava exausta e recebeu instruções para se dirigir à nave. Veio dolorosamente, mas a dez metros tropeçou numa irregularidade do piso e caiu numa pequena vala. Ficou numa cova de cabeça para baixo e com dificuldade em levantar-se. Pediu para esperar dois minutos para descansar antes de tentar se levantar outra vez. A sua voz estava mais monótona do que o habitual. Depois, Caroline disse que estava farta dos cilindros de oxigênio e tirou-os para se levantar. Tinha enlouquecido. Andrew gritou para que parasse imediatamente e mandou Larissa sair para ir buscá-la. Mas Caroline continuou e, sem o peso das balas de oxigênio, conseguiu levantar-se, dirigindo-se para a nave a passo muito lento. Larissa se equipava tão depressa quanto possível. Andrew ajustou o software para obterem uma monitorização à distância do uniforme. O que viram congelou todo mundo: a temperatura interna do uniforme era de dez graus negativos e o oxigênio tinha acabado há mais de uma hora.

Lucas manteve-se na antecâmara e Larissa já tinha entrado na cabine de despressurização quando Caroline chegou. Estava tremendo de frio mas o seu olhar era de alívio, feliz por estar entre colegas.

Andrew convocou uma reunião de revisão do acidente para dentro de uma hora. No início da reunião, Caroline Furst, já recomposta após um banho quente, foi pedida com insistência a reportar o que acontecera.

Quando saiu da plataforma, o cabo de alimentação de energia que

conectava o uniforme de Caroline ao Rover desconectou-se. Preparava-se para ir desligar a navegação por satélite quando, ainda no Rover, se deu uma ruptura espontânea do depósito de oxigênio líquido e uma disfunção da válvula dos cilindros e por isso todo o gás desapareceu, escapando do cilindro para o depósito e daí para a atmosfera. Como ela tolerava bem a falta de oxigênio, não valorizou o incidente. Estava de pé puxando o cabo de tração do jipe em direção à nave quando viu o alerta de falta de energia. Decidiu baixar a temperatura interna do uniforme para dez graus mas ele não aguentou e ela começou a descer. Com o frio, teve dificuldade em levantar-se da cova, mas insistiu para não dar uma de fraca, depois dos comentários do Lucas, e decidiu tirar os cilindros de oxigênio para ficar mais leve.

Os sete astronautas estavam impactados, olhando para ela sem perceberem nada do que tinham percebido tão bem.

- Importa de repetir a parte do tolerar bem a falta de oxigênio? perguntou finalmente Sofia Suren.

- Tenho uma maior concentração de proteínas de armazenamento de oxigênio que as outras pessoas. Mais mioglobina, mais neuroglobina e mais citoglobina. Tolerando melhor níveis altos de ácido láctico. Várias coisas. Se fizer uma boa pré-oxigenação, duas horas sem respirar não custam nada. Mais do que isso é complicado, concluiu.

Caroline armazenava oxigênio como o sangue do camelo armazena água.

- Você é diferente, comentou Mariah.

- E Você não, Mariah? Não somos todos? perguntou Caroline.

Ficaram mudos. “No cabelo sou, acabou por dizer, sorrindo, a cientista de Colúmbia. É loiro verdadeiro, não é pré-oxigenado”. Riram as duas como só as mulheres fazem. Os outros não. Era a primeira vez que no seu íntimo cada um assumia porque estava ali: eram todos mutantes.

Andrew estava furioso, mas disfarçava. Mal, mas disfarçava. O seu tom de voz tinha aquela qualidade de não transmitir a tensão que se via no seu rosto, pensou Pierre. Há pessoas que mantêm a serenidade na postura, mas são traídas pela voz. Outras, como Andrew, são o contrário e isso é uma vantagem pois a face é sempre mais difícil de interpretar que a voz. A face vem do coração que é mutável, mas a voz vem da alma que é mais perene. Na aparência, é claro, pois

na verdade nem uma nem outra são garantia de nada. O comprimido certo, um betabloqueante, um ansiolítico, um inibidor da recaptação da serotonina e lá se vão boa parte das dicas que procuram os interpretadores de sinais exteriores do caráter. É por isso que as ações definem tão melhor as pessoas que a pose, o tom, as próprias palavras, cogitou Pierre.

Andrew, dirigindo-se a Caroline, disse que ela tinha mudado a temperatura para menos dez graus e não dez graus. Talvez pelo cansaço. O uniforme respondeu bem e desceu a temperatura interna com perfeição. Foram vários erros em cadeia. Erro na saída com baterias leves de curta duração, por iniciativa do Lucas e sem que a equipe soubesse. Erro na não-deteção por parte de Caroline do desligar do cabo da bateria durante quase quatro horas. Erro na não-monitorização à distância das condições internas do uniforme, visto estarem todos focados no Rover. Erro na decisão de não avisar o comando da falta de carga da bateria. Erro na decisão de vir em direção à nave em vez de se reconectar ao veículo para restabelecer a carga da bateria. Erro ao digitar menos dez graus em vez de dez graus. Erro ao interpretar a descida da temperatura do uniforme como falência de equipamento e não falência de programação. Erro ao não comunicar a queda de temperatura ao comando. Oito erros em sequência, mesmo desconsiderando sua tolerância à falta de oxigênio.

- Oito erros em cadeia, repetiu o Vice-Presidente. Os dois mais graves foram a não-monitorização à distância a partir da nave e o ego da Caroline que não quis pedir ajuda. Pensei que desse amadorismo você estava livre, Caroline. Erro meu. Reunião terminada, finalizou Andrew.

A reunião estaria terminada, mas Andrew incumbiu Steven de perceber outro detalhe: a ruptura do oxigênio e a disfunção das válvulas que permitiu o fluxo inverso de oxigênio das garrafas para o Rover. Steven Boyd viria a concluir que se tratou de um prejuízo propositado, pré-programado pela Terra. Uma conspiração para os impedir de sair da nave. Andrew achou a conversa de Boyd uma infantilidade de conteúdo de perseguição. Era ilógica. Ficou alerta com o caráter de Boyd. A última coisa de que precisavam é que alguém enlouquecesse de verdade.

Lucas também estava furo, não com Caroline, mas com o americano. “*Regras a mais e flexibilidade a menos*”, pensou. “*As regras são muito boas mas*

são sempre uma simplificação das nuances infinitas da realidade. Caroline era a pessoa errada para avançar sozinha”.

Depois de jantarem, Lucas encontrou as quatro mulheres conversando em tom resguardado. Aproximou-se delas e disse, “foi corajosa Caroline, mas da próxima vez pede ajuda. Estamos aqui para isso”. Mariah olhou para ele e disse que estava muito feliz por Caroline ter voltado, mas que Andrew tinha razão, tinha havido muitos erros em cadeia.

- Lucas, bastava um dos erros não ter acontecido e o risco tinha passado ao lado, confirmou Sofia. Temos que aprender com os erros e melhorar os procedimentos, concluiu.

- Tem uma certa razão Sofia, respondeu o Lucas. Até já. “*Malditas americanas, vindas de todos os lados, mas todas com a mesma conversa. Mudava o molde mas mantinha-se a receita. Os procedimentos. Os erros em sequência. Não seria melhor abrirem os olhos, olharem para a cara das pessoas e escolherem os tipos certos? Ainda se tivessem mandado a Sofia, se é que tinha de ser uma mulher. Agora a loira frágil. Só faltava da próxima vez mandarem Mariah para o desastre ser completo*”. Estava comendo aquela comida há doze semanas. A comida, como a roupa, os talheres, tudo, caía mais devagar que na Terra, mas enquanto em outras coisas a pessoa se habituava a essa leveza, nos alimentos era outra impressão, pois a falta de peso na boca acentuava o seu carácter esponjoso. Lisboa para si era agora umas Amêijoas à Bulhão Pato, um Bacalhau à Gomes de Sá ou uma Carne de Porco à Alentejana, seguida de sericaia e café de saco. Nunca mais os veria. Na nave, o menu era pouco mais que papa gasificada para comer com colheres de plástico. Para ele, pelo menos. A australiana era como os americanos e o francês ainda tinha escapado com alguns sabores escondidos na despensa. Ele e eu, pensou - ao menos a comida francesa ainda se come. Mas, dos sabores portugueses, tinham mandado para Ganimedes pão de Mafra desidratado e sardinha em lata sem a lata e tinham guardado para a passagem de ano, imaginava. A listagem dos alimentos presentes nas naves de armazenamento também não predizia nada de bom, mas essa era a ideia que eles tinham da comida portuguesa. “*Têm tecnologia para mandar uma pessoa para outra galáxia e quando o sujeito lá chega, sardinha em lata*”, pensou Lucas.

O Vice-Presidente convocou Lucas Zuriaga, eram talvez dez da noite. Andrew era um homem novo, mais alto que os outros tripulantes, com caracóis castanhos claros e algumas sardas na pele. O cabelo castanho claro tinha um discretíssimo tom avermelhado, sem que fosse ruivo. Quando Lucas Zuriaga chegou, Andrew estava sozinho, fazendo modelações computacionais de poupança de energia. Não parecia satisfeito com os resultados. *Senta, por favor*, disse ele. Há medida que o tempo passara Andrew tinha reforçado a sua autoridade. Longe estavam os tempos em que propusera decisões consensuais. Era mais velho que a maior parte dos outros e tinha conhecimentos cruciais, que o ajudavam.

- Lucas, senti antagonismo do seu lado em todo este processo do Rover.

- Discordei do envio da Caroline.

- Percebi isso. Queria ter ido?

- Acho que dada a possibilidade de se tratar de um trabalho fisicamente difícil, devia ir um homem.

- Por exemplo, você.

- Era o ideal.

- Numa daquelas naves há dezenas de exosqueletos mecanizados. Acha que um homem com um exosqueleto é mais forte que uma mulher com o mesmo exosqueleto?

- Não sei como funcionam os exosqueletos, mas o que aconteceu no Rover não teria acontecido comigo.

- Uma criança com um exosqueleto é tão forte como você, Lucas, porque a força está no sistema. As mulheres têm de ser incluídas em todas as tarefas desde o início e na futura colônia a força vai estar nos sistemas mecanizados. Se você se ferir e ficar diminuído, não será excluído. E, principalmente, há uma fase de debate e há uma fase de execução das decisões. Na fase de debate todos devemos falar livremente. Você não exprimiu, como tantas vezes não exprime, a sua opinião, mas quando o resultado final não é o que pretende, quer começar de novo. Não entendo isso.

- Nos sistemas mecanizados devemos optar por quem fizer melhor uso deles. Não pela moeda. É certo que não entro em todas as discussões. Lembrome do meu pai dizer que não vale a pena discutir todas as diferenças com todas

as pessoas, porque em noventa por cento dos casos as questões resolvem por si e poupam-se batalhas em vão.

- Pois poupam. Mas aí está jogando com probabilidades. Se ocorrer a tal probabilidade que tinha dez por cento, ninguém vai esquecer que na fase de formação da decisão, você não se manifestou contra. Ficou calado. Pode escolher as batalhas que quer travar, mas tem que aceitar as derrotas que surgirem naquelas que não travou. Ficou derrotado logo quando não as travou e se a sorte soprar do seu lado foi a sorte que ganhou, não você.

- Com o calor do problema real a queimar-nos os pés, todo mundo vai esquecer de como se tomou a primeira decisão se ela não for boa e todo mundo vai se concentrar em como se vai tomar a segunda, a certa, replicou Lucas.

- Ninguém vai esquecer. Ninguém. Todo mundo sabe que outro problema há de surgir e é bom que nos entendamos no tocante ao processo que gera decisões certas.

- Muitas batalhas, muitos inimigos, disse Lucas.

- Não Lucas. Quando as batalhas são de ideias, não geram inimigos.

- Gostaria de ouvir você dizer isso no tempo da Inquisição, do Estado Novo ou até da Revolução de Abril.

- No tempo da Inquisição não existia ainda a América. Não sei o que é o Estado Novo, mas soa como uma coisa muito velha e as revoluções são sempre passageiras. Ora, nós estamos em Ganimedes para sempre. Esse tempo para mim nunca existiu e para você devia morrer. É cristão?

- Sou católico, sublinhou o lisboeta.

- Ia à missa?

- Sou católico não praticante.

- Não é católico. Não há católicos não praticantes, Lucas. A única forma de se acreditar numa coisa é acreditar nos atos que essa coisa implica, enfatizou. É uma ideia que os latino-americanos percebem mal.

- Não sou latino-americano, sou europeu.

- Sim e talvez esteja errado, mas imagino o ambiente prolixo, hierárquico, de egos patriarcais e nostálgico de um passado de grandeza ibérica perdida, onde você cresceu. Bem diferente do pão-pão, queijo-queijo da inteligência focada nos fatos e da integridade específica de quem vive de acordo com a verdade em que acredita.

- Julgo que a verdade incluiu nuances entre o branco e o preto, diz Lucas.

- Mas não pode incluir as desculpas do costume para se chamar de branco o preto quando dá jeito e preto como branco quando convém. Entre as palavras e os atos tem de haver alguma correlação. Se não, não há confiança nas palavras, afirmou Andrew já perdendo o tom de quem explicava mais do que argumentava.

- As palavras e os atos são mundos próximos, mas não são o mesmo mundo. No fim de tudo os fatos e o seu contexto prevalecem. A própria opinião é muito ditada pelo contexto emocional, principalmente quando se opina em abstrato ou até longe do momento para decidir. A opinião não se sucede a uma análise lógica. O contexto contamina a opinião, nomeadamente o contexto histórico. As coisas mudam. É preciso ter a versatilidade de o reconhecer quando o cenário mudou, caso se queira decidir bem. Agora, quando dou a minha palavra, cumpro, enfatizou o europeu.

- Interessam-me mais as coisas ditadas pelos atores que as ditadas pelos cenários porque eu escolho sempre os atores e raramente os cenários. Mas pensa que talvez não tenha dificuldade em mudar uma decisão que se revele errada, mas não posso aceitar que na fase de debate nos prive da sua opinião, para que ela surja em crise às cinco para a meia-noite. Continua a cumprir sua palavra quando a der, mas gostava que desse a sua palavra mais vezes.

Lucas olhou para ele e não respondeu. Andrew estava a cerca de um metro e quinhentos anos de distância de si.

- O Rover? mudou de assunto Lucas.

- Vamos buscá-lo amanhã de manhã, disse o vice-presidente.

Lucas agradecia que ele não tivesse abordado o assunto da mudança das baterias por outras mais leves. Mas antes de mais nada, sentia-se feliz consigo mesmo. Doze semanas de leitura e conseguira falar com o vice-presidente de igual para igual. Talvez saísse dos seus pais biológicos, dos seus pais dos livros. Prometeu frequentar uma universidade se um dia a vida lhe permitisse.

Lucas e Steven saíram e trouxeram o cabo. Amarraram-no e o Rover foi tracionado até à plataforma. O GPS foi desligado, pois ainda não existiam satélites GPS em Ganimedes.

Na reunião de brainstorm, Andrew pediu planos de ação. Steven Boyd

perguntou se Andrew tinha avisado as pessoas da sua descoberta da avaria pré-programada do Rover. Andrew disse que estava revendo os dados e que essa conclusão tinha de ser validada. “*Valida então também um detalhe: no vídeo, as horas dos relógios de pulso do Professor Crane e do Senador Tyrell Hendriks eram a mesma, mas a de Emilio Cardoso era outra. A intervenção do Presidente não foi ao vivo - era uma gravação*”. “*Vamos rever isso Steve*”, disse o Vice-Presidente que, em seguida, instigou Lucas a falar. Lucas propôs que saísse sozinho com o carro para bater o terreno até às naves logísticas e contactar os voluntários sobreviventes. De início, todos preferiram que fossem duas pessoas, até porque não se sabia como iriam reagir os outros colonos que tivessem sobrevivido, mas Lucas argumentou que a segurança no contato com os voluntários dependia exatamente dele, pois mais ninguém ali tinha treino de combate. Referiu com brevidade a sua passagem pelo Karatê, Boxe e MMA. Para além disso, o risco principal da missão não eram os outros colonos que deviam estar desejosos de se encontrarem com eles, era uma avaria do Rover e, nesse caso, as reservas de energia e oxigênio que permitiriam o regresso ou o socorro, suportariam pior duas pessoas que uma. O plano foi aprovado dessa maneira.

Nesse dia seguinte saiu com o veículo de exploração. Em vez do flexível uniforme ligeiro, levou um standard que com as baterias e cilindros triplos era pesado. Sentia ansiedade em relação ao que iria encontrar. Haveria sobreviventes? Porque nunca tinham respondido às tentativas de contato feitas pela nave branca? Teriam eles um Rover capaz de circular no frio profundo de Ganimedes? Se era assim, porque nunca tinham vindo visitá-los?

A escuridão era absoluta e o céu bonito – apesar de ficar um pouco aquém das descrições fantasiosas que se ouviam do espaço. Na noite via-se bem Júpiter e era gigantesco ocupando boa parte do céu. Dos óculos da nave não se percebia a coisa tão bem – Júpiter, visto de Ganimedes, era um gigante. Os faróis do Rover tinham um alcance inusitado e em breve as naves logísticas eram vistas no horizonte. Àquela temperatura, o jipe deslocava-se a uma velocidade de oito quilômetros por hora no solo plano, com a camada de gelo sobre a qual o rodado do jipe deixava as suas marcas. Um planeta virgem recebia a humanidade.

A imensidão recordava a sua travessia atlântica. Mas lá era uma imensidão habitada pela tormenta e aqui era a imensidão imóvel, suspensa como uma

fotografia antiga encontrada numa casa desabitada e tão silenciosa quanto ela. O único ruído de Ganimedes era a sua própria respiração. Parecia até que ouvia o sangue pulsar nas fronte e nos ouvidos como se fosse ao mesmo tempo ator e espectador de si próprio. Ele, como espectador, via-se como ator a representar o enredo da sua vida, num quadro cênico de irrealidade palpável. A partir de dois terços do caminho, os binóculos de fotodetecção múltipla mostravam as naves aquecidas e próximas umas das outras. Tinham viajado milhões e milhões de quilômetros e cometido todas o mesmo erro em relação à abóbada, mas um erro cometido com enorme precisão. Exatidão nível zero; precisão nível vinte, como diria o seu amigo Pierre.

O seu amigo Pierre... era a primeira vez que pensava nele nesses termos. O nome Pierre fazia soar a tecla de amigo no piano do seu peito. Percorreu mentalmente todos os sete refugiados da nave branca. Andrew, amigo. Sofia, amiga. Mariah, amiga. Steven, companheiro. Companheiro? Recordou-o novamente e o piano interno tocava a nota companheiro. Esforçou-se para que saísse um tom de amigo, mas nada. Larissa e Caroline também companheiras. Seria este cisma definitivo ou estariam, um a um, a migrar de companheiros de tragédia para amigos de jornada, à medida que o tempo prosseguia o seu caminho?

Tinha se afastado deles para sentir a amizade. Percebia agora o que tinha visto nos olhos gelados de Caroline quando ela saiu do uniforme a menos dez graus: A alegria de voltar para casa. Ele já não queria a liberdade da imensidão, queria o calor do lar da nave polar branca. Lar? Recebia com estranheza os seus sentimentos e com mais estranheza as palavras que vestiam esses sentimentos. Mas sentia também a memória do aconchego do casulo quente, com os seus óculos iluminados e o refúgio que oferecia do vento vácuo daquela terra de ninguém. O polo sul de Ganimedes era tão inóspito que transformava qualquer guarita metálica numa cabana romanticamente protetora, uma prisão de onde quase não podiam sair, numa cidadela hospitaleira onde sonhavam chegar, tal era a densidade antivital desse vácuo.

Percorreu as suas vivências prévias àquilo tudo, procurando que tecla tocariam as pessoas que deixara noutra vida e não apareceu ninguém. Esquadrinhou a sua memória, de norte a sul e de leste a oeste, e não encontrou nada a não ser o presente. O espaço cósmico não era o vazio no sentido da

ausência de preenchimento, não era o nada por confronto com as coisas e muito menos era o estar sozinho para sermos nós próprios. Era um estar só afastado de nós próprios. Era o vazio, como um antimundo, um nada palpável, vigilante e ameaçador.

Um isolamento absoluto, em que vemos os nossos passos e ouvimos a nossa respiração como que projetados numa tela branca de cinema, mas nos vamos afastando dessa tela. Eu a divorciar-me do meu corpo salpicado de platina. Prisioneiro num plano branco glacial, na ausência de um horizonte, de uma irregularidade, de uma imperfeição. Um bisturi ácido, que numa só hora de viagem, vivificava a sua memória, reduzida ao presente, sem lembrança da vida passada nem esperança de vida futura, numa autópsia sofrida sem a anestesia da morte.

A Terra era a terra prometida e o Éter Cósmico era o inferno dos ostracizados, já não só dos outros, mas de si mesmos.

O mundo e a alma são duas partes da mesma coisa e é por isso que se lacrimejarmos sentimos um pouco como se chorássemos, se gargalhamos sentimos um pouco como se ríssemos e se formos confundidos com uma estrela famosa, por momentos somos uma estrela. Sem o mundo sensível, sem a aferência que traz notícias tangíveis, dos odores, dos sons, do calor ou do frio, da cor ou das formas, das superfícies que tateamos, das sensações internas do nosso corpo, sem nada disso, ficamos à deriva, como um balão perdido dentro de nós próprios. Sem a ancoragem ao mundo, roídas que iam sendo as cordas dos sentidos que tinham ancorado a sua alma no porto da sua carne, acordavam ideias desconexas, memórias mal vindas, ilusões vívidas, temores sem causa, tempo sem horas. Escorregava a passos largos para os braços da loucura, abandonado no limbo, na desesperança de que haja fim e no esquecimento de que tivesse havido alguma vez princípio.

Queria voltar à nave-mãe que o deserto gelado transformara no seu porto de abrigo. Mas antes, mesmo rangendo os dentes, expulsaria a loucura e cumpriria a tarefa a que se propusera. Contactaria o grupo de voluntários, trazendo hidrogênio por bem se possível, por mal se necessário.

As naves logísticas eram enormes, dez vezes maiores que a deles. Eram prata escura e não tinham qualquer abertura para o exterior, uma janela que fosse. Os outros colonos teriam vindo nessas naves? Ou não haveria mais ninguém? O seu impacto no solo era visível, pois este tinha cedido de tal forma que a nave mais afastada estava inclinada como a torre de Pisa e havia uma fratura em relevo do chão onde pousara. A amortagem não devia ter sido fácil. Tinham três foguetões de reposicionamento que se estendiam quase do chão, perto dos pés que as firmavam e se prolongavam até mais de metade da altura da nave. O Rover tinha demorado uma hora e meia de viagem para lá chegar. Afinal, estavam a doze quilômetros.

Logo depois das naves surgia a alta encosta, tão branca como o chão da planície. Quinhentos metros ao lado e tinham destruído todas. Não viu nenhuma nave com aspecto de ser tripulada.

Ao chegado às cápsulas, filmou não só com a câmara que tinha no capacete e que transmitia o que ele via para o comando, mas também com a câmara de espectro alargado que capturava para além da luz, radiações não visíveis. Decidiu circular entre elas com o veículo para registar imagens em trezentos e sessenta graus.

Três estavam muito próximas e uma, a Torre de Pisa, mais além. Da nave tripulada, nem sombra. Onde estaria?

Viam-se as plataformas de acesso às logísticas impecavelmente conservadas. Não tinha aspecto de terem sido nunca abertas por ninguém.

Saiu do Rover, desconectou a tubulação de oxigênio e os cabos de energia. Dirigiu-se à entrada da primeira nave e acionou a plataforma elevatória de acesso. Subiu um pouco e depois testou o sistema de abertura com o feixe laser da face externa do punho. A porta abriu. Lá dentro, uma câmara de pressurização e a leitura de uma temperatura interna de cinco graus negativos. Ouviu então a voz do vice-presidente Andrew.

- OK, Lucas, missão cumprida. Para seu sossego, informo que não concordo que houvesse uma perda pré-programada no Rover. Steven se enganou. Testa a abertura das outras.

Apetecia entrar de imediato, mas a ordem fora clara. Estranhamente Andrew não dissera uma palavra sobre a inexistência da nave dos voluntários nas redondezas.

- Vou prosseguir, disse Lucas. Como viram, não se avista qualquer nave com aspecto semelhante à nossa.

- Não mesmo, respondeu Andrew. Parece que estamos sozinhos.

A segunda nave era uma réplica da primeira, mas a terceira era diferente pois, em vez de uma pirâmide cônica, era cilíndrica. Subiu para a plataforma e viu que a porta tinha o símbolo de risco radioativo – era um gerador nuclear pesado.

A quarta que, mais distante, estava inclinada, era também cônica. Do alto da plataforma, via que a outra nave não estava apenas inclinada. Tinha aberto uma espécie de comporta e via-se equipamento interno. O chão estava visivelmente fraturado no último terço da distância entre as duas naves.

-OK, comando, estão vendo o defeito no solo? Comunico.

-OK, comando. Comunico. Estão ouvindo?

Silêncio. Testou o sinal e viu que estava sem rede. A nave nuclear bloqueava as comunicações. Tinha que descer para saber se ia conferir o estado da nave adornada. Pegou na câmera de espectro alargado e filmou a nave à distância. Desceu até ao Rover e confirmou que estava sem sinal pois estava em conjugação com a nave nuclear que se interpunha entre si e a nave polar. Observou a nave cônica com os binóculos e viu que um alçado com paliçadas de exosqueletos estava em posição de abertura parcial: tinha rodado talvez setenta graus. A nave não estava partida, mas tinha ativado o sistema de abertura. Ou alguém tinha ativado. Talvez os outros colonos. Não era certo que se conseguisse fechar. Talvez a sua carga estivesse perdida se não pudesse ser exposta ao frio extremo ou se caísse caso a inclinação da nave piorasse.

Decidiu aproximar-se com o veículo 4x4, com a prudência de, antes, fixar o fino cabo de tração traseiro à nave nuclear. Como o cabo traseiro tinha seiscentos metros, dava e sobrava para se aproximar da outra nave. Conduziu até cerca de duzentos metros dela. Os exosqueletos eram de vários tipos, mas todos de uma perfeição lapidar. Seriam mouros de trabalho. Apesar da falha no solo que condicionava um degrau, este era plano e só muito próximo da nave passava a ser em declive. Saiu do Rover e fixou o cabo de tração dianteira do veículo ao seu uniforme. Permitia trezentos metros de alcance, mais do que suficiente. Ia aproximar-se e colher uma amostra do gelo que cedera para perceber porquê e, em seguida, tentar perceber o que acontecera com a nave logística, se ela era

tripulada e talvez fechar o alçado aberto, salvando a carga.

Avançou não mais de trinta metros depois da falha em relevo e decidiu colher a primeira amostra do gelo em profundidade. Colocou a vareta oca auto rotativa e programou-a para perfurar vinte metros, mas não tinha atingido ainda os sete quando o chão tremeu.

O local não era seguro. Recuou. Mais valia deixar ir a nave de carga e esquecer a vareta. O principal era o hidrogênio para as baterias da nave polar. Precipitou-se para dentro do Rover e deu marcha-ré rapidamente, afastando-se do perigo. Mas antes de conseguir chegar ao carro, o chão cedeu abruptamente e ele caiu no vazio uns trinta metros, ficando dependurado pelo cabo de tração que o prendia ao jipe.

Parecia o livro de Cliff Burton Richard balançando na cozinha do velho carvoeiro.

Capítulo 16

Mistério

A viseira do capacete estava estalada em estrela. Tinha batido com a cabeça na pedaleira lateral do Rover e com as baterias não sabia onde. Olhou para cima: caíam pedaços de gelo a enorme velocidade em direção ao solo como que atraídos por uma estranha força magnética e uma das seis rodas do jipe estava suspensa no ar. O seu coração rodava a cento e vinte por hora. Temia que a rachadura da viseira levasse a uma despressurização do uniforme ou que a vibração soltasse platina no seu organismo. Na verdade, o planeta que ele habitava não era Ganimedes, mas sim o interior do uniforme espacial. Só ali havia pressão, oxigênio e temperatura em dimensões humanas. Na Terra essas eram coisas dadas, certas, não valiam nada, mas ali eram um oásis e ele vivia dentro desse oásis. O veículo manteve-se imóvel, parecendo estável apesar de tudo e a carga das baterias mantinha-se boa. Tinha que subir, pois o solo podia ceder e o Rover cair. Olhou para baixo para registrar a imagem, mas estava sem a câmera frontal. Era uma gruta gigantesca. No passado, Ganimedes devia ter tido água líquida, talvez devido à atividade vulcânica e era possível que há milhões de anos filetes aquáticos subterrâneos vindos da montanha tivessem escavado a gruta. Só não percebia que força aspirava os torrões brancos congelados para a queda acelerada.

Tocou no botão para acionar a subida, mas ele estava encravado. Lembrou que tudo era redundante naqueles sistemas e ativou o botão com o feixe laser. Caracas! Tinha ligado o botão de descida rápida e caiu outros trinta metros. Soltaram-se mais pedaços de gelo que se mergulharam a pique no abismo onde ele pendia, mas o Rover não se mexeu um milímetro. “*Ufa. Está preso à nave nuclear, reviu*”. Sentiu-se estúpido pois tinha cometido um erro, como Caroline, mas a ideia de atracar o Rover à nave nuclear fora boa. Era isso que ele explicara ao Andrew - as pessoas certas para as missões certas. “*Muito bem*”, ia

subir. Olhou para baixo uma última vez e não viu nada de especial além do soldado que guardava a gruta.

- O soldado?!

Observou melhor: Era um jogo de sombras tão perfeito que parecia verdade. “*Que azar não ter a câmara. É mesmo enganador*”. Felizmente tinha uma visão excepcional e não se deixava vencer pela primeira ilusão no escuro. Ativou o botão de subida até ao carro. Chegando lá em cima foi preciso uma força descomunal para conseguir subir. Chegou até o Rover e atravessou-o até descer pela parte traseira. Estava exausto, suava. Baixou a temperatura do uniforme para quinze graus. Positivos. Afastou-se cinquenta metros do veículo e desprendeu o cabo do seu uniforme antes de desencadear a tração do cabo traseiro que atracava o jipe a um dos pés da nave. Acionou-a lentamente e o Rover foi puxado progressivamente. Saltou para dentro do veículo e pensou que outro tripulante no seu lugar não tinha escapado. Talvez o Andrew ou a Sofia, que eram mais atléticos, tivessem conseguido subir no capô do jipe. Provavelmente nem eles.

A imagem das sombras, com a ilusão do soldado, de espingarda no ombro, guardando a entrada da gruta em Ganimedes, na periferia de Júpiter, voltou a sua mente. Não regressaria ali pois a nave logística dos exosqueletos tinha afundado mais uns bons três metros quando o solo entrou em colapso. Estava perdida.

“*Estúpido, estúpido*”, repetia para si mesmo enquanto fixava outra vez o cabo dianteiro do jipe no uniforme e retornava na direção do precipício que se abria para a caverna, mas tinha que ir ver. Tinha que ter a certeza absoluta de que era uma ilusão. Não que achasse que era possível, com uma pressão exterior incompatível com tudo, com cento e noventa graus de temperatura negativa, que estivesse um sentinela vigiando uma caverna a centenas de milhões de quilômetros da Terra. Já fora dado como bobo pela polícia de dois países, mas um soldado, um feijão verde, guardando um filete de água subterrâneo no deserto gelado de Ganimedes, só se no Olimpo os deuses tivessem se reunido de propósito para esculachar o palhaço. Sim, era uma falsa imagem, construída com 99,9 por cento de probabilidade. Mas ele precisava dos cem por cento. Caso contrário, o câncer da dúvida iria corroê-lo para sempre. “*Desculpa Sofia, desculpa Andrew, desculpem todos, prometo não contar a verdade para protegê-*

los de mim”, jurou, enquanto olhava para o sinal de rádio apagado, bloqueado pela nave nuclear.

Caminhou cuidadosamente até à borda da entrada superior da gruta, deitou-se no chão gelado e espreitou pela margem da chaminé lá para baixo. Ligou os projetores, mas nada era claro. Levantou-se lentamente. Conferiu as baterias e o oxigênio. Ia descer. Ainda parou no meio da descida. Cento e cinquenta e cinco graus negativos. A descida foi de pouco mais de cem metros até ao solo rochoso. A temperatura registava cento e trinta graus negativos. Olhou para o soldado que estava na entrada da base norte e não o viu. “*Foi-se embora*” disse para si mesmo. Vivia das sombras e reflexos da sua lanterna e tinha desaparecido tão depressa como aparecera. “*Muito bem, eu precisava desta certeza rapazes*”. Olhou para cima.

-Vou voltar, disse.

Mas não voltou. Ainda iniciou a subida, tracionado pelo cabo, mas no seu cérebro o vórtex das hipóteses não parava: e se o soldado Ganimediano tivesse fugido dele? E se fosse um dos colonos desaparecidos e tivesse se assustado? Ele estava de arma no ombro e sem uniforme espacial - e se tivesse fugido do frio? brincou consigo mesmo. Parou. Balançava a setenta metros do solo da gruta. “*Porque é que lá em cima estão quase duzentos graus negativos, no meio da viagem cento e cinquenta e no chão da formação rochosa cento e trinta? De onde vem o calor?*”

Desceu de novo. Tinha de ter a certeza que não havia gente debaixo do chão, colonos ou outros, em grutas, na vizinhança de Júpiter. Soltou o cabo e garantiu que ele ficava seguro no solo. Era o seu passaporte de retorno. Aqui já circulou água no passado, pensou, olhando para uma pedra rodada enquanto ia para o extremo norte da gruta. Talvez nem desse para passar pela entrada do feixe, tão estreito que parecia. Não ia correr o risco de rasgar o uniforme e morrer com a descompressão.

* * *

Quando chegou, viu que estava com sorte pois a porta estava aberta. “*A porta?*” O seu coração batia duzentas vezes por minuto. “*Está aqui uma porta.*

Uma porta! Vou voltar para lhes dizer”, recuou atabalhoadamente dez passos. “Para lhes dizer o quê?” parou. “Que no caminho descobri que a Terra é o Paraíso, o Espaço é o Inferno, o soldado fugiu e a porta da caverna em Ganimedes estava aberta?”

Regressou para a porta. Agora a luz da sua lanterna nas rochas projetava uma sombra idêntica à de um soldado na parede. Era a mesma imagem que tinha visto de outro ângulo. O soldado não existia, mas a porta era uma porta, sem margem para dúvidas. Um artefato feito por alguém inteligente. Era palpável, era real. Não estava tendo alucinações. Ultrapassou-a e avançou por uma galeria com estalactites e estalagmites, mas sem vestígio de água em qualquer estado. O sensor de temperatura marcava agora cento e dez graus negativos. “*De onde vem o calor?*” repetia. Continuou durante cerca de cento e cinquenta metros, tendo cuidado para não rasgar o uniforme. No fim, encontrou uma nova porta. Empurrou-a, mas ela não cedeu. Pegou na picareta de titânio que trazia no uniforme para colher amostras e usou-a para elevar a porta como se fosse um pé de cabra. Não foi fácil. Caiu alguma ferrugem. Voltou a empurrá-la, ela abriu e ele teve acesso a um vasto espaço.

“O que é isto?”

No interior de um hangar de dimensões titânicas, com talvez quinhentos metros, por oitenta de altura e noventa de largura, dezenas de enormes blocos de gelo transparente tinham no seu interior, em formação cerrada, soldados congelados. Eram blocos mal arrumados sobre outros blocos, uma coisa abissal: estava ali um exército inteiro. Olhou para o rosto dos homens congelados. Não eram estátuas, não eram robôs, eram pessoas. Com a exceção dos oficiais e sargentos, a sua idade variava entre os dezoito e os vinte anos se considerasse a pele, mas seriam mais velhos se valorizássemos a expressão endurecida. O hangar era uma formação natural que sofrera a intervenção de alguém. No teto, num canto, a cobertura tinha cedido parcialmente – era a nave de carga afundando. Ligou as saídas de som para o exterior e gritou “*Ei, ei!*”. Ouviu apenas um leve eco, quase nada. “*Sou um colono da nave polar, vinda da Terra. Tem alguém aqui?*” A baixa pressão atmosférica em Ganimedes garantia o silêncio. O sensor de temperatura marcava noventa graus negativos. Um forno. “*Quem o ligara? Seria já o reator nuclear externo?*”

Examinou minuciosamente com o olhar a esmagadora nave central daquela catedral fantasmagórica, até encontrar, na outra extremidade, uma comporta de grandes dimensões. Percorreu os quinhentos metros que o separavam daquela barragem de aço e tentou abri-la, mas era impossível.

No capacete, os sensores de carga começaram a piscar, indicando a descida da carga das baterias para o nível de reserva. Diabo, as malditas pilhas estavam disfuncionais com a pancada. Tinha que voltar ou morreria congelado. Baixou a temperatura do uniforme para cinco graus e tomou o caminho de regresso tão rápido quanto possível. Quando chegou ao local onde deixara o cabo, encontrou-o no mesmíssimo lugar. Engatou o cabo no uniforme e iniciou a ascensão ao mesmo tempo que o cabo começava a repor a carga do uniforme; mas, no meio do trajeto, parou. “*Corte de energia*” piscava o sensor. “*Que falta de energia? A energia do cabo vem do Rover e dá para dias*”. Ligou a bateria do uniforme ao cabo para proceder à alimentação a partir da sua própria bateria e desligou o aquecimento do uniforme. O cabo, em modo de alimentação externa, subiu lentamente cerca de quarenta metros e a temperatura desceu até aos vinte e cinco graus negativos nesses minutos. Depois, voltou a parar. Estava a cinco metros da superfície. Tentou subir com as mãos mas não tinha força. Não podia largar os cilindros de oxigênio como tinha feito Caroline porque morreria sem oxigênio antes de chegar ao jipe. Os seus músculos começavam a ter dificuldade em cumprir as ordens que o cérebro lhes dava. Abriu o software da tração do jipe e viu que estava ativada a função de transporte humano em segurança. Provavelmente o sistema tinha detectado o alto atrito do cabo com a rocha, na abertura superior da caverna e cortado a energia para proteger o astronauta do risco de rasgadura do uniforme na chaminé. Desligou e voltou a acionar a ascensão na forma manual de carga não sensível de novo a partir do Rover. Entretanto, a temperatura interior do seu bomba tinha descido para os trinta e dois graus negativos, mas a carga estava sendo repostada a partir do cabo. Redefiniu a temperatura para quinze graus positivos. O motor do Rover o trouxe para cima rapidamente e na transição do poço de acesso à gruta para o solo conseguiu proteger-se do embate com o antebraço direito protegido pelo cabo da picareta de titânio. Rezou para que o uniforme não se rasgasse à medida que era arrastado no gelo em direção ao jipe. A temperatura ainda atingiu os cinco graus positivos, mas depois a bateria morreu. Com a fricção deviam ter-se cortado os fios que

traziam a eletricidade do Rover para o uniforme. Quando chocou contra a frente do Rover, a bola de gelo que se acumulara antes de si se desfez, mas dentro do uniforme estavam menos cinquenta e dois graus e a viseira estava mais riscada. Estava caído em frente ao capô e os músculos não lhe obedeciam. Vía mal através do capacete. Apareceram na sua mente as imagens do cadáver do Quiroga desfeito no frigorífico da sala de autópsias e Lucas gritou “não, não, hoje não”. Num último assomo de energia explosiva levantou-se e atirou-se para o carro ganimediano. Bateu na lateral direita e caiu no chão. Vía o cabo de alimentação dependurado. Sessenta graus abaixo de zero. Não conseguia falar e estava paralisado. Os olhos estavam presos numa carapaça de lágrimas congeladas. Fixou, antes de adormecer, os pálidos olhos no cabo e arrancou balisticamente o policial que dormia ao volante pela janela do carro em Lisboa, uma vez mais. Esvaiu-se.

Acordou uma hora depois com o barulho do alarme da falta oxigénio na primeira garrafa. A temperatura do uniforme era de quinze graus positivos. A alimentação estava ligada apesar do encaixe ser imperfeito. Sentia frio, mas agora os seus membros já obedeciam, apesar de trôpegos. Arrastou-se para o jipe. Sentou-se e conectou todos os cabos e tubos. Subiu o alvo da temperatura para vinte e dois graus e readormeceu.

- “*Lucas responde. Se está ouvindo, responde*”. Andrew chamava-o incessantemente. O comando tinha redefinido a frequência das comunicações e na posição onde estava já os ouvia.

Depois apareceu a voz da Sofia:

- Lucas acorda. Se mexe. Responde.

- Olá Sofia, respondeu Lucas, ouvindo do outro lado gritos de alegria.

- O que está acontecendo, onde está que não te detectamos?

- Estou na zona das naves logísticas, parcialmente bloqueado pela nave que tem o reator nuclear, a doze quilómetros de vocês. É inacreditável o que eu descobri: Não fomos os primeiros a chegar a Ganimedes, Andrew. O planeta é habitado e não é há pouco tempo.

Capítulo 17

Azul

- O que diz, Lucas? Repete, pediu Andrew. O sinal é ruim, não ouvi.

- Há novidades Andrew. Novidades que mudam tudo. Já nos falamos.

- Coloca-se no caminho porque está fora há mais de sete horas e tememos pela viabilidade do Rover.

A viagem de regresso demorou um pouco menos de uma hora e meia. O Rover tinha se portado bem e ambos entraram em segurança na rampa da nave. Andrew deu uma hora para Lucas se recompor, enquanto eles estudavam os dados do uniforme e do Rover. Tomou um banho quente, enquanto imaginava como seria o curso das coisas se houvesse outro astronauta português naquela nave. Esperar uma hora para ele se recompor, como tinham feito com a Caroline, eis uma coisa que não iria acontecer. “*Talvez esperassem um segundo ou dois*”. Ali parecia que era mais ele que queria contar o que sabia do que os outros queriam ouvir. “*Surreal*”, pensou. “*Nunca aprenderei a sentir a vida assim*”. Tomou um grama de paracetamol. Serviram-lhe uma iguaria que estava escondida no fundo da despensa: Café e pão com sardinhas e, no fim, seis cerejas do Fundão. Como a quase totalidade dos alimentos eram uma espécie de pudins gaseificados, aquela amostra de comida verdadeira pareceu-lhe divina. Uma das coisas que os atraía era saberem que nas naves logísticas haveriam alimentos que não eram os batidos, os purês e pudins que a nave polar branca tinha para oferecer.

Lucas descreveu o que encontrara. Lembrava-se de quase tudo apesar do choque térmico. Não tinha dúvida que os guerreiros que vira não eram estatuetas, uma versão ganimediana do exército chinês de terracota. Eram pessoas congeladas, sem nenhum aspecto alienígena. Eram todos de ascendência europeia, do sexo masculino e estavam fardados com roupa militar de inverno, de aspecto retrô. Anos sessenta ou cinquenta, não sabia. Não tinha guardado símbolos ou bandeiras. Todo o cenário era onírico, na escuridão, com a luz da sua

lanterna a acender o gelo no meio da noite ganimediana. Não podia negar que fossem americanos, mas não vira negros – eram brancos, todos ou pelo menos os que vira. Se tivesse de apostar, diria que eram russos. Quanto aos colonos, nem sombra deles.

A verdade não os surpreendia - atropelava-os. Alguém já tinha se instalado em Ganimedes de armas e bagagens há muito tempo. Ou não passaria aquilo tudo de uma alucinação provocada pelo frio?

Podia ser. Os uniformes não tinham gravações de imagem, mas tinham registos de altitude, de temperatura e dos botões/comandos ativados. Tudo batia certo com a história de Lucas. Ele tinha descido abaixo da superfície e a temperatura tinha subido no exterior do uniforme. A picareta de liga de titânio tinha sido usada. Os rotores de enrolamento dos cabos tinham sido usados.

O Rover tinha se portado muito bem. Tinham, depois desta incursão, mais confiança no veículo e os parâmetros de operação manual foram otimizados. Andrew desenhou um programa de modo crise que facilitava as coisas. Todos queriam saber o que havia na caverna, mas o prioritário era a sua sobrevivência e essa estava dependente de arranjar energia.

Carregaram o Rover com material de expedição prolongada e enviaram-no por autodrives para o local da paragem junto à primeira nave logística, onde funcionou com perfeição o programa de descarregamento automático. Fizeram um segundo envio com o mesmo propósito.

Os uniformes robustos, de sobrevivência de longa duração, tinham menos mobilidade pois não seguiam a filosofia de segunda pele e usavam mais energia, pois havia vários elementos de servo controle. Uma característica dos uniformes era a sua resistência às radiações.

- Cada uniforme destes é uma mini nave espacial, confirmara Steven.

Tinham um revestimento interno de compressão pneumática alternada que estofava o uniforme como um colchão antiescaras, para dormirem dentro dos uniformes. Os sistema de controle da umidade, de limpeza da pele por sonicção de superfície e a depuração de moléculas voláteis era de ficção científica. Uma vez Caroline tinha decidido vestir um uniformes robusto em vez de tomar banho e proclamava que era o melhor SPA onde já tinha estado. Era inesperadamente confortável estar despida dentro do uniforme e ela disse que achava sexy imaginar todo mundo nu dentro deles.

- Todos nus dentro do seu fato Caroline? Sofia fingiu espanto.

- Isso é um convite? quis saber Pierre.

- Porque no te callas, devolveu Caroline.

Tinha entrado suja e suada e tinha saído limpa e perfumada. Não percebia sequer porque é que mantinham o banho com aquele sistema de limpeza a seco espetacular.

Por causa do preço, explicara o vice-presidente Andrew. Cada uniforme custa dez milhões de dólares e o sistema de manutenção da integridade cutânea é responsável por dois milhões. É bom que os poupes. Tinham um sistema de alimentação líquida carregável a partir de garrafas no exterior com auto limpeza dos canais. O problema das saídas muito prolongadas era a bexiga e, principalmente, os intestinos. Por limpeza intestinal, seguida de obstipantes, que fizessem, tinham sempre de levar os sistemas de drenagem perineal em saídas superiores a dois dias. Já sabiam que aqueles dispositivos não duravam meses e esperavam que funcionassem melhor durante períodos mais curtos.

Seis foram preparados para uma abastecida de uma semana. Na nave ficaram Steven e Larissa. O Rover tinha um modo de dois lugares e um modo de seis lugares, indo a carga pesada em espaços laterais traseiros, “à bolina”. Era uma lagarta articulada de seis rodas em que, dados os giroscópios, cada par de rodas se equilibrava independentemente. Ao chegar à primeira nave, entraram e descobriram logo as balas de hidrogênio. Carregaram os cilindros na lagarta ganimediana e enviaram-na de volta à nave mãe, por autodrive, onde descarregou as garrafas. Perfeito.

A descida para a gruta foi feita por Lucas, Sofia e Andrew, depois de pousarem baterias, oxigênio, alimentos e ferramentas, incluindo um computador portátil robusto, no chão da gruta. Pela primeira vez, Lucas levou consigo as ferramentas específicas da sua missão: armas. Camuflaram parte do depósito logístico com a cobertura de invisibilidade Camaleão, de segunda geração. Funcionava muito bem. Comunicaram à superfície a localização do depósito pois quem não soubesse onde ela estava não a via.

Antes de avançarem, Andrew recordou Lucas da razão de ser das suas armas: facilitar a sua fuga individual para a superfície. Não havia nenhuma

possibilidade de, em caso de confronto, eles sobreviverem a alienígenas inteligentes na terra deles: seria tiro, descompressão, morte. Se surgisse um conflito, Andrew e Sofia eram descartáveis. Lucas devia tentar atingir a superfície para defender a retirada de Pierre, Mariah e Caroline para a nave mãe que, em seguida, ejetaria para realocização, mesmo sob a condição de inverno, para perto de outra estação no equador, pilotada por Steven. Lucas também era descartável.

Andrew ia à frente, seguido por Sofia a dez metros e Lucas vinte metros atrás.

“São dois dos três gênios de serviço”, pensou Lucas. “É uma decisão de qualidade duvidosa serem eles, dos mais brilhantes do grupo, os descartáveis. Fica só o Pierre se eles morrem”. Mas a decisão fora tomada e ele não falara na fase de discussão. Agora, as regras eram cumprir a decisão. Faria sem hesitar um segundo. Eles eram descartáveis e seriam descartados. Isto se conseguisse abandonar Sofia, o que se lhe afigurava tão provável como chegar um milímetro além do infinito. Se havia coisa que ele guardava do seu pai era uma intolerância absoluta à agressão contra mulheres e crianças. Andrew não sabia isso, é claro, mas Lucas morreria sempre, por mais irracional que fosse essa solução, se a sorte o colocasse entre uma ameaça e uma mulher.

Atingiram a porta. Fizeram várias leituras e obtiveram amostras. Quando no laboratório Steven as validou, carregaram o primeiro drone e o lançaram. Parecia um desperdício gastar um dos dois drones com amostras de uma porta e de rochas da gruta, mas em caso de não regressarem, podiam ajudar a equipe a perceber a natureza da ameaça. Era tecnologia humana em Ganimedes como parecia ou tecnologia desconhecida, alienígena até que se provasse o contrário? Avançaram até à porta dianteira, cento e cinquenta metros à frente. Estava aberta como Lucas a deixara. Era espantoso que Lucas tivesse conseguido fazê-la ceder, pois era uma porta estanque, selada, do tipo que se vê nos submarinos. Provavelmente teria um defeito de fábrica ou tinha sido anteriormente forçada de dentro para fora.

Quando entraram e ligaram os projetores não acreditaram nos seus olhos: milhares de soldados nazistas das SS estavam congelados em colunas de blocos de gelo azulado, ultra transparente com cinco metros de largura, três de altura e cinquenta de comprimento em duas filas de homens por bloco, comandadas por um oficial e um sargento. As suas faces, a sua pose, a sua farda e as suas armas não deixavam dúvidas ao sistema de reconhecimento de imagens históricas. Eram soldados alemães do tempo da segunda guerra mundial. Em Júpiter.

À frente, encontraram um grupo que confirmou as suas suspeitas. Trezentos soldados espanhóis da Divisão Azul. A Divisão Azul que combatera ao lado dos alemães, muitos estoicamente, na frente russa. O sistema de reconhecimento garantiu: homens com o equipamento usado no cerco a Leninegrado. Andrew questionou Sofia sobre se era possível saber se estavam vivos ou se eram cadáveres preservados.

- Eles não estão vivos, o que não quer dizer que estejam mortos. Estão parados no meio desse cruzamento. A morte é definida pela sua irreversibilidade. Estão em animação suspensa. Podem evoluir para morte ou para a ressuscitação, explicou Sofia.

- E descongelá-los? questionou Andrew.

- Seria, em princípio, matá-los. Não dominamos a técnica da descongelação/reaquecimento, disse Sofia.

- Ninguém investe esta fortuna para guardar milhares de cadáveres. Tem de haver uma maneira de trazê-los de volta, ponderou Andrew.

- Não sei se convém a eles e duvido que convenha a nós, disse Lucas.

Ambos olharam para ele. De fato, sua discussão era acadêmica.

- Vamos dar uma olhada geral. Tem que haver informação em outro lugar sobre a sua presença aqui e de como reverter mais tarde o processo, avançou Andrew.

Na gigantesca nave central da empolgante basílica não havia mais nada além dos blocos de gelo e seus habitantes silenciosos que esperavam, não se sabia por quem nem por quê. Sofia achou que seria bom colherem amostras do gelo para estudos mais detalhados na nave. A comporta com mais de catorze metros de altura e sete de largura que se encontrava no fim do hangar, estava selada. Não havia nenhum sistema de abertura pelo lado de dentro. Provavelmente só

por fora, mas como é que se chegava ao lado de fora? Colheram amostras por corte a laser da porta gigantesca, da atmosfera e da parede rochosa da gruta. Fotografaram os rostos e as placas identificadoras dos oficiais. Seguiu tudo no segundo drone.

A temperatura da gruta tinha descido discretamente e eles não encontraram nenhum sinal de qualquer sistema de aquecimento ativo. Eram as próprias paredes da gruta que eram mais quentes que a atmosfera e lentamente essas paredes estavam perdendo calor após a abertura das portas por eles, perdendo calor para a superfície. Andrew convocou uma reunião de crise por videoconferência. Descreveu os achados em detalhes.

- O frio vem da superfície e está desequilibrando o estado térmico anterior da caverna, disse Sofia, após a exposição de Andrew. Não é impossível que venha do gerador externo, mas é improvável pois isto existe há muito tempo e o gerador nuclear externo chegou pouco antes de nós.

- É possível que as duas primeiras portas tenham sido abaladas por existir previamente uma pressão positiva na câmara do exército gelado, em relação à pressão da atmosfera, disse Steven.

- A questão é avisar ou não à Terra. Saímos de conjugação solar muito em breve, colocou na mesa Andrew.

- Porque não haveríamos de avisar? surpreendeu-se Caroline.

- Porque aquele tipo, o Hendriks, pelo que disse Sofia, dedicava-se à congelação e descongelação de animais, relendo artigos e outros documentos alemães. Estes soldados são alemães. Ele pode optar pelo nosso sacrifício para obter informação sobre o processo ou até apenas para guardar segredo – disse Pierre.

- Será que esta tecnologia poderia salvar pessoas na Terra no caso do embate que se prevê? lançou Caroline.

- São muitos genes masculinos ... deixou cair Mariah.

- Tem razão, disse Pierre. Essas milhares de pessoas, caso nos enviassem mulheres congeladas, acelerariam o povoamento de Ganimedes, caso houvesse condições para dar a elas oxigênio, água e alimentos.

Enviar mulheres congeladas. A ideia era arrepiante. Mas talvez fizesse sentido numa mente como a de Hendriks.

-Também serviriam para colonizar Vênus daqui a quinhentos anos, se fossem

descongeláveis quando lá chegassem, disse Andrew.

- Estes paralelepípedos encaixavam bem em foguetes espaciais, disse Lucas.

 Não avisariam à Terra.

Capítulo 18

Revelação

- Mas como é que os alemães puseram essas pessoas em Júpiter em 1943? Perguntou, por fim, Larissa.

- E se tinham essa tecnologia porque é que perderam a guerra? cogitou Lucas.

- É muita coincidência encontrarmos isso. Quem nos diz que foram os alemães que os enviaram? ponderou Sofia.

- Podem ter sido os russos, disse Pierre. Podem ter descoberto os alemães congelados dentro da própria Rússia e terem enviado para terem vantagem sobre nós no futuro aqui, disse Pierre.

- Nesse caso, porque não enviavam soldados russos congelados? questionou Lucas. Esses, quando acordarem, dificilmente irão estar do lado dos russos.

- Pode ser que o processo de congelação-descongelação os deixe com amnésia, imaginou Pierre.

- Supõe que foram encontrados após a Segunda Guerra Mundial, descobriram ao longo dos anos como se descongelam, mas nunca dominaram a técnica de congelamento propriamente dita, disse Caroline.

- Sim, a arte está principalmente no congelamento, confirmou Sofia, e trata-se de impedir que se formem cristais de água que rompem as membranas das células durante esse processo, pois aí quando procederem ao descongelamento, as células rompidas morrem. Não há solução conhecida para esse problema. Nos raros animais congeláveis/descongeláveis, há nichos de água em estado líquido mesmo abaixo de zero graus ou dá-se uma desidratação quase completa previamente à hipotermia extrema.

- Até no fim do mundo é bem falante Sofia, riu Mariah através da teleconferência, tentando aliviar um pouco a tensão que se sentia no ar, sem sucesso.

- Quem nos garante que as naves de carga aterraram nesta zona por erro de posicionamento? - continuou Pierre.

- Como assim? perguntou o vice-presidente Andrew.
- Se calhar, o erro de aterragem foi o da nossa nave, as outras estão todas juntas junto à gruta e só a nossa está desgarrada, esclareceu o francês.
- Por onde andarás a outra missão de colonos? questionou Larissa.
- Não vejo mais colonos nenhum além de nós, disse Pierre.
- Eu não vejo nem os colonos, nem a nave dos colonos, confirmou Larissa.
- Se não há ninguém além de nós e os outros estão aqui congelados, qual é a nossa missão afinal de contas? questionou Sofia.
- Se tivessem sido os russos que enviaram este exército, talvez a nossa missão seja destruí-los, disse Pierre.
- Não somos voluntários Pierre, disse Mariah. Porque viríamos com tal missão?
- Nós não somos colonos nenhum, rematou Lucas, mas os outros o ignoraram.
- Sim, não viemos voluntariamente, repetiu Andrew. Mas que a nossa escolha foi influenciada por motivos genéticos é consistente com a intervenção do Crane e do Hendriks. O quebra-cabeça nesse aspecto está correto. Não estamos aqui apenas para limpar o sebo desta divisão alemã, viemos para ficar e ter bebês, como eles dizem.
- Temos cicatrizes típicas da recolha de óvulos, pelo menos em três de nós, acrescentou Larissa, fazendo referência ao fato que todas haviam reparado que Sofia não fora intervencionada.
- Eu também fui operada. Vocês não percebem, mas quando eu tiver paciência, explico, acrescentou Sofia.
- Desculpa se não comentei nada contigo Sofia, mas não tem cicatrizes no mesmo local que nós, disse Mariah enquanto Sofia desviava o olhar para longe.
- Calma. É possível que estejamos sendo influenciados por termos sido raptados, mas temos de testar novamente a hipótese da nossa missão aqui ser outra e não apenas a de colonizar este planeta, por extravagante que pareça, disse Andrew.
- Colonizar ... desdenhou em voz baixa Lucas.
- Fala claramente Lucas, incitou o vice-presidente Andrew.
- Não podem haver alemães congelados em Júpiter, clarificou Lucas.
- Não podem haver alemães congelados em lugar nenhum Lucas, enfatizou Sofia Suren, elevando a voz.

- Mas ali se encontram, meu amigo, disse Pierre olhando as imagens em vídeo da divisão militar glaciada. E suspeito que em breve teremos notícias do estuioso da experimentação médica alemã de 1940, dando instruções que esclarecerão tudo.

- Também tenho esse pressentimento, confessou Mariah. A verdade vai bater na nossa porta com grande estrondo e vai vir através de Tyrell Hendriks.

Pierre, Caroline e Mariah desceram à gruta, levando mais ferramentas, após deixarem uma antena de retransmissão no solo. Estavam desejando ver com os seus próprios olhos o exército de gelo. Quando chegaram, perceberam que a coisa ultrapassava o que haviam imaginado. Mariah fez uma festa, não no rosto de Sofia pois não chegava lá, mas no capacete sobre o rosto. Devia ter tido a coragem de comungar junto da amiga, o espanto de todas por ela não ter sido operada. Sofia esboçou um sorriso triste, mas piscou um olho com a cumplicidade de uma irmã. Depois Mariah olhou para Lucas e Andrew e disse “*Olá bravos povoadores das luas de Júpiter*”.

- Quem disse que somos povoadores? insistiu Lucas mal-disposto.

- Pois Lucas e quem disse que estamos em Júpiter? delirou Sofia.

- Que diz? estranhou Andrew, olhando para a Sofia.

- Quem nos garante que estamos em Júpiter? repetiu Sofia com a voz mais baixa tentando entender a sua própria pergunta.

- Estaríamos onde? respondeu da nave polar Larissa, interrompendo o breve silêncio.

- Na Terra é que não é. É demasiado frio, não há atmosfera e há uma coisa chamada Júpiter plantada no meio do céu, concordou irritado Steven Boyle, também via rádio.

- Quem diz que nos últimos meses alguma vez viu o céu? murmurou Lucas, rompendo todos os limites.

Fez-se um silêncio sepulcral. O que viam além daquela abóbada transparente não seria o firmamento? Não estavam vendo o céu, mas outra coisa? Uma cúpula com um horizonte artificial? Estariam dentro de um cenário cíclopico há meses a fio? Parecia impossível, mas a hipótese tinha de ser testada de forma irrefutável.

- Steven e Larissa, disparem um feixe laser em direção a Júpiter no céu, e façam leituras do “ecos” de retorno, para ver se esta loucura acaba, determinou

Andrew.

Steven e Larissa saíram para o exterior da nave polar. Colocaram uma fonte laser junto à nave e um receptor a trezentos metros de distância. Voltaram para a cápsula e iniciaram disparos em comprimentos de onda sucessivos, varrendo o céu, enquanto o leitor registava os resultados. Tênuos sinais de retorno pareciam distinguir-se do ruído de fundo da própria cúpula, mas a distância e a dimensão não batiam certo com o Planeta Júpiter. Pareciam sinais atenuados vindos de um planeta rochoso no céu e a distância era exatamente a distância entre a Terra e Marte.

Estava tudo em aberto. Ficaram aprisionados num mutismo estupefato. A sensação de ameaça era maior que nunca. Ninguém acreditava que quem tinham visto no monitor eram imitadores do Presidente dos Estados Unidos, Emílio Cardoso e do Prof. Crane e isso garantia uma coisa: o planeta Terra estava em risco de extinção e eles faziam parte da solução.

- A nossa nave não é um cenário. É uma nave espacial, recapitulou Pierre. As naves logísticas aterraram com impacto bem visível no solo.

- Mais, isto é uma nave de tecnologia a anos-luz do Space Shuttle II e claramente americana, confirmou o piloto e geólogo Steven Boyle.

- O sinal de retorno laser é fraco e a própria abóbada pode interferir com a leitura. É possível que estejamos sendo influenciados pelo desejo de querer que a Terra sobreviva e possamos reencontrar as nossas famílias outra vez. Temos de retestar a hipótese de estarmos em Ganimedes, por mais extravagante que pareça, disse Andrew.

- Eu não estou influenciado por sonhos, declarou Lucas Zuriaga. Não há futuro na Terra para mim.

Combinaram que se tornaria dez vezes maior a energia dos feixes laser e repetiriam os disparos. Fariam duas análises matemáticas independentes, para decidir se o que viam era o eco de um planeta rochoso, muito mais distante que Júpiter, espreitando por detrás de um filme passado numa tela eletrônica gigantesca. Steven e Larissa repetiram os disparos com alta energia focados no sinal fonte e perceberam claramente oscilações sobre a radiação de fundo. Andrew ligou o portátil robusto. Dividiram-se em dois grupos, o da nave polar e o da gruta, para analisarem matematicamente os resultados e ao fim de quatro horas ambos tinham chegado à mesma conclusão: haviam um sinal sobre a

variação no ruído de base, provavelmente devida à presença de um planeta rochoso. Pior, pareciam existir dois satélites sobre o seu nariz. Não havia sinais da presença de lua. O planeta rochoso era a Terra e eles estavam em Marte, mas vigiados de perto por satélites de que não tinham conhecimento.

-É definitivamente verdade que não estamos em Ganimedes, confirmou minutos depois Steven Boyd a partir da nave. Acabei de receber a análise das rochas que me enviaram pelo drone. São totalmente incompatíveis com um planeta da orla exterior à cintura de asteroides.

- Estamos onde, geólogo? inquiriu o vice-presidente.

- Marte. Estamos em Marte. E os satélites mostram que não estamos sós.

- É por isso que o Rover deixava marcas no gelo.

Aquilo não é só água gelada há uma eternidade, é gelo seco, dióxido de carbono no estado sólido. Existe em grande quantidade em Marte, disse Caroline em voz ciciada.

- E nem vestígios de dióxido de carbono existe em Ganimedes, exalou Sofia.

- As pedras roladas, os veios subterrâneos, as estalagmites e estalactites exigiam rios correndo durante séculos e séculos. Nada que água derretida por um mero vulcão pudesse explicar. Fomos burros, concluiu Mariah.

- Desde o início a missão sempre foi Marte. A nave foi desenhada para Marte. Nunca ouvi nenhum cientista falar nessa fantasia de lançar toneladas de bactérias em Vênus e muito menos sementes e ovos cinco séculos depois, percebeu Sofia Suren.

- Há muita coisa por explicar. A história de Ganimedes foi contada pelo próprio Presidente Cardoso. Mentiram e não sabemos porque haviam de mentir para gente. Faltam dados. Temos que reunir mais informações, concluiu Andrew.

- Ei, pessoal, venham ver isto, chamou Pierre, que se aproximara da comporta que encerrava o enorme hangar. Parece um sistema de abertura por código.

Aproximaram-se. No chão, Pierre levantara uma laje e descobrira um dispositivo com um teclado alfanumérico. Embaixo estava inscrita uma expressão complexa, ininteligível.

- É um código, disse Mariah.

- Não pode ser um código de entrada direta, avisou Andrew.

- Não mesmo. Temos de traduzi-lo através do código máquina do sistema Enigma, apostou Pierre.

O sistema Enigma era o sistema de encriptação eletromecânica usado pela Alemanha durante a Segunda Guerra Mundial e que os ingleses com Turing na cabeça tinham decifrado. Ligaram para Steven e Larissa que procuraram no servidor informático o algoritmo do código Enigma alemão. Exportaram o software para o portátil que o grupo da caverna tinha consigo e Andrew procedeu à descodificação. Quando descriptaram o código obtiveram três nomes alemães Eva, Klara e Edmund. Eles introduziram no teclado, ouviram o arrancar de um motor e a comporta começou a se mexer. Primeiro, afastou-se da parede, com queda de pó e terra; depois abriu-se deslizando paralelamente à fachada da gruta. Os seis entraram numa câmara muito mais estreita e muito mais profunda, atravessada por uma ponte metálica. À esquerda e à direita, rasgados nas paredes da rocha, viam-se relevos horizontais. Muitos estavam acima e, mais dramaticamente, embaixo, num tremendo poço. Eram varandas ou enormes prateleiras, preenchidas com cubos de gelo transparente e em cada um desses cubos uma mulher branca congelada quase nua. As mulheres teriam entre 17 e 20 anos talvez, à exceção de algumas um pouco mais velhas que se encontravam vestidas. À esquerda e à direita, as varandas de pedra estendiam-se por mais de cinquenta andares ao longo de todo o hall.

“*Os genes femininos*”, pensaram em inaudível unísono.

Atravessaram o longo hall até uma nova comporta e aí uma vez mais um teclado no solo, sob uma laje, e o mesmo código Eva, Klara e Edmund. Introduziram-no e a comporta atrás deles fechou para depois se abrir a enorme porta da frente. Avançaram ao longo de um corredor, com saídas de ar, ultrapassando duas portas de menores dimensões, todas seladas e todas com o mesmo código.

Estas não se abriam por um mecanismo motorizado, mas sim por uma roda. Eram portas de um cofre-forte inspiradas na engenharia naval submarina. Para se abrir uma, tinha-se de fechar a anterior. A certa altura perderam o sinal rádio, deixando de comunicar com a nave. Tentaram voltar atrás mas não encontraram nenhum mecanismo de libertação da abertura das portas no sentido contrário. Decidiram ir em frente e, após terem passado a terceira porta, e subido uma escada esculpida lateralmente num poço na rocha, venceram uma

quarta e quando começaram a abrir, soprou pó da escada pelas fendas da porta, entrando na divisão que se adivinhava.

Era uma sala clássica de paredes estocadas e chão de madeira corrida que se iluminou à sua entrada. Na mobília austera predominava a madeira maciça. Vários quadros, escudos e brasões antigos decoravam as paredes e junto ao teto que era também de madeira mais clara, observavam-se saídas de ar de vários tipos. O interruptor de luz que estava à entrada da porta tinha se ativado automaticamente. O termômetro registava noventa e cinco graus negativos, mais baixa que a das galerias iniciais, e havia na parede direita um termostato e medidores de pressão, oxigênio, dióxido de carbono e umidade, todos analógicos. À esquerda, encontrava-se uma enorme águia metálica, pintada de negro, dourado e vermelho e pousada numa elevação de pedra. Era simultaneamente assustadora e atrativa.

Depois de algum tempo olhando a austera sala, passaram a porta para a galeria seguinte. Mas, antes disso, Lucas apagou a luz e apontou os holofotes para a águia e viu pelo jogo de sombras que o promontório rochoso tinha uma escada esculpida. Voltou a ligar a luz e a escada desapareceu. Entre a forma das pedras e a pintura sobreposta a escada não se via, como se fosse um camaleão perfeito, não de cor, mas de formas. Lucas subiu a custo os estreitos degraus com o uniforme espacial. Lá de cima, via-se a ampla sala mas nada de mais. Voltou-se para trás e ficou em frente à cara da águia. De perto era tão perfeita e hipnotizante como de longe. Os olhos pareciam vivos, reais, como se o olhassem. Ficou a fitá-los e depois, com dois dedos, carregou nos dois olhos simultaneamente. Ouviu-se um estrondo de queda e no pavimento abriu-se um pequeno compartimento. No seu interior, um teclado Enigma.

Decifraram o novo código, MIL SÉCULOS e ouviram um mecanismo de abertura. A parede onde se encontravam os medidores analógicos de temperatura e outros parâmetros abriu e deu-se um rápido fluxo de ar ganimediano da sala para dentro de uma vasta câmara metálica blindada de cor branca e baixa luminosidade. A pressão no interior da câmara era muito baixa, perto do vácuo. Lá dentro, no interior de uma massa paralelepípedica pentagonal azulada opalescente, pela presença de micro bolhas de um gás não identificado, estavam sentadas duas estátuas geladas.

A rocha de gelo tinha sido escavada até à zona central, mas não era possível identificar os dois indivíduos em animação suspensa. Estavam 125 graus negativos dentro da enorme arca frigorífica. O centro que estava desfeito tinha faces com sucessivas depressões, percebendo que o gelo não tinha sido derretido, nem submetido a corte por serra mecanizada. O generoso entalhe ia até um braço com uma águia de menores dimensões mas, no resto, idêntica à que se via lá fora e a cruz suástica. Os olhos da águia tinham sido pressionados e estavam para dentro. Desde que tinham entrado no segundo hall daquela base subterrânea, não tinham pronunciado uma palavra, mas todos pensaram o mesmo: o sarcófago gelado tinha sido violado e um tesouro qualquer fora roubado. Seria o livro com a descrição do método de aquecimento e reanimação dos corpos? Seria uma arma secreta? Seriam instruções para uma força que surgiria mais tarde? Uma mensagem testamentária? Uma revelação de outro tipo? O que quer que fosse, interessara sobremaneira a alguém que já tomara posse do achado.

Tiveram que fechar a porta, voltando a carregar nos olhos da águia gigante, para poderem continuar. Atravessaram mais seis portas tipo submarino com o mesmo mecanismo e na última, que se abria para dentro, foram cuspidos para o chão por um ciclone de vento que os lançou a mais de dez metros de distância. O uniforme de Sofia rasgou e ela recordou aterrorizada a descompressão na estufa em Violet Street. Mas não houve silvo nem ferver de saliva na boca. Só frio. Levantou e viu Lucas de pé, com o capacete do uniforme espacial retirado. Respirava normalmente. Entraram na divisão seguinte e deram com um espetáculo de horror.

Um bunker cheio de corpos mumificados e esqueletos, alguns militares, mas a maioria vestida com batas brancas como se fossem cientistas ou médicos. Muitos tinham sido projetados pela corrente de ar que encheu o túnel de onde eles vinham. Eram velhos. Retiraram os capacetes como o Lucas e respiravam normalmente apesar da temperatura muito fria. Encontraram aposentos que revelavam que naquele bunker as pessoas tinham vivido uma vida relativamente confortável. Lucas retirou o uniforme espacial e os seus dispositivos, ficando despido no frio com o corpo marinho de platina. Dirigiu-se a um armário, retirou

uma roupa sem aparatos do seu tamanho. Quando olhou para trás, os outros estavam parados olhando para ele, estrangeiro, nu, no frio. Vestiu a roupa.

- Não precisamos dos uniformes, disse Lucas.

Andrew acenou com a cabeça em sentido de autorização e todos escolheram uma roupa quente alemã que vestiram, com resguardo, deixando os pesados uniformes robustos para trás. Estava mesmo muito frio, apesar de Lucas ter dificuldade em perceber esse simples fato.

- Temos sinal, descobriu Andrew olhando para o rádio. Nessa altura, ouviu a voz de Steven *“a nave polar sofreu um forte abalo como se afundasse em direção a um ramo da gruta; todos os alarmes de movimento, temperatura e pressão dispararam”*. *“Estão me ouvindo?”*, *“Estão ouvindo?”* *“Sim Steven”*, disse Andrew. *“A abóbada deve estar cedendo. Vai ter que arriscar levantar voo para reposicionamento equatorial, junto de outro dos grupos de colonos, se é que eles existem”*. *“E vocês?”* retorquiu Larissa. *“Estamos bem, numa estrutura subterrânea velha mas funcional, com oxigênio respirável”* respondeu Andrew. *“Tenho que ir pois o Steven está iniciando a ignição dos foguetes”* ouviram Larissa Mayamba Lee. *“Esperemos que a cúpula não ofereça grande resistência à saída da nave”*. Silêncio de novo.

Estavam sozinhos no Bunker. Não havia regresso possível à nave polar.

- É desnecessário eles levantarem voo. Ou isto é uma alucinação coletiva e não está acontecendo ou quem nos mantém vivos manterá também a eles, sussurrou Lucas.

- Calado, respondeu Sofia. Já chega de conspiração. Está numa base espacial subterrânea arcaica, com câmaras de despressurização e múltiplos sistemas de regulação da atmosfera e da temperatura. Alguém a construiu há muito, muito tempo, mas você a descobriu cedo demais e por mero acaso. Ninguém está tomando conta de nós.

- Pára você também Sofia, disse com voz baixa mas firme, Andrew. Não há discussão racional quando nenhum dos dois percebe nada do que está acontecendo. Vamos continuar.

Prosseguiram ao longo de várias portas que agora se abriam com outro código – as palavras OPERAÇÃO GLACIAR 1946. Sem as baterias dos uniformes espaciais as lanternas perdiam rapidamente a carga. Deram com uma escada que, após vários lances, estava cimentada por cima. Era impossível

progridir mais. Voltaram para trás e viram uma parede, num patamar, com rachas tão grandes que nelas cabia um dedo. Lucas pegou na pequena picareta de titânio e começou a martelar a parede de alto a baixo. De início, caíam apenas pequenos fragmentos, mas depois apareceu uma espécie de fibrocimento que se desfez libertando pó. “Cuidado, são paredes antigas, podem ter amianto”, avisou Caroline, afastando Lucas. Taparam a boca e o nariz com a roupa com exceção de Caroline que entrou em apneia, pegou na picareta e acabou abrindo um buraco grande que permitissem sua passagem, levantando uma enorme nuvem de poeira que sentiam nos olhos. Estava escuro como breu porque as lanternas se apagaram. Não se via nada. Pierre entrou, tateando e disse para darem-lhe a mão. Eles obedeceram instintivamente e Pierre avançou na cegueira completa assobiando baixinho.

- Estamos num túnel de grandes dimensões, informou Pierre. Vamos.

- Como é que sabe para onde vamos? perguntou Sofia.

- Pelo eco do assobio, não ouve? questionou Pierre.

- Sabe bem que só você ouve, respondeu Lucas.

- Pierre Tollmache, o morcego de Lille. Dava um bom filme, gracejou Mariah.

- Ou o Vampiro Tollmache, disse Caroline.

- Vampiro não. Vampiro ainda me devorava na escuridão. Dispense, corrigiu Mariah.

- Fale por você, querida, discordou Caroline.

- Estou te ouvindo Caroline, avisou Pierre. E lembra que já te vi nua uma vez.

Conseguiram rir os seis, naquele recanto improvável que o destino lhes reservara no sistema solar. Prosseguiram durante quarenta minutos em fila indiana por túneis cegos de escuridão. A certa altura, Pierre avisou: - Está aqui uma escada metálica. Subiram até uma tampa selada que conseguiram abrir sem especial esforço, saindo para a superfície gelada do planeta, do lado de fora da cúpula que continha a nave polar e as naves logísticas. Nesse momento confirmaram que, de fato, não estavam sós.

4ª Parte

O Sexto Continente

Capítulo 19

O Início

Andrew, Lucas, Pierre, Sofia, Mariah e Caroline subiram a escada que ligava os túneis da base espacial subterrânea ao exterior, abriram a escotilha que dava para a superfície polar e apareceram de imediato dois jipes com soldados que os cercaram. Estavam no meio da rua de uma movimentada cidadela na neve.

Steven e Larissa já tinham iniciado a contagem decrescente para a ignição dos foguetes da nave espacial, quando brilhantes raios de luz entraram pelos óculos da cápsula e se ouviu um ruído ensurdecedor. Alto-falantes de dois helicópteros ultra-pesados anunciaram “*Somos Forças Especiais de Alta Montanha do exército Norte-Americano. Abandonem o veículo espacial neste momento; a falência em cumprir esta ordem de imediato levará à nossa entrada forçada na nave ou à sua destruição*”. Saíram e foram rodeados por militares armados, com fardamento de proteção de risco Nuclear Biológico e Químico, que os conduziram para um dos helicópteros que levantou voo na noite negra de lua nova. Do ar, viram os faróis de dezenas de veículos militares estabelecerem um perímetro de segurança em torno da gruta. Paraquedistas americanos desciam de helicópteros de assalto por cabos em direção à chaminé de acesso à caverna subterrânea, acesa como se fosse dia pelos holofotes das aeronaves. Os alemães estavam encrencados!

A cúpula artificial era bem visível e além dela havia um complexo militar. Era noite lá fora, mas para fora daquela base perdida, tudo era deserto gelado sem vitalma. E foi sem sinais de vitalma que voaram durante quase duas horas até à costa, onde se encontrava um porta-aviões com a conhecida bandeira de estrelas sobre azul e riscas vermelhas e brancas. Mal aterraram e foram conduzidos para uma sala onde já estavam Sofia, Mariah, Caroline, Andrew, Pierre e Lucas, ainda vestidos com roupa alemã. Chegaram dois militares que

mandaram higienizar as mãos com uma solução alcoólica e lhes deram máscaras e luvas. Depois entrou Tyrell Hendriks, vestido de bata branca e luvas de cirurgião. Ele olhou com ar divertido para a roupa dos seis e ordenou que se sentassem a alguma distância dele.

- Como devem ter percebido, a Operação Antártida serviu para garantir a quarentena e treino de vocês para a verdadeira missão, a partida para Marte, explicou Hendriks. Houve, depois, o inacreditável serendipismo. Escolhemos aquela zona da Groelândia para construir a base de testes porque é das mais frias, desabitadas e seguras no hemisfério norte – era a coisa mais parecida com o planeta vermelho que nos servia. A Antártida seria o ideal mas ficamos pelo nome, pois a verdadeira anda muito movimentada nos últimos tempos. O custo da queda da temperatura da cúpula é mais baixo e há menos curiosos do que haveria no Alasca. Os alemães devem ter pensado o mesmo. O que me impressiona é como é que eles na década de quarenta conseguiram aquele feito. Para além do aspecto de logística militar, há o aspecto científico. Temos de tirar o chapéu aos filhos da puta. Quando percebermos qual é a fórmula, no caso dela funcionar, vamos dar um salto na criopreservação. Só podemos agradecer a descoberta de vocês.

- Coisas mais práticas, continuou Hendriks: vocês partem para Marte dentro de escassas semanas. O grupo é um pouco heterogêneo, mas tem uma dinâmica que funciona.

- Quanto tempo estivemos adormecidos?, questionou Caroline.

- Três semanas, respondeu Tyrell. Bem-vindos de volta ao passado.

- Mas Marte não ia ser destruído por Theia? perguntou irônica Sofia Suren.

- Não, nada disso, cara colega. O apocalipse não é um jogo de bilhar cósmico, é um tiro direto à Terra, menina sortuda de bons genes. O bom Cardoso acreditava no Pai Natal e se soubesse que Marte escapava ia querer mandar para lá todo mundo atirando uma moeda no ar. Com Ganimedes já não tinha essa ilusão, percebia que tínhamos de escolher quem mandamos para os confins do sistema solar. Vocês ...

- Quero ver os meus pais antes de partir, interrompeu firme Mariah.

- A Terra está condenada e está sendo muito complicado segurar as coisas, avançou Hendriks. Isto está um inferno. Os russos e os chineses têm a vida facilitada porque usam de artilharia pesada e já está. Nós estamos com

dificuldade em manter a ordem, desde que se espalharam rumores de que vem aí o fim. Neste momento, achamos que o embate vai ocorrer quase com certeza. Theia é um planeta muito escuro, demos com ele por sorte. Não reflete a luz do sol e está passando Saturno, direito para a Terra. A certeza absoluta da sua trajetória só se terá no atravessamento da órbita de Júpiter, dentro de menos de dezessete meses pois é aí que vai acelerar e desviar, apontando para nós. Oficialmente, a probabilidade de se escapar com danos parciais que permitam o repovoamento subiu para vinte e quatro por cento e a probabilidade de não mudar nada na Terra subiu para três por cento. Seria um saco com quatro bolas: uma branca e três pretas mas eu, pessoalmente, estou convencido que a probabilidade de escaparmos não ultrapassa os dez por cento por causa das luas que acompanham o planeta principal. Ninguém se lembra disso. Só eu.

- Quero ver os meus pais antes de partir, repetiu Mariah.

- Uma branca e três pretas, Mariah. No melhor dos casos, são essas as chances que os seus pais perdem se virem você.

- Porquê? Porque têm que perder seja o que for por um abraço?

- Porque, apesar dos boatos e da agitação que eles promovem, estamos tentando não revelar os fatos até às eleições presidenciais. Faltam poucas semanas para as eleições e ninguém pode falhar. Os seus pais saberão que está viva mal tenhamos um novo presidente e saberão que a sua chance está em Marte e a sorte deles estará em órbita.

- Mas o presidente Cardoso...

- O presidente Cardoso morreu. Um louco o matou. Era um homem complicado, acreditava no improvável e duvidava dos fatos reais. Quem manda agora é o Presidente Magnuson, o antigo vice-presidente. Felizmente, o novo comandante em chefe é mais prático, compreende bem a ciência envolvida e ele próprio pondera ser enviado para Marte, num segundo tempo, para antagonizar a presença das lideranças russa e chinesa. Vocês vão, pois, muito bem acompanhados.

- Porque é que assassinaram três portugueses antes de me raptarem? questionou Lucas.

- Nós só matamos o lutador para obter confirmação sobre um fenótipo enzimático fulcral da tua saliva. Lembra que cuspieste na sua cara? Crucial. Precisávamos de saliva e estávamos no limite do prazo. Ninguém mandava você

usar uma pasta de dentes barata que desnaturava o enzima da tua saliva na escova de dentes. O lutador viu o nosso agente quando ele ia colher uma amostra de saliva sua na cara dele e é tão fácil descrevê-lo como é fácil reconhecê-lo. O bruto tentou atacá-lo e só fugiu quando viu que estava armado. Se sássemos do ginásio dez pessoas, o nosso laboratório na cabine de posicionamento podia ser capturado. Um SOS da polícia portuguesa para a Interpol e os russos perceberiam qual era o nosso alvo cedo demais. Os moscovitas mataram o segundo porque se embaralharam, convencendo-se que era ele o alfa e aparentemente ele resistiu. Mataram a terceira para você fugir de casa para o seu regaço, quando acharam que podiam deitar a mão vivo. Se não tivesse acordado e saído do quarto, a equipe de terraplanagem deles tinha eliminado os policiais, os seus pais, o seu irmão, os vizinhos que se metessem e tinham levado você. Segundo as comunicações que interceptamos, você fugiu para o lado ilógico, o que surpreendeu os eslavos. Já conosco é diferente. Só usamos a força quando não há alternativa, num assunto de vida ou de morte para a humanidade.

- Que assunto é esse, interrogou Andrew?

- Vocês já sabem. São os seus genes.

- Que têm de especial os meus genes? quis saber Lucas.

- Explicarei isso pessoalmente, a cada um.

- E o ataque ao barco carvoeiro?

- Foi a terraplanagem dos russos. Estavam aborrecidos com você e se preocupam pouco com danos colaterais.

- O que é isto no nosso corpo? perguntou Sofia, apontando para as miríades de mini discos de platina na pele.

- Engano. Só existe na pele. Uma justificação para serem tão pesados em Ganimedes. Em vez de cinquenta e seis quilos, devia pesar vinte lá. Tínhamos de ter uma explicação para que isso não acontecesse e assustar vocês para evitarem andar aos saltos, já que nesse caso podiam perceber que caíam mais depressa que as outras coisas. A comida, os talheres, as ferramentas e até a roupa, tudo foi insuflado com micro bolhas de hélio para serem menos densas e a atmosfera da nave foi enriquecida com árgon para ser mais densa, de forma a que as coisas caíssem mais lentamente, parecendo que a gravidade era menor. Custou-nos os olhos da cara.

“O gelo, pensou Lucas, foi por isso que o gelo na gruta caiu àquela

velocidade – não tinha bolhas de hélio”.

A reunião acabou, mas mais tarde foram convocados um a um por Hendriks. Lucas entrou e viu o senador de pé, olhando através de uma janela.

- Vou dizer porque lhe escolhi. Os outros andam há anos sendo preparados, abrimos portas atrás de portas sem eles saberem. Você não, foi uma descoberta de última hora. É por isso que é pobre e não estuda engenharia. Pagamos seu advogado caro em Lisboa, pouco mais. É portador de várias mutações espontâneas dominantes. Uma permite maior rapidez motora. Identificamos uma mutação semelhante no cadáver que exumamos de um lutador mestiço famoso de Hong Kong, mas era recessiva e a sua é dominante. Permite movimentos balísticos com correção terminal. Valorizamos mais a rapidez do que a força e para a força temos um bom candidato alemão. Vê bem de noite e tem uma calcificação óssea que parece independente da carga, o que é bom em ambiente de gravidade baixa. Mas a mutação chave para nós é a que dá a você uma boa adaptação ao frio. Marte será sempre frio, será sempre inverno. Está mais longe do Sol que a Terra e ninguém me convence que a engenharia planetária muda esse fato. As luas de Júpiter e Saturno que nos interessam são frias. Durante a época glacial, se as pessoas fossem como você não precisavam de se ter refugiado no sul da Europa. Essa sua adaptação é interessante não apenas nas tarefas em hipotermia extrema, mas até na criopreservação, nos modelos animais em que injetamos o seu gene. Curiosamente, mutações mais imperfeitas desse tipo acontecem nos judeus como você. Isto tem uma certa piada porque os alemães de trinta e quarenta do século vinte gostavam muito da adaptação ao frio e muito pouco de judeus. Parece que queriam colonizar a Sibéria, a Groelândia e a Antártica, mas nós congelamos seu plano, disse Hendriks, rindo demorada e inapropriadamente, de tal forma que se engasgou um pouco, tossindo para libertar a voz antes de continuar: Mantiveram uma unidade médica muito ativa no cerco a Leninegrado para identificar quem sobrevivia melhor. Muitos eram espanhóis...

- Eu não sou judeu, interrompeu Lucas, lembrando-se desconfortavelmente da palhçada infantil com o bigode do carnicheiro de Berlim e o sobretudo Hugo Boss, nas ruas de Lisboa.

- Ai é, é, desferiu Hendriks. Os teus pais adotivos não são, mas o seu pai biológico era.

Lucas tinha convicções humanas e filosóficas fortes, mas nunca as relacionara com ideias políticas ou visões históricas. Agora, o fato de lhe dizerem que tinha ascendência judaica, fazia com que o bigode com que se mascarara na referida noite, quando rapaz, lhe provocasse um constrangimento culposo que evaporava qualquer percepção de humor que a cena lhe fizera sentir naquela data.

* * *

Foram transferidos para Houston onde ficaram de quarentena, sem contato com outras pessoas além das que apareciam com o equipamento de proteção biológica. O seu treino mantinha-se intenso e os mini discos de platina foram removidos da pele.

Tinham acesso à televisão, mas não à internet. Nas notícias, a batalha política estava no ponto mais alto de excitação. O investimento dos EUA na indústria espacial e afins aproximava-se dos vinte por cento do produto interno, na Europa dos oito por cento, na China constava que era trinta e dois por cento e na Rússia chegava a quarenta e cinco. Ninguém acreditava nas razões apontadas para a corrida espacial. Eram excessivamente artificiais. As reservas estratégicas de cereais e petróleo estavam sendo usadas sem reposição completa, levando à queda do preço dos combustíveis e dos alimentos. A manutenção de infraestruturas tinha sido quase suspensa e as tropas americanas no estrangeiro estavam voltando aos EUA. Seiscentas bases militares dos EUA foram encerradas e radicais tentavam ocupar o vazio. Todos os comentaristas e editores repetiam uma só pergunta: Porquê? A pressão deixou de ser ultrapassável. A informação estava demasiado disseminada para ser contida.

A Trindade convocou uma segunda reunião de lideranças em Seattle. Pai, Filho e Espírito Santo analisaram em detalhe a situação. A sua invenção de uma ameaça planetária estava ficando perigosa. A primeira fase de investimento maciço no espaço ocorrera por intervenção dos governos e dos grandes grupos económicos – os Estados por acreditarem na ameaça planetária e os privados por terem entrado numa espiral de crescimento catalisada por quem sabia a verdade e por quem tinha tido acesso ao governo e acreditava que o engano era verdade.

Infelizmente, houve um erro na modelação por parte da equipe do seu agente na NASA, Anthony Crane. A trilateral lançara balões orbitais e criara espelhos virtuais que funcionavam como vírus informáticos e alteravam os dados dos grandes telescópios mundiais, fazendo-os ver a ameaça que não existia. Os homens do voluntarista Crane tinham decidido, sem autorização de ninguém, transformar o robô informático que controlava os espelhos implantados quer no céu quer via internet, num camaleão para lhe dar maior invisibilidade. Quando Crane chegou, vaidoso, com o novo modelo de engenharia informática invisível, como o chamou, a NSA já tinha implantado muitos espelhos informáticos em todos os lados e a conjugação dos velhos espelhos com o novo software tinha resultado numa inflação imprevisível da ameaça virtual. Antes disso, Crane tinha empurrado uma mutante destinada a Marte para os braços da família dos seus melhores amigos e colocado a filha desses seus amigos no grupo das pessoas que iam mesmo para o planeta vermelho. Na comunidade de informações e aeroespacial que não pertencia à Trindade, isso criou a ideia de que a ameaça era muito grave: até o Crane estava tentando salvar a filha única dos principais amigos.

Depois teve que se dizer em segredo ao Presidente Cardoso que Marte afinal também ia à vida e Ganimedes é que era para ele aprovar um investimento maciço em veículos espaciais para transportar as pessoas de Júpiter para Vênus no futuro e para abandonar a ilusão de que era possível plantar meio milhão de pessoas em Marte, ainda por cima, escolhidas à sorte. Os veículos viriam a ser necessários mais tarde para pré-condicionar Marte, mas a coisa se complicava cada vez que se mudava de versão.

O Filho, que representava, entre muitos outros, o grupo aeroespacial, insistira que o Espírito Santo tinha se precipitado ao lançar os espelhos, pois a última palavra era técnica e seria dada por ele. O Espírito Santo não esquecia que o Filho havia introduzido melhorias informáticas inesperadas de última hora, sem avisar quem mandava e quem mandava eram eles. O ótimo é inimigo do bom. Os Serviços Secretos estavam tão furiosos que só não tinham eliminado Crane por especial pedido do Pai. Afastaram-no, mas era tarde demais.

Entrava-se agora na fase de aceleração vertiginosa da jogada, que ocorreria quando a “ameaça” fosse tornada pública. Infelizmente, o novo modelo de simulação de Crane, em vez de dar uma probabilidade de destruição

da Terra de quinze por cento, dava uma probabilidade de setenta e tantos por cento. Pior, a alternativa de simular a queda de Theia em Saturno não era permitida pelo novo modelo, pois o cruzamento se dava distante demais. Só podiam usar Júpiter. O novo sistema podia ser informaticamente invisível, mas era menos flexível e tirara deles o controle do tempo. Tinham que esperar por Júpiter.

Depois da perda de Cardoso, o novo Presidente Magnuson convocara eleições antecipadas, coisa não vista nos Estados Unidos, e a Trindade não tinha tempo de promover um candidato seu à presidência. Magnuson revelara-se menos influenciável que o anterior. Ainda sugeriram a possibilidade de abortar todo o processo, mas o risco era insustentável. Se o planeta fantasma desaparecesse de repente dos telescópios, sem explicação, todos os países iam juntar esforços para perceber como fora possível o engano de tantos cientistas e dariam com o logro. Ninguém queria ter o FBI na cola – era melhor não acordar o cão adormecido. Seriam todos presos e alguns corriam risco de pena capital.

A coisa tinha ganho uma dimensão demasiado grande. Tornar pública a “ameaça” ia multiplicar por dois ou três os investimentos e por dez os lucros que viviam da ameaça fantasma, mas, por outro lado, ia lançar não cem, mas dez mil novas iniciativas independentes de seguimento do simulacro negro. Não era certo que a NSA e os seus aliados conseguissem implantar espelhos informáticos em todos os novos observatórios que espreitassem o céu ou pelo menos que conseguissem sabotá-los. Podiam lançar mais balões orbitais para enganarem os médios telescópios, mas não era indício que chegasse para as miríades de pequenos em localizações diferentes ou até móveis – precisariam de mais intervenção informática da NSA e mais sofisticada. Felizmente, o corpo celeste era tão preto que não espantaria ser impossível de ver para alguns.

Tinham de esperar até que o espectro chegasse a Júpiter. Ali era fácil mimetizar a sua queda sobre o gigante gasoso e, em seguida, desligar a intervenção informática e aniquilar as espelhadas esferas orbitais. Ia-se entrar na fase dita dura do blefe.

* * *

Num fórum internacional promovido pelo novo presidente americano, com

o apoio do Conselho de Segurança da ONU, os governos dos grandes países desenvolvidos e da Rússia e da China, anunciaram ao mundo que havia provas de que Theia, um objeto cósmico negro de enormes dimensões, estava em rota de intersecção da órbita terrestre e as nações com tecnologia nessa área preparavam uma resposta que impedisse o desastre. Os estados não se comprometiam com probabilidades concretas de colisão. As nações não envolvidas, nomeadamente muitos pequenos países europeus e asiáticos, o Brasil e a Índia, indignaram-se por não terem sido alertados, não tendo agora tempo de preparar missões.

A prevista aceleração vertiginosa da produção de bens e serviços ocorreu porque o mundo entrou em verdadeira economia de guerra. Todos os países desenvolvidos cresciam a dois dígitos enquanto o desemprego desaparecia. A indústria espacial crescia por toda a parte. Os países com base tecnológica aliaram-se à Europa e aos Estados Unidos num esforço conjunto, assinando uma Entente. Posteriormente, por pressão da opinião pública, criou-se uma trilateral entre a Entente, a Rússia e a China para a amplificação dos projetos orbitais terrestres.

A possibilidade de colocar um valor bem superior de pessoas em estações orbitais para depois repovoar a Terra era real caso a ameaça se confirmasse. Seriam duzentas mil pessoas em órbita.

Outra área em explosão era a biotecnologia. A necessidade de adaptar microrganismos a ambientes diversos levou a um redobrado interesse na genética dos extremófilos. Sementes eram produzidas e armazenadas para permitir a reconstituição de uma civilização pós apocalíptica, com um clima modificado. Uma das áreas que se libertou finalmente de todas as restrições foi a área animal.

- Não há planetas vegetais; o próprio planeta é um animal, insistia Hendriks debaixo de um mar de microfones e câmaras de televisão.

Não bastavam ovos. Eram necessárias reservas de embriões in vitro de inúmeras espécies de mamíferos e ele assumia a missão de colecionar esses embriões, para que houvesse futuro. Era ainda importante obter rapidamente animais modificados, mesmo seres híbridos entre o animal e o vegetal. Todos os Vimeo e Youtube's mostravam o morcego verde de Hendriks.

Quer a necessidade da implantação futura dos embriões de mamíferos em

úteros pluripotenciais, quer a noção de que a crise desestimulava a gravidez feminina, levou à implementação de programas de transplante embrionário entre espécies e ao desenvolvimento de animais que aceitassem, depois de condicionamento imunológico e angiogênico, uma xenogravidez. Um embrião de uma espécie crescendo no útero de outra.

No covil de Hendriks, entre o bisturi e a genética, não ressurgiam apenas os animais de fusão pelos quais havia sido objeto de procedimento disciplinar no passado, abria-se uma caixa de Pandora de todos os seres malditos, sem vestígio de coleira ou intenção de mordação.

A animação suspensa beneficiou-se também de investimentos vultuosos. De Marte não vinha apenas boa sorte, vinha também muito dinheiro que era disponibilizado a rodo aos centros de investigação. Para coordenar estes esforços, foi criada uma agência internacional por parte da entente, a Agência Biogênica para a Reconstrução da Biosfera.

Hendriks, o colecionador, preparava uma Arca de Noé com animais que nunca tinham visto a luz do dia e ninguém suspeitava que a mão que construía a Arca era a mesma que mandara vir o Dilúvio.

Magnuson, que assumira a Presidência dos EUA, convocara, com apoio do Congresso e do Supremo Tribunal, as eleições antecipadas a título excepcional para obter legitimidade reforçada e o senador Tyrell Hendriks acabou por ser escolhido para o número dois da equipe, candidato a vice, após os escândalos que afastaram as duas primeiras opções de Magnuson. A vitória da dupla Magnuson/Hendriks foi tangencial, pois o presidente era acusado de ter colaborado com Cardoso na ocultação do desastre que aí vinha.

O nome do vice Presidente foi aceito pela Entente para liderar a Agência Biogênica.

Tyrell Hendriks retirou a animação suspensa da Agência e integrou-a num grupo autônomo de colaboração com o Pentágono, dedicado à preservação de longa duração da consciência. Teria duas divisões, a antiga dedicada à transferência da mente humana para suporte sólido, computadorizado, e a nova de conservação em suporte nativo, com ou sem preservação da asa aferente, eufemismo usado para manter congelado, em estado de animação suspensa, só do cérebro ou todo o corpo. Mas o Pentágono removeu a divisão de transferência da mente para suporte sólido do grupo de colaboração e integrou-o na sua divisão

de inteligência artificial. Hendriks se enfureceu com a soldadagem, mas Magnuson tirou-lhe o tapete dizendo que a tropa também precisava de brinquedos para se entreter. O vice-presidente não detestava apenas alemães. Detestava rodas dentadas, robôs e programas de inteligência artificial. Se precisava melhorar a inteligência, porque não a humana?

Depois passou. Os seus colaboradores o convenceram que uma transferência da mente para suporte sólido era um arquivo morto, um cemitério de dados. Se quisessem torná-la funcional, iam precisar de um suporte biológico e aí entrava Hendriks outra vez. O que não convinha era antagonizar Magnuson. Esqueceu a fúria e retomou o velho entusiasmo em grande estilo. O empolgamento do político era difícil de entender para alguns. Porque é que o senhor, sabendo que tinha setenta e três por cento de probabilidade de morrer, mantinha uma pressão interminável sobre o desenvolvimento de tecnologias cujos frutos viriam tarde demais?

- Se estivermos perdidos de todo, perdidos estamos; se houver alguma chance de não estarmos perdidos, eu tenho ordens do presidente para garantir que usaremos essa fresta de oportunidade para nos salvarmos, de uma maneira ou de outra, respondia o vice-presidente Tyrell Hendriks. E qualquer passo que possamos dar agora será um passo que estaremos à frente, no futuro.

* * *

Os oito mutantes tinham passado de raptados a voluntários, não porque sofressem da Síndrome de Estocolmo, mas porque as suas ligações no mundo eram tais que serviam o seu destino melhor indo que ficando. Souberam que iriam partir três naves de Houston que se juntariam à nave militar com oito jovens oficiais da Marinha, um dos quais general, bem como um precoce major, e à nave de engenharia que já estava há algum tempo em Marte. No início, Steven tentara fugir para visitar a irmã mais nova, Alicia Boyd, que estava doente, e, para não desestabilizar a equipe polar, como eram chamados, tinha sido separado e alocado na segunda nave de engenharia. Antes de partirem, souberam que o grupo polar passaria a integrar dois pilotos da NASA, o Comandante Peter Bryant, do Texas, e a copiloto Diane Nishimura, uma sansei brasileira. Nenhum dos dois era mutante.

Na véspera do dia da partida, após os últimos exames médicos individuais, Lucas Zuriaga foi levado por uma operacional fardada para um compartimento de descontaminação agradavelmente mobilado. As cores claras, o tapete no chão e a iluminação indireta contrastavam com o ambiente tecno-minimalista de Houston. A operacional, antes de o deixar disse, sorrindo, que ia ter uma visita muito especial de pessoas que gostaria de abraçá-lo sem o equipamento de isolamento, mas isso não era possível.

Abriu-se uma porta e entraram os seus pais e o seu irmão Luís. Como a ameaça fora tornada pública, eles iam poder ver as famílias. Apesar dos uniformes de proteção biológica, os quatro se abraçaram longamente. Os três adultos sabiam que não era provável que todos sobrevivessem, mas mesmo que o improvável ocorresse, nunca mais se veriam. Era um adeus definitivo. Sentaram e o seu pai quis saber todos os detalhes da sua vida, desde o momento em que dois policiais enlouquecidos tinham entrado na sua casa de madrugada e selado o seu quarto. No fim, acreditou que o filho iria mesmo para Marte e que tinha uma maior chance de salvação. *“É forte e é culto, filho. Seja justo e será feliz”*.

Lucas não esperava que seu pai lhe atribuisse a palavra culto como adjetivo. A sua mãe quis saber quem ia com ele, nomeadamente como eram as suas companheiras femininas e desejou que fosse feliz no novo mundo. O irmão pediu para não ir, para ficarem todos juntos como antigamente, dizendo que fazia sempre os trabalhos de casa todos e já era faixa laranja de judô. Lucas prometeu que voltaria num Natal e que sabia que ele um dia seria faixa preta. Contaram que tinham iniciado, de forma secreta, os treinos para a colocação numa estação orbital e que Luís conseguia completar todos os exercícios antes de todo mundo. *“Porquê secreta?”* perguntou Lucas. *“Ninguém sabe que foi selecionado para ir, disse o pai. A polícia continua à sua procura para lhe prender, imagina”*.

Descreveram que correntes de solidariedade atravessavam Portugal inteiro e Fátima tinha tido uma enchente de dois milhões peregrinos. A massa humana era de tal forma que a NASA tinha publicado uma fotografia tirada do espaço, da luz dos milhões de velas. Apesar do medo, havia um frenesi de amizade, as pessoas aproximavam-se umas das outras e faziam novos amigos todos os dias.

Abraçaram-se a última vez e Lucas foi levado.

Sofia pôde ver os pais e a avó Suren. Soube que Eric, o rapaz que gostava dela, tinha morrido num desastre de automóvel. A avó contou-lhe um segredo de família: a primeira princesa da dinastia Suren, tivera um terrível desgosto de amor na Terra. Uma paixão física tão intensa que a tinha encoberto, trazendo para o seu palácio um monstro em forma de homem que destruiria a sua família e ameaçaria toda a cidade de Tabriz. Ao ver a cidade desabar, traída pela sua paixão, com uma excruciante dor, a princesa ordenou que lhe cortassem as próprias mãos pois nunca mais queria sentir a pele de um homem. Partiu sem mãos com um enorme séquito para o verdadeiro céu, que está por cima do céu azul, em busca de exílio e talvez de um enamoramento divino que se tocasse com o coração e não com as mãos. Porém, perdeu-se lá no alto porque a escuridão era total e os cavalos do seu séquito, procurando uma saída, caminhando o céu perfurando a abóbada celeste cem mil vezes. Após meses sem norte, um dia ela descobriu, no céu, que o amor da sua vida não era um deus, mas um homem comum que estivera sempre ao seu lado servindo-a invisível no seu séquito e o seu coração acendeu-se iluminando o mundo. Apaixonou-se de tal forma com o coração que desejou amá-lo à flor da sua pele. Foi então que se deu o milagre: nasceram-lhe novas mãos. Esse milagre aconteceria desde então numa em cada duas gerações nos Suren. A luminosidade do seu amor fortaleceu porque juntava o fogo do corpo à luz do coração e atravessou as miríades de orifícios que os cavalos fizeram na cúpula cósmica - é esse o brilho que vemos no firmamento. Enquanto durar essa paixão, cintilarão as noites transparentes. Passaram séculos. A princesa envelheceu ao lado do seu príncipe e, apesar das suas mãos ainda se apertarem com a adoração de sempre, sentem-se prontos para partir para um outro céu que existe ainda acima desse céu. Mas sabem que nesse dia as estrelas se apagarão. Por isso, contam as horas para que surja outra princesa Suren, acima das estrelas e se apaixone como eles, acendendo o seu coração e a sua pele, deixando-os partir em paz.

Você, minha querida, é essa princesa. Vai e se enamora lá no alto, com o coração e com a pele, para que haja luz no firmamento. Vai, sabendo que nós todos os dias olharemos a noite e saberemos pelas estrelas que a sua felicidade perdura.

Sofia abraçou a avó que não veria mais, jurando que seria feliz por si própria e por ela. Perguntou se era verdade que perdera um dedo do pé na

infância e ele tinha nascido de novo, como lhe contara num sussurro o falecido avô, mas os pais nunca confirmaram. Sim querida, disse a avó. Você é como eu, uma Suren.

Abraçou os pais e disse que não acreditassem nos vendedores de maus augúrios e que voltaria para eles mais cedo do que pensavam. A mãe disse que se protegesse e não corresse riscos agora que sabia do dom de se recuperar de feridas profundas. Ela prometeu tentar. Sofia pediu-lhes uma última coisa: tinha deixado uma carta na página de Tabriz no velho atlas da Pérsia, na casa da avó. Era importante que uma cópia digitalizada da carta fosse enviada por email para a Casa Branca, o FBI e a CIA, a partir de um computador público para a sua família não correr perigo.

Mariah recebeu a visita dos pais. Em Colúmbia, tanto ela como Sofia eram famosas e todo mundo sabia que tinham sido escolhidas para partir. O tio Crane tinha falecido num acidente com o seu jato particular e eles tinham abandonado a sua casa nova e regressado à casa antiga. O pai não sabia se dava graças ou pedia perdão por ter trazido para o seio da família uma raposa como Crane. Contou que o tio tinha perdido a mulher e uma filha de doze anos num acidente e essa criança era de uma semelhança gemelar com Mariah. Quando Anthony Crane a viu na rua, um dia, pensou estar vendo a própria filha e seguiu-a. Aproximou-se da família para estar com ela. Tinha incluído Mariah no programa para salvá-la, como se fosse sua filha verdadeira, sem nunca dizer nada aos seus pais. Crane deixara uma mensagem de vídeo que os pais lhe entregaram.

Capítulo 20

A Coleção

Sofia contou a Lucas que o seu colega Eric tinha sido assassinado, tinha certeza. Tinha essa intuição. Todo mundo em Colúmbia sabia que ela ia para Marte o que a deixava na desconfortável posição da “escolhida”. Lucas confessou o seu espanto pois a sua ida para Marte era secreta em Portugal. Nem as autoridades policiais sabiam.

Quando Mariah chegou ao quarto, colocou a Pen USB 7.0 no seu portátil. Crane estava nervoso e suado. Disse que Mariah não era mutante e que falsificara o seu genótipo para enganar Tyrell, convencendo-o que ela tinha genes de variantes de dois pigmentos fotossintéticos, uma xantoperina e uma ficoeritrina, bem como de cloroplastos modificados. Se conseguissem desreprimir esses genes, ela poderia exprimir capacidade de fotossíntese rosa, diminuindo a sua necessidade calórica em quinze por cento durante o dia. Crane sentia uma afeição paternal por ela, pois Mariah parecia, nas feições e no caráter, ser a filha Mary que ele perdera na infância. Queria salvá-la, se fosse confirmada a destruição da Terra.

Depois, Crane avisava-a de uma ameaça em curso. Tyrell Hendriks tinha iniciado há escassos anos um programa de fusão embrionária no fantástico Deep In, seu Laboratório de Biotecnologia Militar Avançada em Houston, usando as células sexuais que colhe de sete membros da equipe polar e recentemente incluía nesse programa espermatozoides do oitavo elemento, Lucas. Tyrell conseguira fundir dois processos observados na natureza:

Um é o quimerismo, muito comum por exemplo no sagui, e que resulta da fusão de dois embriões no útero da mãe. O sagui quando nasce tem uma mistura de células de dois irmãos imbricados num só – é uma quimera.

O outro processo é o parasitismo sexual, frequente em certos peixes das profundezas oceânicas, onde já não chega luz e que são semelhantes ao tamboril. Nesses demônios marinhos o macho, minúsculo, depois de nascer procura, morde e funde-se com uma fêmea muito maior, dissolvendo nela os seus lábios

num beijo para sempre. Integra-se parcialmente no seu corpo, fertilizando-a durante toda a vida.

Uma das dificuldades em conseguir o parasitismo sexual em vertebrados é a rejeição imunológica, pois o macho seria rejeitado como um corpo estranho à fêmea, como se fosse uma infecção. Ao conseguir a junção dos dois fenômenos in alter uterus, Hendriks ultrapassou o problema da rejeição pois gerava através do quimerismo um irmão e uma irmã quase gêmeos. Ou seja, se o macho fosse resultante de uma fusão de células dele próprio e de uma fêmea sua irmã e se essa fusão entre quimeras se desse dentro de um útero durante a fase embrionária, não haveria rejeição clássica.

Faltava apenas um útero. Ora, esse útero foi conseguido usando um modelo humanizado de cabra montanhesa. Adicionou a ele um coquetel de promoção da angiogênese e foi um sucesso até às dez semanas de gravidez. Aí, as cabras abortavam as quimeras humanas, pois a xenogravidez – um feto de uma espécie num útero de outra – ainda levanta problemas a serem resolvidos.

O que ele fez a seguir foi juntar uma quimera de dois embriões masculinos muito novos com uma quimera de dois embriões femininos mais velhos, conseguindo uma quimera nova, com material genético de quatro gametas: dois óvulos e dois espermatozoides. O parasita quimérico masculino vive dentro do quimérico feminino, atrofiando boa parte dos seus órgãos, mas preservando os órgãos reprodutores.

Consegui primeiro isto no sagui. O parasita macho é uma quimera em que predominam células de dois machos, mas tem também algumas células das fêmeas, e vive no abdômen da fêmea, que é uma quimera predominante de duas fêmeas, mas com algumas células dos machos. O parasita está dentro do abdômen da fêmea, que parece normal, tendo apenas uma barriga um pouco maior. O macho consegue engravidá-la consecutivamente. Cada sagui fêmea de fusão, gera filhos de dois pais e duas mães constantemente. Mal sai duma gravidez, inicia-se outra.

Os filhos naturais, que não são resultantes da implantação dentro do útero dos embriões de fusão, são potencialmente bebês normais, mas podem ter uma de duas mães e um de dois pais, dos quatro fundidos na quimera complexa. Já suas mães não são normais e têm vida curta porque sofrem de tumores da pele e muitas doenças autoimunes, principalmente artrites graves. Todas as quimeras

têm esse problema, essas doenças que se originam na excessiva aceitação ou na excessiva rejeição de si próprios. Em pouco tempo, as mães ficam anquilosadas, com as articulações destruídas pelas artrites graves, a visão prejudicada pelos olhos vermelhos, inflamados por uveítes sucessivas, mas continuam a ter filhos atrás de filhos até morrerem de câncer. Os filhos, repito, são, de início, normais.

Testou isto em embriões humanos que sofriam de uma anomalia que os fazia nascer sem cérebro, pois achava que assim não seria acusado de provocar sofrimento a pessoas, e a coisa funcionou razoavelmente. Para além dos tumores e da artrite, um efeito secundário é que a primeira gravidez, no caso de fusão humana, ocorre ainda na fase fetal: a bebê quimera, já nasce grávida: uma menina com um meio irmão incorporado no seu abdômen e que a engravidou ainda era um feto. Essa gravidez no modelo humano é sempre ectópica, ou seja ocorre fora do útero, e Tyrell a extrai cirurgicamente. A primeira experiência falhou porque a bebê que nasceu grávida teve uma hemorragia por causa dessa gravidez fora do útero que Tyrell não esperava.

A vantagem desta técnica é que Hendriks pode obter, com poucas combinações, filhos de todos os pares possíveis entre vocês, os oito. Não precisa esperar que as meninas entrem na puberdade para engravidar, elas já nascem grávidas.

Basta colher os embriões das gravidezes das quimeras e fazer fusões com outros embriões em úteros de cabra, abrir-lhes a barriga e pôr um meio irmão gêmeo lá dentro, e, por fim, inseri-las no útero de uma menina quimera. Ainda por cima, como as meninas quimeras têm gravidezes fora do útero, podem ter ao mesmo tempo duas gravidezes: uma dentro do útero de um embrião manipulado e outra ectópica, na barriga mas fora do útero, em que o pai é o meio-irmão gêmeo que lá vive como parasita. Se o meio-irmão gêmeo crescer muito, Tyrell opera a menina e tira o parasita. Repetindo esses passos, em escasso tempo espera conseguir bebês que tenham todas as mutações favoráveis que vocês têm. Estou convencido que está próximo de obter o super-homem que busca há muitos anos. Repito que as quimeras que resultam da fusão de vários embriões não são normais, mas dariam à luz bebês normais – se Hendriks não interrompesse a gravidez, fazendo uma nova fusão. Dito de outra forma, haverá filhas, netas, bisnetas e trinetas suas que serão quimeras parasitadas, mas a partir dos tataranetos, nascerão crianças normais. Muitos tataranetos em muito pouco

tempo e muitos deles serão geneticamente excepcionais.

Sei que parece horrível dizer, mas o método é simples e rápido. O único problema foi que ele utilizou na fase inicial células somáticas, mas depois conseguiu arranjar células germinativas suas verdadeiras e, apesar da qualidade variável, corrigiu alguns erros acumulados e o processo deu um enorme salto de viabilidade na última geração de quimeras. Consegui atrasar o uso dos seus óvulos durante uns anos, mas no fim ele exigiu uma reserva fresca de óvulos e espermatozoides de vocês, os sete, mais do português que entrou no programa à queima-roupa. Ele só não usaria as suas células sexuais se eu revelasse que você não era uma mutante interessante, que é normalíssima. Mas se eu fizesse isso, você seria excluída do programa de transferência para Marte e isso, Mariah, iria perder a sua vida. Vivi muitos anos em mentira e, nesta hora, sinto a obrigação de dizer a verdade.

Se a Terra for de fato destruída, as quimeras morrerão. Se não for, travarei uma cruzada, corra os riscos que correr, procurando a ele e a todas as cópias que possa guardar das suas experiências. Prometo isso tal como prometi proteger os seus pais. Sabe que eu sou forte. Você também tem que ser forte e tem que avançar para Marte, pois não é segura a sua presença na Terra. Agora que já tem os seus genes, Tyrell usará a primeira desculpa para se livrar de vocês. Apesar desta má notícia, tem uma hipótese de sobreviver que a minha filha não teve e que nós não teremos. Invejo você, minha querida filha, e desejo toda a sorte possível no novo mundo.

Mariah parou um momento imaginando suas filhas parasitadas pelos seus filhos, num incesto continuado e cego, nascendo já grávidas de embriões com o mesmo destino. Duvidou que a queda de avião de Anthony Crane tivesse sido um acidente e percebeu que Tyrell Hendriks, à sua escala, não era uma pessoa muito melhor que o ogre alemão das décadas de trinta e quarenta do século passado, de que ele tanto escarnecia.

Não derramou uma lágrima. Convocou todo o grupo e só Steven não pôde aparecer. Passou o vídeo. Ela e Sofia, que percebeu finalmente que fora usada por Crane para ajudar a salvar Mariah, tiveram de explicar por mais de uma vez, a lógica complexa da fusão planejada por Hendriks. Sacrificava três ou quatro gerações de seres que nunca entenderiam a sua tragédia porque morreriam de

câncer, trisavós antes do fim da infância, grávidas de fetos grávidos, sequeladas por artrite e parasitadas por meios-irmãos. No fim, nasceria o desejado, o homem novo com o cardápio completo dos genes de Mariah e dos sete mutantes da nave polar.

Andrew era de Houston e lembrava onde ficava o antigo Deep In, pois já entrara numa visita de adolescente nos seus tempos desviantes de pirataria informática. Não tinha como saber que era de Hendriks ou que era esse o “fantástico laboratório” de que Crane falava, mas não era longe dali. Lembrava como se fosse hoje de como entrar e dos detalhes do sistema de geração de códigos de acesso. Hendriks tinha, seguramente, mudado os códigos, mas talvez não tivesse mudado o programa de geração de códigos, pois era médico e não informático.

Larissa e Caroline ficavam como manobra de distração e os outros cinco avançaram após o pôr do sol. Estava com nevoeiro e ainda não tinham chegado ao limite exterior da base quando foram cercados por agentes sem farda de uma força armada especial. Quando os cinco mutantes foram detidos, na periferia do Spaceport, já tinham despistado a polícia militar normal que fazia a segurança nas instalações. Lucas, por pouco conseguiu escapar, rolando para uma valeta, mas foi interceptado pelo comandante da força, de rosto descoberto e um olho totalmente branco que parecia estar particularmente atento aos seus movimentos, de pistola em punho, sorrindo. “*Fica quieto, rapaz*” disse o comandante. Foram presos, algemados os pés e as mãos e amordaçados. O líder do grupo apresentou-se então como Nolan Dimmick, declarando ser a pessoa certa para resolver todos os problemas deles. Estavam sendo empurrados para dentro de uma caminhonete antiga quando surgiram do nevoeiro, não se sabe de onde, dois jipes pretos de vidros fumê e motor elétrico. Seis homens, de óculos escuros em plena noite, rostos tão inexpressivos como o de jogadores de pôquer, uniforme e gravata, empunhando pistolas com silenciadores, saíram dos jipes. Nolan reagiu e matou um, mas, em seguida, eles abateram todos os raptos. Dimmick não voltaria para casa no próximo Natal.

Quatro dos agentes os libertaram e disseram que desaparecessem para fora da base pois tinham violado a quarentena e já não podiam partir para Marte. Enquanto os mutantes se afastavam, viram o quinto agente disparar três tiros no

rosto de Nolan Dimmick. Ele tinha violado uma regra qualquer daquela gente e eles se conheciam - tinha estragado o funeral oficial de caixão aberto, tão comum nos estados do sul, pois não havia funerária que reconstruísse as suas feições desfiguradas. Morria anônimo.

Sairam do Spaceport e foram para debaixo de um viaduto onde discutiram a sua situação. Quem quer que fosse que os tinha atacado queria eliminá-los sem que ninguém soubesse. Podia ser uma força com acesso oficial ao Spaceport ou ter entrado na base clandestinamente. Mas quem os salvara também não queria que partissem para Marte pois os expulsou da base.

- Mas alguém tem de querer que nós partamos, disse Pierre. Caso contrário, não estaríamos aqui em primeiro lugar.

- Tem razão, concluiu Andrew. Têm de ser três diferentes grupos antagônicos.

- E pelo menos um faz jogo duplo perante o outro, juntou Pierre.

- Caroline e Larissa correm perigo, tenho que tentar ir buscá-las, lembrou Lucas.

- OK, decidiu Andrew. Esperamos por você durante duas horas. Se não aparecer, continuamos o plano de ataque ao laboratório do Hendriks.

Lucas apareceu apenas meia depois com as duas amigas. Tinham sido convocadas ao gabinete de Hendriks por um telefonema do próprio, mas o carro da polícia que foi buscá-las desviou-se do caminho, dirigindo-se para fora da base. Foi aí que Lucas o avistou, atacando-o ao projetar uma pedra à alta velocidade que destruiu o para-brisas, despistando o veículo. Agora não havia dúvidas: era Tyrell Hendriks que queria abatê-los. Provavelmente Crane tinha razão - já teria o que pretendia deles: os seus genes.

Redobram na vontade de atacar o seu laboratório. Era improvável que o antigo Deep In se mantivesse ativo, mas não era impossível pois estava perto do Spaceport de Houston que o Senador gostava de visitar. Além disso, não tinham plano alternativo. Avançaram os sete na névoa. Pelo caminho, Lucas derrubou, em nocaute, seguranças, policiais e militares com tal facilidade, que os companheiros perceberam que Zuriaga não era um livresco perito em armas - era uma máquina medieval de combate, fugido de uma fábula.

Chegando ao laboratório, confirmaram que Andrew tinha apostado no

cavalo certo, pois o sistema de geração de códigos era o mesmo de antigamente. Perceberam, aliás, que Tyrell Hendriks cultivava o passado, colecionava o passado, era incapaz de abandonar o passado. Tinha um museu de tudo o que conseguira, depois vinha o seu laboratório e a seguir uma exposição de antecipação do que esperava alcançar. Um museu do passado e um museu do futuro. Era médico e louco e, para si, o mundo normal não passava da alucinação dos sãos.

Tudo estava habitado por estátuas de cera de si próprio, nas suas várias idades, quer as passadas quer as futuras, em divisões que comunicavam com os laboratórios como se fossem capelas com as estações da paixão de Cristo na Via Crucis de uma igreja católica. Impressionavam mais as últimas e a primeira. A primeira relatava não o seu nascimento humano, mas o seu aparecimento. Ao invés do ventre de uma mulher, ele provinha dos próprios elementos da natureza, o ferro, o fogo e o gelo. As últimas estações, as que se reportavam a fatos que não tinham acontecido, não eram menos perturbantes. Era um homem com um plano. O seu sonho de hoje era o seu sonho de sempre, estava a construí-lo no mesmo local de sempre e a um passo de chegar ao fim. Essa última estação não era a sua morte, mas a sua glória. Eterna. Seria Presidente dos EUA e Chanceler do Sistema Solar. No fim, aparecia acompanhado pelo seu pai, que era mais novo que ele. Diria que suplantara Cristo, pois ascendia aos céus sem ser crucificado, optando por um caminho menos doloroso. Percorreram os laboratórios e deram de cara com a zona de produção dos embriões de fusão, seus filhos, dentro dos úteros animais. Cópias e cópias de embriões de fusão com escassos dias de vida, sem forma humana, pouco mais que mórulas, quimeras congeladas numa fase precoce, impecavelmente rotuladas segundo os alelos genéticos, identificadas e prontas para serem implantadas. Eram o primeiro degrau da última escadaria.

Eles, os oito amigos, já que o demiurgo não sabia que Mariah era geneticamente um comum mortal, eram o campo de colheita, mutantes capturados, alimentados e mantidos como servos para que Tyrell Hendriks garantisse através da martirização dos seus descendentes, durante as gerações que fossem necessárias, a emergência de um ser humano mais capaz de colonizar o sistema solar. Só depois seriam “libertados” e enviados para um mundo distante. Se fossem. Primeiro deixavam neste mundo a seminal origem de si próprios, para o gênio jogar aos deuses. Não percebiam porquê, para que se

dedicava ele a tal tarefa se se via no horizonte a chegada do apocalipse que, passado Júpiter, cuspiria sem piedade a sua sementeira de homens novos para o fogo duradouro do Sol. Mesmo que o ser humano sobrevivesse em estações orbitais, quando voltasse encontraria uma Terra muito diferente, sem laboratórios, cidades, eletricidade ou civilização que suportasse aquele projeto tão maligno como sofisticado.

Passada a zona dos seus embriões quiméricos congelados em fase microscópica, seguindo um corredor, deram com uma grande porta blindada, selada com um código e batizada com a palavra latina *Colleccion*.

A decifração do segredo de abertura, feito pelo software do portátil de Andrew demorou e crescia a ansiedade com o passar das horas. A certa altura, Lucas, que se encontrava sentado no chão afastado dos outros, que em círculo sobre o portátil discutiam alternativas de decifragem, disse em voz alta mas aborrecida: “usa o confrontador do Enigma dos Suevos”. Ficaram a olhar para ele, tentando perceber o que queria dizer com Suevos, mas depois a expressão Enigma do código alemão da Segunda Grande Guerra afastou a eclética palavra e permeou a sua mente, clareando-se neles que Lucas falava do código nazi. Usaram e funcionou. Tyrell Hendriks tivera a ideia de aproveitar o sistema de encriptação daqueles que designava como filhos da puta para selar aquela ala, ao invés do gerador de códigos que Andrew conhecia.

Quando se abriu a porta, entraram num museu, uma vez mais do futuro e não do presente ou do pretérito. Inúmeras redomas de média dimensão, que comunicavam com um aquário ciclópico que eles atravessavam através de um túnel de concreto e acrílico transparente, ancorado em estruturas de aço como numa mina. No interior de cada redoma estava um feto humano de muitas semanas, preservado, com a placenta, a noventa graus negativos. Não embriões quase microscópicos, mas fetos perfeitamente formados, bebês por nascer, de forma e rosto humanos. Pior, não eram embriões de fusão, fruto de manipulação genética e embrionária. Era uma coleção. Cada painel, que se acendia à medida que alguém se aproximava, descrevia as características desses fetos provindos de diversos países, dessas futuras pessoas e a sua classificação. Numa fila mais abaixo, junto ao chão, em receptáculos menores, como pequenos quadros ou molduras, múltiplas cópias gemelares, em estágio de mórula ou de embrião, do feto que estava em cima, na redoma. Não eram clones: eram gêmeos. Não

havia dois iguais, no estágio fetal mais avançado de bebê por nascer, mas apenas várias cópias da fase embriológica inicial. De reserva. Dezenas de cápsulas vidradas com fetos de todo o mundo em animação suspensa pelo frio extremo, colados ao vidro do aquário que os aprisionava, de olhos abertos como se vissem os visitantes. Tinha Hendriks decifrado já o segredo da congelação ou era brincadeira demasiado séria aquela coleção de sementes humanas, congeladas depois de brotarem as primeiras raízes e se esboçarem as primeiras folhas, prontas para reimplantação uterina no despontar de uma nova humanidade, fossem aliados ou serviçais do homem novo?

“Esta unidade está blindada do resto do laboratório”, disse Pierre, que adivinhou os pensamentos nos rostos tensos de Sofia, Mariah e Lucas. “Se o resto desaparecer, isto se manterá. Esta parte da estrutura foi desenhada para ser facilmente transportada de forma autônoma para outro lado” disse Andrew.

Passado o imenso túnel que atravessava o aquário, com a sua coleção de pessoas, havia uma outra porta, tão blindada como a primeira e que encerrava a zona autônoma. Em seguida, um corredor vazio que terminava numa nova porta encimada pela palavra Cunabula e ladeada com o subtítulo “Homo Glacialis Eximius, HGE – 1ª geração”; a nova subespécie humana. Não se tratava nem do presente, nem do futuro, mas de uma nova forma verbal: o futuro mais-que-perfeito.

Aberta também pelo Enigma, entraram na nova ala, que não era mais que um infantário de crianças reais e que por sua vez dava para a rua. Eram todas meninas de aspecto doente. Na sua pele viam-se tumores dispersos que cresciam como cogumelos ulcerados. Eram crianças sequeladas, grávidas de barrigas desproporcionais ao seu tamanho e o seu sistema imune não devia ser apenas tolerante ao parasitismo sexual, porque estavam infetadas. As mais velhas não deviam ter mais de cinco anos e, prova da sua humanidade, ao verem as jovens invasoras, chamaram pela mãe que não tinham estendendo os braços. Os seus rostos não permitiam a dúvida: traços de filhas, netas ou bisnetas deles, dos mutantes alfa. A dor que todos sentiram foi a de um punhal nas costas.

Tyrell preparava já o primeiro Homo Glacialis Eximius, apesar de ter uma coleção de fetos de onde talvez extraísse mais genes para versões melhoradas. Lucas sentiu a expressão “glacialis” como pessoal. Era pessoal. A dor deu lugar a

uma raiva difícil de conter, a um turbilhão de imagens, fotogramas mentais que ele revia em *zapping* procurando um caminho que o levasse a Tyrell, o inimigo. Confirmou que tinha consigo uma arma de mão, um revólver roubado de um dos policiais militares do carro despistado na Base de Houston, e que estava carregado. Faltava-lhe apenas um caminho.

Sofia foi mais prática. Pegou num telefone e ligou para o 190, dando notícia da existência de meninas doentes, abandonadas à sua sorte naquele local. Pediu muitas ambulâncias para as muitas meninas. Não sabia o nome da rua, mas sabia as coordenadas GPS. O laboratório, no seu todo, era um complexo enorme. Uma capital da ciência. Como entre os invasores existiam informáticos, engenheiros e cientistas, conseguiram anular os sistemas de detecção de calor ou fumo e arranjar explosivos e combustível. Confirmaram que os fetos que se localizavam nos aquários do túnel blindado nada sofreriam pois tinham ventilação e alimentação elétrica próprias, separadas do resto.

Viram no horizonte aproximarem-se do infantário as equipas do 190 e pegaram fogo à metrópole de crueldade. Incendiaram o inferno, queimando-o até aos mais subterrâneos alicerces. Ardeu todo, com a exceção da unidade autónoma da coleção. Ardeu o laboratório levando com ele parte do passado, parte do presente e, tinham esperança, parte do futuro.

Capítulo 21

Ascensão aos Céus

Destruído o laboratório, correram rapidamente pela sombra até chegarem uma zona segura, num pequeno barracão abandonado. Pararam aí para decidirem o que fazer em seguida. Ouviam-se sirenes da polícia e dos bombeiros cruzando as ruas na proximidade e helicópteros voavam no céu varrendo o chão com holofotes.

Para além de Hendriks e dos seus homens, Lucas continuava a ser procurado pelos longos braços da Interpol, sinal de que não havia lugar confiável para si fosse onde fosse.

- Nem para você nem para nenhum de nós, disse Andrew.

Os outros concordavam. Pareciam ter chegado ao fim da linha; não havia onde pudessem se esconder. Nesse momento, Pierre teve uma ideia e sussurrou: - Há um lugar onde os braços deles não podem nos alcançar.

- Marte, respondeu Lucas, brilhando os olhos.
- Temos de voltar ao Spaceport. Ninguém nos espera lá, confirmou Pierre.
- Quantas horas temos antes da partida? perguntou Larissa.
- Uma hora, disse Mariah. Uma hora.
- Vamos, ordenou Andrew. O tempo mingua.

Todas as televisões abriram com a notícia do acidente que destruíra um laboratório militar em Houston, enquanto Tyrell Hendriks lançava uma das maiores caças ao homem alguma vez vistas no Texas. Polícias, cães, guarda nacional. Soltou tudo.

Os sete que haviam arrasado o laboratório foram substituídos em segredo por outros astronautas no programa espacial por ordem de Hendriks. No lançamento, os substitutos vestiam uniformes espaciais onde se liam os nomes de Sofia, Mariah, Lucas, Andrew, Pierre, Larissa e Caroline. Acenaram para a multidão, com os capacetes fechados, e avançaram direito à nave. Entraram na rampa que conduzia ao elevador de acesso à cápsula espacial de grandes dimensões, filmados por todas as cadeias de televisão. Ainda hesitaram antes de

terem acesso ao elevador, como seria de se esperar, pois iam numa viagem sem regresso, mas na saída do lento elevador, os viajantes voltaram a acenar à multidão bem mais entusiasmados e entraram para a nave, felizes.

Quando Tyrell Hendriks foi informado que tinham sido encontrados, amarrados no elevador, os substitutos secretos dos sete membros da equipe polar, a contagem decrescente para o lançamento ia no menos doze. Pegou de imediato no telefone vermelho direto e ordenou aos berros a suspensão do lançamento da nave espacial, mas do outro lado pediram que tivesse calma e repetisse a encomenda, dizendo que era da Pizza Hut. Solicitavam também o endereço e um telefone de contato. Tyrell saiu do gabinete e correu para a central de comando e controle, vociferando para pararem já, mas o ruído das palmas pela ascensão da nave polar nos céus impediu que o ouvissem. Era tarde demais - os mutantes iam a caminho de Marte.

Pediu o filme de segurança do elevador e descobriu que os sete já se encontravam lá, quando os substitutos entraram. Também lá estavam quatro homens armados, de uniforme, gravata e óculos escuros que prenderam os substitutos. Ampliou os rostos dos quatro homens e foram fáceis de identificar: tinham todos a cara chapada do próprio Tyrell Hendriks.

Lá fora, os familiares dos novos argonautas, assistiram ao lançamento dos gigantescos veículos espaciais. Era uma coisa do outro mundo.

Sete minutos depois recebeu um alerta do Espírito Santo. Era uma notificação de perigo máximo: haviam lutas entre serviços secretos por toda a América e a NSA tinha detetado uma operação ilegal da CIA em larga escala, dentro das fronteiras do Texas. Desconheciam o que é que a CIA queria ou sabia e temiam uma guerra civil entre agências dos Serviços Secretos. Era indispensável que a Trindade fizesse uma reunião magna de emergência e que o vice-presidente Tyrell se mantivesse com segurança pessoal reforçada 24 horas por dia, pois receava que fosse um alvo.

Entretanto, o email com a digitalização da carta que Sofia guardara no velho atlas tinha viajado no éter rumo aos seus destinatários, com o programa de um jogo ou de um vírus que ela não compreendia, mas de cuja perigosidade suspeitara. Quando caiu no FBI, foi remetido para a seção de seleção de emails segundo a importância dos crimes que relatavam indo cair na parte de baixo de uma longa lista de queixas aparentemente mais graves. Ao dar entrada na Casa

Branca, foi reenviado para as relações públicas que agradeceram o envio e prometeram dar-lhe o tratamento mais adequado. Mas a CIA tinha um software de deteção de nomes relevantes que apanhou o nome de Anthony Crane. Foi automaticamente reenviado para a Seção da Guerra das Estrelas da CIA em milissegundos e, duas horas depois, tinha sido reencaminhado à segurança informática. Na manhã seguinte, o telefone tocou no gabinete do diretor da seção da Guerra das Estrelas e este não gostou do que ouviu. O diretor da segurança informática da CIA estava alarmado com o que lhe tinha dito o engenheiro que analisou o software. Conferenciaram com o Diretor Geral da CIA que os ouviu com atenção e agradeceu o bom trabalho. Não disse nada, como era habitual, mas fez dois telefonemas: Um para Houston onde deu ordem para uma operação armada no interior dos Estados Unidos. O comandante local ainda estrebuchou dizendo que era ilegal, mas o Diretor Geral assumiu a responsabilidade. O segundo foi para o Chefe de Gabinete do Presidente dos Estados Unidos pedindo para ser recebido nas próximas duas semanas. Quando o Chefe de Gabinete lhe mandou perguntar que assunto devia agendar para a ordem de trabalhos com o Presidente, o Diretor da CIA respondeu que era sobre a legalidade duvidosa do apocalipse.



[1] Doce de origem alentejana, feito com ovos, leite, farinha, açúcar e canela.